



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

GINA VIVIANE MARDONES LONCOMILLA

SOLIDÃO E CULTURA DIGITAL:
UMA RELAÇÃO ENTRE ESTRUTURA DO SENTIMENTO E O
DESENVOLVIMENTO DAS TECNOLOGIAS DE
COMUNICAÇÃO

Londrina
2020

GINA VIVIANE MARDONES LONCOMILLA

SOLIDÃO E CULTURA DIGITAL:
UMA RELAÇÃO ENTRE ESTRUTURA DO SENTIMENTO E O
DESENVOLVIMENTO DAS TECNOLOGIAS DE
COMUNICAÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Rorato Londero

Londrina
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

M322s Loncomilla, Gina Viviane Mardones.

Solidão e cultura digital : uma relação entre estrutura do sentimento e o desenvolvimento das tecnologias de comunicação / Gina Viviane Mardones Loncomilla. - Londrina, 2020.
244 f.

Orientador: Rodolfo Rorato Londero.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2020.

Inclui bibliografia.

1. Solidão - Tese. 2. Cultura Digital - Tese. 3. Estrutura do sentimento - Tese. 4. Tecnologias da comunicação - Tese. I. Rorato Londero, Rodolfo. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

CDU 316.77

GINA VIVIANE MARDONES LONCOMILLA

SOLIDÃO E CULTURA DIGITAL:
UMA RELAÇÃO ENTRE ESTRUTURA DO SENTIMENTO E O
DESENVOLVIMENTO DAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Rorato Londero
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Manoel Dourado Bastos
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a. Dra. Sonia Regina Vargas Mansano
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 12 de junho de 2020.

LONCOMILLA, Gina Viviane Mardones. **Solidão e Cultura Digital**: uma relação entre estrutura do sentimento e o desenvolvimento das tecnologias de comunicação. 2020. 243 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

RESUMO

Desde meados do século XIX as tensões psíquicas configuram no quadro de preocupações cotidianas da sociedade ocidental, sendo objeto de análise de diversos estudos que gradativamente têm se empenhado em demonstrar as reais consequências desses distúrbios. Este trabalho tem por objetivo debruçar-se sobre a solidão como uma dessas tensões, procurando, contudo, uma análise fundamentada no processo de estruturação desse sentimento e como ele se vincula com o desenvolvimento dos meios de comunicação. Para isso, parte-se do seguinte questionamento: como a solidão se manifesta na cultura digital, em especial entre os usuários de redes sociais? Parte-se do pressuposto de que essa experiência contemporânea carregada de conotação negativa é um processo típico do sistema capitalista e, portanto, sua convergência para as plataformas on-line seria uma manifestação da atrofia das experiências pessoais. Para compreender a solidão de forma abrangente, são utilizados os aportes teóricos dos estudos culturais marxistas, especificamente o conceito de estrutura do sentimento de Raymond Williams, bem como os estudos históricos acerca da solidão de George Minois. Em seguida, utilizaremos as análises de Sherry Turkle sobre interação homem-máquina e as contribuições de Byung-Chul Han a respeito da sociedade do cansaço. Além disso, a pesquisa passa pela metodologia da entrevista aprofundada com usuários de redes sociais on-line, visando resultados qualitativos que complementam os estudos. Acredita-se assim que, ao estabelecer uma relação entre a forma como se estrutura a solidão a partir do desenvolvimento das tecnologias de comunicação, pode-se alcançar uma compreensão dessa experiência no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Solidão. Cultura Digital. Estrutura do sentimento. Tecnologias de comunicação.

LONCOMILLA, Gina Viviane Mardones. **Loneliness and digital culture: a relationship between the structure of feeling and the development of communication technologies.** 2020. 243 p. Thesis (Master's in Communication) - State University of Londrina, Londrina, 2020.

ABSTRACT

Since the middle of the 19th century, psychic tensions have been part of the daily concerns of Western society, being the object of analysis of several studies that have gradually demonstrated the real consequences of these disturbances. This work aims to focus on loneliness as one of these tensions, seeking, however, an analysis based on the process of structuring this feeling and how it is linked to the development of the media. To do so, it starts with the following question: how does loneliness manifest itself in digital culture, especially among users of social medias? It is based on the assumption that this negative connoted contemporary experience is a typical process of the capitalist system and, therefore, its convergence to online platforms would be a manifestation of the atrophy of personal experiences. To understand loneliness comprehensively, the theoretical contributions of Marxist cultural studies are used, specifically Raymond Williams' concept of the structure of feeling, as well as George Minois' historical studies of loneliness. We will then use Sherry Turkle's analyses of human-machine interaction and Byung-Chul Han's contributions to the weary society. In addition, the research goes through the methodology of in-depth interviews with online social network users, aiming at qualitative results that complement the studies. It is thus believed that by establishing a relationship between how loneliness is structured from the development of communication technologies, an understanding of this experience in the contemporary world can be achieved.

Keywords: Loneliness. Digital culture. Structure of feelings. Communication technologies.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	PROVOCAÇÕES SOBRE O CENÁRIO ATUAL	14
2.1	FRUSTRAÇÕES NA CULTURA DO DESEMPENHO	16
3	CONTRIBUIÇÕES DE RAYMOND WILLIAMS PARA OS ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO	31
3.1	AS BASES DO MATERIALISMO CULTURAL E A ESTRUTURA DO SENTIMENTO	33
3.2	MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO ARTEFATOS SOCIO-CULTURAIS	45
4	MAPEAMENTO HISTÓRICO-CULTURAL DA SOLIDÃO	50
4.1	A PRÁTICA EREMITA NA IDADE MÉDIA.....	51
4.2	FORMAÇÕES CAPITALISTAS, O ESPÍRITO DA URBE E A CIDADE COMO PLATAFORMA VISUAL.....	55
4.2.1	A Autonomia E Solidão Como Sentimento	62
4.3	LIBERDADE E SOFIRMENTO: INSUFICIÊNCIA E SOLIDÃO	68
4.4	SOCIEDADE DAS APARÊNCIAS: IMAGENS MUDIÁTICAS DE MASSA E A SOLIDÃO OCULTA.....	74
4.5	CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS	81
4.5.1	Capitalização Da Emoções: Flexibilização Como Processo De Subjetivação	86
5	RESSIGNICANDO AS CONEXÕES: SOCIEDADE INFORMATIZADA E SOCIABILIDADE NO SÉCULO XXI	94
5.1	PATOLOGIA, CAPITAL SOCIAL E MAL-ESTAR NO SÉCULO XXI: PERSPECTIVAS ATUAIS A RESPEITO DA SOLIDÃO	97
5.2	MUDANÇAS DE PONTO DE VISTA: DO ESPELHO BINÁRIO AO SUJEITO SÓCIO- HISTÓRICO	104
5.3	ASPECTOS DO SELF: FUGA E RETORNO A SI	112
	CONCLUSÃO	124

REFERÊNCIAS	129
APÊNDICES	134
APÊNDICE A – Pré-roteiro de questões.....	135
APÊNDICE B – Luis.....	136
APÊNDICE C – Ana.....	149
APÊNDICE D – Eduardo	165
APÊNDICE E – Julia.....	180
APÊNDICE F – Sandra.....	194
APÊNDICE G – Letícia	208
APÊNDICE H – Tiago.....	226

1 INTRODUÇÃO

Este projeto, que faz parte da linha de pesquisa *Processos Sociais e Práticas Culturais*, nasceu dos primeiros diálogos entre orientador e orientada, que entre outras inquietações a respeito do papel das novas tecnologias na atual sociedade, concluíram que já não era viável deter-se em discussões dualistas, isto é, causais de um lado ou efusivas do outro. Então, como ir além de assertivas comuns que afirmam que a internet, as redes sociais e os aparatos tecnológicos são os principais fatores da atrofia das experiências pessoais e também de tensões psíquicas tão comuns em nosso tempo, como depressão, ansiedade e solidão? Como escapar de abordagens do padrão “Redes sociais aumentam sensação de solidão”¹, “Passar menos tempo nas redes sociais reduz a solidão”² ou então “Uso constante de redes sociais aumentam depressão e solidão”³ tão recorrentes em divulgações científicas?

A resposta estaria na inversão do ponto de vista, partindo de uma abordagem mais ampla, isto é, entendendo, antes de tudo, a solidão enquanto um sentimento que se estrutura a partir de práticas sociais, bem como de experiências interpessoais que fazem o sujeito se reconhecer enquanto indivíduo a partir de uma alteridade. Desta forma, é preciso encontrar caminhos que levem ao ponto de confluência, onde está, afinal, o objeto de pesquisa em si: a solidão em tempos de conectividade.

Assim, parte-se do pressuposto de que a solidão é uma experiência típica do sistema capitalista e que se configura em um processo no qual a formação das cidades, as transformações políticas e econômicas, bem como o desenvolvimento dos meios de comunicação, tornam-se fundamentais para a manifestação desse sentimento em diversos níveis. Nestes termos, entende-se que o progresso tecnológico da comunicação, materializado hoje nos aparatos móveis e na internet, é uma discussão que deve ser incluída em uma análise geral sobre a sociedade e suas práticas culturais. De outra forma, abstraí-las dessas circunstâncias muito provavelmente incorreria em uma abordagem determinista para onde comumente alguns mecanismos de pesquisas recorrem quando se trata de “novas tecnologias”.

¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-39178058>. Acesso em: 17 nov. 2019.

² Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2019/01/02/interna_ciencia_saude,728383/passar-menos-tempo-nas-redes-sociais-reduz-a-solidao-aponta-pesquisa.shtml. Acesso em: 17 nov. 2019.

³ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2018/11/09/uso-constante-de-redes-sociais-aumenta-depressao-e-solidao-segundo-estudo.htm>. Acesso em: 17 nov. 2019.

Além disso, nos confrontamos com mais um desafio: o de tentar permanecer no limiar de uma abordagem psicossocial, buscando com cautela não recair demasiadamente para o campo da psicanálise sem, contudo, ignorar a importância de alguns conceitos que ajudam a responder o seguinte problema: de que maneira a solidão se manifesta na cultura digital, em especial entre os usuários de redes sociais?

Em tempos de hiper-conectividade, um dos grandes dilemas do homem pós-moderno é a dificuldade de lidar com a experiência de solidão. Um estudo conduzido durante dez anos pelo pesquisador inglês John Cacioppo (2018) mostrou que uma em cada três pessoas sente-se sozinha na era da hiperconexão. Logo, em seu estágio mais crítico, a solidão foi declarada a epidemia do século XXI. Neste sentido, torna-se importante compreender essa experiência que atinge um terço da população mundial e que se manifesta, sobretudo, na internet. Portanto, a hipótese levantada sobre a solidão contemporânea como um processo típico do sistema capitalista coaduna-se com a ideia de que sua convergência para as redes sociais online também seria uma manifestação da falência nas experiências interpessoais.

Desde a virada do século XIX para o século XX, o tema solidão, enquanto chave para discussões sobre a sociedade, tem permeado diversas literaturas no campo da sociologia. Alguns clássicos como *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito* (1903), de George Simmel, lançam as primeiras discussões sobre a intensidade da vida nervosa das cidades e o conseqüente isolamento do indivíduo como forma de proteção aos choques visuais da cultura citadina. Num salto de meio século aproximadamente, *A Multidão Solitária* (1950), de David Riesman, trouxe o cenário de uma classe média norte-americana pós-Segunda Guerra que, ao tentar se igualar aos outros em meio ao boom industrial e de consumo, termina privando-se de sua identidade. Duas décadas mais tarde, em *O Declínio do Homem Público* (1974), Richard Sennet enfatizou a importância de espaços e eventos públicos como forma de socialização, uma vez que as pessoas podem contar com o resguardo de outras na medida em que há oportunidade para esses encontros pessoais.

Atualmente é perceptível uma ascensão da abordagem clínica a respeito desse tema, considerando diversas pesquisas que situam a solidão enquanto uma problemática patológica característica das sociedades do século XXI. Segundo esta vertente, o estado de isolamento seria causador de muitas disfunções fisiológicas, como aumento da obesidade e da diabetes tipo 2, aumento dos níveis de cortisol e conseqüente queda da imunidade, perda da capacidade cognitiva, descontrole no

nível de colesterol, estresse, ansiedade e depressão. Está inclusive associado a doenças cardiovasculares e mortalidade precoce. Boa parte dessas pesquisas também combina de maneira direta ou indireta o uso frequente das redes sociais online a um estado de solidão. Uma pesquisa publicada em 2017 pelo instituto britânico *Royal Society for Public Health* ranqueou o Instagram como a plataforma digital social mais nociva à saúde mental. Segundo o estudo, os jovens se sentiam mais depressivos e solitários, pois se trata de uma plataforma que está majoritariamente ligada à imagem do corpo. Para a diretora-executiva do instituto,

É interessante ver o *Instagram* e o *Snapchat* ranqueados como os piores para a saúde mental e bem-estar dos jovens – ambas as plataformas são muito focadas na imagem e parece que elas podem estar conduzindo a um sentimento de insuficiência e ansiedade nas pessoas (CRAMER, 2017).

Estudos como esses constituem, sem dúvida, um importante inventário para pensar soluções nos casos de saúde mental, no entanto, eles apontam apenas para as consequências da solidão sem, contudo, clarear as origens dessa experiência.

Por isso, este trabalho tem como objetivo compreender a solidão dentro da perspectiva de uma formação sistêmica que gradativamente levou ao colapso do individualismo. É interessante constatar que os primeiros sintomas de sofrimento individual aparecem já a partir da segunda metade do século XIX, ou seja, quando a revolução industrial estava a todo vapor e as cidades prosperavam (CORBIN, 1991, p.563). Além disso, trata-se de uma época em que os meios de comunicação, como a fotografia, a publicidade e o cinema, intensificavam sua presença no cotidiano. Com o progresso, as cidades abrigaram multidões de desconhecidos provenientes do campo ou de regiões periféricas. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que engendra a liberdade e propicia novos prazeres, a cidade é o lugar onde os laços interpessoais são colocados à prova abrindo espaço para a auto reclusão e a percepção do sentimento de solidão em meio à multidão. Assim é que problemas como depressão e mesmo suicídio começam a fazer parte da rotina de uma sociedade que respirava o capitalismo em sua fase embrionária. “O indivíduo, ao perceber que não é um fim em si mesmo, sofre o desencanto” (CORBIN, 1991, p.591). Por isso, a experiência da solidão passa pela abordagem das diversas práticas sociais, tais como o surgimento das cidades e o progresso dos meios tecnológicos de comunicação.

Este estudo fez uso da metodologia qualitativa que, apropriando-se da técnica da entrevista aprofundada, deu origem aos depoimentos que abrem este trabalho. O âmbito da pesquisa qualitativa visa uma compreensão minuciosa dos fenômenos em questão, reconhecendo seu caráter dinâmico, sobretudo na área de investigação social. Ela também se justifica neste trabalho pela sua natureza “intencional”, diferentemente do cunho probabilístico aleatório da pesquisa quantitativa. Neste sentido,

A lógica e o poder da amostragem intencional residem na seleção de casos informacionalmente ricos para estudo em profundidade. Casos informacionalmente ricos são aqueles que permitem aprender muito sobre as questões centrais que a pesquisa tem a intenção de endereçar, daí o termo amostragem intencional (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013, p.68).

A escolha pela técnica da entrevista aprofundada deu-se pela sua forma de abordagem que aproxima entrevistado e entrevistador, possibilitando assim uma melhor compreensão a respeito da conduta individual diante de anseios, manifestações e, sobretudo, o sentimento de solidão. A entrevista aprofundada consiste em uma estrutura não rígida, na qual as questões partem à priori de um roteiro semiestruturado, mas que não precisa ser necessariamente seguido. Em geral, trata-se de uma primeira abordagem formal explicativa que posteriormente desencadeia uma conversa informal de longa duração (em média uma hora e meia de entrevista). Desta maneira, “o entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar amplamente uma questão” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.94). De acordo com Flick (2014), entrevistas do tipo semiestruturada são utilizadas como aportes para um conceito subjetivo a respeito do objeto da pesquisa, como neste caso a solidão.

Para obter resultados efetivos, planejou-se um número de voluntários não superior à soma de doze pessoas, entre homens e mulheres. Destes, ainda foram selecionados os depoimentos mais relevantes e contributivos à pesquisa. A amostragem reduzida, diferentemente da larga escala da pesquisa quantitativa, se justifica pela demanda trabalhosa de coleta e pós-edição de conteúdo que este tipo de metodologia exige. Além disso, neste caso, o número de componentes é menos importante que a relevância do conteúdo coletado, de modo que “as amostragens qualitativas buscam selecionar os elementos mais significativos para o problema de pesquisa” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013, p.68).

Após a coleta, optou-se pela análise de narrativa, pois, segundo Flick (2014), pode sugerir a reconstrução de uma construção de vida, colocando, portanto, as histórias de vida como construções subjetivas e sociais. Para isso, as entrevistas foram transcritas e encontram-se no apêndice deste trabalho. Porém, a fim de evitar transcrições extensas, as mesmas foram editadas, de modo que apenas os trechos mais pertinentes à pesquisa fossem preservados.

Obedecendo às exigências do Comitê de Ética da UEL pelo qual este projeto foi avaliado, as identidades de todos os voluntários serão preservadas no momento da publicação desta pesquisa. Acredita-se, também, que esta seja uma forma de obter informações mais genuínas, já que, em certa medida, os entrevistados se sentem resguardados pela possibilidade de não identificação dos nomes reais.

Isto posto, iniciaremos este trabalho expondo o conteúdo de algumas das entrevistas coletadas ao longo da pesquisa com o objetivo de trazer provocações a respeito do atual estado do homem contemporâneo e, a partir disso, estabelecer uma correlação com os aparatos tecnológicos e a experiência da solidão. Tomamos a liberdade de fazer essa inversão estrutural, pois acreditamos que os depoimentos dos entrevistados criam o terreno para as fundamentações teóricas que virão em um segundo momento, abrindo as discussões com o conceito de estrutura do sentimento proposto por Raymond Williams dentro dos estudos culturais marxistas. Ao propor a estrutura do sentimento, Williams (2011) reconhece que, muito embora exista um sistema central determinante, ele não pode ser meramente compreendido como algo estático, efetivo, autônomo e, sobretudo, manipulador. De outra maneira, é preciso reconhecer esse sistema como uma força que exerce limites e pressões nas relações sociais, que por sua vez se mobilizam no interior de um sistema dominante. Por isso, a cultura pode ser tanto determinada quanto determinante; esse movimento é essencial para a dinâmica da história, pois se trata aqui de um processo e não um estado de coisas pré-fixadas. A metodologia da estrutura do sentimento de Williams pode ser compreendida como uma resposta a mudanças determinadas na organização social, mas articulada a partir de fenômenos emergentes (CEVASCO, 2001).

Na sequência, a revisão histórica de George Minois (2013), bem como os aportes de Peter Burke (1995) e os escritos de *História da Vida Privada*, são essenciais para traçar um breve histórico da experiência da solidão, desde a Baixa Idade Média até a Idade Moderna, tendo a Revolução Francesa como marco deste

período. O declínio da vida nos feudos e o surgimento das cidades, além das transformações que levaram o capitalismo comercial ao capitalismo industrial, são fatores importantes para compreender a estruturação do sentimento nos primeiros momentos de configuração do sistema. Neste momento, é possível compreender de que forma a solidão, inicialmente entendida como um estado de isolamento por vezes libertador (eremitas na Idade Média), se transforma em um sentimento que provoca tensões psíquicas, já no início da Modernidade.

Por fim, os aportes teóricos passam pelas discussões psicossociais de Sherry Turkle (2011) e Byung-Chul (2017) que corroboram com a ideia de Williams. Segundo Turkle (2012), falar em apatia social e como ela migra para as redes sociais é falar acima de tudo do esfacelamento das emoções humanas. Para além de um determinismo tecnológico, é preciso compreender a raiz do colapso sentimental que isola o indivíduo por detrás das telas.

Em tempos em que se evita gradualmente o contato face a face, a tela é o lugar do intangível. As relações por detrás de uma tela não contam com o imprevisível, portanto, não pressionam. “Pessoas acham a conversa face-a-face difícil e evitam as ligações telefônicas a todo custo” (TURKLE, 2011, p.197). Por isso, a problemática levantada pela autora nessa relação homem-máquina não diz respeito à capacidade dos artefatos, mas sobre nossas vulnerabilidades. Neste sentido, Turkle desenvolve o conceito de *itself* (si mesmo); trata-se de um novo estado de *self*, segundo o qual o indivíduo passa a projetar o outro e a si mesmo numa máquina, retroalimentado, desta maneira, as expectativas criadas em torno de um relacionamento ideal. Quando as pessoas tornam o objeto como se fossem o próprio *self*, elas reforçam seu senso de fragilidade. Se as frustrações com outras pessoas são inevitáveis, então nos sentimos mais compreendidos por objetos sem sensibilidade.

Esse estado pode ser explicado, em parte, por um espírito de exaustão que circunda a sociedade do século XXI. Os indivíduos estão cansados física, psicológica e emocionalmente para lidar com o outro, e uma parcela disso deve-se ao processo típico do sistema capitalista que, desde o início do século XIX, impõe gradativamente um ritmo frenético de produção. Segundo o filósofo Byung-Chul Han (2017), a sociedade do século XXI é a sociedade do desempenho e conseqüentemente a sociedade do cansaço.

A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, que se deu no final da década de 1970 com a emergência do

neoliberalismo, aponta para um desejo que desde o início do capitalismo permeia o inconsciente: o de maximizar a produção. Na lógica da produtividade, o caráter de negação, de proibição, o estranhamento, torna-se um empecilho para o crescimento. Por isso, na transição do capitalismo industrial para a sociedade flexível, a lógica conveniente e eficiente é o do foco na positividade do poder: eu posso, por isso serei bem-sucedido. “A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever” (HAN, 2017, p.25). O imperativo de ter que obedecer a si mesmo resulta, segundo Han (2017), em uma sociedade contemporânea doente, caracteristicamente depressiva. O excesso de compromisso com tarefas, atrelado a uma cultura regida pela vida em “*playlist*”, prefigura um indivíduo de relacionamentos fragmentados, isto é, os vínculos pessoais passam a ser facultativos, e os novos meios de comunicação facilitam esse processo. Por meio deles, é possível se fazer presente sem necessariamente estar, criando apenas relacionamentos simulados no universo online dos aparatos tecnológicos

Neste trabalho utilizaremos a expressão rede social *online*, ou rede social na internet, como sinônimo do que hoje alguns pesquisadores denominam mídia social. Podemos dizer que essas mídias sociais são plataformas digitais (sites) apropriadas pelos sujeitos para estabelecer e desenvolver conexões *online*. Raquel Recuero (2011) define os sites de redes sociais como espaços utilizados para a expressão das redes sociais na internet. Trata-se de sistemas que reúnem características específicas tais como: “a construção de uma persona através de um perfil, a interação através de comentários e a exposição pública da rede social de cada ator” (RECUERO, 2011, p.102). Isso inclui nomes como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *YouTube* e mesmo o *WhatsApp*. Assim, no decorrer deste trabalho, a expressão “rede social” será automaticamente associada às redes de interação *online* ou mídias sociais.

2 PROVOCAÇÕES SOBRE O CENÁRIO ATUAL

Nos últimos 50 anos não construímos apenas aparatos de convergência da informação, mas uma cultura digital cujo contato humano foi gradativamente sendo feito pelas redes de conexões online ou por aquilo que costumeiramente nomeamos realidade virtual. Lentamente o sujeito contemporâneo foi construindo sua subjetividade em torno do que convencionamos chamar novas tecnologias. Convivemos diariamente com várias telas no computador ou no celular que exigem uma atenção a qual todos estão dispostos oferecer. Porém, hoje as pessoas parecem não estarem disponíveis exclusivamente umas para as outras. Uma espécie de ansiedade é parte constitutiva da nova forma de conectividade e, no entanto, este tema aparece frequentemente associado à prevalência dos aparatos de comunicação. É preciso, de outro modo, falar do colapso das emoções humanas. Antes de falar de máquinas, é preciso falar de vida, não no sentido puramente idealista, mas da vida de um sujeito histórico que, movido por práticas sociais, configura sua subjetividade, isto é, estrutura seu sentimento.

Os depoimentos a seguir têm por finalidade partir de uma premissa que aborde primordialmente esse sujeito histórico e a maneira pela qual ele se configura em meio a pressões e frustrações dentro do sistema no qual está inserido. Quando falamos em “vícios” pelos aparatos tecnológicos, é preciso igualmente perceber que, ao transformar a tecnologia em um sintoma, é tentador esquecer o fato de que elas também fazem parte de um sistema social geral. “A tecnologia se propõe a ser o arquiteto de nossas intimidades”, afirma Turkle (2011), contudo, isso só ocorre quando ela vem de encontro às nossas vulnerabilidades que são percebidas e sentidas na construção do sujeito.

A questão, afinal, não é o que as máquinas podem provocar, a questão é como estamos no momento em que interagimos com esses artefatos. As atuais experiências humanas mostram que não é sobre o mundo online se fazer incisivamente presente na vida das pessoas, mas sobre nossa disposição em lidar com o mundo real, isto é, autêntico. Segundo Turkle (2011), hoje parecemos tão cansados em lidar com os outros na adversidade que os aparatos parecem conter energia suficiente para fazer isso por nós. Os seres humanos ultimamente têm se envolvido de tal forma com seus artefatos que a linha de distinção entre relação autêntica e simulada quase se anula. As frustrações cotidianas são inevitáveis, e as pessoas terminam por se sentir

compreendidas por objetos sem sensibilidade, então os aparatos dão a impressão de reciprocidade e não desapontam, levando vantagem sobre as relações pessoais. O problema reside justamente nessa inversão de valores, “nós até podemos nos desapontar com uma pessoa, mas pelo menos nos desapontamos sobre um potencial genuíno” (TURKLE, 2007, p.505).

Os estudos de Turkle se farão presentes sobretudo na última parte deste trabalho. Suas obras compreendem um compilado de importantes análises a respeito das mudanças culturais que ocorreram nas gerações computacionais desde seu surgimento na década de 1970. Neste sentido, Turkle compreende o computador pessoal não como um aparato que determina o modo de pensar das pessoas, porém, pode influenciar, evocando pensamentos (CARVALHO, 2000, p. 66). Para a autora, além de ser evocativa, a relação homem-máquina cumpre a função projetiva. Evocativa, pois esses aparatos são capazes de emular uma relação de reciprocidade e por isso estimulam sentimentos no sujeito na medida em que ele se imagina em um relacionamento interpessoal. E projetiva porque, na condição de ferramenta, o computador é capaz de otimizar o trabalho humano respondendo às necessidades produtivas cotidianas. “A criação de um mundo programado no computador permite que as pessoas trabalhem, experimentem e vivam nele. Isso faz dos computadores objeto que se situam no centro de transformações culturais” (CARVALHO, 2000, p.68).

Carvalho (2000) postula uma “inoculação da subjetividade” que ocorre quando características na máquina são assimiláveis pela cognição humana, bem como a linguagem humana é capaz de ser traduzida na linguagem das máquinas. Turkle resume bem esse sentimento. Já em 1984, em sua primeira obra, mesmo antes da confluência digital e de uma cultura galgada nos aparatos tecnológicos, a pesquisadora previra uma construção subjetiva por meio das transformações culturais e sociais e que seriam gradativamente catalisadas pela interação homem-computador.

[...] a partir do momento em que chegam nas casas, os computadores são dotados de qualidades que assinalam o desenvolvimento de algo que vai muito além do prático e do utilitário. As pessoas adquirem um “computador instrumental”, mas passam a viver com uma máquina íntima. (TURKLE, 1984, p.186).

Assim, ao iniciar este trabalho com as entrevistas coletadas ao longo da pesquisa, pretende-se evidenciar a premissa de que a manifestação da solidão e sua correlação com as conexões online se configuram dentro de um universo material e cultural, e que passa pela construção histórica de vida de cada voluntário, revelando desejos, frustrações e tensões psíquicas. A partir dos depoimentos, foi possível identificar uma correlação que se desenvolve em três eixos temáticos: os aparatos e as conexões online enquanto atestação de existência, a dificuldade em lidar com pausas e silêncios e o significado da solidão.

2.1 FRUSTRAÇÕES NA CULTURA DO DESEMPENHO

O que une os entrevistados desta pesquisa? E de que maneira a experiência da solidão se entrelaça em meio às narrativas que contam traumas e frustrações? Sandra, Júlia, Luís, Letícia, Ana, Tiago e Eduardo são nomes fictícios que darão o tom no início desta pesquisa. Suas entrevistas fazem parte de um conjunto de 12 conversas realizadas para este projeto e foram selecionadas pela representatividade de seus depoimentos, pois juntos contribuem para entender em quais momentos as conexões *online* revelam o elo com a solidão. As perguntas seguiram uma linha que parte desde assuntos mais amplos, exigindo do entrevistado um desenvolvimento narrativo, até questões mais pontuais sobre a solidão e a relação com as redes sociais na internet. As conversas, gravadas em áudio, ocorreram individualmente e pessoalmente em local determinado pelo próprio voluntário (com exceção de dois voluntários cujas entrevistas foram realizadas via *Skype*), possibilitando, desta forma, um ambiente confiável para que o entrevistado pudesse se expressar facilmente.

As falas transcritas somam de 15 a 20 páginas cada uma, por isso aqui elas foram editadas com a finalidade de reagrupar melhor as ideias expostas pelos voluntários, sem contudo desvinculá-las do contexto original. O grupo em questão abrange duas gerações conhecidas como geração Z (18-22 anos) e geração Y (23 a 37 anos). A escolha se deu baseada no período e na forma em que essas gerações tiveram contato com as novas tecnologias. A geração Y é uma parcela da população que, em certa medida, nasceu e cresceu acompanhando o início e o rápido progresso da internet e dos novos aparatos de comunicação. Por sua vez, a geração Z constitui-se de indivíduos que já nasceram dentro do quadro de grandes mudanças estruturais sócio-tecnológicas. Os entrevistados possuem no mínimo ensino universitário

completo ou estão cursando e todos se prontificaram voluntariamente a participar da pesquisa.

Quando tinha cinco anos, os pais de Eduardo se divorciaram, desde então ele foi criado pela mãe junto ao irmão mais novo. Embora considere como bom o atual relacionamento com pai, os contatos se dão de forma esporádica. Foi da mãe que veio apoio incondicional quando decidiu mudar o curso de Economia para História, um ano depois de ter passado numa das universidades públicas mais concorridas da sua cidade. Frequentador de um grupo de estudos marxistas, o rapaz, que também é evangélico, agendou a entrevista na igreja onde é membro e aproveitou para confidenciar certos conflitos ideológicos com os amigos de religião, fato que tem provocado seu distanciamento de algumas atividades que antes eram feitas em conjunto com os colegas. Tímido, de pouca fala, Eduardo tem dificuldade de falar de si, mas aos poucos sente liberdade para narrar suas histórias. Em certo momento, o jovem de apenas 22 anos confessa sentir-se muito perdido, sem controle sobre a vida. “Parece que eu vou levando um dia após o outro sem uma certa organização, sem estar tudo encaixado certinho, parece que é tanta coisa em tão pouco tempo, sabe, e aí acaba não dando tempo de fazer nada”.

Tiago mora em Campo Mourão-PR, ainda assim prontificou-se a participar da pesquisa por meio de uma conversa via *Skype*. O publicitário de 36 anos já chegou a cursar dois mestrados e uma especialização, ao mesmo tempo em que coordenava uma agência. Nesse meio tempo, teve um casamento desfeito, foi traído pela segunda namorada e também pelos sócios que o prejudicaram financeiramente. Teve depressão, tomou ansiolíticos e chegou a desejar não estar vivo. “Foi nesse período que eu percebi que eu era sozinho mesmo, que eu não tinha amigos, que eu não tinha ninguém, aquele monte de pessoas que curtiam minhas fotos, que pedia favores na internet, quando aconteceu isso comigo, não apareceu ninguém”. No momento desta entrevista, Tiago encontrava-se em um processo de recuperação, buscando micro-objetivos diários que o fizessem sentir vivo. “Meu medo é não achar mais objetivos, é não ter mais objetivos para continuar, de chegar um momento em que ‘acabou, não tem mais o que fazer’, então vou só aqui deitar e não levantar mais”.

Natural de Toledo-PR, a estudante de economia Letícia, 18, morou em Londrina até os seis anos de idade, quando então mudou-se com os pais para Luis Eduardo Magalhães, na Bahia. Uma cidade que, nas palavras da jovem, “mais parece um

mundinho *Gossip Girls*⁴, em referência ao alto poder aquisitivo dos habitantes. Por isso mesmo, durante os 11 anos em que ali viveu, Letícia afirma jamais ter-se identificado com o círculo de convivência da cidade, tendo como única amiga a própria mãe. O pai médico, vivendo de seguidos plantões, dificilmente era visto em casa. Isso foi um dos motivos que a fez desistir de prestar medicina na época de entrar na universidade. Aos 17 anos, Letícia deixou a Bahia para retornar a Londrina e fazer cursinho pré-vestibular. Dedicada aos estudos que por vezes ultrapassavam 12 horas diárias e pressionada pela sombra da nota de corte, a jovem, que saiu cedo de casa, também sofreu as consequências de uma independência precoce. De frustrações amorosas a problemas com autoestima, Letícia também revela sobre o assédio que sofreu de três professores enquanto frequentava o cursinho. Aos 16 anos, a jovem já tomava remédios para enxaquecas graves e aos 17 adquiriu crises de ansiedade que culminaram em uma crise de pânico em meados de 2019. Desde então passou a se medicar para conseguir dormir; antes disso, ainda adolescente, Letícia havia recorrido ao álcool:

Eu tava bebendo quase todo dia literalmente, eu só conseguia dormir com álcool [...] Não sei exatamente o que foi, acho que ter entrado na universidade, ter ficado mais tempo sozinha em casa, ter que lidar mais com esse negócio de autoestima, de problema, uma atrás do outro, aí acho que foi acumulando.

De fala mansa e pausada, Sandra não parece uma pessoa de muitas palavras, mas diante de nossa conversa, ela não se reteve ao expor o que sentia. Nascida em Votorantim-SP, Sandra veio para Londrina em 2003 para fazer faculdade de jornalismo. Atualmente trabalha gerenciando projetos multimídias em uma empresa de comunicação de Londrina. Sua média diária de trabalho é de 8 horas, mas dependendo da demanda, sua jornada pode chegar às 12 horas diárias. Sandra costuma cobrar-se muito pelo projeto que administra e, por isso, às vezes leva trabalho para a casa. Logo que entrou na empresa vivenciou um momento de crise e viu vários colegas sendo demitidos. “A sensação não é muito boa quando vejo colegas indo embora, porque no final não tem reposição e quando tem não é o suficiente. A gente vai ficando cada vez em menos pessoas e cada vez com mais trabalho”. Aos

⁴ *Gossip Girls* é uma série de televisão norte-americana que estreou em 2007. O enredo conta a história de vários adolescentes que estudam em conceituadas escolas de elite na cidade de Nova York, EUA.

30 anos, Sandra teve um grande amor que a deixou, e esse foi um dos momentos difíceis de sua vida.

Ele tinha deixado um grande vazio, e essa época foi muito difícil de superar a dor, porque nesse período de ferida mal resolvida, eu procurava insistentemente relacionamentos e ocupações e eu acho que peguei um pouco dessa etapa da minha vida para o que eu vivo agora, porque eu vivo muito ocupada, eu tenho buscado tanta ocupação que então falta tempo de ter um relacionamento amoroso com outras pessoas e aí eu sinto falta.

Júlia, 21, adora conversar, sua fala quase sem pausas revela uma pessoa que não tem dificuldades em puxar um assunto após outro. Por de trás do sorriso constante e do jeito inquieto da estudante de pedagogia, residem algumas explicações. Por volta dos 11 anos de idade, Júlia foi diagnosticada com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), um distúrbio neurobiológico que causa extrema agitação na criança. Antes disso, por volta dos 5 ou 6 anos, ela já revelava as primeiras dificuldades em se relacionar com outras pessoas. “Na escola eu nunca tive muito amigo, sabe... eu era uma criança extremamente agressiva, qualquer coisa que discordasse de mim eu já brigava, eu já batia, eu chorava por tudo, então as pessoas não gostavam de mim na escola”. Essa dificuldade, contudo, estendeu-se até a adolescência quando apareceram os problemas emocionais. Sem conter as lágrimas durante a entrevista, Júlia revela,

Acho que é a coisa mais difícil de falar pra alguém, foi um baque sabe, na minha questão social... eu tinha uma única amiga, que era minha melhor amiga e continuou sendo até hoje. No sétimo ano todo mundo me excluía. Eu acho que essa idade de 13, 14 anos foi onde aconteceram inúmeras coisas muito difíceis... foi uma época com muita intriga, só que tudo muito velado. Eram atitudes que machucavam principalmente de forma interna e pessoal, aquele negócio de *bullying* e aquele negócio das meninas de ‘ah, será que eu sou bonita?’. Começavam a rolar coisinhas como lista de quem é a mais bonita da sala e os meninos lá te comparando, então em vários momentos senti rejeição.

Aos 20 anos quando era funcionário informal de uma loja de roupas, recebendo abaixo do salário mínimo real, Luís recebeu uma proposta para trabalhar registrado no setor administrativo da igreja onde frequentava. O jovem, natural de Itaboraí-RJ, acreditava ser a oportunidade para melhorar de vida. No entanto, ao presenciar corrupção e atividades incompatíveis com a proposta real da instituição, Luís começou gradativamente a desencadear conflitos emocionais que o levaram a sofrer alguns surtos psicóticos. “Eu achava que ia morrer, que alguma coisa ia acontecer, achava

que a casa ia cair, era de fato um terrorismo na minha mente”. Somado a isso, o sonho de passar em medicina fez com que se dedicasse durante quatro anos aos estudos pré-vestibular, debruçando-se sobre os livros em média de 12 a 13 horas por dia.

Era muita pressão por lado do professor, família, amigos... porque quando você chega mais ou menos nessa idade as pessoas começam a te pressionar o porquê você não fez nada ainda. Elas só não entendem que cada um tem o seu processo. Então vivia muito sobrecarregado, você fazia prova de vestibular ou o Enem e as pessoas já vinham te pressionando, 'e aí passou, não passou?'. Então isso tudo gerava um peso sobre mim, até que foi acelerando esse processo de ansiedade, e aí no ano de 2016, 2017 eu já estava tomando remédios, foi um tempo muito difícil, muito difícil.

A faculdade de medicina transformou-se em administração, e embora o jovem não se arrependa de ter mudado de área, hoje, aos 26 anos, a pressão vem de forma diferente: Luís é bancário.

Na conversa informal Ana se abre facilmente contando sobre o cansaço e sua rotina corrida. Porém, durante a entrevista, falar sobre as causas desse seu esgotamento revela-se um processo doloroso. Aos 29 anos, a dentista conta que até 2018 administrava cinco empregos paralelos e um mestrado. Para quê tudo isso? “Para pagar as contas. Eu abri o consultório ano passado (2018) e eu precisava pagar as contas e aí foi essa doidera”. Divorciada há dois anos, Ana carrega os traumas de uma traição do companheiro descoberta por meio das redes sociais. O que começou com sintomas de ansiedade, transformou-se em depressão até chegar em pensamentos suicidas. Quando se deu conta que sua vida girava em torno de quatro medicações diferentes receitadas pelo psiquiatra, a dentista resolveu repensar a vida.

A medicação ajudou no começo porque estava com insônia, eu não dormia. Eu trabalhava naquele ritmo louco, chegava à noite e não desligava. Aí eu tinha que acordar cedo e ir de novo, às vezes quando eu pegava no sono já era hora de levantar e daí tinha que fazer as coisas do projeto do mestrado, só de pensar em abrir o computador já desesperava, começava a chorar, não queria fazer, aí foi onde que eu pensei 'vou ter que pôr o pé no freio'. Eu não tinha mais tempo para fazer exercício físico, eu não estava mais saindo, eu não estava fazendo mais nada, era só trabalho e casa, trabalho e casa, pensando em conta, conta, conta, aí uma hora a panela de pressão explodiu, foi aí onde eu falei que eu tinha que parar.

Falar de solidão e como esta experiência se liga à cultura digital não é processo fácil. Buscar de que maneira este sentimento se estrutura na vida do sujeito fez com que partíssemos das histórias de vida fundamentadas em uma dinâmica social e cultural para compreender em quais momentos solidão e conexões online se

entrecruzam. Uma conclusão é fato: as contradições presentes durante todas as entrevistas revelam a dificuldade que o homem contemporâneo ainda tem de lidar com este sentimento enquanto tensão psíquica. Quando perguntado se já havia se apanhado tentando canalizar a solidão nas redes sociais, Luís faz afirmações do tipo:

Já me peguei, mas não fiz, a não ser no *Twitter*, que é uma rede social que eu confio, que é um campo seguro pra eu falar certas coisas, já o *Facebook* não, eu acho que fica muito exposto, mas eu acredito que muitas pessoas fazem isso, eu vejo muitas pessoas fazendo isso. Eu já fiz diversas vezes, quando me sentia mega solitário e querendo desabafar com alguém e não tinha ninguém, eu achei que a rede social era uma forma de ser visto por alguém e alguém interagir comigo.

Já indivíduos como Sandra costumam terceirizar a voz para falar em seu próprio nome utilizando termos como “você” ou “as pessoas”:

As pessoas não vêm isso [solidão] como algo positivo e aí com essa ideia de que você tem sempre que mostrar só o lado positivo e viver como se fosse uma pessoa perfeita, você mostrar uma fraqueza, mostrar um momento em que você não está bem consigo mesmo, não é socialmente aceitável, então você admitir esse estado de solidão pra si mesmo é uma evolução, conseguir enxergar que é humano você se sentir assim, que você não precisa estar feliz o tempo inteiro, que felicidade não é um lugar aonde você chega e monta acampamento, é um estado de espírito. Esse nosso estado atual de que você tem que estar feliz o tempo todo, e não permite você sentir outros sentimentos, te coloca culpa.

Tiago, por sua vez, em um primeiro momento afirma sentir-se mais verdadeiro por de trás das conexões online: “Eu prefiro o que eu sou *online*, acho que sou mais eu. Eu acho que é o Tiago que não está sendo visto pelas pessoas”. Mas logo no final da conversa se contradiz.

Todo mundo parece mais legal do que é [nas redes sociais *online*], você acaba se deixando iludir, e as pessoas acabam fazendo um *fake* de si mesmo na rede, fotos com ângulos melhores, sempre sorrindo, então a gente sempre acha que está tudo bem, que as coisas são sempre legais e aquela pessoa é sensacional e daí você vai ver pessoalmente e não é bem aquilo. É um teatro, todo mundo tentando parecer alguma coisa, o que às vezes não é.

Pergunto: Inclusive você? Tiago responde: “Eu também. Eu não tenho como fugir [risos]”.

As contradições não representam um problema, muito pelo contrário, elas apontam justamente para a forma como a solidão se estrutura na sociedade ocidental. Como veremos, trata-se de uma experiência que não passa apenas por um estado de

isolamento, ela se subjetiva dentro de um processo sócio-histórico e hoje permeia mesmo o que conhecemos por pausas e silêncios. A rotina de Eduardo é bem reveladora neste sentido, não se trata apenas da falta de contato pessoal, mas também da dificuldade de lidar com o vazio dos entretempos.

Eduardo acorda no final da manhã e logo checa o celular. Como seu dia começa na hora do almoço, ele se preocupa em preparar a refeição para ele e para o irmão que costuma voltar da aula aproximadamente ao meio dia. Enquanto espera, Eduardo não tira os olhos do aparelho. Quando seu irmão chega, os dois almoçam juntos, assistindo vídeos no *YouTube*. Entre o período que o Eduardo tem do almoço até a hora da aula à noite, ele costuma estudar, porém sempre verificando e respondendo eventuais mensagens durante as pausas para beber uma água ou ir ao banheiro. A caminho da universidade Eduardo se conecta a *podcasts* ou *playlists* musicais. Porém são as noites e o silêncio na hora de dormir que tem literalmente tirado o sono de Eduardo:

Eu vou deitar por volta das duas da manhã, mas eu tô com esse problema, eu fico mexendo no celular, deitado na cama, fico sem fazer nada, às vezes eu vejo algumas séries na *Netflix* ou alguma outra coisa, fico olhando o *feed*, ouço um *podcast* ou música. Nesse último ano eu tô com muita dificuldade de ficar sem celular, eu acho que é um costume que a gente vai criando de “tenho que ver tudo”. Sei lá, muitas vezes são três horas da manhã, eu vou dormir aí eu deixo o celular de lado, aí passam 20 minutos e se eu não dormi ainda, eu pego o celular de novo, como se fosse tipo “Ah, eu não vou ficar perdendo esse tempo”, sabe?

De maneira contraditória, Luís acredita que a melhor forma de descansar da rotina agitada que lhe exige relacionar-se com pessoas o tempo todo é isolando-se em seu quarto em “silêncio”. Seu apreço pelo “descanso” manifesta-se nos momentos em que pode assistir a um canal no *YouTube* ou passar algumas horas rolando o *feed* das mídias sociais.

Eu consigo ficar em silêncio. Na realidade quando eu chego em casa é o que eu faço, eu fico vendo, procurando muitas notícias e informações e tal... eu não consigo falar, tanto é que quando eu chego minha mãe quer conversar sobre alguma coisa eu não consigo responder porque eu falo o dia inteiro e naquele momento eu só quero ficar quieto. Eu gosto de ter minha companhia, porque eu sempre vivi assim, então pode ser que a rede social [online] também ajude no tempo em que estou sozinho, mas não em relação à interação que eu tenho com as pessoas, mas no sentido de ver outras pessoas.

Primordialmente o raciocínio de Luís nos conduz a essa necessidade de um momento de silêncio para nos reunir com nós mesmos, para juntar os fragmentos que se espalham nas atividades diárias. E no entanto, no regime de pausa, somos confundidos pelo ruído da internet que demanda atenção o tempo todo. Isso não significa rejeitar ou eliminar a tecnologia de uma vez por todas, e sim, habituar-se ao silêncio sem intervenção eletrônica. “Um lugar sagrado não é um lugar para se esconder, é um lugar onde nós nos reconhecemos a nós mesmos” (TURKLE, 2011, p. 277).

Em casos extremos, como o de Ana, o fato de estar só revela-se uma experiência tão incômoda que o celular torna-se imprescindível até mesmo no momento do banho. O aparelho à prova d’água foi adquirido com essa característica justamente para atender a demanda de Ana.

O *Whats* eu uso todo dia, direto. Fico quase 24 horas, até tomando banho eu fico lá com o *WhatsApp* (risos). Eu levo para o banheiro, coloco na *Netflix*, apoio na janela, vou lavando cabelo e assistindo. Não embaça (risos), esse celular é resistente à água. Um banho que eu tomaria em meia hora, com a *Netflix* vai pra uma hora fácil. Aí eu fico lá, tomando banho e vendo filme. Aí as vezes eu respondo [*Whatsapp*], tomando banho e respondendo (risos).

Mais ponderada e consciente do estado atual em que a sociedade se encontra, Sandra reconhece que os momentos de pausa e silêncio são essenciais, porém como uma estratégia para recarregar as forças e de certa forma continuar produzindo, o que ela chama de desenvolver o processo criativo.

Às vezes é necessário esse momento em que o cérebro flui, numa fluência de inércia que é onde você começa a criar, porque se você está o tempo todo pensando e o tempo inteiro se movimentando, o tempo inteiro com a cabeça cheia de coisa, cadê o espaço da criação? Eu acho que é uma culpa católica, eles ligaram a sociedade inteira no 220, eu ainda me sinto culpada às vezes quando eu consigo sentar na rede, ler um livro tranquilamente, sem pensar em trabalho, em mídia, ou em qualquer outra coisa.

A culpa católica a que Sandra se refere faz parte de uma dinâmica histórica e social cuja lógica do processo produtivo é transportada para os pequenos afazeres do cotidiano que devem preencher os entretempos. Como veremos, esse pensamento da lógica produtiva faz parte da construção da sociedade ocidental e passa pelo ditame da valorização do trabalho como condição de atestação social. De outra forma, o fenômeno do tempo livre é retomado por Türcke (2010) sob a análise de Gunther Anders. “O homem tomando banho de sol, que bronzeia suas costas, enquanto seus

olhos passeiam por uma revista ilustrada, seus ouvidos participam de uma partida esportiva, suas mandíbulas mascam uma goma” (ANDERS apud TÜRCKE, 2010, p.43). O homem tomando banho de sol descreve uma sociedade norte-americana que nos anos 1950 vivia as ansiedades dos regimes intermitentes. Quando o trabalho ocupa a ociosidade tem-se o que Anders denominou de *horror vacui*. “Seu trabalho acostumou-o tão definitivamente a ser ocupado, ou seja, a ser dependente, que, quando o trabalho acaba, não consegue estar à altura da tarefa de ocupar a si próprio” (TÜRCKE, 2010, p.43). Assim, os trabalhos decompõem-se em funções separadas que tem por finalidade justamente ocupar as “funções desempregadas” empenhadas pelos órgãos dos sentidos.

O sentimento do Tiago em relação ao silêncio ou a um regime de pausa ilustra bem a necessidade de uma lista de tarefas diárias a serem cumpridas para que ele se faça existir enquanto sujeito.

Em silêncio total, eu acho que não... Mas talvez eu acho que conseguiria ficar sem fazer nada, não sei... é que ultimamente eu estou focado em atender as coisas do *WhatsApp*, é mais para preencher o tempo sabe, eu estou meio que procurando o que fazer. Qualquer coisinha que seja, nem que seja ir no *Instagram* e passar o *feed* de novo, mas é pra preencher essa lacuna... Ter coisas para fazer para continuar vivo, eu tenho isso comigo. Você procura coisas para fazer, para ir preenchendo a vida, não ver ela passando sem sentido. Ou você cria esses micro-objetivos até conseguir alcançar eles, ou você morre.

Discussões contemporâneas como a de Türcke apontam para essa necessidade da atual sociedade de se fazer existir naquilo que o autor chama de “entroncamento técnico”, em referência às novas tecnologias. Dizer alguma coisa ou simplesmente conectar-se às redes representa uma compulsão difusa por fazer algo. Para Türcke, trata-se de um “coletivo malabarismo defensivo contra a desocupação, que mesmo no tempo livre não desaparece e que é preenchida até a capacidade máxima com o que lhe é ‘ofertado’” (TÜRCKE, 2010, p.44). Essa compulsão pela emissão representa de certa forma uma forma vital de existir, “quem não transmite, não está aí” (TÜRCKE, 2010, p.45). Em outras palavras, há uma necessidade constante de estar online para sair do estado de vacuidade. “Emitir quer dizer tornar-se percebido: ser. Não emitir é equivalente a não ser – não apenas sentir o *horror vacui* da ociosidade, mas ser tomado da sensação de simplesmente não existir. Não apenas ‘há um vácuo em mim’, porém ‘sou um vácuo’” (TÜRCKE, 2010, p.45).

Essa ideia toma forma nas declarações de Sandra. A noção de existir não está apenas relacionada ao domínio pessoal, mas também profissional. A otimização de si por meio do aparato se manifesta na publicação de conteúdos em nome da empresa.

[...] eu tenho me esforçado pra fazer mais [publicações] ultimamente porque quando você para de fazer produção de conteúdo, você para de ser visto, e aí as pessoas não recebem aquilo que você faz; então comecei a interagir mais nas redes sociais para que meu conteúdo seja entregue para um maior número de pessoas, tanto *Insta* quanto *Face* [...] Durante o serviço não consigo escapar para as redes, não dá tempo (risos), o celular fica lá caso eu precise entrar no *Facebook* da empresa para fazer uma postagem, aí eu entro e faço a postagem, e se tiver alguma notificação, eu já confiro.

Assim, em certa medida, os aparatos móveis também se mostram como meios para atestação da existência de si e do outro, provocando ansiedades em seus mais variados níveis. Para Letícia, a terapia ajudou a controlar seus níveis de angústia que faziam com que imperceptivelmente recorresse às redes sociais em busca de “curtidas” e/ou comentários.

Eu postava foto de biquíni pra ganhar curtidas e tudo mais. Hoje não faço muita questão. Hoje eu sei que eu tenho contatos mais profundos, então quem comentar ou curtir a minha foto não faz muita diferença. A terapia me ajudou a controlar mais a ansiedade e a me divertir de maneira saudável. Eu percebi que estava ficando bastante ansiosa por causa da rede social, eu comecei a ter necessidade das pessoas verem o que eu estava fazendo, também de ver o que as outras pessoas estavam fazendo, eu vivia mais pelo o que os outros iam pensar. É um pouco difícil porque é meio que um escape, né? Você tá chateado ou não quer lidar com algum problema naquele momento, aí a rede social é perfeita pra você, você vai lá se distrair um pouco

Letícia acredita ter encontrado uma forma de não permanecer o tempo todo com o aparelho em mãos. No começo de 2019 adquiriu um *Iwatch*, relógio da marca *Apple* que, conectado ao celular, cumpre a função de receber as notificações de aplicativos e chamadas. A jovem costuma dormir com o relógio, porém seu sono regado a base de remédios não permite que ela desperte com o vibrar das notificações durante a madrugada. De outra forma, Letícia explica sua relação com o aparato, “é para qualquer emergência, como meus pais estão longe e minha irmã também, é mais para tipo ter noção do que está acontecendo.”

Diferentemente, Júlia, 21 anos, encara como divertida a relação que nutre com seu aparelho. Na realidade, existe aí um medo construído socialmente e culturalmente de não conseguir chamar a atenção o suficiente para ser notada. “Chamar a atenção para não sucumbir: esse é o imperativo, quase categórico, que todos seguem, ainda

que cada um à sua maneira. [...] Não ser percebido significa estar de fora, e estar de fora é como estar morto em um corpo vivo, incompatível com a dignidade humana” (TÜRCKE , 2010, p.59). Quando Julia conta quais tipos de publicações gosta de compartilhar nas mídias, além de atividades como festas e situações engraçadas, a necessidade de se fazer existir nas intermitências também fica evidente.

Às vezes, quando eu estou sem nada pra fazer, eu posto uma coisa do tipo “entediada”, que aí as pessoas vem e respondem o *storie* pra falar comigo [...] Aí quando eu vejo que meu celular ficou muito parado, eu fico assim “O que tá acontecendo?”, porque às vezes eu quero mexer, eu quero ficar lá e conversar, aí quando eu vejo, eu já mandei mensagem pra um monte de gente que eu tô acostumada a conversar e eu esperando alguém responder, e às vezes eu também deixo a pessoa no vácuo, porque sei lá, “ah, cansei!”.

Porém, para a dentista Ana, em determinado momento de sua vida, a relação com o aparato tomou proporções angustiantes. Nos momentos de crise de ansiedade, em que muitas vezes desejava “estar fora”, ou simplesmente não existir, o celular tornou-se o pior inimigo:

Tinha vez que o vibrar do celular me estressava, eu queria tacar fogo no celular, eu silencieei absolutamente todo mundo do *WhatsApp* porque se o celular vibrasse, eu já estressava, era tipo ter alguém me importunando, me cutucando... aí eu silencieei todo mundo. Eu queria desaparecer... o celular vibrar era algo do tipo “tem alguém aqui, tem alguém lembrando que eu existo. Não quero que alguém lembre que eu tô aqui! Me deixa quieta no meu canto!”.

Por isso Türcke (2010) afirma que essas ansiedades mudam de acordo com os processos históricos, e os padrões técnicos simplesmente fazem parte desse todo. As histórias de vida aqui mencionadas comportam justamente essa dinâmica, e juntamente com os aparatos móveis, recaem no paradoxo da negação e da aceitação das conexões online como condição de sociabilidade. Porém, conectados em seus aparatos, o sujeito experimenta uma experiência enlaçadora. Trata-se de uma relação aperfeiçoada cada vez mais pelo aprimoramento dos aplicativos e da tecnologia que em geral respondem quase instantaneamente. Para Turkle (2011), a carga psicológica desencadeada pelo *ciberespaço* faz com que as pessoas falem de sua vida digital como algo novo ou um lugar de proteção para se liberar das sobrecargas emocionais (TURKLE, 2011, p.153).

Assim é que afirmações como a de Sandra, sobre a sensação de se conectar às mídias sociais, explica em certa medida esse paradoxo que é ao mesmo tempo uma experiência enlaçadora e individualista.

Acho mais interessante a interação via rede social [online], é quase como fazer natação, porque é um esporte social e individual ao mesmo tempo, você entra na piscina com mais uns 20, mas se quiser mergulhar na água e não falar com ninguém, você continua fazendo esporte coletivo, mas individualmente. Você tem essa interação, mas você não depende de outra pessoa para estar ali, você pode manter a sua individualidade, os seus interesses específicos, mas ao mesmo tempo você está ali num mar de gente onde você vê as publicações delas.

Igualmente o desabafo via mídias sociais demonstra uma atitude protetiva, ainda que à revelia, pela desconfiança das relações interpessoais. Quando Júlia explica sua preferência para desabafar frustrações em redes que lhe parecem inofensivas, a jovem simplesmente revela o medo de atitudes reativas. O simples ato de materializar suas tensões em *bits* faz com que, em certa medida, ela se sinta parte de uma sociabilidade.

De vez em quando eu posto no *Twitter* coisas assim que eu quero compartilhar, mas eu não quero dar ibope. Eu falo que o *Twitter* é o lugar onde eu converso sozinha porque as pessoas não interagem comigo no *Twitter*, porque se eu coloco algum problema no *Instagram*, é para meus amigos verem, é para rolar uma conversa, sabe, é uma coisa que gera uma interação com meus amigos; agora se é uma coisa mais pessoal, se eu estou mal e eu quero desabafar, mas não quero necessariamente dar ibope pra aquilo, eu posto no *Twitter*, porque é uma coisa que vai morrer ali.

Em outras palavras, Türcke afirma que “a tela que me liga ao mundo é também a divisória que me separa dele [...] gerando um novo estado: o do excluído completamente integrado” (TÜRCKE, 2010, p.71). Por isso, Turkle (2007) reitera que os vícios nos aparatos tecnológicos dizem mais sobre as vulnerabilidades humanas do que o poder manipulador dos *gadgets* em si. O controle propiciado pelos aparelhos desloca o sujeito para um contramundo onde não conta com o imprevisível, e por isso mesmo geram a ilusão de perfectibilidade, ligada ao poder de escolha nos relacionamentos online. Quando uma máquina responde aos interesses, aos estímulos, é como se ativasse aquilo que Turkle (2007) chama de “botão de Darwin”, que sinaliza ser uma entidade apropriada para o propósito relacional.

Neste sentido, ao falar de sua relação com o *Tinder*, aplicativo de encontros virtuais, Tiago demonstra justamente o valor protetivo propiciado por essa tecnologia. O publicitário jamais teve um encontro face a face com as pretendentes online e nem nutre essa vontade. Seu prazer reside justamente no controle dessa relação incorpórea.

Eu instalei o *Tinder* e tentei mexer um pouco ali, mas eu gosto mais da opção de escolher ou não escolher... tipo, “ah, eu gosto dessa, não gosto dessa, gosto dessa, não gosto dessa”, é mais pra passar o tempo, acho que tem aquele negócio de poder de escolha, você não tem realmente poder de escolha nenhum mas... mas é esse tipo de sensação.

O isolamento por de trás das telas vai muito além de um sujeito que nutre expectativas sobre o aparelho eletrônico. O *ciber-solitário* de nosso século é um sujeito que é capaz de socializar face a face, de estabelecer relações autênticas, porém elas vêm acompanhadas justamente da imprevisibilidade que, somadas às pressões e frustrações do sistema como um todo, terminam por colapsar o indivíduo. Nas palavras de Tiago, “na conversa frente à frente, você falou e tá falado, você não tem mais como voltar atrás, não tem mais como reorganizar ou reescrever”.

Por sua vez, quando Sandra fala de uma “sobrecarga de relacionamentos”, ela refere-se justamente ao dispêndio de energia necessária para lidar com o outro.

A gente se sobrecarrega de relacionamentos sociais o tempo inteiro e quando você tá sozinho na sua casa, tranquilo, ao invés de você estar sozinho de fato, você está sonhando na rede social, se estressando, brigando, discutindo, vendo postagens, se sentindo mal, se sentindo bem. Então nesse caso é uma sobrecarga de emoção que, no fundo, não é real, não está acontecendo ao seu redor fisicamente, está acontecendo só na sua cabeça.

E aqui retomando o “ser” heiddegeriano para quem existe sempre um “aí” na essência do homem, Türcke afirma que um corpo não pode deixar de existir sem “ruídos corporais, sem determinada postura, gestos e expressões faciais. [...] Esse ‘aí’, no entanto, passa por mudança de sentido decisiva a partir do momento em que a presença do corpo desaparece por detrás da presença midiática” (TÜRCKE, 2010, p.41).

Talvez o relato de Luís, para quem as redes sociais na internet o tornam sociável, seja bem revelador nesse sentido:

Gosto da interatividade [nos perfis online], eu gosto muito de saber das pessoas, eu digo que sou antissocial porque eu saio super pouco, eu tenho preguiça de sair de casa, até mesmo para me relacionar com alguém, eu tenho muita preguiça de namorar porque ficar levando em casa essas coisas, eu não tenho paciência. Agora eu gosto muito de ter contato com as pessoas [online], porque eu gosto de conversar, de saber da vida das pessoas, gosto de estar por dentro de tudo.

Já para Letícia, as interações face a face são indispensáveis, sobretudo para desabafos. Diferente de Luís, Letícia questiona a postura impassível que os sujeitos têm tomado uns em relações aos outros. “Eu acho que hoje todo mundo cria essa necessidade de querer ser frio, de não querer demonstrar sentimento. Muita gente não quer demonstrar que tá gostando de alguém ou que se importa, meu Deus, pra quê, isso?”.

O quadro descrito por Letícia é uma experiência comum à maioria dos entrevistados e ela se revela como uma manifestação da solidão. A sensação de sozinho na multidão aparece no relato dos voluntários associada justamente à apatia vivenciada em grupo. Para a Ana, essa sensação muitas vezes aprofundava seu quadro depressivo.

Ficar sozinha é diferente de se sentir solitária, porque muitas vezes batia esse sentimento de solidão e eu tava no ambiente de trabalho. Às vezes tava ali em um grupinho de 4 ou 5 dentistas conversando, e eu me sentia sozinha mesmo lá rodeada de pessoas. A sensação que eu tinha era aquela de quando a pessoa tá caindo num buraco negro, era essa a sensação que eu tinha. Às vezes eu tava lá rodeada de pessoas e parece que só eu, só eu, tava caindo num buraco negro.

O relato de Eduardo corrobora com o de Ana, porém em tom resignado, o jovem acredita que não há muito o que o fazer em uma sociedade cuja característica perpassa por essa atitude blasé e individualista.

A gente acaba conhecendo muita gente, mas não é uma coisa sólida sabe, é uma coisa muito frágil, muito superficial, então você conhece as pessoas, mas não está junto mesmo. Na universidade, por exemplo, você está rodeado de gente, mas lá no fundo você está sozinho, apesar de você ter amigos, no fundo você tem que fazer o seu por você, e mesmo você ajudando os outros, ninguém vai te ajudar, então você tem que correr atrás de suas coisas, mas eu acho que é uma coisa que vai ser pra vida toda, sabe?

Mesmo tendo experimentado esse sentimento, ainda assim Júlia busca estar acompanhada o tempo todo. A estudante reconhece o medo que sente de se sentir

sozinha, porém essa angústia muitas vezes é potencializada na medida em que ela é canalizada para as conexões online.

Às vezes acontece de ser uma sexta-feira à noite e cada um já se resolveu indo pra algum canto e eu tô em casa sozinha sem ter o que fazer. Aí eu fico mexendo no celular, né? Então eu começo a ver as pessoas no bar em vários grupinhos, pessoas que eu conheço e fico pensando, 'por que é que eu não fui chamada?'. Já aconteceu de ninguém me chamar pra nada e eu fiquei muito, mas muito mal mesmo! Eu me senti rejeitada, eu fico me sentindo excluída e sozinha.

Não por acaso, Sandra acredita haver um fluxo muito grande de “gente sozinha nas redes sociais”. Para ela, essa atitude muitas vezes passa pelo aspecto não visual, isto é, os anseios e as angústias que são canalizados para o mundo online muitas vezes não ficam evidentes para quem recebe a postagem. A ansiedade se aprofunda apenas para quem materializa seus sentimentos no mundo virtual.

Eu já me peguei fazendo isso, mas eu tento me policiar... tipo, é quando você está querendo chamar a atenção, sabe? Porque você posta uma coisa querendo na verdade chamar a atenção para si, você quer chamar pessoas. Você posta uma foto e fica esperando curtidas, ou então você quer chamar a atenção de alguém em específico, e aí você fica ali fazendo um monte de postagens pra ver se aquela pessoa te nota e ela não te nota, e aí você fica em crise... eu acho que piora (risos).

Por fim, as conclusões de Sandra permitem encaminhar esta pesquisa para a premissa de que um sentimento se estrutura pela via da prática social. Em outras palavras, a construção de um sujeito histórico ocorre a partir de experiências que são fundamentalmente materiais e culturais, e que inevitavelmente também abarcam tensões, angústias e frustrações. “Ninguém te ensina a viver, ninguém te ensina a se relacionar com outras pessoas e se você não for pela experiência com os outros, você vai aprender isso onde?”.

Desta forma, as provocações iniciais levantadas neste capítulo por meio das entrevistas caminham de encontro às propostas dos estudos culturais e da estrutura do sentimento de Raymond Williams, compreendendo a experiência subjetiva da solidão a partir da inter-relação das práticas sociais com os meios de comunicação. Afinal, como afirma Cevasco, “experiência para Williams é sempre social e material, e portanto histórica” (CEVASCO, 2001, p.157).

3 CONTRIBUIÇÕES DE RAYMOND WILLIAMS PARA OS ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO

Desde o final dos anos 1990 assistimos a um aumento no interesse pelos estudos que envolvem a relação do sujeito com os “novos aparatos tecnológicos”. As aspas se justificam pelo insistente senso comum em atribuir aos computadores, notebooks e celulares qualidades definidoras ao que chamamos novas mídias, como se os meios precedentes, cada qual em sua época, não representassem uma nova forma de circunscrever a comunicação e a cultura. Do fatídico ao fáustico, algumas contribuições teóricas da *cibercultura* ainda permanecem no campo determinista para quem uma base estrutural dos meios de produção ou mesmo dos aparatos tecnológicos condicionam as relações sociais e as formas de consumir e produzir informação.

De um lado, os correlatos de uma leitura marxista e frankfurtiana, que recorrendo à análise econômica dos meios de comunicação e à crítica à técnica, buscam explicar os mecanismos ideológicos por meio do conceito de indústria cultural. Eran Fisher “defende que a *cibercultura* é uma formação ideológica cujo sentido principal é encobrir prática e espiritualmente o novo estágio do processo de acumulação do capital, exploração da força de trabalho e conflitos de classe” (RÜDIGER, 2016, p.145).

Do outro lado, os da visão prometeica da sociedade em rede, para quem a democratização dos aparatos tecnológicos liberta o indivíduo da comunicação hierarquizada, possibilitando desta forma, como afirma Manuel Castells, um “novo sistema de mídia, disposto e pronto a satisfazer a mais considerável demanda latente: a demanda por livre expressão interativa e pela criação autônoma – hoje em grande parte frustrada pela visão esclerosada da indústria de mídia tradicional” (CASTELLS, 2003, p.165).

Contudo, postulando um viés distinto a fim de compreender as relações entre sujeito e aparato tecnológico, este trabalho propõe explorar as ideias do materialismo cultural como alternativa a uma explicação menos tecnicista, apostando, para isso, no debate interseccional entre marxismo e cultura, como propõem os estudos culturais da *New Left Review* britânica, na década de 1970. As observações extraídas desta abordagem confluem para o desafio que abarca não apenas uma releitura do conceito marxista de base-superestrutura, retirando, assim, qualquer relação causal

estabelecida unicamente por uma base econômica predominante. O desafio encontra-se em inscrever os meios de comunicação em uma dinâmica essencialmente histórica e cultural que se estabelece a partir da relação com o sujeito sócio-histórico, portanto, sem recair na visão monolítica de poder transformador das tecnologias sobre as experiências intersubjetivas. A partir dessa leitura, o que se propõe, afinal, é inscrever os relacionamentos interpessoais e os aparatos tecnológicos em um complexo de práticas culturais, organizadas a partir de um sistema habitualmente hegemônico, porém que nunca é estático e muito menos determinista.

O conceito de hegemonia é fundante dentro dos estudos culturais. Ele não compreende apenas a “existência de um todo que satura a existência social” (CEVASCO, 2003, p.125), mas inclui também a noção de intenção social. Em outras palavras, ainda que o sistema hegemônico exerça pressões e limites, ele jamais será absoluto em sua totalidade. Isto se explica justamente pela mobilização de organizações internas ao sistema que questionam os limites, movimentando e reconfigurando a sociedade em novos valores e sentimentos.

Essa dinâmica representativa dos estudos culturais marxistas será em grande medida teorizada por Raymond Williams. Os estudos de Williams, sobre o viés da pressão e contra-pressão dentro de uma organização hegemônica, resultarão na metodologia da “estrutura do sentimento”, e é por meio dela que este trabalho norteará o entendimento da experiência da solidão e redes sociais. Williams configura seu conceito na combinação das noções de totalidade de Lukács e de hegemonia de Gramsci, propondo, desta forma, a estrutura do sentimento dentro de um fenômeno dialético. Isto é, a sociedade desenvolve-se dentro de um processo histórico dinâmico, portanto, é determinada, mas também determinante.

Desta forma, é preciso reconhecer a complexidade da cultura trabalhada por Williams sob três formas de estruturação de valores. Primeiro, por meio da cultura dominante. Segundo, a partir de práticas residuais, as quais pressupõem a permanência de tradições passadas, como os valores religiosos, e que se manifestam na cultura dominante. E terceiro, pelas práticas emergentes que trazem novos significados, novos valores e novos tipos de relação. Tão logo essas práticas são identificadas, tão logo a cultura dominante se ocupa em incorporá-las. Tanto a cultura residual quanto a emergente são significativamente importantes em si mesmas, além de se mostrarem como elementos reveladores do sistema dominante.

Neste sentido, o sistema hegemônico seria incapaz de abarcar, organizar, influenciar todas as experiências vivenciadas em sociedade. “Temos de reconhecer os significados e os valores alternativos, as opiniões e atitudes alternativas, e até mesmo algumas visões de mundo alternativas, que podem ser acomodadas e toleradas no interior de uma determinada cultura efetiva e dominante” (WILLIAMS, 2005, p.218). Todos esses valores passam pelas práticas sociais, dentro das quais se inserem as manifestações culturais, políticas, econômicas e religiosas, todas abarcadas dentro de um processo de formação de estruturas mentais. As práticas sociais, portanto, passam por uma determinação circunstancial de um sistema hegemônico vigente, bem como da organização de contra-pressões que contestam os limites.

No intuito de desenvolver essas questões, este trabalho será conduzido pelas importantes contribuições teóricas de Williams encontradas em *Marxismo e Literatura* (1979), *Cultura e Materialismo* (2011) e *Televisão: tecnologia e forma cultural* (1974). As duas primeiras analisam sobretudo os subsídios marxistas e a releitura do conceito base-superestrutura para a elaboração da estrutura do sentimento. *Televisão* traz importantes questionamentos a respeito do determinismo tecnológico e das principais contribuições teóricas no campo da comunicação. Além disso, prevê o desenvolvimento dos meios de comunicação dentro de uma formação cultural geral, e não apenas como ramificação independente do processo social.

3.1 AS BASES DO MATERIALISMO CULTURAL E A ESTRUTURA DO SENTIMENTO

Williams não foi um teórico que pensou a cultura como uma esfera superior à economia e à política. O materialismo cultural é, na verdade, uma reavaliação dos conceitos de cultura dentro das teorias marxistas. Coube a Williams uma releitura do modelo base-superestrutura que foi incisivamente abordado nas obras pós-marxianas de forma dualista e determinista. O materialismo cultural propõe uma concepção inovadora e dinâmica ao aproximar teoria e prática, de modo a evitar os idealismos que separam conceitos da vida prática.

A partir dos estudos culturais, a palavra “cultura” deixa de lado uma conotação “estetizante”, de mero produto social, e adquire com Williams (1958) duas novas características. “Usamos a palavra cultura para designar um modo de vida – os significados comuns – e para designar as artes e o aprendizado – os processos

especiais de descoberta e esforço criativo. [...] A cultura é de todos, em todas as sociedades e em todos os modos de pensar” (WILLIAMS, 1958, p.2).

Maria Elisa Cevasco avalia que a cultura enquanto modo de vida permite ver as inter-relações como “práticas de significação que articulam e organizam a vida social” (CEVASCO, 2011, p.165). Em outras palavras, os estudos de Williams propõem a cultura como um sistema de significações que é intrínseco aos demais sistemas, como o econômico, o político e o sistema social de forma mais ampla. De outra forma, a cultura também se manifesta enquanto consciência, existindo não apenas “como instituições, obras e sistema, mas necessariamente como práticas e pensamentos” (WILLIAMS apud CEVASCO, 2001, p.166).

Neste sentido, podemos também compreender a solidão enquanto uma manifestação cultural estruturada por diversas articulações de significações históricas, como veremos adiante. Ela passa pela prática social, isto é, “deve abarcar a história material da produção e outros recursos e os problemas relacionados à tecnologia e aos modos de registro e notação da produção, e também de forma bastante central em nossa sociedade, a história dos sistemas de comunicação” (CEVASCO, 2001, p.174).

Assim, para o materialismo cultural, a cultura constitui-se enquanto um processo social, seus produtos não são meramente objetos, mas advém de uma prática social que se dá entre pessoas e em situações específicas e, portanto, com significados que podem variar em diferentes circunstâncias sócio-históricas. Cultura é produto, mas também é força produtiva materializada, interpretada e veiculada.

É neste sentido que a posição do materialismo cultural não é uma “crítica” ou uma “correção” da tradição marxista. Como dever ser, toda crítica histórica e materialista é uma resposta a desdobramentos reais e relações sociais que alteram a consciência prática em que está assentada a teoria (CEVASCO, 2001, p.147).

Assim, Williams identifica uma tendência de interpretação marxista baseada nos efeitos econômicos do capitalismo sobre as práticas sociais cotidianas. Uma teoria reducionista que pode ser explicada, sobretudo, pela “fórmula herdada de base e superestrutura que, em mãos pouco treinadas, converteu-se rapidamente em uma interpretação da superestrutura como mero reflexo, representação, ou expressão ideológica” (WILLIAMS, 2011, p.26), relegando qualquer expressão, criação ou

atividade humana a terminologias classificatórias. Para Williams, a deficiência dessa metodologia provém de seu caráter rígido, abstrato e estático por considerar uma prevalência unilateral, de caráter burguês e utilitarista, onde a base econômica determina as relações sociais, que determinam a consciência, que por sua vez determina as ideias e suas manifestações.

Os conceitos de base e superestrutura são primordiais na medida em que ajudam a nortear a construção da estrutura do sentimento proposta por Williams. O *Dicionário do Pensamento Marxista* (2013) refere-se a tal formulação como uma “metáfora do edifício” cuja ideia se debruça em uma perspectiva dualista na qual a base econômica condicionaria os níveis político-jurídico e da consciência social. As primeiras configurações desse conceito teriam surgido em *A ideologia Alemã* na qual há uma referência à “organização social que nasce diretamente da produção e do comércio, a qual em todas as épocas constitui a base do estado, e do resto da superestrutura das ideias” (MARX; ENGELS apud LARRAIN, 2013, p.52). No entanto, essa formulação parece mais complexa do que se apresenta, primeiro porque em alguns momentos as definições para superestrutura parecem ultrapassar a dependência dos níveis de Estado e de consciência de classe a uma infraestrutura. Ao menos uma vez em *O Dezoito de Brumário de Luiz Bonaparte*, o termo superestrutura parece inferir-se a uma visão de mundo de um grupo: “Sobre as diferentes formas de propriedade, sobre as condições sociais de existência ergue-se toda uma superestrutura de sentimentos, ilusões, modos de pensar e visões da vida distintos e formados peculiarmente” (MARX; ENGELS apud LARRAIN, 2013, p.52). Apesar disso, o próprio campo das experiências e dos sentimentos estaria, em última instância, condicionado às relações de produção material. Essa, no entanto, foi uma preocupação expressa pelo próprio Engels ao reafirmar a complexidade social dentro de um processo histórico mais amplo, o que expressaria, portanto, o segundo motivo pelo qual o determinismo econômico pareceria uma formulação reducionista.

Portanto se alguém torce o que dissemos para afirmar que o elemento econômico é o *único* determinante, transforma essa proposição numa frase sem sentido, abstrata, absurda. A situação econômica é a base, mas os vários elementos da superestrutura – formas políticas das lutas de classe e seus resultados, ou seja, constituições estabelecidas pela classe vitoriosa depois de uma batalha bem sucedida, etc., formas jurídicas, e até mesmo o reflexo de todas essas lutas práticas no cérebro dos participantes, teorias políticas, jurídicas, filosóficas, opiniões religiosas e seu desenvolvimento em sistemas de dogma – também exercem sua influência sobre o curso das lutas

históricas e, em muitos casos, são preponderantes na determinação de sua *forma* (ENGELS apud WILLIAMS, 1977, p.83-84).

Deste modo, as proposições de Williams para um materialismo cultural buscam justamente evitar a separação em terminologias classificatórias e condicionantes, demonstrando por sua vez que as circunstâncias históricas implicam a presença de sujeitos e suas significações no mundo e que, portanto, para se apreender a cultura como constituinte da realidade social, “é preciso reelaborar os achados de Marx – em especial sua percepção fundante de que o ser social determina a consciência – para demonstrar as posições estéreis que emperram a teoria da cultura” (CEVASCO, 2001, p.144).

As abordagens pós-marxianas levaram a um certo radicalismo a proposição dualista de base determinante e superestrutura determinada. “O papel secundário atribuído à cultura nas análises marxistas se deve, muitas vezes, às intepretações apressadas ou pouco elaboradas acerca da vinculação entre modo de produção e base material, desvinculando os processos culturais desta base e relegando-os a uma superestrutura” (LONDERO, 2011, p.96).

Boa parte dessas interpretações teóricas parte da assertiva de Marx em seu prefácio de *Contribuição à crítica da economia política*, de 1859, em que se lê que não é a consciência que determina o indivíduo, mas “o ser social é quem determina a consciência” (apud WILLIAMS, 2011, p.43). Isso resultou em uma série de visões monolíticas segundo as quais a base econômica, onde se encontram as forças de produção material, condicionaria o plano das relações sociais.

O problema nessa abordagem está na prevalência de uma configuração dualista, onde base e superestrutura permanecem como elementos separados, fixos e definidos, sendo, portanto, a existência da segunda condicionada à primeira. No entanto, para Williams, o sujeito da imaginação não é passivo, ele é um sujeito histórico, na medida em que é formado dentro de uma dinâmica de organizações e tensões cotidianas (WILLIAMS, 1979, p.130).

Mas é justamente nessa dicotomia reducionista que muitas teorias marxistas tentaram consolidar. Primeiro com a noção de “reflexo”, em que as manifestações culturais e ideológicas alocadas dentro da superestrutura não seriam nada além de um reflexo da base material. Depois com a noção de “mediação”, defendida sobretudo pela Escola de Frankfurt, onde “as ideias e as condições materiais” são mediadas pela

linguagem (LONDERO, 2011, p.63). Ou seja, a relação entre práticas culturais e base material ainda são entendidas como uma dicotomia.

As implicações sobre a definição de “base” ficam mais claras quando esta passou a incluir, em meados do século XIX e início do século XX, um sentido forte de indústria de base. Essa ênfase na indústria induz a uma leitura restritiva da base como força produtiva, relegando todas as manifestações culturais e ideológicas à superestrutura. Essa interpretação de origem marxista torna-se menos anacrônica quando se aloca Marx como um homem de seu tempo, vivendo toda a transformação da Revolução Industrial e da configuração das cidades.

Para qualquer esclarecimento teórico é fundamental reconhecermos que Marx estava, naquele momento, envolvido em uma análise de um tipo específico de produção, a produção capitalista de mercadorias. Dentro de sua análise desse modo de produção, ele teve de dar a noção de “trabalho produtivo” e de “forças produtivas” o sentido especializado de um trabalho primário sobre materiais de maneira a produzir mercadorias. Mas essa noção tem-se estreitado notavelmente e, em um contexto cultural, muito prejudicialmente, distanciando-se da noção mais central das forças produtivas na qual, apenas, para lembrar brevemente, a coisa mais importante que um trabalhador produz é sempre ele mesmo, tanto na condição específica de seu trabalho quanto na ênfase histórica mais ampla dos homens produzindo-se a si mesmo e a sua história (WILLIAMS, 2011, p.48 e 49).

Ora, o que Williams propõe é pensar “a noção de determinação como a de fixar limites e exercer pressões” (WILLIAMS, 2011, p.44). Em outras palavras, é preciso: primeiro, deixar de lado a noção de uma base sólida, autônoma e sobretudo abstrata, retroalimentada por um tecnicismo, ausente de qualquer interferência humana; segundo, reconhecer a vitalidade da superestrutura impulsionada pelas práticas sociais cotidianas, onde se configuram ideias e contestações a partir da formação de diversos grupos que compartilham dos mesmos valores; terceiro, pensar tanto nas relações de produção quanto nas relações sociais como uma totalidade movida por experiências humanas reais, e portanto, onde ocorrem contradições e confrontos essenciais para a dinâmica da história.

Boa parte das proposições de Williams baseia-se em uma combinação que trabalha o conceito de totalidade de Lukács, bem como as ideias sobre hegemonia de Gramsci. Segundo o autor, a ideia de totalidade social, proposta por Lukács, oferece uma leitura cultural diferente dessa predominância monolítica, da qual, afinal, é possível propor uma teoria que “visualiza o estudo da cultura como o estudo das

relações entre elementos em todo um modo de vida” (WILLIAMS, 2011, p.28). Isto possibilita uma interpretação mais abrangente de vida social, além de substituir a prevalência da fórmula base-superestrutura por forças mutuamente determinantes, porém nunca homogêneas, isto é, haverá sempre desigualdade na intensidade das determinações.

Partindo do conceito de reificação de Lukács, Williams (1979) corrobora com sua teoria de que o predomínio da atividade econômica sobre as demais atividades e valores humanos precisa ser compreendido sob uma ótica histórica, segundo a qual esse domínio, ou “essa deformação” assim chamada pelo autor, na verdade, é parte de uma organização maior chamada capitalismo. E que durante a era moderna expande-se significativamente, de tal forma que essa reificação, objetificação, começa a penetrar nas outras esferas de relações sociais. Trata-se de uma releitura na qual todos os níveis passam por uma prática humana que se movimenta dentro de uma organização totalizante.

Com a noção de totalidade de Lukács, a dialética materialista é revisitada excluindo-se as abstrações de um “marxismo vulgar” determinista para quem os fatos se constituem de maneira independente dentro de uma realidade fundamentada sobre as relações de produção capitalista.

A sociedade não é nunca, então, apenas a casca morta que limita a realização social e individual. É sempre também um processo constitutivo com pressões muito poderosas que se expressam em formações políticas, econômicas e culturais, e são internalizadas e se tornam “vontades individuais”, já que tem também um peso de constitutivas. Esse tipo de determinação – um processo complexo e inter-relacionado de limites e pressões – está na própria totalidade do processo social, e em nenhum outro lugar: não num ‘modo de produção’ abstrato, nem numa “psicologia abstrata” (WILLIAMS, 1979, p.91).

Em *História e consciência de classe*, Lukács (2003) recorre à dialética hegeliana a fim de renová-la dentro da tradição marxista, desdobrando-a a partir de propostas com apelo à realidade cotidiana. Lukács também refere-se ao “marxismo vulgar” como aquele cujas concepções permanecem puramente no campo teórico cientificista, restringindo-se aos fenômenos em si, sem propor interconexões entre eles e com o contexto de forma mais ampla. Em outras palavras, seria, portanto, fundamental superar o caráter meramente contemplativo do pensamento burguês por meio de uma práxis crítica, que para além da compreensão dos fatos em si, deveria

interrelacioná-los de modo que a realidade pudesse ser compreendida dentro de uma cadeia de fatores que se coadunam.

Se a intenção era chegar a uma decisão essencialmente fundamentada, nunca se poderia permanecer na reflexão dos fatos imediatos; antes, seria preciso esforçar-se sempre para descobrir aquelas mediações, muitas vezes ocultas que conduziram a tal situação e sobretudo tentar prever algumas que provavelmente nasceriam dela e determinariam a práxis posterior (LUKÁCS, 2003 p.11).

Para Lukács (2003), o caráter enganoso do cientificismo vulgar, que tende a transformar a realidade em cifra estatísticas, reside justamente no fato de abstrair o fenômeno de uma realidade dentro da qual ele está originariamente inserido para então aplicá-lo a uma teoria. O fato puro das ciências naturais tende a produzir um método que contesta a dialética como forma de conhecimento da realidade. A produção isolada dos fatos transformados em consciência social é uma atribuição imanente do próprio capitalismo dada por meio da reificação, e que, portanto, anula a necessidade de uma justaposição dos fenômenos, isto é, de uma interpretação atrelada mais aos meios do que aos próprios fins. “Sendo assim, pode parecer particularmente científico levar até o fim e elevar ao nível de uma ciência essa tendência já inerente ao próprio fato” (LUKÁCS, 2003, p.72).

Para a dinâmica dialética, trata-se não apenas de abarcar a teoria como propulsora de transformações práticas, mas antes, de entender os mecanismos pelos quais ela é apropriada pela sociedade. O cerne dessa relação conjunta (teoria e práxis) é, assim, uma das formas de se apreender a realidade em sua totalidade.

Muito embora Lukács reconheça a definição de dialética dada por Engels como sendo um “processo constante da passagem fluida de uma determinação para outra, uma superação permanente dos contrários” (LUKÁCS, 2003, p.67), é necessário acrescentar uma dialética pontual entre sujeito e objeto na qual o senso de unidade apenas se estabelece entre consciência e realidade, entre os fatos e a totalidade. Em outras palavras, a dialética materialista estabelece uma relação direta da análise com seu objeto. “Não basta que o pensamento tenda para a realidade; é a própria realidade que deve tender para o pensamento” (MARX apud LUKÁCS, 2003, p.65). Desta forma, quando as partes encontram seu reconhecimento no conjunto, ocorre a transformação da realidade, o que, aliás, é o eixo que sustenta a dialética materialista

A relação da totalidade e suas relações dialéticas com a sociedade dão conta, portanto, de reconhecer uma consciência objetiva que se manifesta nas relações práticas e suas interconexões. “Ao se relacionar a consciência com a totalidade da sociedade, torna-se possível reconhecer os pensamentos e sentimentos que os homens *teriam tido* numa determinada situação da sua vida” (LUKÁCS, 2003, p.141). É neste sentido, portanto, que William utiliza-se dos conceitos de Lukács para defender uma estrutura do sentimento que é construída dentro de uma dinâmica histórica, na qual o sujeito e as circunstâncias gerais estão diretamente relacionados em uma dialética concreta, experimentadas culturalmente e cotidianamente.

Contudo, ainda que a teoria de Lukács lance novos olhares sobre a interpretação base-superestrutura, ela ainda se revela incompleta, visto que, para Williams (1979), ela apresenta dois níveis de deficiência: primeiro, ao designar as atividades humanas dentro de uma totalidade, Lukács abstrai qualquer possibilidade de reflexão e reação. Ora, se todos são apenas parte dela, então “nossa própria consciência, o nosso trabalho, os nossos métodos estão, portanto, criticamente em jogo” (WILLIAMS, 2011, p.29). Se considerarmos a formação da totalidade a partir de inúmeras práticas sociais inter-relacionadas e reconhecidas dentro dessa unidade, então estamos falando apenas de uma realidade que flui sem uma intencionalidade. Por isso, a noção de intenção torna-se fundamental para que, em certa medida, não se afaste a possibilidade de existência de um processo de determinação que resulta da desigualdade das forças que se influenciam mutuamente. Isto quer dizer que seria inviável pensar uma sociedade e suas relações sem tomada de consciência, sem questionamento, sem confronto.

O segundo ponto conflitante reside no fato de Lukács deter-se em uma noção que permanece causal: a de reflexo, e desta maneira, entendendo as relações sociais e culturais como formas reflexivas de um todo. Essa noção está presente sobretudo em *A teoria do romance* e é retomada brevemente em *História e consciência de classe*.

Pois de fato, a todo naturalismo subjaz teoricamente o espelhamento “fotográfico” da realidade. A ênfase aguda da oposição entre realismo e naturalismo, que falta tanto ao marxismo vulgar como às teorias burguesas, é um pressuposto insubstituível da teoria dialética do reflexo e conseqüentemente, também de uma estética no espírito de Marx (LUKÁCS, 2003, p.48).

Para Williams são justamente essas causalidades a serem anuladas, a teoria do reflexo de Lukács não contribui para que esses limites sejam esmaecidos. De outra forma, as manifestações culturais da sociedade, e de onde se estruturam os sentimentos, necessitam elas mesmas serem compreendidas como formas de produção, visto que “essa separação, já na formulação do problema pode impedir-nos de ver, ainda, o fato de que a sociedade é constituída e constituinte da cultura” (CEVASCO, 2001, p.146). Logo, Williams revisita a totalidade circunscrevendo-a na teoria de hegemonia de Gramsci para quem a hegemonia é primordialmente “o resultado de uma luta entre sociedade civil e a sociedade política de um determinado período histórico, com certo equilíbrio instável entre as classes [...]” (GRAMSCI, 2011, p.292).

Gramsci evita cair no idealismo segundo o qual as relações sociais são meramente reflexo ou imitação da base produtiva. Além disso, o sentido de totalidade em Gramsci pressupõe uma espécie de saturação do que é vivido em sociedade a partir de uma força limitadora de senso comum, “de maneira que corresponde à realidade da experiência social muito mais nitidamente do que qualquer noção derivada da fórmula de base superestrutura” (WILLIAMS, 2011, p.52). É preciso, portanto, falar em uma hegemonia que admita a realidade da dominação, da pressão, bem como permita às formações sociais uma mudança real e constante a partir de suas experiências.

Percebe-se em Gramsci o reconhecimento do domínio e da subordinação a certas forças que ainda constituem o todo, evidenciando por isso a permanente desigualdade de forças existentes entre classes. O predomínio do sentido político em que um Estado controla as demais forças persistiu, sobretudo, a partir do século XIX e se mantém até hoje como uma visão política que se expressa e se impõe.

Ainda com Gramsci o termo ganhou, segundo Williams (2007), uma noção ao mesmo tempo complicada e variável. Isto significa que hegemonia não se limita apenas a uma visão política, antes, trata-se de uma força no seu sentido mais amplo, ou seja, um modo particular de ver o mundo e de estabelecer relações. Enquanto uma visão de mundo que se estabelece sobre outra, a hegemonia difere neste sentido de ideologia, isto porque, de acordo com Williams (2007), a hegemonia em sua totalidade não se sustenta apenas dos ideais de uma classe dominante, mas também precisa da aceitação de suas ideias como uma “realidade normal” por parte dos subordinados. Isto coloca em questão o entendimento de hegemonia como uma forma de governo

que existe apenas em instituições políticas e econômicas, devendo ser entendida também como uma forma cultural, incluindo a práxis da consciência e da experiência.

Talvez por isso mesmo uma das outras definições de Gramsci busca um sincronismo entre o termo hegemonia e o conceito de democracia, estabelecendo desta forma uma relação simbiótica entre a classe dominante e a dominada. Contudo, isto só é possível na medida em que não existam grupos fechados e que também as circunstâncias sociais dentro do cenário político, econômico e judiciário “favoreçam a passagem molecular dos grupos dirigidos para os grupos dirigentes” (GRAMSCI, 2011, p.293).

Williams aproxima o termo hegemonia de toda uma realidade constituída e vivida, portanto, não se trata de um conceito remanescente de ideologia, vista em um nível superior com seus mecanismos de dominação ou manipulação. Hegemonia para Williams,

É todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significado e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirma-se reciprocamente (WILLIAMS, 1979, p.113).

Essas experiências constituídas em processo dialético, isto é, determinadas, mas também determinantes, resultam por sua vez na estruturação dos sentimentos e suas manifestações dentro uma cultura. Desta forma, continua Williams, a hegemonia “é, no sentido mais forte, uma ‘cultura’, mas uma cultura que tem também de ser considerada como o domínio e subordinação vividos de determinadas classes” (WILLIAMS, 1979, p.113). Assim, o conceito de estrutura do sentimento correlaciona-se com a ideia de uma cultura hegemônica que, resultante de contrastes e contradições, possibilita a vivência de uma realidade por meio da práxis. Em vista disso, torna-se mais clara a compreensão da estrutura do sentimento como uma experiência social e material que passa pelo plano da consciência e também da linguagem. Falamos, neste sentido, de um processo histórico, cuja formação, segundo Williams (1979), decorre do que é articulado e vivido: articulado graças à produção semântica, ou seja, nos tornamos consciente quando sentidos nos são dados; e vivido a partir da percepção de experiências conflitantes que, ao final, questionam o sistema hegemônico. “Trata-se de recuperar para a teoria tudo o que se vive na prática social”. (CEVASCO, 2001, p.156). Para Cevasco, a estrutura do sentimento é, portanto,

uma resposta a mudanças determinadas na organização social, é a articulação do emergente, do que escapa à força acachapante da hegemonia, que certamente trabalha sobre o emergente nos processos de incorporação, através dos quais transforma muitas de suas articulações para manter a centralidade de sua dominação (CEVASCO, 2001, p.158).

Desta forma, Williams reconhece uma totalidade hegemônica que congrega internamente diversas práticas conflitantes, mas que em certa medida convivem com um “sistema central, efetivo e dominante de significados e valores que não são meramente abstratos, mas que são organizados e vividos. É por isso que a hegemonia não pode ser entendida no plano da mera opinião e manipulação” (WILLIAMS, 2011, p.53). Esses significados e valores centrais são experimentados na prática e coexistem mutuamente. Assim, a hegemonia é entendida enquanto uma dada circunstância, uma realidade não estática que exerce limites e pressões e, portanto, congrega dentro de si conflitos e interesses.

Neste sentido, a dinâmica da história só pode ocorrer dentro de uma sociedade vital, real em sua complexidade e substancial. Portanto, se é possível pensar em práticas contraditórias à cultura dominante, então para Williams é preciso pensá-las sob dois pontos de vista: o que é alternativo e o que se opõe (opositor) ao valor dominante. Para isso, é preciso também reconhecer a linha tênue que separa o alternativo do opositor quando se tem, de um lado, o indivíduo que deseja viver de maneira diferente (alternativo); e do outro, um sujeito que descobrindo uma forma diferente de viver também deseja transformar a sociedade (opositor). Essas são manifestações que decorrem numa crise social e que por sua vez podem ser revolucionárias.

Em outras palavras, o que se coloca em questão é: a partir de que momento uma experiência diferente torna-se uma ameaça ao sistema hegemônico? A resposta talvez esteja na confrontação, isto é, enquanto essa experiência diferenciada não colidir com a estrutura dominante, ela permanece apenas na esfera alternativa. De outra forma, quando essa experiência carrega uma intenção transformadora, ela pode ser interpretada em muitos casos como um movimento opositor.

Como veremos mais adiante, se tomarmos como exemplo a intensificação da vida eremítica, entre os séculos XIII e XV, justamente quando da configuração das cidades, isto significa, em certa medida, uma manifestação “contra-cultural” aos primeiros traços do latente capitalismo que se inicia não apenas com o crescimento

das cidades, mas também com a expansão do comércio, o surgimento de novas mídias de comunicação, o desmembramento da Igreja, a secularização e, sobretudo, a intensificação da vida nervosa no espírito da urbe que gradativamente superestima a individualidade e abstrai a noção de tempo na vida das pessoas.

Assim, a escolha do eremita, por exemplo, em refugiar-se nos bosques torna-se inicialmente uma resposta a essas transformações da época. Isto sem cair em interpretações românticas, até porque a vida dos reclusos da floresta estava sujeita aos mais variados perigos, como guerras, assassinatos, doenças, fome e animais selvagens. Contudo, um movimento que era primordialmente visto como alternativo, inofensivo, torna-se evidentemente ameaçador, na medida em que as solidões configuram-se como potenciais atitudes subversivas, colocando em risco o poder vigente.

Da mesma forma, durante o Século das Luzes, a solidão era civilmente aceita até o limite da expansão da autonomia pessoal. Para além disso, o isolamento deliberado poderia colocar em risco o funcionamento de um sistema baseado nas relações sociais enquanto relações contratuais.

Por isso hoje a solidão tenha se transformado em preocupação e, conseqüentemente, em objeto de estudo para muitas pesquisas. Enquanto sua existência e suas experiências correlatas não colocavam em risco a credibilidade do sistema, isto é, enquanto os números de suicídio não subiam, os depressivos eram subnotificados, as licenças para tratamento de doenças mentais, ansiedade e *burnout* não interferiam no ritmo da engrenagem, essa experiência era tomada por uma manifestação inofensiva, ou até mesmo como uma possibilidade alternativa de vida, tal como os antigos eremitas. Um exemplo sintomático é a inclusão, no relatório do Fórum Econômico Mundial 2019, de tensões psicológicas como fatores de risco à economia global. Isto significa que, pela primeira vez, depois de quase 40 anos de existência do Fórum, os aspectos emocionais, tais como depressão, raiva, ansiedade e solidão, são tomados em conta justamente por afetarem diretamente o sistema. Dados do relatório apontam que a Organização Mundial da Saúde registrou um aumento de 54% nos casos de depressão e de 42% nos de ansiedade, entre os anos 1990 e 2013. Ainda de acordo com os estudos do Fórum Econômico Mundial, nos últimos anos,

um grande valor monetário tem sido gasto com problemas psicológicos e emocionais. Isto normalmente fica implícito, e, no entanto, merece mais atenção – não apenas porque o declínio do bem-estar psicológico e emocional é um risco por si só. Também afeta o panorama geral de riscos globais, notavelmente impactando a coesão social e política (WEF, 2019, p.33).

Assim, para além de um estado abstrato, ou mero sentimento, a solidão estrutura-se dentro de um sistema hegemônico, onde diversas práticas sócio-históricas contribuem para seu processo de formação, bem como para sua interpretação.

Por isso, as premissas de Williams a respeito da estrutura do sentimento são norteadores para compreender de que maneira o homem contemporâneo convive com sua solidão. Se a estrutura do sentimento é, como afirma Cevasco, “a articulação de uma resposta a mudanças determinadas na organização social” (CEVASCO, 2001, p.153), então a solidão configura-se como essa prática social e mental dentro de um processo histórico mais amplo no qual estão em curso a intensificação da vida urbana, o desenvolvimento dos meios de comunicação e as mudanças no cenário político-econômico.

3.2 MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO ARTEFATOS SÓCIO-CULTURAIS

Uma das grandes contribuições de Williams foi compreender o desenvolvimento dos meios de comunicação dentro de uma relação dialética. Para o autor, eles não são essencialmente determinantes para novas formas de relações sociais, bem como também não são determinados pelas relações de produção do sistema. Desta forma,

O determinismo tecnológico é uma noção insustentável, porque substitui as intenções econômicas, sociais e políticas pela autonomia aleatória da invenção ou por uma essência humana abstrata. Mas a noção de uma tecnologia determinada é também, de forma semelhante, uma versão apenas parcial ou de uma face do processo humano. Determinação é um processo social real, mas nunca um conjunto de causas completamente controladoras e definidoras (WILLIAMS, 2016, p.139).

Portanto, a compreensão do desenvolvimento dos meios de comunicação passa pelo estudo do processo histórico dentro do qual estão inseridos. Isto porque, segundo Williams (2011),

os meios de comunicação têm uma produção histórica específica, que é sempre mais ou menos diretamente relacionada às fases históricas gerais das capacidade produtiva e técnica. E também, porque os meios de comunicação historicamente em transformação, possuem relações históricas variáveis com o complexo geral das forças produtivas e com as relações sociais gerais, que são por ele produzidas e que as forças produtivas gerais tanto produzem quanto reproduzem (WILLIAMS, 2011, p.69-70).

Sob a perspectiva materialista histórica, a teoria da comunicação por vezes é ofuscada por correntes que defendem o conceito de meios de comunicação como ferramentas, isto é, uma “mídia”, um mero dispositivo de troca de informações entre sujeitos que cumprem o papel de emissor, de um lado, e de receptor, do outro. Neste esquema, por vezes, simplório, os interlocutores são vistos de maneira abstrata, categorizados apenas como elementos de um sistema fixo, estático.

Em segundo lugar, há também uma tendência que separa os meios de comunicação entre meios “naturais” e “tecnológicos”, sendo o primeiro grupo caracterizado pela vivência cotidiana, no contato face a face, e o segundo, agrupado de forma generalizada, em torno de dispositivos mecânicos e eletrônicos como “meios de comunicação de massa” (WILLIAMS, 2011, p.71). Mas do ponto de vista analítico, é impossível negar a presença da linguagem dos meios “naturais” nos meios de comunicação de massa, visto que a linguagem cotidiana é usada de maneira variável entre os diferentes meios eletrônicos.

Logo, o problema dessas abordagens está justamente no fato de recaírem no velho determinismo tecnológico segundo o qual as propriedades técnicas determinam as relações sociais, abstraindo desta maneira qualquer possibilidade de força produtiva, bem como as práticas sociais dentro das quais são criados.

Williams (2011) identifica ainda uma terceira posição herdada e disseminada entre o marxismo que distingue os meios de comunicação dos meios de produção. Trata-se de uma posição relacionada à formulação base e superestrutura, em que os meios de produção estariam estritamente relacionados à produção de mercadorias, isto é, de objetos para o mercado. Consequentemente, aos meios de comunicação restaria uma posição secundária (superestrutura), sendo incluídos no processo apenas após elencarem elementos da base produtiva. É uma proposição que precisa ser revista, visto que no século XX, a partir da sociedade moderna, os meios de comunicação como meios sociais de produção assumem um papel importante dentro da nova característica comunicativa da sociedade moderna. Basta acompanhar a

história dos meios de transporte, da escrita, dos meios de impressão e eletrônicos para compreender uma mudança qualitativa em relação à produção em geral.

Para Williams (2011), é preciso compreender os meios de comunicação como meios de produção dentro de um complexo de forças sócio-produtivas gerais, formulando uma posição teórica a partir de um processo histórico dos meios de comunicação, das diversas fases de suas atividades e que incluiria o atual estágio de desenvolvimento de nossa sociedade.

Por isso, quando o autor reconhece a tecnologia “em produção e comunicação, seja em transporte mecânico e elétrico, ou em telegrafia, fotografia, cinema, rádio e televisão, como incentivos e respostas dentro de uma fase de transformação social geral” (WILLIAMS, 2016, p.31), ele a realoca enquanto forma cultural e não enquanto uma abstração, um fenômeno a parte das transformações materiais-históricas.

Desde que as tecnologias começaram a se sobressair dentro do processo social, seus efeitos passaram a ser amplamente discutidos, sobretudo dentro dos estudos sociológicos e psicológicos entre as décadas de 1950 e 60. A característica mais significativa de todo esse debate tem sido o isolamento dos meios de comunicação, abstraindo-os de um processo histórico social. Foi Williams, a partir do estudo da televisão, na década de 1970, quem trouxe a discussão para um debate ampliado, implicando os meios de comunicação em questões mais genéricas, muito além da “manipulação” ou “degradação cultural”. Sob esse ponto de vista, Williams realoca os estudos do desenvolvimento tecnológico dentro de uma abordagem cultural, isto é, dentro de uma consciência prática, buscando desta forma evitar tanto um pensamento pessimista que contamine às reações em relação às novas tecnologias, quanto ideias efusivas que levem a cabo o monopólio dessas tecnologias. Assim,

o erro é que partilhar desse pessimismo significa, por uma via, compactuar com uma posição que imagina que só há uma coisa a defender: o passado. [...] Por outra via, eximir-se de tentar influir no debate equivale a deixar o espaço aberto para uma nova classe de intelectuais/ideólogos que já estão ocupando e dirigindo o curso dessas novas tecnologias (CEVASCO, 2011, p.228).

Uma das maiores contribuições da teoria cultural de Williams está no fato de compreendê-la menos como uma abordagem metodológica e mais como uma consciência do processo, em que os efeitos só podem ser estudados a partir de

propósitos reais e não simplesmente das formas aparentes. Por isso, não se pode abstrair dos estudos dos meios de comunicação uma intenção latente. De outro modo, torna-se apenas um reducionismo ortodoxo de uma análise fundamentada na unidade hermética locutor-mensagem-intelocutor. Uma das principais críticas dos estudos culturais, neste sentido, volta-se ao formalismo na teoria de McLuhan, quando do isolamento dos meios de comunicação a partir da formulação “o meio é a mensagem”. Para Williams, trata-se “de um determinismo tecnológico aparentemente sofisticado, que tem o importante efeito de indicar um determinismo social e cultural: um determinismo que, podemos dizer, ratifica a sociedade e a cultura que temos hoje” (WILLIAMS, 2016, p.136). Ao dessocializar toda a operação despreza-se a existência de um propósito gerador, de um conteúdo, reduzindo todo o processo à ocorrência de um evento físico sobre um sensorio abstrato.

Por outro lado, compreender a apropriação dos meios tecnológicos como estado sintomático de uma sociedade atendida por pesquisas que inicialmente ocorrem à margem e depois transitam pelas práticas cotidianas, também é abstrair a história de seu desenvolvimento. Sob esta perspectiva, a tecnologia é reduzida à mera extensão, projetada unicamente para aprimorar as demandas prementes do sujeito social. Como afirma Cevalco (2001),

Williams mostra que as duas versões [determinismo tecnológico e tecnologia como sintoma] pressupõem a tecnologia como algo isolado da sociedade, quando o que ocorre de fato é que as “invenções” tecnológicas se dão no interior de relações econômicas e políticas já existentes e correspondem a intenções que determinam as direções e usos das invenções (CEVASCO, 2001, p.230).

É preciso reconhecer, portanto, a existência de um sistema social central, controlador de operações, que exerce uma projeção intencional sobre a sociedade. Afinal, a tecnologia não opera por si, o fator intencional será sempre praticado por um determinado grupo social.

Desta forma, “qualquer eliminação da história, no sentido de tempo e lugares reais, é essencialmente a eliminação do mundo contemporâneo, no qual dentro de limites e pressões, os homens agem e reagem, lutam e concedem, cooperam, entram e conflito e competem” (WILLIAMS, 2016, p.138). Trata-se de pensar a determinação não como um sistema fechado, definidor, uma força abstrata que recai em mero idealismo; e sim como um processo em que fatores determinantes reais, isto é, “a

distribuição de poder ou capital, a herança social ou física, a relação entre grupos colocam limites e exercem pressões, mas não controlam nem preveem completamente o resultado de uma atividade complexa nesses limites” (WILLIAMS, 2016, p.139).

Os estudos de Williams a respeito da televisão, na década de 1970, são fontes visionárias passíveis de releitura para os dias atuais. Muito embora o autor não tenha mencionado ou previsto a convergência das mídias como conhecemos hoje, os aportes teóricos das ciências culturais permitem entrever que, assim como a invenção da televisão foi um processo de intenções conjuntas (militares, administrativas, comerciais e científicas), operacionalizada dentro de formas reais, assim também o são a internet e os aparatos tecnológicos de comunicação do século XXI.

Logo, Williams norteia a compreensão da intensificação da solidão ao passo de uma sociedade dilacerada do pós-guerra que se isola por de trás dos aparatos técnicos em detrimento das experiências reais. Os traumas reais vividos manifestam-se em uma cultura na qual o paradoxo entre o desejo por conexão humana, por solidariedade pós-destruição em massa, e a necessidade de autopreservação, resultam em um conflito existencial entre necessidade de contato real e supervalorização da individualidade protetiva.

4 MAPEAMENTO HISTÓRICO-CULTURAL DA SOLIDÃO

Nada mais desafiador do que extrair uma experiência emocional das relações com as tecnologias de comunicação que à primeira vista parecem frias e racionais. Isto porque a dificuldade na historicização de um sentimento esbarra muitas vezes na qualidade abstrata do próprio tema. Em vista disso, o estudo das emoções nas ciências da comunicação exige uma abordagem não apenas do ponto de vista subjetivo ou pontualmente dos aparatos tecnológicos em si. Ele também passa pela compreensão das normativas sociais que de outra forma também colaboram para estruturar um sentimento. Assim, dentro de uma perspectiva sócio-cultural, este trabalho pretende traçar um breve mapeamento da solidão ao longo do desenvolvimento da sociedade ocidental a fim de compreender sua conotação pejorativa como conhecemos hoje – isto é, a solidão enquanto sinônimo de fracasso. Com os aportes historiográficos da coletânea *História da Vida Privada*, bem como *L'Histoire de la Solitude et des Solitaires*, de George Minois, é possível revelar percepções diferentes da mesma experiência em três períodos distintos: alta Idade Média, modernidade e pós-guerra.

Para além de um estado contemporâneo e abstrato, a solidão insere-se em um processo espaço-temporal analisado sob a ótica de uma cartografia da formação urbana, bem como do surgimento e da consolidação do capitalismo com as bases produtivas industriais, concomitantemente com a criação de novas tecnologias de comunicação. O processo de formação das cidades revela-se uma abordagem importante na medida em que o sentimento de solidão se fundamenta muitas vezes de maneira incognoscível sobre uma vida cidadina na qual a força da imagem se revela em três nichos: a cidade como plataforma visual, o desenvolvimento dos meios de comunicação e a emergência de uma imagem mental galgada no sucesso e promoção individual. Em um processo secular, tudo isto converge para um cenário que parece bem familiar nos dias de hoje: o sujeito urbano isolado, imerso em suas conexões *online*, estimulado visualmente e que vivencia ao mesmo tempo um sentimento de ansiedade e apatia.

Falar da solidão, portanto, e de sua intensificação na vida do homem moderno, é falar da emergência de uma manifestação sócio-cultural cidadina configurada dentro de um cenário econômico e tecnológico. Por isso, é fundamental recorrer ao passado onde a intensificação da vida nas cidades se configura a partir da própria matéria

(inanimada e humana), onde diversos sistemas de comunicação surgiram e, sobretudo, onde um sentimento de autopromoção se consolida na formação da imagem do sucesso. São esses elementos, portanto, que fundamentalmente têm muito a dizer sobre o estado do homem contemporâneo.

Por isso, no intuito de traçar o mapeamento da solidão e entender como esse sentimento se estruturou no processo de formação da sociedade ocidental, tomaremos como ponto de partida o processo de desmonte da sociedade feudal, passando pela configuração das cidades e a relação entre matéria e percepção. Em seguida abordamos o processo de emergência dos meios de comunicação e a ascensão de uma cultura da imagem propiciada pela disseminação das mídias de massa. Finalmente, no último tópico do capítulo, abordaremos a relação entre a imagem que o sujeito constrói mentalmente sobre si mesmo e os primeiros sintomas de sofrimento moderno galgado por uma cultura da aparência e da autopromoção.

Desta forma, a pesquisa vai de encontro às fundamentações teóricas dos estudos culturais e da metodologia da estrutura do sentimento, proposta por Williams, compreendendo um estado e/ou sentimento a partir da inter-relação das práticas sociais. Afinal, como afirma Cevasco, “experiência para Williams é sempre social e material, e portanto histórica” (CEVASCO, 2001, p.157).

4.1 A PRÁTICA EREMITA NA IDADE MÉDIA

O termo *solitudo*, de raiz latina, é comumente traduzido por vias literais em “deserto” ou “lugar de isolamento”. Por isso mesmo, até hoje o termo “solidão” estaria associado apenas a um estado de afastamento social. O problema, como afirma Minois (2013), é que o ser humano é um ser pensante para quem a solidão também se transforma em um sentimento. Daí os mal-entendidos de que a solidão passa apenas por um estado de isolamento físico. “Viver sozinho e sentir-se sozinho são duas coisas diferentes que o uso comum não distingue, transformando-se, portanto, numa fonte ambígua” (MINOIS, 2013, p.10). Ora interpretada como chaga social, ora como virtude relegada a poucos, a solidão é até os dias de hoje um divisor de opiniões a respeito de seus males e benefícios.

A riqueza do termo é, em razão disso, carregada de história. Uma história que se destaca desde a vida dos eremitas, dos monges confinados nos mosteiros, dos cavaleiros solitários da Idade Média; passando pela formação da burguesia e suas

leituras de gabinetes e escritas íntimas, no século XIX; até o homem fragmentado do pós-guerra, sozinho na multidão, rodeado de meios técnicos difusores de imagem que engendram, por fim, o solitário do século XXI, confinado em suas redes sociais na internet.

O tema solidão constitui há tempos um dos mais instigantes objetos de estudo que passa pela medicina, neurociência, psicologia, filosofia, sociologia, comunicação, enfim, uma infinidade de áreas envolvidas para compreender como e porquê este estado e/ou sentimento ainda atemoriza e fascina, rondando nossos dias como um fantasma cujo único objetivo é lembrar ao ser humano sua frágil condição existencial. A história da solidão é a história da vulnerabilidade humana e sua gênese foi, a princípio, associada a uma concepção cristã que associa o estado de vacuidade ao temor das trevas. Assim, Deus teria feito a luz para preencher o vazio, criar o homem e os seres e separá-los da escuridão silenciosa.

É nesta ambiência que se desenrolava a vida durante a Idade Média, um período no qual a sociedade constitui-se de uma rede fechada e ambígua. Isto porque, ao mesmo tempo em que os laços sociais aprisionam, eles garantem tranquilidade ao indivíduo, protegendo-o dos perigos iminentes. Em um ambiente ameaçador, estar sozinho é estar condenado às trevas exteriores e à morte sem redenção. No imaginário medieval, o solitário é todo aquele que escapa aos laços normais e lícitos para a época. A comunidade reina, e atestar sua identidade significava pertencer a um dos grupos vigentes, seja a cavalaria, o senhorio, a nobreza, uma família ou ordem religiosa. Negligenciar esse plano certamente faria o sujeito recair em uma condição animalesca junto aos lobos, ursos e sobreviver aos inúmeros delinquentes e marginalizados, como bandidos, assassinos, leprosos, doentes mentais, excomungados, viajantes destemidos e prostitutas. “A solidão laica tem uma má reputação. Viver sozinho coloca o indivíduo sob suspeição, de que se tem qualquer coisa a esconder ou que se têm poderes extraordinários e diabólicos. É preciso ser louco, bruxo ou bruxa para viver sozinho” (MINOIS, 2013, p.109).

Em uma estrutura granulosa, na qual membros de famílias numerosas conviviam em um espaço exíguo, a intimidade era algo impensável. Para além dos muros de cada residência, a privacidade também estava sob intenso patrulhamento coletivo, qualquer atitude fora das normativas da época soava como suspeita. Não havia solidão sem vigilância, sobretudo em tempos quando servos, senhores, cavaleiros, vassalos e nobreza pertenciam à igreja medieval. Não havia prática social

que passasse despercebida pelo crivo clerical: política, economia, justiça e militarismo, tudo deveria estar sob a tutela divina. Nem mesmo as relações sociais escapavam à vigilância contínua. Dentro das aldeias, onde as fronteiras entre o público e privado inexistiam, os segredos da vida íntima, expostos nas rodas de convivência, demonstram de modo frágil e coercitivo como até mesmo a independência era coletiva.

Por sua vez, no interior dos lares, o momento para estar consigo próprio jamais era previsto e quem decidia arriscar-se para além dos muros, expunha-se a uma série de perigos. Por isso, fora da clausura doméstica, a vida configurava-se somente em grupos, e aquele que imprudentemente aventurava-se a só era supostamente um transgressor ou um audaz. A sociedade feudal era, portanto,

de estrutura tão granulosa, formada de grumos tão compactos que todo indivíduo que tentasse se libertar do estreito e muito abundante convívio que constituía então a *privacy*, isolar-se, erigir-se em torno de si sua própria clausura, encerrar-se em seu jardim fechado, era imediatamente objeto, seja de suspeita, seja de admiração, tido ou por contestador ou então por herói, em todo caso impelido para o domínio do “estranho”, o qual atentemos as palavras, era antítese do “privado” (DUBY, 1990, p.504).

Por isso mesmo, as novelas romanescas de cavalaria, contadas oralmente dentro dos palácios, eram consideradas por muitos um meio de fuga – ainda que fantasioso – à tirania feudal. Ora reais ou sonhados, conflitantes ou conciliadores, os cenários esboçados no romance de cavalaria agiam como uma espécie de “compensação onírica às frustrações que amadurecia, no seio privado feudal” e que comprimiam as aspirações de liberdade pessoal (DUBY, 1990, p.511).

Solidão, portanto, era a porta aberta para Satã. “E disse Deus: não é bom que o homem esteja só” (Gênesis, 2:18). Em seu discurso dualista, a Igreja transitava entre o “sagrado” e o “profano”, conferindo à prática do isolamento o status de legalidade diabólica. Sendo assim, seria prudente ao indivíduo permanecer na segurança do espaço “ordenado, claro e gerido como apraz a Deus, a fim de evitar os ‘maus caminhos’” (DUBY, 1990, p.504). Nestas circunstâncias, apenas aos monges era concebida uma reclusão socialmente aceita, pois, além de responsáveis pela produção intelectual do período, estavam cerceados pelos limites do divino.

Mas em cena, também estava o eremita. Se o monge enclausurado nas abadias era a única solidão prevista na Idade Média, o eremita era o personagem que, apesar de todas as reservas de autoridade moral da época, fascinava e espantava a

sociedade. Havia um paradoxo nos eremitas que chamava a atenção dos homens, esse caráter espetacular independente, em contraposição à vida dos mosteiros que parece entediante, banal e mesmo confortável. Muito embora o eremitismo, que começou entre os séculos IX e X, apresentasse características variadas, como, por exemplo, os eremitas urbanos que se isolavam em uma cela agregada aos mosteiros, ou as comunidades de anacoretas afastadas da sociedade e que viviam uma espécie de “solidão coletiva”, o eremita que fascinava era aquele que se refugiava nos recônditos da floresta em busca de elevação espiritual.

Admirado e rejeitado, o eremita dos bosques de certa forma era a reconciliação entre a fé cristã, pela devoção ao Deus monoteísta, e o movimento pagão, pela busca de conexão com o ambiente circundante. Sua jornada isolada pela iluminação pessoal reclamava o contato direto com a natureza e não o celibato enclausurado dos mosteiros. Contudo, ainda que desprezado do legalismo clerical, o eremita mantinha resquícios do cristianismo. Estes homens, portanto, representaram um movimento alternativo ao sistema dominante, mas ainda com fortes vestígios da tradição e, muito embora, sobrevivessem aos olhares de desconfiança, ainda projetavam um deslumbre libertário:

A solidão profética, marginal e, no limite, subversiva tornava-se difícil diante de uma Igreja cujas estruturas cresciam. Para fazer-lhes frente impunha-se o alto personagem. Contudo, a simpatia popular foi contínua com relação a esses homens extraordinários que simbolizavam o contrário da sociedade à sua volta. Pregadores, esclarecedores, cultivadores, eram sóbrios a ponto de se contentarem com ervas, raízes, nacos de pão seco e água parada. Sempre rezando em silêncio, curavam ao mesmo tempo a alma e o corpo e afugentavam os demônios. Enfim, nada possuíam em sua cabana de galhos. Sozinho, o eremita era uma anti-sociedade, um outro modelo recusando a procura inquieta do ter para encontrar a alegria do ser (ROUCHE, 1989, p.421).

Não por acaso, povoavam os romances de cavalaria, justamente por representarem o desejo de uma liberdade subjacente ao espírito da época. Assim, também de forma transgressora, essas obras “colocavam em cena no imaginário aquilo de que, na realidade, os homens jovens que constituíam a parte mais receptiva do auditório estavam privados, exaltando o desabrochar do indivíduo e celebrando sua liberação em relação a todas as coerções” (DUBY, 1990, p.511).

Por conseguinte, é fácil compreender porque do século XI em diante, em um período que compreende quase cem anos, o eremitismo conheceu um aumento inegável, o que se explica também pelo rápido crescimento urbano, acompanhado

pelo desenvolvimento do comércio, estabilização política e o aparecimento de um sistema administrativo senhorial e religioso em favor das consolidações das cidades que começavam a modificar o espaço de convivência. A vida barulhenta da urbe começa a assumir o papel de gatilho de fuga para muitos religiosos e mesmo cidadãos laicos. O processo de secularização, com o relaxamento de algumas normas morais da igreja e sua conseqüente perda de força, também é um fator contributivo para esse movimento migratório rumo a uma vida pacata.

Assim, os eremitas se espalham por todo o continente europeu, desde o sul da Itália até o norte da Inglaterra. Como afirma Minois, “este estilo monástico de vida, esta proposição de recusa absoluta do mundo” (MINOIS, 2013, p.133), da forma como se desenhava, consolidou um estilo de vida crescente entre os séculos XII e XIII. Até então, os eremitas eram um misto de solitário piedoso e alma contestatória. Mas a sua popularidade os transforma em potenciais agitadores sociais. As autoridades religiosas, desconfiadas dessa crescente onda de migração, começavam a enxergar nos eremitas uma solidão cuja independência poderia revelar-se subversiva. A solidão evoca uma tentação diabólica de separação dos valores cristãos em nome da própria vaidade, e os eremitas representavam aqueles que descreditaram o isolamento dos mosteiros, único divinamente aceitável. Por isso, na Idade Média, a solidão sem vigilância era inviável; já em fins da baixa Idade Média, entre os séculos XIV e XV, esse desejo por liberdade e autonomia mostra-se cada vez mais latente e perigoso aos olhos da Igreja, porém conveniente ao novo sistema que mostrava suas primeiras formas: o capitalismo.

4.2 FORMAÇÕES CAPITALISTAS, ESPÍRITO DA URBE E A CIDADE COMO PLATAFORMA VISUAL

A sociedade da alta Idade Média era uma sociedade rural até o século XI quando então a urbanização transpõe os muros das comunas, resultando, portanto, em uma mudança sociopolítica. Novas estruturas sociais emergem com a formação de novas atividades profissionais, além de inovações no sistema simbólico, como a escrita. Os núcleos urbanos, enquanto portadores de todas essas inovações, passam a constituir um marco de divisão nítida entre campo e cidade. Nos centros urbanos aglomeram-se atividades comerciais e, por isso mesmo, tornam-se motores de acumulação e crescimento. Como a geografia e o avanço das cidades oscilam sempre

para o oeste, isso também explica a formação de uma cultura ocidental fundamentada nas mesmas características.

Do ofício à gestão, é importante compreender a configuração das cidades sob três pontos de vista: primeiro, a cidade dos artesãos, como Chartres, na França, onde, nos subúrbios, os artesãos se reúnem para além dos muros feudais. Segundo, a cidade dos negócios, o modelo mais conhecido pelo mercantilismo; é o caso da Itália, com seus grandes centros no Mediterrâneo. E terceiro, a cidade da gestão, que acolhe ao mesmo tempo a corte e serviços administrativos que controlam o território, como é o caso da região da França Central.

Toda essa vitalidade cidadina, já em princípios do século XI, só é possível graças a um fator cultural importante: a descentralização da escrita das mãos da Igreja. “Essa mudança é produzida pelo desenvolvimento das estruturas de ensino, pela racionalização política e pelo avanço das atividades comerciais e da burguesia urbana” (BARBIER, 2018, p. 39). Aos poucos, portanto, a tradição oral cedeu para a escrita, hábito até então reservado aos monges reclusos. “O monopólio das instituições monásticas sobre as manifestações culturais começa a diminuir a partir do século XII” (GIOVANNINI, 1987, p.70). Das abadias, esses escritos saíram para as universidades, e destas para as cidades. Portanto, a secularização iminente inaugura o período do Humanismo, que encarna a promoção do homem das letras vivendo em meio aos livros. Minois (2013) identifica nessa transformação da Baixa Idade Média uma tendência da solidão se afirmar como diálogo consigo mesmo. Esse diálogo consigo mesmo começa a fazer parte da vida de poetas, filósofos, artistas e religiosos que encarnam a imagem do leitor solitário recluso em seu aposento. Mesmo os eremitas passam a ser vistos como potenciais humanistas que se isolam em suas leituras e pesquisas em busca de conhecimento. A partir do século XV, a iconografia do período vai multiplicar essa ideia, representando personagens imersos em meio aos livros. A figura do eremita São Jerônimo, por exemplo, pintada por Caravaggio, ilustra o espírito da época. Também Maria é interrompida em sua leitura silenciosa quando da visita do arcanjo Gabriel, no quadro *A Anunciação da Virgem*, de Leonardo da Vinci. Assim, como identifica Minois (2013), a solidão segue o passo da individualização agradável e atrativa:

Com o humanismo, a cultura se seculariza; com o Renascimento ela se personaliza; com a Reforma, ela se individualiza. E todas essas correntes convergem para o mesmo sentido, o da autonomia pessoal que requer a

possibilidade de se isolar, não mais para se autoinfligir penitências, mas para refletir, pensar, sonhar, amar, chorar, rezar, ler e escrever (MINOIS, 2013, p.156).

Do ponto de vista político-econômico, a escrita também exerceu um papel importante. Com a desintegração das barreiras feudais, a civilização vivia a efervescência do Renascimento: pólvora, bússola, papel e sobretudo a invenção da imprensa de Gutenberg, que a partir de 1430, modificou progressivamente o hábito da leitura e a divulgação das ideias em escala mundial. A tipografia ampliou o acesso às cópias e o livro não era mais a única informação escrita. Uma acessibilidade antes restrita apenas a alguns grupos, estende-se para um domínio público. As companhias marítimas de Florença, por exemplo, mantinham um correio semanal com outras cidades, estabelecendo assim uma rede de correspondentes para cobrir as principais informações de toda a geografia comercial.

Como o comércio exterior representava uma atividade arriscada, era preciso certificar-se de que as rotas pelas quais passariam os navios estariam livres de catástrofes, roubos e outros tipos de riscos. Por isso, por volta do século XIV, surgiram, no norte italiano, os chamados *avisi* (notícias, avisos), com circulação de informações a respeito das rotas das mercadorias.

A princípio, os *avisi* eram organizados pelos grandes comerciantes de maneira informal e amadora. Apenas quando alguns deles, mais visionários, transformaram a notícia num negócio é que os *avisi* começaram a se autonomizar, dando origem aos primeiros “jornais” do século XV e XVI. É por isso que em certa medida a emancipação da burguesia é indissociável à autonomização da imprensa e outros meios técnicos de escrita e informação.

Só foi possível transformar as notícias em negócio quando não mais eram somente notícias de negócios. Tudo aquilo que poderia chamar a atenção de um vasto público, fosse o produto de uma imaginação desenfreada ou de sóbria observação, provado ou não, satisfazia as condições de uma notícia (TÜRCKE, 2014, p.97).

Desta forma, os *avisi* se popularizaram com suas notícias sobre lutas religiosas, guerras, decisões papais, pragas, abortos, tempestades e terremotos, criando um solo fértil para o mercado e para as primeiras impressões de jornais.

Entre os séculos XV e XVI, algumas companhias comerciais também já circulavam boletins de caráter político-econômico. “A necessidade de informação

vinha se impondo com uma evidência cada vez maior, juntamente com a transformação da sociedade e com o amadurecimento de interesses culturais mais amplos” (GIOVANNINI, 1987, p.146). Afirmava-se cada vez mais o desejo latente de autonomia e individualidade.

Assim sendo, o social e o cultural caminham indissociavelmente, como previra Antoine Prost (1998). As práticas culturais permitem ao indivíduo pensar a experiência a partir de sua vivência cotidiana, bem como sentimentos importantes tal qual o amor, o luto e a solidão.

Na Baixa Idade Média (séculos XIV-XVI), as cidades constituem-se como mundos a parte da sociedade feudal, um mundo no qual mercadorias, textos, pessoas, experiências e ideias se tocam. São inovações de ordem tecnológica, social e política que pouco a pouco fazem emergir uma nova classe: a burguesia e, portanto, uma nova forma de produção e divisão do trabalho. O termo burguês provém etimologicamente do habitante que vive nos burgos. Posteriormente passa a uma classificação social, em que o burguês é identificado como aquele que foge à tripartição da sociedade tradicional, isto é, não é nem eclesiástico, nem religioso e nem homem da terra.

Aparentemente contraditório, o mundo da burguesia é sedimentado por laços de solidariedade entre os que exercem o mesmo ramo da atividade, formando uma espécie de relação horizontal, bem diferente da relação piramidal da sociedade feudal. Paralelamente ao coletivismo, o senso de responsabilidade individual também conjectura os núcleos urbanos. Assim, quando o sujeito começa a se encarregar da própria vida, ele também experimenta incertezas existenciais, e, portanto, passa a interrogar a prerrogativa de um destino comandado por mãos divinas. A racionalização, alimentada por livros e outros manuscritos, precede a adoção de novos estilos de vida, nos quais o sentimento do indivíduo ganha evidência.

Com a secularização, a cidade transforma-se em um sistema de aculturação racional fundamentado na valorização do signo e da mediatização. A dominação do tempo e do espaço torna-se essencial dentro de uma sociedade que passa a depender da correspondência para contratos, registros, títulos de propriedade, informações geográficas e comerciais. Para além disso, o domínio do tempo e dos espaços torna-se essencial para medir o próprio trabalho. Daí a difusão de relógios mecânicos, a partir do século XIV, em principais cidades como Milão e Paris. Barbier (2018) assim descreve o cenário da época:

Habitar esse quadro então excepcional, imprime alguns traços específicos à vida cotidiana e às relações sociais. Viver amontoados, ir ao trabalho quando o relógio toca, utilizar moedas de maneira habitual, comer víveres comprados, estar corrente dos acontecimentos, mesmo distantes, porque a cidade é o local das trocas de toda natureza: tudo isso contribui para fazer nascer o espírito urbano feito de vivacidade, de individualismo e de racionalidade, cujo surgimento os especialistas detectam a partir do século XII (BARBIER, 2018, p.44).

O cerne de uma identidade urbana estabelece-se em uma relação baseada no trabalho e na riqueza adquirida graças a ele.

Embora as cidades sejam associadas à prática da escrita e leitura, a comunicação oral predominou nos primórdios da cidade moderna. Estima-se que, por volta de 1450, na Europa Ocidental, uma parcela de apenas 10% a 15% da população sabia ler e escrever (BARBIER, 2018, p.46). Por isso, a comunicação oral ainda era fundamental para movimentar os negócios e a vida cotidiana.

Além disso, não se pode ignorar a presença de outras formas de comunicação que coexistiram com a manifestação oral e escrita, a exemplo da interpretação visual nos vitrais das igrejas católicas (uma espécie de alfabetização bíblica imagética), a sinalização das lojas e suas vitrines, pinturas em edifícios públicos que retratavam os “procurados” e cartazes que anunciavam peças teatrais. Isto sem contar as representações dramáticas e outros eventos em via pública, como procissões, passagens reais, grupos circenses, feiras, etc. Em *Sociedade Excitada*, Christoph Türcke (2010) destaca o relato do educador e linguista alemão Joachim Heinrich Campe quando da sua passagem por Paris, logo após a tomada da Bastilha, em 1789. Um turbilhão de imagens invadiram os sentidos de Campe que assim descreve sua experiência:

Como serei capaz de vedar os sentidos interiores, para poder criar o espaço interior e o tempo necessários para que o estoque, já recolhidos, de novas imagens, possa ser separado em unidades, e a memória possa registrá-los em compartimentos devidos? [...] Todos os pisos térreos de Paris, quase sem exceção, armazéns de secos e molhados, ou oficinas abertas, e uma multidão de letreiros, com caracteres de meio côvado de extensão, notificam o transeunte a respeito do que é vendido ou confeccionado em cada casa (CAMPE apud TURCKE, 2010, p.110-111).

Enfim, por essa época, para usar um termo de Peter Burke (1995), as cidades já eram importantes palcos de “comunicação multimídia”. A transformação das cidades em plataformas visuais é uma das primeiras características essenciais para

compreender como o sentimento de solidão estava latente nessa consolidação. Entre os séculos XVIII e XIX, a Europa viveu a ebulição da revolução industrial e das migrações do campo para a cidade, massas de camponeses fugiam da pobreza, de conflitos, em busca das promessas iluministas de uma vida melhor nos centros urbanos. Na Inglaterra, cerne de toda emergência industrial, por exemplo, essa transformação se deu de modo peculiar. À medida que Londres crescia em ritmo acelerado, a cidade passou a ser vista como um novo tipo de cenário, um novo tipo de sociedade. Os registros históricos talvez não mencionem as transformações psíquicas decorrentes também dessas transformações materiais do homem moderno, mas a literatura do período é substancial para compreender os conflitos emocionais.

Segundo Williams (2011), por esse período, diversos escritores registraram essas mudanças. Para os iluministas como Voltaire e Adam Smith, a cidade era o lugar de expansão e liberdade, “mas que por sua própria condição de mercado e centro manufatureiro gerava pessoas volúveis e inseguras” (WILLIAMS, 2011, p.245). Portanto, as visões literárias desse período se fundem em um relato contraditório: ora a cidade é a expressão da liberdade, ora é o centro de opressão, é o lugar de desespero e independência, contraste entre riqueza e pobreza, ordem e caos ao mesmo tempo. A imagem de um “tumor” que cresce de maneira desordenada é por analogia a maneira mais fácil de compreender como a cidade enquanto plataforma visual afeta gradativamente o sistema sensorial, como descreve Williams,

Além dos séquitos de criados, milhares de outros migrantes chegavam à cidade, e o principal resultado das restrições foi uma onda prolongada de construção e adaptação de imóveis dentro dos limites legais, gerando habitações superlotadas e perigosas: labirintos e becos para a população pobre. E isso era parte do mesmo processo que dava origem às mansões urbanas, às praças e aos jardins elegantes (WILLIAMS, 2011, p.247).

Todas as contradições evidentes geram, segundo Williams (2011), uma espécie de estado mental sistemático à medida que os indivíduos se instalam nas cidades, expandindo o assim chamado “tumor monstruoso”. O poeta William Blake expressa em seus versos uma espécie de interconexão implícita entre o estado paradoxal da cidade e o conflito interno da vida moderna: “Em cada rosto, reveladas, / As marcas de fraqueza e sofrimento [...] / Cadeias pelo cérebro forjadas” (BLAKE apud WILLIAMS, 2011, p.252).

Mas talvez tenha ficado a cargo de William Wordsworth a expressão mais profunda sobre as experiências na cidade. A manifestação em seus versos representa uma observação direta entre as relações físicas e sensoriais, uma nova maneira de enxergar as transformações do homem moderno. Wordsworth leva a um grau adiante a compreensão entre o mundo externo e interno, entre a percepção visual e a percepção de si mesmo:

rio infindo de homens e coisas! [...]
 [...] a dança rápida,
 De formas, luz e cor; o insuportável
 Ruído; os que vão e vem e passam,
 Rosto após rosto.
 (WORDSWORTH apud WILLIAMS, 2011, p.255).

E prossegue suas análises incluindo também o estranhamento em relação à apatia da vida e à falta de conexões interpessoais: “como podia um homem / Viver sequer sem conhecer o nome / Dos vizinhos que moram ao seu lado” (WORDSWORTH apud WILLIAMS, 2011, p.253).

Na literatura europeia de um modo geral, a cidade tornou-se objeto de observação das experiências pessoais. Na França de Baudelaire, por exemplo, as transformações urbanas trazem uma conotação inebriante, transitória, instigante e angustiante ao mesmo tempo. Conhecido como o poeta *flanêur*, Baudelaire elevou a categoria da solidão em seus versos a partir de suas caminhadas pela efervescente Paris do século XIX. O isolamento e a perda de conexão transitam por um êxtase febril, estimulado sobretudo pelas massas de passantes: “Multidão e solidão: termos que, para um poeta ativo e fecundo, podem tonar-se iguais e conversíveis” (BAUDELAIRE apud WILLIAMS, 2011, p.384)

A associação entre a cidade enquanto plataforma física e visual e o estado mental do sujeito parecem fazer parte da manifestação baudelaireana. A “formigante *cit *”, de Baudelaire,   uma “cidade cheia de sonhos”, ao passo que “a forma de uma *ville* / Muda mais que o cora o de um mortal”. Os versos do poeta transitam, portanto, entre uma *Ville* e uma *Cit *, onde matéria e percep o se coadunam na medida em que se habita no que   construído. No século XIX a designa o para cidade no verbete francês se estabelecia de maneira dualística entre a *Ville* e *Cit *. *Ville* referia-se   cidade de modo mais amplo, evidenciado seus contornos e dimensões humano-materiais. Por sua vez, *Cit * associava o modo de vida dos habitantes, seus costumes,

crenças, relacionamentos, enfim, elementos igualmente reorganizadores do espaço urbano, de onde resultam a fluidez e sobretudo a vivacidade. “O ambiente físico parece decorrer da maneira como habitamos e de quem somos” (SENNET, 2018, p.25).

Logo, a *Cité* enquanto experiência subjetiva nos leva a concluir tal qual as palavras de Robert Park, de que a “a cidade não é apenas um mecanismo físico e uma construção artificial. Ela está envolvida no processo vital das pessoas que a formam” (PARK apud SENNET, 2018, p.86). Ou como sugere o título de um romance projetado por Baudelaire, há sempre *Une Ville dans une ville*, isto é, “Uma cidade dentro de uma cidade”. Feito uma ilusão de ótica produzida por um espelho infinito, a vida urbana moderna projeta-se em sua vivacidade ininterrupta, sendo difícil imaginá-la desprovida de uma multidão. Esta, que por sua vez, também sustenta dentro si uma turba de vozes e imagens, movimentando-se como os transeuntes da *Ville*. Como afirma Williams (2011), de formas diversas, esses escritores mostraram como uma estrutura do sentimento estava se formando no processo de emergência das cidades.

4.2.1 A Autonomia E A Solidão Como Sentimento

Como, então, abarcar toda a mutação urbana na virada da Idade Média para a modernidade? A vida acelera-se ao passo das transformações. As luzes do novo século despontavam para o que viria ser a afirmação do homem sobre a terra: ciência, razão e empirismo em busca da verdade. O período subsequente, conhecido como Iluminismo e que teve início na França no século XVII e seu apogeu no século XVIII, trouxe o antropocentrismo em oposição ao teocentrismo medieval. A maçã, que outrora expulsara o homem do paraíso, encontra a redenção nas mãos de Newton. Por isso, “as alusões de Voltaire à ‘nova Igreja’ não são tão inocentes como pretendem alguns” (GOULEMOT, 1991, p.397). Lei da gravidade, telescópio, microscópio, a química de Lavoisier, a máquina a vapor, a eletricidade, tudo na velocidade da luz.

O século das luzes, primordialmente, não se mostrou como uma cultura favorável à experiência da solidão. Diante do espírito crítico, da racionalidade, da luta contra o absolutismo e do cerceamento da Igreja, nasce um ideal de revolução social fundamentada na colaboração. A criação do poder tripartite e a Declaração Universal dos Direitos do Homem, estabelecidos a partir da Assembleia Nacional Constituinte Francesa, em 1789, são alguns dos marcos que revelam justamente essa

descentralização do poder, abrindo caminhos para uma visão otimista de progresso e equidade. Neste contexto, a solidão voluntária revela-se uma espécie de traição, “o solitário que deserta da cidade terrestre para preparar sua salvação individual, bem como o solitário por prazer, por temperamento, que não compartilham nem suas ideias, nem suas vidas, são seres suspeitos de misantropia, transgressão imperdoável em tempos de filantropia” (MINOIS, 2013, p.298).

De maneira paradoxal, o iluminismo também alavancou o pensamento individualista impulsionado pelos ideais de filósofos contratualistas como John Locke, para quem o interesse particular mediado por um Estado libertaria o sujeito do estado natural de insegurança jurídica. O contrato estabelecido entre sociedade e Estado garantiria desta forma um bem-estar coletivo, em nome de uma autonomia e, em última instância, em nome de uma solidão funcional. Em outras palavras, a fim de preservar os próprios interesses, os indivíduos necessitariam um dos outros. Da mesma forma, para Adam Smith, “o homem não pode viver senão em sociedade [...] ele tem praticamente sempre a necessidade de segurança de seus semelhantes, seria em vão que ele atingisse isso a partir de sua própria boa vontade” (SMITH apud MINOIS, 2013, p.300). Como afirma Minois (2013), o século das luzes ficaria conhecido não por um século social, mas sociável. Diante disto, apesar da conquista da soberania individual, o sujeito permanece subordinado à convivência social, sua existência depende da boa vontade geral.

A filosofia política do século XVIII não dará lugar a uma solidão em seu sentido mais idealista, de liberdade e elevação pessoal. “O indivíduo deve renunciar ao direito natural da solidão, que lhe é dado pela sociedade com limites estabelecidos. O direito à solidão selvagem é domesticado, policiado, e se transforma em um direito limitado pela solidão civilizada” (MINOIS, 2013, p.301). A solidão deliberada, ou em seu estado natural, conduziria a um estado de anarquia, ameaçando por isso mesmo a felicidade terrestre que, de outra forma, seria conquistada a partir dos laços interpessoais, dentro de uma sociabilidade regrada por leis. Diderot foi enfático ao afirmar que a condição de solidão provoca um estado degradante da humanidade:

O homem nasce para a sociedade; separe-o, isole-o, suas ideias se desconstruirão, sua índole se transformará, milhares de afeições ridículas crescerão em seu coração, pensamentos extravagantes germinarão em seu espírito, como arbustos em uma terra selvagem [...] É preciso talvez mais força de espírito para resistir à solidão que à miséria, a miséria rebaixa, o retiro deprava (DIDEROT apud MINOIS, 2013, p.303).

Neste sentido, nasce no âmbito sociopolítico um Estado de justiça que suplanta pouco a pouco o papel da Igreja, controlando o espaço social público que outrora destinava-se às comunidades. Assim, a secularização “institui um modo inédito de ser em sociedade, caracterizado pelo controle mais severo das pulsões, pelo domínio mais seguro das emoções, pelo senso mais elevado do pudor” (CHARTIER, 1991, p. 22). Portanto, ao passo que o sistema feudal caminhava para o esfacelamento em detrimento do prenúncio do modernismo, a história social e cultural da solidão continuava a se desenvolver paralelamente.

Logo, com o recuo dos lugares sociais em detrimento da presença do Estado, brotam as primeiras possibilidades de conquista da intimidade individual nos espaços privados. Dentro das casas, os ambientes para retirar-se e meditar começam a ser estabelecidos: o gabinete, os pequenos jardins de inverno e o próprio quarto. O bom uso civil da solidão restringe-se aos momentos de leitura, e o livro passa a ser objeto de intimidade. É como se a subjetividade do indivíduo fosse materializada, fazendo com que determinados espaços e objetos passem a dizer sobre o “Íntimo de seu ser”.

O século das luzes e sua máxima da liberdade como direito natural do homem trouxe à tona um homem livre da égide do antigo regime, livre das amarras do Absolutismo e da Igreja, para encontrar-se tão somente consigo mesmo. A autonomia do homem moderno, encarnada na figura do burguês incipiente, trouxe também o antagonismo da solidão. Se por um lado o homem finalmente era livre para decidir seus próprios caminhos, para construir sua autoimagem; por outro lado, ele ainda era cerceado pelas convenções sociais e religiosas que insistiam em ecoar no período. “Livre na teoria, sozinho na realidade” (MINOIS, 2013, p.367). Depois da imagem do solitário antissocial da Idade Média, o liberalismo trouxe a afirmação do ego, a selva do cada um por si. O solitário do século XIX torna-se o herói da liberdade individual. Ser original e livre das amarras identitárias da religião torna-se uma qualidade, mas a era do encorajamento também foi a era do isolamento, resultante da multiplicação de proibições sociais e morais que acabam exacerbando o gosto pela introspecção mental e pela leitura de romances, bem como o sentimento de sozinho na multidão. Se por um lado temos a exaltação do individualismo, por outro temos “o abafamento do indivíduo dentro de convenções paralisantes que favorecem a procura de satisfações clandestinas ou fantasiosas. Cada um cria seu próprio jardim secreto” (MINOIS, 2013, p.366).

As mulheres da alta burguesia, reclusas em seus aposentos, suspiravam a cada página virada. Nesse período, a leitura de conteúdos autobiográficos tornou-se comum. No entanto, boa parte de seus anseios era alimentada sobretudo por uma literatura erótica que as subtraía, ainda que por breves instantes, do peso moral da sociedade. Por sua vez, até mesmo os expoentes do Iluminismo, como Diderot, Montesquieu e Voltaire, deixam-se envolver por esse gênero narrativo, “não há um dos grandes autores do século XVIII que escape à tentação erótica” (GOULEMOT, 1991, p.402).

A tendência de exaltação à autonomia e de ilusão do herói individual foi intensa no campo da literatura. O romance é a forma literária que por esse período mais ilustra essa reorientação libertária. No século XVII, o chamado romance realista rompe com as formas tradicionais precedentes na medida em que não extrai seus enredos da mitologia, de fábulas ou outras fontes do passado, como faziam os escritores gregos, romanos ou mesmo Shakespeare, o qual segundo Ian Watt (1990) “seus relatos bíblicos, lendários ou históricos – constituem um repertório definitivo da experiência humana” (WATT, 1990, p.15). Desta forma, era preciso mudar muita coisa para que o romance incorporasse a percepção individual da realidade. Watt (1990) afirma que um dos primeiros a aderir ao realismo na ficção foi Daniel Defoe, em seu clássico *Robinson Crusóé*, publicado em 1719. De maneira geral, assim como o pensamento político-filosófico, o romance precisa ser entendido como uma manifestação cultural circunscrita em uma mudança mais ampla de transformação da sociedade ocidental, de uma visão unificada e absoluta da Idade Média para uma sociedade de indivíduos particulares, vivendo circunstâncias particulares.

O interesse de Defoe em situações cotidianas parte justamente de uma sociedade que, vivenciando um complexo de mudanças, sobretudo com uma nova ordem que se estabelecia com o capitalismo industrial, resulta em um indivíduo que passa a ser responsável pela determinação de seu papel econômico, político, cultural, religioso e familiar. Defoe, cuja posição filosófica muito se aproxima dos primeiros empiristas e contratualistas ingleses do século XVIII, expressou muito bem a relação entre o herói do individualismo e o romance enquanto forma literária. Talvez não por acaso o jovem náufrago de *Robinson Crusóé*, que passa 27 anos vivendo isolado em uma ilha, tenha agido como um bom lockeano, pois “quando outras pessoas chegavam à ilha, ele as obrigava a aceitarem sua dominação mediante contratos escritos que reconheciam seu poder absoluto” (WATT, 1990, p.58). Defoe

contextualiza o jovem Crusoé dentro do que Watt chama de interesse individual puramente econômico, o que seria, portanto, o gatilho para que o protagonista deixasse todos seus laços para trás em busca de um progresso individual, isto é, de uma “vida melhor”. Neste sentido, não poderia haver antagonista melhor ao amor romântico do que a história de Crusoé, tendo em vista que até mesmo o lazer e o prazer sexual eram vistos como fatores de atraso de vida.

Por isso mesmo, Defoe foi enfático ao considerar o primado da vantagem econômica individual em detrimento dos laços sentimentais que unem o personagem à pátria ou à família. Crusoé representa o espírito pragmático do período, quando até mesmo as relações pessoais tornam-se um método de barganha, pois os indivíduos são essenciais para se fazer “bons negócios”.

De maneira mais crítica, seu contemporâneo Oliver Goldsmith, citado por Watt (1990), descreveu em *The Traveller* as circunstâncias resultantes de um liberalismo econômico que, para além da autonomia, também enfraquecia os laços interpessoais:

Aquela independência que os ingleses tanto prezam
 Afasta um homem do outro e rompe o elo social;
 Os fidalgotes auto-suficientes permanecem sós,
 Tudo o que une e ameniza a vida é desconhecido;
 Aqui pelos laços naturais frouxamente atados,
 As mentes combatem as mentes, repelindo e repelidas (...)
 (GOLDSMITH apud WATT, 1990, p.59).

O romance de Defoe, por sua vez, corrobora com as ideias de Goldsmith no limite da autossuficiência, no qual o egocentrismo exagerado do personagem condena-o à solidão. Mas, na história de Defoe, ao contrário do que alguns pensadores iluministas pregavam, a solidão se converte em triunfo. Na ilha, Crusoé usufrui de absoluta liberdade em relação às restrições sociais. Não há laços interpessoais a serem preservados, nem regras civis que interfiram em sua autonomia. Em seu território, o personagem cria seu próprio império, com suas regras e seu escravo submisso (denominado Sexta-Feira). Contudo, influenciado pelo puritanismo, Defoe não deixa de refletir sobre como a solidão pode reconduzir o indivíduo a um estado primitivo das emoções:

Não há dúvida que a solidão é universal – a palavra está sempre inscrita no reverso da medalha do individualismo. Embora Defoe fosse um otimista porta-voz da nova ordem sócio-econômica, a irrefletida veracidade da sua visão como romancista, levou-o a relatar muitos dos fenômenos menos

empolgantes relacionados com o individualismo econômico que tendiam a isolar o homem da família e pátria (WATT, 1990, p.80).

Em vista disso, durante muito tempo, alguns críticos levantaram a possibilidade de *Robinson Crusoe* constituir, em certa medida, uma narrativa psicológica do autor. O próprio Defoe, que era uma figura solitária, sugere no prefácio de seu romance um teor autobiográfico da obra. Como afirma Watt, “depois disso Defoe passa a considerar o problema da solidão” (WATT, 1990, p.81). Apesar da solidão virtuosa que conduz ao progresso individual, enaltecendo desta forma o individualismo do homem moderno, Defoe traduziria este sentimento como uma carga psicológica penosa. O registro consta em um panfleto de 1706, em que atesta sua biografia:

O que são para nós a tristeza dos outros homens e suas alegrias? Algo que pode nos tocar com a força da compaixão e uma secreta reviravolta dos afetos; mas toda reflexão autêntica é sobre nós mesmos. Nossas meditações são todas solidão absoluta; nossas paixões exercem-se todas no isolamento; amamos, odiamos, desejamos, gozamos, tudo na intimidade e na solidão. Tudo o que transmitimos aos outros tem por fim obter sua ajuda na realização de nossos desejos; o fim está em nós; o prazer, a contemplação, tudo é solidão e isolamento; divertimo-nos sozinhos, sofremos sozinhos (DEFOE apud WATT, 1990, p.82).

Assim, para além de uma exaltação, *Robinson Crusoe* é, em última instância, uma advertência sobre as consequências do ideal individualista absoluto.

A solidão, portanto, é uma experiência que ao longo da história claramente divide dois mundos: o do homem e seu exterior. Se na “idade das trevas”, como era conhecida a Idade Média, havia uma coerção externa sobre o indivíduo que fazia da solidão uma rota de fuga para encontra-se consigo mesmo, um movimento inverso ocorre quando as amarras de um sistema autoritário se desfazem. A virada semântica dessa experiência acontece justamente quando, em tese, as liberdades individuais são defendidas pela bandeira iluminista e pelos direitos conquistados após a revolução francesa. Nestas circunstâncias, a solidão é um sentimento degradante e a coerção interna é por vezes tão insuportável que a permanência do indivíduo se concretiza no mundo das liberdades, ainda que à própria revelia. Eis o colapso do homem moderno que perdurará até os dias de hoje.

4.3 LIBERDADE E SOFRIMENTO: INSUFICIÊNCIA E SOLIDÃO

A imagem mental que o indivíduo passa a projetar sobre si mesmo revela os primeiros sintomas de sofrimento psíquico na medida em que a autoafirmação vem acompanhada de um sucesso pessoal medido pela aparência.

Resultante do progresso individual, Corbin (1991) afirma que já em meados do século XIX manifesta-se os primeiros sintomas do sofrimento pessoal. Ora, diferentemente do Antigo Regime quando as demonstrações de afeto não permaneciam no privado, na modernidade o ditame da moral e dos bons costumes reprimiu essas manifestações explícitas, levando o indivíduo a viver sob o regime das aparências. Para além disso, a imposição da autoimagem, galgada no desejo de ascensão social, da constituição de uma família e da competição profissional e mesmo existencial, levaram milhares de indivíduos ao sentimento de angústia, desespero e derrota.

Por esse período ocorre um vertiginoso aumento de suicídios na Europa, “o indivíduo, ao perceber que não é um fim em si mesmo, sofre o desencanto” (CORBIN, 1991, p.591). Daí que a impossibilidade de lidar com o sofrimento leva homens e mulheres a encontrar a saída na autodestruição, independentemente da classe social: intelectuais, profissionais liberais, domésticos, operários, enfim, ninguém estava livre do desejo de exercer a soberania sobre o próprio corpo.

A possibilidade de democratização das profissões e a ascensão social por meio da educação fez com que os indivíduos se dedicassem a uma imagem bem-sucedida, ainda que isso custasse a vida social e familiar. “O caráter competitivo da existência conduz ao esgotamento, aumenta a preocupação profissional” (CORBIN, 1991, p.593). A solidão se enraíza fundamentada no princípio do liberalismo individualista no qual cada um deve forjar seu próprio destino. “O esforço de cada um para construir a própria personalidade e a influência do olhar do outro estimulam o descontentamento, até a difamação de si; e desaguam no sentimento de insuficiência” (CORBIN, 1991, p.593).

Nem todos os casos de suicídio são resultantes do sentimento de solidão, mas sem dúvida, existe uma grande contribuição desta. Para muitos estudiosos do período, a principal causa do suicídio estava relacionada ao que era chamado de neurastenia, que nada mais é do que o tédio, a ociosidade como a conhecemos, e por isso mesmo a solução passaria pela entrega completa ao mundo do trabalho árduo e contínuo. “O trabalho, eis a base da tranquilidade da sociedade e do bem estar do

homem”, já diria o médico Brierre de Boismont (BOISMONT apud MINOIS, 2013, p.369).

Nesse período, no entanto, há uma correlação direta entre o sentimento de solidão e o índice de suicídios, sobretudo para as pessoas isoladas da convivência social em pensionatos, manicômios, prisões e mosteiros. Na França, por exemplo, entre 1841 e 1869, os números passaram de 2814 a 5114 casos, enquanto na Inglaterra, entre 1857 e 1869, os casos passaram de 1349 a 1588 suicídios anuais (MINOIS, 2013, p.368).

O ato de tirar a própria vida não era exclusividade de grupos isolados fisicamente da sociedade. Religião e família, por exemplo, eram vistos como núcleos homogêneos protetivos, não tanto pelo conteúdo ou materialidade, mas porque, segundo Minois (2013), seus membros, vivendo em constante contato físico, terminam por integrar-se de maneira intensa. Ainda assim, esses grupos não estavam isentos de casos de suicídio, ainda que os índices fossem bem menores.

Tratar a relação entre suicídio e solidão parece em certa medida uma abordagem rasa, de caráter darwiniano quando analisada do ponto de vista de pessoas excluídas de convivência. “Poderia se tratar de uma espécie de seleção natural: o solitário menos apto à vida social é um ser mais frágil, portanto, alvo de uma maior taxa de mortalidade” (MINOIS, 2013, p.370). Esse raciocínio remete-nos à relação entre a solidão e a história da vulnerabilidade humana. Sob este ponto de vista, então, a vida social protege, resguarda, enquanto o ser solitário torna-se frágil e vulnerável a sentimentos depressivos e suicidas. Vivendo a pressão social para o casamento, a ascensão social, o reconhecimento pelo trabalho e a manutenção da moral imperante na época, o indivíduo moderno eclode em um mar de ansiedade, e percebendo à sua volta nenhum laço protetivo para onde canalizar suas angústias, termina por decidir sobre a própria vida. Alguns estudos do período indicariam que “o sentimento de solidão definitiva e sem recurso seria a causa única do suicídio” (MINOIS, 2013, p.71). Solidão, neste sentido, não é sobre estar desamparado fisicamente, é sobre a insuficiência das conexões humanas que sufocam qualquer razão de existir. Não à toa os índices de depressão, ansiedade, solidão e suicídio são alarmantes para o período.

O solteiro, por exemplo, é um personagem vulnerável e central na sociedade do século XIX. O próprio Minois (2013) aponta para estudos de época que mostram que, na Paris da virada do século XIX para o século XX, dois terços dos suicídios

eram de pessoas solteiras. Isto se explica porque muito embora a revolução francesa, a declaração universal dos direitos do homem e do cidadão, o direito ao divórcio, todos esses eventos culminaram na libertação do homem e na tentativa de reformular a tradição moral e religiosa, “esse projeto grandioso fracassou diante da resistência das pessoas. Os ‘costumes’ se mostraram mais fortes que as leis” (PERROT, 1991, p.93). A normativa familiar persiste e o casamento ainda é um parâmetro de segurança e aceitação social. A insistência pela manutenção dos costumes atesta que as experiências, significados e valores que repousam sobre uma base residual permanecem ativos no processo cultural de hoje.

Deste modo, também o Estado volta suas atenções para a família enquanto base social. Ela é a instituição mantenedora da moral e da ordem. A família, enquanto célula fundante da estabilidade social, é também a principal repulsora dos espíritos independentes. “O direito doméstico é o triunfo da razão; ele arraiga e disciplina, abolindo qualquer vontade de evasão”. (PERROT, 1991, p.95). Os solteiros fadados à solidão restam à margem da sociedade. “Fruto seco” é a alcunha geral, já para a mulher que envelhece sozinha ainda lhe sobram definições zombeteiras como “anormal” ou “desclassificada”. O homem celibatário, por sua vez, ficaria desprovido do conforto e da respeitabilidade creditada ao casamento. Em vista disso, era comum ao Estado enquadrar os solteiros em instituições educacionais ou assistenciais, muitas das quais, repressivas. Ainda assim, Perrot (1991) constata que uma parcela de indivíduos, deliberadamente, se dava ao direito de viver o celibato de forma alternativa e contestatória.

É o caso dos boêmios e *grisettes* (mulher conquistadora que vive uma espécie de liberdade masculina). Estes personagens que vagam pelas ruas das metrópoles vivem de maneira diametralmente oposta à vida privada. Sós, porém nunca solitários, eles invertem a noção burguesa de espaço e tempo, explorando as infinitas possibilidades de prazer em festas, bebidas e sexo, sem dia nem horário. Enfim, não temem celebrar a solteirice, outrossim, experimentam a liberdade e a autoaceitação. Assim como os eremitas, mas de forma profana, boêmios e *grisettes* fazem suas aparições em muitos dos romances de época, deslizando sutilmente no contramundo da narrativa.

Muito embora a solteirice na juventude seja abordada de maneira desigual entre os gêneros, sendo a mulher ridicularizada e o homem saudado como símbolo de jovialidade proveitosa, em uma sociedade na qual quem está fora do circuito

religioso e matrimonial engendra um sentimento de suspeição e exclusão, o solteiro termina estigmatizado. Muitas são as literaturas da época que evocam a traição da mulher solteira à sua missão natural na terra ou prognosticam a imagem da morte para o homem que não se afirma enquanto sujeito em um matrimônio bem sucedido.

No entanto, o matrimônio por si só não se vale enquanto supridor da solidão humana. O casamento burguês no século XIX é união entre duas solidões. “De uma certa forma, todos nós somos solitários” (MINOIS, 2013, p.366) – pode ser que a experiência de desconexão humana nunca se manifeste de forma absoluta como para os suicidas, mas ela é real e sentida em muitos momentos diferentes. A passagem do Antigo Regime para a modernidade marca a transição de uma solidão associada a um estado físico (isolamento dos eremitas, cavaleiros e viajantes aventureiros) para a solidão enquanto sentimento, interiorizada no angustiante paradoxo entre o desejo de autonomia e de convivência social que suprime o sentimento de desconexão com o mundo.

Desta forma, no casamento burguês cabem papéis bem definidos ao casal: enquanto ao homem lhe atribuem a atividade social para cercar-se de contatos, obedecendo às convenções da época para consolidar sua autoimagem, à mulher resta-lhe apenas o confinamento entre as quatro paredes de sua residência colonial. A leitura silenciosa de romance estabelece-se como um hábito, companhia para momentos de evasão e devaneios em narrativas muitas vezes eróticas. Os suspiros das damas da burguesia também se manifestam nas correspondências e nas linhas dos diários íntimos, testemunhas de uma solidão vivida a dois que começam a rondar os gabinetes do período. A importância dos diários íntimos está em entender como levam a um exame de consciência e a uma espécie de “introspecção narcísica” (MINOIS, 2013). A relação entre solidão e sua manifestação em um diário íntimo evidencia mais uma vez a situação de fragilidade do indivíduo. “A escrita do diário tona-se cada vez mais frequente quando a identidade do sujeito se vê em situação de perigo ou ao menos se encontra em uma situação de vulnerabilidade” (MINOIS, 2013, p.386). O hábito do desabafo em linhas está frequentemente associado a situações de crises afetivas, espirituais e profissionais.

Assim, o diário íntimo se consolida a medida que o individualismo se afirma em uma época de exaltação do eu e do gosto pela introspecção. Para a mulher trata-se de uma forma de satisfazer e de se libertar de uma sociedade onde são relegadas ao silêncio. O diário íntimo torna-se um amuleto de sua autoafirmação. Já para o homem

torna-se um símbolo de vaidade literária. A mulher escreve para si, o homem para o público. O diário feminino é destruído, o masculino, publicado. A mulher recolhe-se em sua interioridade e grita para si mesma, enquanto o homem lança um apelo desesperado para demonstrar o quanto sua vida é interessante. Apesar das particularidades, a solidão é o ponto de partida tanto de um quanto do outro. (MINOIS, 2013, p.387). Ela os iguala, ancorando-os em sua condição existencial. A solidão acachapante do século XIX escapa à prisão internalizada para se manifestar na busca pela comunicação dentro ou fora de si. Enquanto o eremita do antigo regime retira-se da sociedade em busca da própria voz, o homem do iluminismo busca retirar de si qualquer estado de vazio existencial. Em ambos, o silêncio precede a existência. Mas para o homem moderno a solidão não significa apenas a ausência do outro. É simplesmente o medo de existir para si mesmo.

O homem moderno atravessa o século XIX nesse embate entre necessidade de proteger a si mesmo e a necessidade de pertencer ao outro. Uma vez atingido o estágio de autonomia circunscrito no liberalismo, surge a necessidade de doar-se. Quando a independência se torna um terreno árido nasce também o desejo de se fazer (re)significar no seio da sociedade. Além de contribuírem para o isolamento do indivíduo, as condições socioeconômicas e culturais do surgimento do capitalismo forjam um indivíduo oprimido pela responsabilidade de ter que lidar com o próprio destino. De fato, a noção de solidão mostra-se bem variada, seja voluntária ou imposta, física ou internalizada, a solidão dos burgueses, por exemplo, era bem diferente da dos operários e dos marginalizados que chegavam de várias partes do campo para se instalarem em quarteirões industriais deprimentes, sobretudo no período da revolução industrial. A solidão dos guetos, onde os alojamentos insalubres não passam de dois cômodos, tem um peso muito maior para os trabalhadores que, diante do sonho capitalista da vida bem-sucedida, sofrem a impossibilidade da ascensão social em meio a uma multidão crescente de indivíduos convencidos pela autonomia liberal. Friedrich Engels (2010), em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, já descrevia na última década de 1800 a busca constante pela felicidade nos espaços urbanos que se configuravam ao ritmo da produção industrial e cresciam rapidamente em paralelo à produção e ao consumo. Multidões de passantes das mais variadas classes sociais se entrecruzavam pelas ruas da cidade, seguindo seu caminho em busca das promessas iluministas.

Entretanto essas pessoas se cruzam como se nada tivesse em comum, como se nada tivessem a realizar uma com a outra e entre elas só existe o tácito acordo pelo qual cada um só utiliza parte do passeio para que as duas correntes da multidão que caminham em direção opostas não impeçam seu movimento mútuo – e ninguém pensa em conceder ao outro sequer um olhar. Essa indiferença brutal, esse insensível isolamento de cada um no seu terreno de interesse pessoal é tanto mais repugnante e chocante quanto maior é o número desses indivíduos confinados nesse espaço limitado; e mesmo que saibamos que esse isolamento do indivíduo, esse mesquinho egoísmo, constitui em toda a parte o princípio fundamental da nossa sociedade moderna, em lugar nenhum ele se manifesta de modo tão impudente e claro como na confusão da grande cidade (ENGELS, 2010, p.68).

Burgueses e operários, todos dotados da mesma vontade e capacidade, transitam pelas ruas em fluxo contínuo e em olhares entrecortados. Multidões de passantes, milhares de solidões. Todos juntos e sozinhos. Assim, o século XX recebe um indivíduo aprisionado na sensação desoladora de encontrar-se sozinho na multidão. George Simmel (1903), em *A grande cidade a vida do espírito*, identifica bem o colapso da individualidade moderna situando-a na intensificação da vida nervosa e no embotamento do indivíduo que adquire um caráter *blasé* frente à distinção das coisas. Isso resulta, segundo Simmel, da rápida e ininterrupta mudança de impressões interiores e exteriores “na medida em que a cidade grande cria precisamente estas condições psicológicas, a cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social” (SIMMEL, 1903). Por isso mesmo, é provável que a confusão entre o caráter *blasé* (isto é, o isolamento protetivo) e a solidão resulte em uma dicotomia, quando na verdade individualidade e solidão são faces da mesma moeda. “Um homem livre é um sozinho que conta apenas consigo mesmo e com a boa vontade dos outros” (MINOIS, 2013, p.398). É, portanto, esse o cenário que atravessará o século XX, intensificando-se até os dias de hoje.

Assim, novos e velhos paradigmas sociais e culturais continuam dando o tom da experiência da solidão. Paradoxalmente, o indivíduo se fragmenta na medida em que se depara com múltiplas possibilidades de ser tudo e nada ao mesmo tempo. As pressões externas do passado dão lugar a uma autonomia autocoercitiva e a solidão passa de uma condição físico-material para um estado de desconexão com o mundo. Pouco a pouco entra em cena a espetacularização da vida, e a experiência do estar só segue o rastro de todas as produções sociais, ela permanece como manifestação cultural e vital da história humana ocidental.

4.4 SOCIEDADE DAS APARÊNCIAS: AS IMAGENS MUDIÁTICAS DE MASSA E A SOLIDÃO OCULTA

Da modernidade em diante, tendo o Iluminismo como referencial importante, a solidão deixa de ser associada meramente a um estado físico e se reconfigura em um sentimento. Até aqui, trata-se de uma experiência que se estrutura sob dois aspectos do conceito de imagem: a cidade enquanto plataforma visual que intensifica a percepção sensorial, e uma imagem mental de autopromoção, norteadas pela ideia liberalista de sucesso pessoal. Neste ponto é preciso acrescentar um terceiro processo concomitante e que torna a experiência da solidão ainda mais sintomática: o desenvolvimento das mídias de massa e a disseminação das representações iconográficas. Ao longo da dinâmica histórica, o progresso dos meios de comunicação tornou-se um elemento importante na estruturação dos sentimentos na medida em que os sujeitos passam a subjetivar suas experiências a partir de uma nova relação com a imagem. Essa relação, aparentemente oculta, manifesta-se em um processo de individualização sensorial, com a predominância da visão em detrimento dos outros sentidos, bem como em um processo de valorização da aparência, intensificando a corrida pelo sucesso.

Como vimos, entre os séculos XV e XVI, a ampliação do acesso à escrita e sua rápida difusão por meio da impressão em materiais midiáticos inauguraram uma fase de leitura isolada que abre espaço para uma abstração dos sentidos humanos. Com a leitura silenciosa, há uma predominância cada vez mais nítida da visão em relação à audição e ao olfato. É um fenômeno que “faz o leitor passar da memória auditiva e muscular à memória visual abrindo, portanto, a possibilidade de uma exteriorização da referência” (BARBIER, 2018, p. 235).

Paralelamente, já em fins do século XIX, também a publicidade dá fortes demonstrações da valorização da imagem em relação ao produto. Centrado numa abordagem a respeito do “fetichismo da mercadoria”, é Richard Sennet (2014) quem vai nos dar uma pista sobre a relação entre investimento emocional e imagem do produto. Na virada do século XIX para o século XX, “os donos de lojas de departamento começaram a trabalhar mais o caráter de espetáculo de suas empresas de maneira quase deliberada” (SENNET, 2014, p.214). Isto ocorre, segundo o autor, devido a um processo da chamada “aparência mistificada”. Por esse período, as pessoas passam a dar importância às aparências exteriores “como sinais de caráter

peçoal, do sentimento privado e da personalidade” (SENNET, 2014, p.216). O uso, por exemplo, de determinada vestimenta ou acessório deixaria a pessoa com ar “aristocrático” e, portanto, mais respeitável dentro de uma sociedade das aparências. O status e a personalidade estariam diretamente relacionados às mercadorias consumidas e isto se torna, afinal, um dos primeiros sintomas psíquicos da vida pública.

A experiência pessoal do século XIX no âmbito público, ou seja, ter consciência do que se sente e como (não) demonstrar isso, é uma manifestação sintomática de uma sociedade que passa a traçar seu desenvolvimento a partir do caráter psicológico. Como bem coloca Sennet (2014), consumir determinada vestimenta ou qualquer outro objeto não era uma questão de como a pessoa se sentia, “era uma marcação, elaborada e arbitrária, do lugar que ela ocupava na sociedade, e quanto mais alto se estava na sociedade, mais liberdade se teria para jogar com aquele objeto, a sua aparência, de acordo com regras elaboradas e impessoais” (SENNET, 2014, p.217).

Da mesma forma, os usos iniciais da fotografia logo após sua invenção estão atrelados a uma economia de mercado que vislumbrou, na mistificação das aparências, uma possibilidade de circular a fotografia tanto como valor de moeda quanto valor de imagem para atestação social. As chamadas cartas de visita⁵ são um exemplo disso, e coube a Eugène Disdéri criar as condições, assimilando o princípio de vender bastante e barato para divulgar os benefícios da carta de visita. Por volta do ano de 1860, então, temos o auge dessa prática. Não se trata, portanto, “de uma verdadeira invenção, mas de uma adaptação às leis de mercado de uma prática já existente, o retrato fotográfico” (ROUILLÉ, 2005, p.62). Seu sistema consistia em colocar num mesmo negativo não apenas um frame, mas até dez imagens de tamanho reduzido, num esquema de economia que fazia multiplicar o produto utilizando menos material possível. A fotografia, até então restrita ao domínio da arte, consagra sua inversão dada pela prevalência da técnica e da economia sobre a estética. A imagem interioriza o dinheiro.

Durante décadas, a carta de visita tornou-se a atestação social da classe burguesa, do mais alto dignitário até o pequeno empregado. Segundo Rouillé (2005),

⁵ As *cartes de visite* eram retratos fotográficos em tamanho diminuto, geralmente no formato 9,6cm x 6,0 cm colados sobre um cartão de dimensões um pouco maiores, 10 cm x 6,5cm. Quando trocadas entre amigos e familiares, as *cartes de visite* conferiam ao fotografado um certo status social.

este fenômeno social pode ser conhecido como a primeira “mídia de massa” capaz de associar uma imagem fotográfica a uma personalidade “célebre”. “A carta de visita fotográfica difundiu largamente os retratos de personalidades (mais ou menos) célebres no domínio político, militar, econômico, industrial, financeiro, religioso, artístico, teatral, musical, literário, etc. Todos gostavam de multiplicar sua graciosa pessoa” (ROUILLÉ, 2005, p.62). Poses estereotipadas em estúdio, utilização de acessórios emblemáticos e possibilidade final de grande circulação da imagem a preço módico, tudo isso colaborou para consagrar a carta de visita como um dos primeiros meios de espetacularização da imagem pessoal em massa.

A afirmação sobre si, portanto, caminha simultaneamente à disseminação em grande escala da fotografia. O retrato como significação da própria existência mostra que, já por esse período, o consumo da imagem passa pela atestação social. Assim, a teatralização da vida é levada aos estúdios fotográficos, onde gestos, atitudes, expressões invadem a vida cotidiana. “O desejo de idealizar as aparências, o repúdio ao feio” convergem para a encenação da vida moderna (CORBIN, 1991, p.426).

Quando se pondera que a atestação social e mesmo existencial deste período manifesta-se por meio das chamadas cartas de visita, então é possível pressupor que o *existir* só é possível na medida em que se é *notado*. Neste sentido, as análises de Türcke (2010) sobre a necessidade do indivíduo de “emitir sua irradiação” corroboram com este fenômeno. Segundo o pesquisador, pela lógica heiddegeriana, todo ser irradia com seu corpo. O “estar aí” apenas existe na medida do corpo, mas ele desaparece e só passa a existir enquanto suporte midiático das massas, “basicamente desde a marcha triunfal do cinema” (TURCKE, 2010, p.41).

A sensação de produção serializada da vida aumenta à medida do progresso técnico de produção e difusão das imagens, sobretudo na virada do século XIX para o século XX. Uma das maiores mudanças que contribuíram para a disseminação da imagem antes mesmo do *boom* do cinema foi a invenção do instantâneo. Em 1884, quando o empresário norte-americano George Eastman tornou-se o líder da fotografia popular ao criar a câmera Kodak, ele talvez não imaginasse a dimensão que tomaria a massificação de sua criação. Ao dobrar a produção de câmeras em 1895, Eastman afirmava: “Todos podem usá-la. Todos vão usá-la” (BRIGGS; BURKE, 2016, p. 211). Seria esta uma previsão do que viriam a se tornar os aparatos tecnológicos móveis, com sua característica massiva, multimídia e imagética?

Em 1895, finalmente a invenção do cinema de Louis Lumière, bem como a difusão das imagens em telões, viriam de encontro à sociedade do tempo acelerado. O sucesso da exibição em telão provou ser um canal eficiente também para os meios de comunicação. Os noticiários com temas políticos e sociais de apenas alguns minutos surgiram em 1908 e eram transmitidos antes da exibição do filme principal. Desvenda-se então o potencial da mixagem e da exibição sequencial de imagens que invadiam o olhar atento do telespectador.

O formato dos filmes em plateia tornou-se tão adaptável que um novo público em massa estava se formando por conta disso. Por isso, as técnicas de reprodutibilidade da imagem a partir de 1900 configuraram não apenas um novo modelo de arte gráfica, mas também delinearam uma nova forma da sociedade se relacionar com a imagem. Em *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, Walter Benjamin (2014) afirma que as transformações do modo de existência coletivo ao longo da história transformam também o modo de percepção coletiva. “O modo como a percepção humana se organiza – o *medium* no qual ocorre – não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente” (BENJAMIN, 2014, p.25)

O cinema, portanto, é a forma de arte que corresponde às profundas transformações nas sensações humanas. O registro cinematográfico não permite a contemplação, assim como a pintura ou a fotografia. Mal se apreende uma cena e já começa outra. A transformação ininterrupta não deixa tempo para associações, nisto se baseia o efeito de choque do cinema, como uma presença de espírito intensificada, que excita os sentidos humanos a partir do choque visual.

O próprio Walter Benjamin (2014) traça um prognóstico para onde o sonho iluminista do progresso conduziria a sociedade. As destruições da primeira grande guerra levaram Benjamin a concluir que a sociedade ainda não estava madura o suficiente para uma práxis política da técnica. A forte crença na ciência e na técnica moderna que culminaram no terror das grandes guerras, na primeira metade do século XX, não foi suficiente para conter a destruição física e emocional de milhares de vidas. Muito pelo contrário, boa parte desse “show de horrores” foi acompanhado por meio dos jornais ilustrados com fotografias que mostravam as zonas de conflito e, principalmente, por meio de transmissões televisivas, a partir da Segunda Guerra Mundial. Quando a década que culminou no segundo confronto estava terminando, a televisão foi apresentada publicamente na Feira Mundial de Nova York, em 1939. Já em 1941, quando os EUA entraram em campo, canais como a NBC e a CBS iniciaram,

ainda que de maneira limitada, algumas transmissões televisivas em horários definidos.

A técnica que trouxe a guerra não se limitou a permanecer no campo de batalha, ela também invadiu os lares por meio de plataformas visuais. “A humanidade tornou-se agora objeto de espetáculo para si mesma. Sua autoalienação atingiu um grau que lhe permite vivenciar sua própria destruição como um gozo estético de primeira ordem” (BENJAMIN, 2014, p.123).

Contudo, antes mesmo da grande apresentação do aparo televisivo, o surgimento da radiofusão foi fundamental para o desenvolvimento de uma chamada “mobilidade privativa” (WILLIAMS, 2016). Muito embora a radiofusão, assim como o telegrafo e a telefonia, tenham seus usos iniciais atrelados às necessidades de um sistema comercial e militar – e por isso mesmo, vistos como fatores secundários dentro de um sistema mais amplo de comunicação –, foi concomitantemente a mudanças sociais e políticas no período entre guerras que algumas necessidades de melhorias no sistema de comunicação passaram a ter uma interpretação particular. Em outras palavras, de uma tecnologia de mensagens entre grupos específicos, passa-se então para a difusão pública ampla, generalizada.

Entre as décadas de 1920 e 30, o fenômeno do rádio havia se consolidado como importante setor industrial juntamente com a expansão geral de outras máquinas conhecidas como “bens duráveis”, tais como automóveis, câmeras fotográficas e eletrodomésticos. Nesse entretempo, a televisão já era objeto de empreendimento tecnológico, sendo pesquisada a partir de descobertas precedentes: a energia, o telégrafo, a fotografia e a própria radiofusão. Por isso, o que conhecemos hoje como “meios de comunicação de massa” surge de uma contradição em que aparelhos produzidos em grande número atendem a uma vontade ou necessidade individual e privatizada quando tomam os lares. Essa “privatização móvel” caracteriza-se, segundo Williams (2016), pelo paradoxo entre mobilidade e lar. Ou seja, de um lado a autonomia e a autossuficiência, e do outro a proteção e segurança. Segundo Cevalco (2001), a ideia de “privatização móvel” é uma tentativa de explicar o então estágio de mudanças radicais que o modo de produção do capitalismo industrial tardio introduziu na vida social. Por isso, Cevalco afirma que esse período traz consigo uma espécie de estrutura do sentimento que já se fazia presente no final do século XIX: o dramático interesse pelo lar. “Essa nova situação facilita a disjunção de um comportamento privado em um público, a ‘privatização móvel’ obscurece a situação

entre os dois” (CEVASCO, 2001, p.232). Ou seja, observando o cenário de fora, toda a situação parece uma sincronia desumanizadora, com aparelhos televisivos conectados ao mesmo tempo, respondendo a todas as ansiedades de sujeitos que assistem à própria vida sendo espetacularizada. No entanto, dentro de cada lar existem escolhas, desejos e sentimentos diferentes, e que se manifestam de maneira diferente.

É por isso que Cevasco (2001) fala em limites nublados entre público e privado da televisão enquanto tecnologia social. Trata-se de diagnosticar uma sociedade cada vez mais atomizada, isolada e que contempla a exposição da própria vida nos aparatos tecnológicos, criando assim uma ilusão da privacidade. E aqui parodiando uma citação da autora a respeito da televisão que diz “não é fantástico que muitas pessoas estejam em contato ao mesmo tempo? ”, podemos igualmente pensar em uma analogia com a maneira que os aparatos móveis e a internet promovem a falsa aproximação entre sujeitos ao mesmo tempo em que mascaram seu isolamento.

A televisão como “nova tecnologia” contrapõe-se à tecnologia do século anterior, de caráter público, como o surgimento da energia para a iluminação das cidades e do transporte a vapor para as estradas de ferro. “A televisão, como o rádio, é a tecnologia aplicada dessa fase do capitalismo industrial e responde com perfeição às suas necessidades de comunicação e controle. Trata-se do dispositivo mais adequado ao modo específico de organização da vida sob o capitalismo tardio” (CEVASCO, 2001, p.230). É por isso mesmo que, de acordo com os estudos culturais, “a resposta tecnológica para uma necessidade é menos sobre uma necessidade em si do que seu lugar em uma formação social existente” (WILLIAMS, 2016, p.32).

Os novos processos sociais implícitos na revolução industrial capitalista intensificaram o rearranjo das bases produtivas, da família, do espaço urbano, aumentando a distância entre o espaço residencial, do trabalho e de locais de governo. Por conseguinte, configura-se também uma sociedade de indivíduos cada vez mais isolados, privatizados dentro de seus lares, distante física e socialmente de centros decisivos sociais e políticos. A tendência gradual ao desinteresse cívico acompanha inversamente o desejo cada vez mais intenso de uma mobilidade informacional, facilitada pela disposição de transmissores centrais em uma ponta e de aparelhos domésticos portáteis (rádio e TV) na outra ponta.

Além disso, as famílias, que ainda eram vistas como projeto de proteção física e emocional, foram fortemente abaladas por fatores externos, como a nova

configuração do trabalho, as crises, as depressões e as guerras. Esse cenário criou uma demanda por uma nova forma de contato, isto é, de informação, decorrente sobretudo da ansiedade gerada pela expectativa de forças exteriores que poderiam a qualquer momento chegar e interferir no equilíbrio da vida privada.

Em 1933, quando escreveu *Experiência e pobreza* no período entre guerras, Benjamin já anunciava o prelúdio de uma sociedade que se esvaziava cada vez mais de conexões. “Pobreza de experiência”, escreveria o autor, referindo-se à crescente falta de comunicabilidade humana nas grandes cidades. As promessas da ciência, que afinal dizimaram nações inteiras nas duas grandes guerras, arrastaram a sociedade a um estado de apatia e descrença na humanidade. Por isso, pode-se dizer que a invenção da TV após a Segunda Guerra Mundial, entendida como privatização móvel, revela o desejo de uma solidão protetiva e de uma experiência resguardada. Em outras palavras, torna-se mais seguro acompanhar o que se passa lá fora quando se está a salvo por de trás de um aparato tecnológico, protegido de qualquer perigo.

Logo, rádio e televisão surgem como um marco em relação aos outros meios de comunicação criados anteriormente justamente pelo caráter privatizador. No paradoxo entre massivo e individual, esses dois meios resultam mais de uma morfologia sócio-cultural do que de uma necessidade propriamente dita. Por isso, o auge da televisão e das confluências das imagens, que ocorreram durante as décadas de 1950 e 60, precisa ser compreendida sob a ótica de uma “tecnologia aplicada proveniente de conjunto de ênfases e respostas dentro dos limites determinantes e das pressões da sociedade capitalista industrial” (WILLIAMS, 2016, p.39).

Propostas de reconstrução após 1945 não eram novidades para um continente que terminara de passar por um segundo conflito. Elas já haviam sido ventiladas mesmo após a primeira guerra, e por analogia, muito se assemelham à ideia de liberdade privativa e protetiva. A Corrente de Cristal, surgida logo após a primeira guerra, foi uma vanguarda artística pertencente à chamada Arquitetura Expressionista Utópica e encabeçada pelo arquiteto Bruno Taut e pelo escritor Paul Scheerbarth. Desacreditados de qualquer humanismo tal como a sociedade em que estavam imersos, esses homens souberam muito bem externar o vazio existencial pós-guerra. Em 1919, o próprio Bruno Taut declararia: “A minha prancheta aqui no escritório continua vazia. Todo dia o mesmo nada. Flutuo no ar como um arquiteto imaginário” (TAUT, 1994, p.372).

Assim, impulsionados por esse vazio, esses homens propõem então a renovação arquitetônica da cidade, derrubando a massa de concreto dos edifícios para dar lugar à predominância do vidro como a nova base construtiva urbana. Não é de causar espanto a decisão por uma matéria-prima tão singular e simbólica na nova configuração social. O vidro traz algo de místico, material transparente, leve, renovador, enfim, a materialização do desejo de liberdade que até então os atava ao conceito de monumentalidade. A inspiração dos expressionistas veio de uma sociedade que já se encontrava tão multifacetada quanto um cristal. A derrubada da cultura do tijolo presumia a instalação de ambientes transparentes que propiciassem ao indivíduo, novas sensações, novas experiências, enfim, uma nova subjetividade (MILLER, 2015).

Portanto, não se alçam mais experiências, erguem-se sonhos que permanecem no limiar do paradoxo de vidro. Resistente, porém traspassável, o vidro protege, mas também deixa vulnerável. Em seu material “tão duro, tão liso, no qual nada se fixa” (BENJAMIN, 1933, p.2), não há chance para os vestígios. Paul Scheerbart sonhava com uma humanidade inebriada pelo brilho do vidro, vivendo o próprio paraíso na terra. “Seria como se a terra fosse adornada com joias fulgurantes e adornos” (SCHEERBART, 1972, p.47). Desta forma, o homem contemplaria o mundo lá fora sem abrir mão do conforto, e sobretudo sem incorrer nos imprevistos das experiências pessoais. Vejo, mas não toco. Sou visto, mas permaneço intocável.

Os vanguardistas da arquitetura utópica acreditavam, portanto, no restabelecimento da conexão humana por meio de uma reconstrução que tinha mais de arte do que de arquitetura. “Já que a realidade não lhes oferece um local para erguer cidades, erguem imagens” (FURTADO, 2012, p.56). Não seria este, portanto, o prenúncio da sociedade pós-moderna? O papel que os aparatos tecnológicos e a disseminação das imagens viriam a desempenhar no século XX transformou-se, em certa medida, em uma metáfora da Arquitetura de Cristal.

4.5 CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Toda mudança econômica, política, social, urbana e tecnológica se desenvolve a partir de um quadro de tensões, de crises geradoras de novas intenções e necessidades que se concretizam ora como meios emergentes, ora residuais. Ora resistem aos limites e pressões, ora são incorporados pelo sistema central dominante.

Por isso, em uma sociedade em mudança, sobretudo após a revolução industrial, problemas de prognósticos e orientações tornam-se mais agudos. O contato entre sujeitos e a troca de experiências ocorrem de maneira mais intensa. Novos impulsos e anseios são ativados, exigindo, portanto, novas formas e experimentações para supri-los. Tudo isso redefine a prática dos meios de comunicação, das formas de produção, da configuração espacial urbana, das trocas comerciais, das relações de trabalho e da participação cívica.

Neste ponto cabe diferenciar conceitualmente algumas etapas do progresso científico que ocorreram entre o século XVIII e metade do século XX. André Lemos (2008) nos ajuda a identificar nestes períodos duas ideias de progresso que em suma não representam em si uma ruptura, mas uma remodelação do alcance tecnocientífico humano. Ao menos é desta forma que Lemos vai caracterizar a transição da Idade Média para a Idade Moderna, tendo como ápice a Revolução Industrial na Inglaterra. O século XIX caracterizou-se por colocar em marcha um progresso baseado na eletricidade e no motor a explosão, conjuntamente com o progresso dos meios de transporte e comunicação. Neste período, a ciência e técnica se aliam para remodelar os valores: “Cria-se uma organização racional e tecnocrática da vida social. [...] A ciência e a técnica são valores supremos da emancipação social positiva e iluminada. A técnica é envolvida por um simbolismo que a associa a um instrumento de emancipação social” (LEMOS, 2008, p.48).

A primeira guerra mundial, durante a primeira metade do século XX, vai mais uma vez ressignificar a ideia de progresso científico. De acordo com Lemos (2008), neste período o progresso é compreendido como “recentramento metafísico do homem [...]. Este sistema técnico moderno vai criar um desconforto [...] misturando medo e excitação, contradições e paradoxos” (LEMOS, 2008, p.47). Assim até meados do século XX, a sociedade vive o que Lemos chama de tecnocultura, na qual as máquinas exercem um papel central de culto tecnocrático, uma espécie de fascínio que vai, no entanto, se estender até os dias de hoje sendo remodelado por aquilo que o autor vai caracterizar como *cibercultura* ou cultura digital. Para Lemos (2009), o emprego de ambos os termos como sinônimos é possível na medida em fazem parte de uma cultura contemporânea e abarcam não apenas um conjunto de ferramentas eletrônicas da microinformática, mas também porque esse emaranhado tecnológico é gradativamente apropriado por uma força vital, uma sociedade de época. O que vivemos hoje resulta de um movimento de confluência entre desenvolvimento

tecnológico e sociabilidade, e que nas décadas de 60/70 emergiu como uma contracultura responsável por expropriar esse conhecimento do uso exclusivo de uma elite (militares e industriais da época) e passá-lo ao domínio público.

Junto com isso surgiu também a internet, em 1969, mas como algo militar. Com os microcomputadores a internet vai começar a se disseminar a partir de instrumentos de sociabilização, como as listas de discussão, as primeiras BBS, as primeiras comunidades já territorializadas, que visavam ajudar pessoas a resolverem diversos problemas, como Aspen, Santa Monica ou São Francisco. Foram as primeiras comunidades virtuais, que hoje a gente chama de rede social. (LEMOS, 2009, p.137)

O surgimento das mídias digitais se intensifica em meados da década de 1970 com a fusão entre informática e telecomunicações. Desta forma, elas reinventam o modo de produzir e compartilhar a informação, liberando o homem para o estabelecimento de uma rede de conexões infinitas. “Não se trata de bens materiais, matérias primas, e energia retiradas da natureza, mas de informação traduzida sob a forma de *bits*, imateriais, abstratas, lidas por uma meta-máquina (o computador, o *ciberespaço*)” (LEMOS, 2008, p.71).

A ideia de contemporaneidade ou pós-modernidade é um legado associado a uma sociedade de consumo de mídia de massa que se fortaleceu em meados do século XX. O que conhecemos por novas tecnologias hoje nada mais é do que a ressignificação de um processo que se intensificou com o advento do telégrafo, do rádio, da fotografia e do cinema. “A grande novidade do século XX será as novas tecnologias digitais e redes telemáticas [...] o homem amplia o desejo de agir à distância, da ubiquidade” (LEMOS, 2008, p.68). O otimismo expressado por Lemos em relação a uma cultura cibernética reside na ideia de compartilhamento de informações, bem como o armazenamento delas, criando no imaginário social uma superação das individualidades a partir do conceito de aldeia global, ou *aldeias globais*, no plural, ao que Lemos remete à “implosão” do mundo ocidental por efeito da tecnologia microeletrônica. A tecnologia que antes, na modernidade, era apenas um produto da razão técnica, parece converter-se numa ferramenta de sociabilidade comunitária. Daí o termo *cibersocialidade* utilizado para designar a sinergia entre sociabilidade contemporânea e as novas tecnologias do ciberespaço (LEMOS, 2008, p.81). É importante reforçar, contudo, que o formato dos novos meios técnicos é produto de invenções e junções de antigos sistemas de comunicação, reinventados e adaptados de acordo com uma demanda econômica, mas também cultural.

As transformações sociais, econômicas e tecnológicas coexistem com as psicológicas, como afirma Williams, o fator de mudança cultural na era moderna passa pelo caráter da metrópole que abarca “não apenas uma grande pluralidade, mas um processo intenso, linguística e visualmente estimulante, do qual novas formas notáveis emergiram” (WILLIAMS, 2011, p.23).

A expansão crescente dos meios de comunicação logo após a Segunda Guerra consolida a disseminação massiva das imagens a partir dos anos 1980 e 90, com a criação dos computadores pessoais e da internet, chegando ao ápice no século XXI, com as relações medidas pela tela de vidro. Contudo, antes mesmo da transformação dos computadores em máquinas funcionais de calcular ou acessórios úteis de escritórios e residências, a história desses aparatos técnicos não pode ser desvinculada de uma memória socioeconômica e política.

Durante a Segunda Guerra, tanto nos Estados Unidos, quanto na Europa, os computadores foram primordialmente produzidos com fins militares. Assim, guerra e lucro caminharam em paralelo com essa tecnologia que passou de máquinas gigantescas movidas a válvula, para aparatos portáteis movido a transistores e, posteriormente, apropriados pela sociedade da informação como meios de produção e socialização. Como vimos, a tecnologia dos meios de comunicação sempre esteve associada à história do desenvolvimento do sistema capitalista da sociedade ocidental, que decorre em contextos revolucionários, de confrontos, guerras físicas e psicológicas, transformações sociais e materiais, despertando novas formas de experiências e manifestações pessoais.

Mais tarde, quando esses progressos tecnológicos associaram-se à criação da Arpanet, em 1969, precursora da atual Internet, tem-se nas duas décadas seguintes, 1970 e 80, o processo incipiente de convergências das mídias que desembocaria nos computadores pessoais e nas redefinições de comunicação, relacionamento interpessoal e manifestações de uma sociedade da informação.

Tal qual a criação dos computadores, a internet está primordialmente associada a um uma disputa político-militar entre EUA e a então URSS e que durou mais de 40 anos. A Guerra Fria, que começou logo com o fim da Segunda Grande Guerra e se estendeu até 1991, com a extinção da União Soviética, levou o Departamento de Defesa dos EUA a desenvolver um sistema de comunicação invulnerável a possíveis ataques nucleares. Nasce assim a Arpanet.

Tecnicamente e em certa medida, o homem tecnológico do século XXI é o herdeiro da tradição da telegrafia, isto é, da primeira rede de comunicação elétrica que possibilitou o contato e o relacionamento à distância entre pessoas, bem como a produção e o consumo de informações e notícias mais elaboradas. Em fins do século XIX, quando esta tecnologia foi criada e aprimorada, o primeiro ministro britânico Marquês de Salisbury saudou entusiasticamente a invenção do telégrafo descrevendo-a como “uma estranha e fascinante descoberta que tivera influência direta na natureza moral e intelectual e nas ações da humanidade”. Sem saber e já ditando um prognóstico da futura sociedade, o marquês afirmava que esta tecnologia havia “reunido toda a humanidade em um grande nível, em que se podia ver tudo o que é feito e ouvir tudo o que é dito, e julgar cada política adotada no exato momento em os eventos aconteciam” (SALISBURY apud BRIGGS; BURKE, 2016, p.173).

Socialmente a humanidade continuava imersa em um grande conflito político-militar. Depois dos horrores vivenciados com a Segunda Guerra, o mundo mergulhou na Guerra Fria, e, portanto, se envolveu mais uma vez em uma ambiência neurótica, de constante estado de alerta. As ditaduras que eclodiram na América Latina, durante as décadas de 1960 e 70, também contribuíram para o processo de degradação psicológica do homem pós-moderno. Este sentimento de hipervigilância incide justamente sobre um sujeito que, já sequelado pelos conflitos precedentes, estava fadado a qualquer momento ao colapso emocional. O homem do pós-guerra traz consigo essa carga psicológica de ter que lidar com um inimigo latente, uma espécie de ameaça invisível, forte o suficiente para colocar em risco sua fragilidade física e sentimental.

Economicamente, a segunda metade do século XX é marcadamente a era da transição do taylorismo-fordismo para o toytismo e o mercado neoliberal (ANTUNES, 2018, p.92) Uma é a sociedade da disciplina, do tempo cronológico e da relação vigiada. A outra pertence à era da flexibilidade, da produção autônoma, do sucesso individual e da autopromoção. As principais transformações históricas ocorridas sobretudo entre as décadas de 1970 e 80 ajudam a compreender a sociedade do século XXI que se configura sobre a cultura da velocidade.

4.5.1 Capitalização Das Emoções: A Flexibilização Como Processo De Subjetivação

“Somos todos pessoas flutuando ao redor do mundo. Encontramos uns aos outros, mas nunca chegamos realmente a nos conhecer” (STANDING, 2017, p.7). O poema anônimo deixado na porta do dormitório por um trabalhador imigrante no Vietnã testemunha de maneira melancólica a natureza incerta de sua vida. Em pleno século XXI, o depoimento é o indício do atual estado de nossas emoções balizadas por uma lógica produtiva que, desde o capitalismo industrial, ocupa um papel central no desenvolvimento do ser humano.

A segunda metade do século XX foi marcadamente a era da produção seriada e homogênea e da lógica do consumo acumulativo. Conhecida por uma sociedade disciplinar fundamentada sobre uma divisão clara do trabalho, a produção fordista consiste num grupo de trabalhadores controlados por um número mínimo de gestores que detém a ordem. Para além de ambientes fechados e vigiados como fábricas, presídios, escolas e hospitais, o conceito de sociedade disciplinar, cunhado por Foucault, na década de 1970, pressupõe uma sociedade que é sobretudo subjugada pelo *não*, ela “é determinada pela negatividade da proibição. O verbo modal negativo que a domina é não-ter-o-direito” (HAN, 2017, p.24). Assim, os níveis de produção do trabalhador eram medidos pelo esforço empenhado não-negado e monitorado por um superior.

De 1945 até início da década de 1970, a sociedade viveu o sonho do consumo e da acumulação paralelamente aos estímulos visuais da propaganda, do cinema e da televisão. A crise desencadeada exatamente por esses padrões na década de 1970 exige uma reformulação no sistema de trabalho. Em resposta, a partir da década de 1980 começa a se configurar uma nova divisão internacional do trabalho resultante do processo de globalização e da livre concorrência preconizados e efetivados pelo chamado neoliberalismo. Some-se a isso a ascensão de um projeto, iniciado nos anos 1990 com a cultura dos computadores, em que as formas imateriais são consumidas e abandonadas tão logo são lançadas no mundo.

Há, portanto, um alinhamento entre a aceleração da produção em massa com as técnicas de subjetivação que transformam gradativamente os processos materiais em formas voláteis. “A lógica de produção em massa de repente se alinhou a técnicas que, como nunca antes, combinaram fabricação, distribuição e subjetivação em escala planetária” (CRARY, 2016, p.60). Todavia, a capitalização da dimensão cognitiva revelou-se gradativamente um método caro ao próprio sistema na medida em se

transforma em um processo degradante para qualquer sistema psicológico e cognitivo.

Surge, portanto, o conceito de trabalho flexível que confere uma nova subjetividade ao trabalhador por meio da personificação do trabalho, introduzindo ideias que permeiam o imaginário contemporâneo, tais como metas, competência, colaboração, parceria, espírito de equipe, capacidade e autossuperação. Essa nova cultura desvincula-se da negatividade pela desregulamentação, nela há uma permissividade que conduz ao verbo modal positivo *poder*. “No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” (HAN, 2017, p.23). Por isso, na transição para o que Guy Standing (2017) chama de sociedade flexível, a lógica da eficiência centra-se no poder da positividade: eu posso, por isso serei bem sucedido.

Também denominada pelo filósofo Byung-Chul Han (2017) como sociedade do desempenho ou, em seu contraponto, como sociedade do cansaço, os indivíduos que dela fazem parte caracterizam-se por certo estado de apatia em relação à vida. Os indivíduos do cansaço são aqueles que fundamentalmente tomam para si a lógica produtiva ininterrupta, de maneira que não são capazes de sair do círculo vicioso no qual estão imersos, porque nele se encontram consigo mesmos, nele se reconhecem enquanto sujeitos. A sociedade do cansaço é aquela que paradoxalmente se alimenta numa marcha lúgubre, a caminho da morte. Uma sociedade autofágica que se sedimenta na necessidade de sucesso pessoal, mas é fatalmente colapsada pelo excesso de autonomia.

Na nova configuração em que prevalece o autoempreendimento, sem a submissão a terceiros, o homem da economia flexível é responsável pelo próprio sucesso. Todavia, ao peso da responsabilidade de lidar consigo mesmo, o indivíduo responde com a estafa física, psicológica e emocional. Quando a emancipação do indivíduo não está mais atrelada a obrigações espaciais e/ou hierárquicas, incorre-se na falácia da liberdade, onde se é concomitantemente senhor e escravo de si. (HAN, 2017, p.115).

O sujeito do desempenho concorre consigo mesmo e procura superar-se até sucumbir, é o sujeito que se realiza na morte. O depressivo pós-moderno é aquele que já não consegue mais lidar consigo mesmo. Ele está colapsado pelo excesso de individualidade, cansado da liberdade de ter que tomar iniciativas, exausto de não poder “não-poder”. A falta de onde ancorar-se, essa eterna falta de gravidade, torna-

o doente de relações interpessoais. “O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo apenas de obedecer a si mesmo, mas a *pressão de desempenho*. Vista a partir daqui, a Síndrome de *Burnout* não expressa o *si-mesmo* esgotado, mas antes a alma consumida” (HAN, 2017, p. 27).

A depressão característica do século XXI é abordada por Han (2017) como um espírito do tempo e não como patologia. Juntamente com o sentimento de solidão, ambas são sintomáticas de uma sociedade que aos poucos deixa de submeter-se ao controle disciplinar para subordinar-se à iniciativa pessoal. O sujeito, portanto, passa a ser dono de si, comprometendo-se com o verbo modal “poder”. “O depressivo não está cheio no limite, mas está esgotado pelo esforço de ser ele mesmo. [...] o que nos torna depressivo seria o imperativo de ter de obedecer a nós mesmos” (HAN, 2017, p.26).

A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho aponta para o espraiamento da lógica produtiva e que se manifesta em uma cultura latente: o desejo de colonizar o tempo, maximizando a produção para atestar a própria existência. No século XIX, quando Karl Marx predisse que, uma vez atingido o nível de produção suficiente para atender suas necessidades básicas, o homem também precisaria de tempo para “satisfazer as necessidades espirituais e sociais” (MARX, 1980, p.262), o filósofo alemão talvez não previra o frenesi da sociedade subsequente. Um século mais tarde, Paul Virilio (2014), sob outra perspectiva, desafiaria a emancipação humana ao inferir que o sentimento de liberdade despertado pela velocidade corresponde, no fim das contas, a um desejo latente de permanente “povoamento do tempo”.

Na era do capitalismo industrial a sociedade foi disciplinada pelo relógio e pelo calendário, estabelecendo um sentimento de obediência ao tempo. Assim, a sociedade ordenada em blocos temporais conseguia estabelecer fronteiras entre trabalho, casa e entretenimento. Por sua vez, na era do capitalismo global, o tempo é uma máquina baseada no que Crary (2016) denomina esquema 24/7 e que compactua com o ditame da flexibilidade.

O tempo da sociedade flexível é um tempo em aberto; o antigo modelo industrial da estrutura estável do tempo ruiu. A sociedade flexível é uma sociedade fluida, moldável, líquida. É uma característica do sujeito flexível estar atarefado o tempo todo, sendo isto um sintoma da insegurança. Por isso ele se circunscreve em um quadro de autoexploração, de estresse, de pressão, de esgotamento e de ansiedade. “É um

reflexo do desenvolvimento tecnológico, da abundância da comercialização da vida, e da desintegração de uma existência em espaços fixados para funções específicas.” (STANDING, 2017, p.193). A conectividade preenche cada espaço no tempo. A tecnologia induz à falsa ilusão de produtividade infinita e de potencialização das tarefas.

Também para Crary (2016) o esquema 24/7 representa o “tempo da indiferença”. 24 horas por dia, sete dias por semana é a jornada que hoje “torna plausível e até normal a ideia de trabalho sem pausa, sem limites. É um tempo alinhado com as coisas inanimadas, inertes” (CRARY, 2016, p.19). O tom monocromático da marcha temporal que compassa o indivíduo do século XXI prescreve um mundo desencantado, “idêntico a si mesmo, com o mais raso dos passados” (CRARY, 2016, p.29). A possibilidade de um regime de pausas mina a aparente autossuficiência do presente. O sujeito do desempenho não se rende aos intervalos para não desaparecer em si. Essa incapacidade de enfrentar a quebra de continuidade e cair no silêncio evidencia as vulnerabilidades de um homem contemporâneo para quem a solidão é o grito dos entretempos.

Essa desestabilidade temporal e conseqüentemente emocional é um processo típico que se configura dentro do capitalismo. Existe uma incompatibilidade intrínseca deste sistema com formações estáveis, por isso ele se solidifica gradualmente sobre demandas de produção e consumo materiais e imateriais que se atualizam constantemente. “A história dos últimos 150 anos é inseparável da revolução contínua das formas de produção, circulação comunicação e construção de imagens” (CRARY, 2016, p.47). Soa contraditório que o capitalismo se estabeleça dentro de um projeto que é ao mesmo tempo ininterrupto e estático, uma espécie de “velocidade inanimada”, mas ao que tudo indica só poderá continuar em marcha dentro da combinação paradoxal entre aceleração dos acontecimentos e embotamento do indivíduo.

A sociedade positiva do século XXI é pautada, portanto, por práticas multifuncionais e polivalentes, capitalizando de maneira intensa o intelecto, o que gera uma pressão psicológica pelo constante empenho individual. Portanto, “o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário que atua individualizando e isolando” (HAN, 2017, p.71). Trata-se de um sofrimento contemporâneo, oculto e prescrito em uma cultura na qual a lógica de emancipação pessoal projeta-se não

apenas no campo profissional, mas efetiva-se também no campo emocional. “Eu posso ser feliz” porque “eu sou responsável pelo meu próprio sucesso”.

Para o antropólogo David Le Breton (2018), o peso de lidar consigo mesmo, nessa busca por uma identidade e reconhecimento social, converte-se em um imperativo onde a necessidade de “ser alguém” provoca muitas vezes no indivíduo o desejo de ausentar-se no tempo e no espaço de maneira temporária ou permanente. Entregue à individualização da sociedade flexível, o sujeito desvincula-se de qualquer autoridade e de certa forma de toda tradição compartilhada. Ocorre, assim, um esvaziamento de si em que o indivíduo, entregue à “fruição da sua autonomia” (LE BRETON, 2018, p. 9), experimenta um sentimento de insuficiência, de incapacidade mediante o imperativo da felicidade. Ele precisa estar o tempo todo à altura dos acontecimentos.

O novo conflito do homem contemporâneo está em assumir uma liberdade à revelia, que ele não escolheu. “Se as exigências morais se abrandaram, as coerções psíquicas invadiram o cenário social [...] a responsabilidade individual, aguça a consciência de ser tão somente si mesmo” (EHRENBERG apud LE BRETON, 2018, p. 10). O sujeito do século XXI é um sujeito cansado da própria identidade e dos encargos que ele precisa assumir ao longo de sua existência. Ele é marcado por uma herança histórica e social na qual a prevalência da aparência e o imperativo da felicidade regem as relações pessoais. Essa eterna busca por dar valor e significação à vida de modo a conseguir um lugar no seio social faz com que a existência se torne um peso.

A lógica remota do trabalho, somada ao papel do dispositivo móvel que age evocando uma presença simulada, contribuiu para que a cultura da conexão se intensificasse de maneira que os meios de comunicação se transformassem em potenciais capitais sociais produtivos. “O indivíduo contemporâneo mais se conecta do que se vincula” (LE BRETON, 2018, p.12). O vínculo exige dar algo de si, atenção física, envolvimento do corpo, é quando os sentidos se voltam para o outro.

Contudo, o indivíduo do desempenho está desgastado consigo mesmo, não se entende mais enquanto sujeito, apenas como uma máquina maximizada e produtiva, e assim a apatia da vida evoca uma espécie de contrarresposta à saturação da vida nervosa. Muitas vezes essa transferência das experiências reais para as conexões *online* é uma forma deliberada encontrada pelo sujeito de inverter o estatuto da

participação obrigatória da sociedade. A solidão, o isolamento, terminam por se materializar no espírito *blasé* do sujeito contemporâneo.

O indiferente põe uma espécie de vidraça entre ele e o mundo, um muro invisível, para não ser atingido por um acontecimento ou por um personagem suscetível de extraí-lo das rotinas às quais prefere entregar-se. Ele abole o sentido da experiência para transformá-la em espetáculo, sem relação consigo. Não é nem atingido, nem tampouco afetado pelo fato que acontecem à sua volta. Os outros são mantidos à distância, neutralizados, deixam de ser um perigo ameaçando-o a engajar-se (LE BRETON, 2018, p.39).

Os relacionamentos virtuais são uma espécie de despersonalização pela simulação; o celular oferece a sensação de múltiplos engajamentos, o silêncio desaparece, emudece a solidão. Paradoxalmente, a solidão virtual não perece uma recusa social, mas apenas uma forma de continuar existindo de uma maneira diferente, em outro lugar.

Na rede o indivíduo encontra uma rota de evasão da comunicação ordinária na qual precisa assumir um papel social. Na vida real ele presta seus esforços racionais, seu tempo, sua mente, seu corpo e o mundo dos sentidos em reconhecimento ao outro. Em outras palavras, na vida real, o indivíduo está sujeito às mais variadas coerções físicas e emocionais provenientes da relação com o outro. Por sua vez, no mundo virtual, “essas formas de presença imaterial, sem rosto são lugares propícios à onipotência imaginativa” (LE BRETON, 2018, p.99).

Assim, os caminhos para compreender o que estaria impelindo a maioria dos jovens adultos para o ambiente das redes sociais convergem para o entendimento da solidão enquanto um sentimento que se estrutura dentro de uma organização sócio-histórica mais ampla, pois, para lembrar Williams (2016), qualquer eliminação da história significa a eliminação do mundo contemporâneo. Desta forma, entende-se que a solidão do século XXI poderia configurar-se tanto como uma experiência residual, isto é, herdada de determinadas experiências passadas, quanto também emergente, se partirmos do pressuposto de que sua manifestação nas redes virtuais de conexão reformula o conceito de “solitário urbano” de Georg Simmel.

Presume-se, desta forma, que a lógica da produção ininterrupta em espaços de tempo cada vez mais curtos seja um dos motivos que levariam o indivíduo ao colapso da solidão que se manifesta nas conexões digitais. As técnicas de comunicação virtual de nosso século são, portanto, apropriadas por uma cultura estruturada em suas práticas sócio-históricas, por isso “as novas tecnologias” não

representariam o fator determinante para o sentimento de solidão, antes elas também são compreendidas dentro de um processo geral de significação cultural.

O homem do século XXI é, portanto, um herdeiro da falácia iluminista, do fracasso humano em controlar a ciência e a razão que colocaram homens contra homens em campos de batalha físicos e mentais, subjugando-se mutuamente. A guerra em campo e a guerra ideológica, alimentados cada vez mais pelo processo tecnológico nos meios de comunicação, bem como de uma economia que teoricamente liberava o sujeito das amarras de terceiros nas relações de produção, levaram a uma resposta do homem pós-moderno, um movimento que não subsiste na passividade, mas se manifesta culturalmente nas relações de produção e sociais. Quem é, afinal, esse usuário da virada do século?

Os estudos da pesquisadora norte-americana Sherry Turkle oferecem aportes para compreender a formação emocional do sujeito, bem como sua relação com as máquinas no século XXI. Professora de estudos sociais e ciência e tecnologia no MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), Turkle, que também tem PhD em Psicologia da Personalidade, vem desenvolvendo há cerca de quatro décadas estudos voltados para compreensão da interação humano-tecnológica e para o estudo do lado subjetivo do indivíduo, representado pelo *self*. Como veremos adiante, em *Alone Together* (2011), algumas das conclusões da autora apontam para a falência dos laços interpessoais e para o sentimento de solidão que se manifesta a partir do isolamento atrás das telas. Segundo Turkle (2011), o desejo constante de pessoas por máquinas revela a relutância delas em falar com pessoas. Desconfiados um dos outros, a ideia da companhia de uma máquina remete para a noção de controle, isto é, de uma substituição bem-vinda. Somos vulneráveis ao desejo de controle. Uma máquina nos oferece companhia e mascara nossos medos extremos de uma intimidade. As máquinas revelam os desejos que temos de uma relação que podemos controlar. “Quando a tecnologia é um sintoma, isso nos desconecta de nossos reais conflitos” (TURKLE, 2011, p.283) O problema não é a imersão em si, o problema é que delegamos aos aparatos tecnológicos a resolução dos problemas de relacionamento.

O *self* constantemente retomado pela autora em suas obras segue o conceito lacaniano, assim, Turkle define-o como “uma esfera do discurso ao invés de uma coisa real ou uma estrutura permanente da mente” (TURKLE, 1995, p. 178). Neste sentido, a ciência da computação e todos os outros estudos que ocorrem desde a década de

1970 contribuiriam para a configuração de uma linguagem não estratificada, trazendo por isso mesmo uma nova forma de pensar a(s) identidade(s).

Apesar das importantes contribuições de Turkle no campo da psicanálise, o que nos interessa em suas pesquisas é a mudança na forma de pensar a relação entre indivíduos e as máquinas, que fazem com que seus conceitos, a princípio incisivamente deterministas e tecnicistas, passem a relevar um viés mais humanista do ponto de vista da abordagem do objeto de pesquisa. Essas transformações são perceptíveis ao longo de sua trilogia que se inicia com *The Second Self* (1984), passando por *Life On Screen* (1995), até *Alone Together* (2011), e pelas quais também este trabalho será conduzido.

5 RESSIGNIFICANDO AS CONEXÕES: SOCIEDADE INFORMATIZADA E A SOCIABILIDADE NO SÉCULO XXI

Antes de abordarmos especificamente o estado do homem contemporâneo e sua relação com os aparatos móveis, é necessário resumir algumas ideias apresentadas até aqui na historiografia da solidão e sua estruturação na formação do capitalismo. Para isso, além das contribuições de Turkle, veremos como alguns conceitos correlatos à solidão se estabeleceram ao longo do século XXI, revisando os estudos da psicanálise de Christian Dunker (2017), os trabalhos em neurologia de John Cacioppo (2010) e a visão sociológica de Robert Putnam (2015).

Definir a solidão nos dias atuais tornou-se um processo complexo na medida em que seu reconhecimento se dá dentro de uma linha histórica que transita marcadamente por alguns estágios: do estado de isolamento físico deliberado, como os eremitas da Idade Média, até o paradoxo da Idade Moderna, quando a solidão funcional torna-se ao mesmo tempo uma condição necessária de autonomia e também um sentimento opressor resultante justamente da manutenção de uma imagem pautada no sucesso pessoal.

A solidão do século XXI, portanto, é uma experiência marcada por manifestações residuais (estado de isolamento e sentimento), mas, para além disso, ela também assume uma nova configuração a partir de alguns estudos conduzidos sobretudo na virada do século XX para o século XXI que apontam para uma nova abordagem: a solidão enquanto instrumento.

“Para muitas pessoas, a solidão é a triste realidade da vida moderna”, disse em 2018, a então primeira ministra britânica, Theresa May. A afirmação foi proferida por ocasião do lançamento de uma iniciativa governamental que visa discutir mais a fundo o tema e construir políticas públicas para combater a solidão no Reino Unido. Batizado de Ministério da Solidão, a equipe tem pela frente a responsabilidade de lidar com quase 9 milhões de britânicos que muitas vezes ou sempre se sentem sozinhos, de acordo com a pesquisa liderada por uma comissão britânica.

A notícia ecoou pelo mundo como excentricidade, no entanto, medidas aparentemente drásticas são apenas o resultado de um diagnóstico que ganha cada vez mais força no cenário mundial: a solidão tem afetado gradativamente a ordem social, colapsando o sistema e, por isso mesmo, ela tem se tornado cada vez mais instrumento de análise, como bem apontam os dados abaixo:

- Há cada vez mais solteiros no mundo: pesquisa divulgada pelo *Pew Research Center*, nos EUA, estima que ao menos 25% da população nunca se casará, uma tendência que parece se espalhar pelos outros continentes.⁶ No Brasil, dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2017 apontaram para uma queda no número de casamentos, um aumento no número de divórcios e a tendência do brasileiro ter cada vez menos filhos.⁷
- Há mais pessoas morando sozinha: dados da síntese de indicadores do IBGE mostram que, em uma década, o número de pessoas morando sozinhas no Brasil saltou de 10,4 %, em 2005, para 14,6%, em 2015. No entanto, essa tendência é menor que a de países desenvolvidos, que apresentam quase ou mais de 30% de sua população morando sozinha, como, por exemplo, Alemanha (32,2%), Dinamarca (38,8%) e EUA (28,8%).⁸
- Há relações entre o sentimento de solidão e o excesso de trabalho: um relatório norte-americano divulgado pela *General Survey*, em 2017, mostrou que 50% das pessoas sentem-se sempre esgotadas devido ao trabalho, e a síndrome do *Burnout* teria uma correlação direta com o sentimento de solidão.⁹ “Quanto mais exaustas estão as pessoas, mais solitárias se sentem” (KING; SEPPALA, 2017).
- Cada vez mais os jovens com menos de 25 anos são colapsados por um sentimento de abandono: pesquisa conduzida pelo instituto de pesquisa norte-americano *Cigna* revelou que os jovens de 18-22 anos de idade (Geração Z) representam a geração mais solitária do momento, seguidos dos adultos de 23-37 anos (*Millenials*). Entre os mais jovens, 69% afirmam sentir como se as pessoas à sua volta não estivessem presentes.¹⁰

⁶ Pesquisa disponível em: <https://www.pewsocialtrends.org/2014/09/24/record-share-of-americans-have-never-married/>. Acesso: 30 ago. 2019.

⁷ Pesquisa divulgada em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-11/brasil-registra-queda-no-numero-de-casamentos-e-aumento-de-divorcios-em-2016>. Acesso: 30 ago. 2019.

⁸ Pesquisa divulgada em: <https://tab.uol.com.br/edicao/solidao#tematico-1>. Acesso em 30 ago. 2019.

⁹ Resumo disponível em: <https://hbr.org/2017/06/burnout-at-work-isnt-just-about-exhaustion-its-also-about-loneliness>. Acesso: 30 ago. 2019.

¹⁰ Relatório disponível em: <https://www.cigna.com/about-us/company-profile/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

Como já mostramos no início deste trabalho, uma das divulgações mais reveladoras nos últimos tempos é a inclusão da solidão como fator de “risco” no último relatório do Fórum Econômico Mundial, em 2019. Em entrevista ao jornal *O Globo*, Aengus Collins, chefe da Agenda de Riscos Globais e Geopolítica do WEF (*World Economic Forum*) e um dos autores do relatório, assim justificou a ineditismo da abordagem:

As experiências emocionais e psicológicas da vida diária, pessoal e profissional, devem ser contabilizadas. Estamos falando de não ter um emprego, ou ter, mas ter um salário muito baixo, sentir-se inseguro diante da automação, viver em uma sociedade mais polarizada, onde há um crescimento da oposição raivosa que define em processos políticos, em vez de uma oposição construtiva.¹¹

De acordo com o relatório, estima-se que em torno de 700 milhões de pessoas no mundo sofram de algum distúrbio psicológico. No que concerne à solidão, pesquisadores classificaram a atual porcentagem de pessoas vivendo sozinhas como um fenômeno “historicamente sem precedentes”, o que demonstra, portanto, a preocupação das grandes potências mundiais com este sintoma, que tem afetado a engrenagem do sistema. “Malefícios individuais importam por si só, mas eles também podem contribuir para um amplo risco sistêmico. Por exemplo, há um enorme custo econômico” (WEF, 2019, p.41). Pesquisa realizada pelo Fórum Econômico Mundial, em parceria com a *Harvard School of Public Health*, demonstra que os impactos econômicos em 2010 com saúde mental foram de 2,5 trilhões de dólares, sendo que dois terços desses gastos estão relacionados à perda de produtividade, aposentadoria precoce, entre outros.

Entres os fatores apontados como causas da solidão, destaca-se principalmente o efeito da urbanização na vida das pessoas. Pessoas que moram em grades metrópoles tendem a se isolar mais e a se sentirem sozinhas. “A urbanização pode enfraquecer a família e outros laços relacionados a comunidades menores” (WEF, 2019, p.37). O estudo também aponta para a automatização no trabalho e a presença diária das novas tecnologias como fatores de diminuição da empatia entre as pessoas, sobretudo entre os mais jovens. Entre 1979 até 2009, os níveis de

¹¹ Reportagem disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/ansiedade-solidao-sao-fatores-de-risco-economia-global-diz-estudo-23377391>. Acesso em: 10 mar. 2019.

empatia caíram quase que pela metade (48%). De outra forma, o relatório também reconhece a importância das tecnologias para estabelecer novos contatos, no entanto, “a relação entre tecnologia e empatia parece bem sutil: conexões online podem ser empáticas, mas pesquisadores sugerem que o efeito é seis vezes mais fraco do que as interações no mundo real” (WEF, 2019, p.39). Sem oferecer mais detalhes, o estudo afirma que o enfraquecimento de laços emocionais também tem correlação com o aumento do materialismo e com as mudanças nas práticas parentais.

Como se observa, nas últimas décadas, o interesse pelo estado emocional do ser humano tem assumido o protagonismo em pesquisas tanto quantitativas como qualitativas. A partir dos dados, algumas teorias emergem para tentar compreender o porquê a solidão se consolida como um fenômeno crescente na sociedade contemporânea. Entre os estudos destacaremos em um primeiro momento os trabalhos de John Cacioppo (Inglaterra) e de Robert Putnam (EUA) para em seguida trazer as definições psicanalíticas de Christian Dunker (Brasil), que ajudarão a compreender alguns conceitos que tangenciam a solidão, como, por exemplo, isolamento, sentimento, solidão patológica e *solitude*. A escolha por esses autores se justifica na medida em que caracterizam abordagens contemporâneas (últimos 30 anos) desenvolvidas concomitantemente em locais diferentes e que ao final se correlacionam com as análises de Sherry Turkle, autora que norteará boa parte deste capítulo a fim de compreender o atual estado do indivíduo e sua relação com as máquinas.

5.1 PATOLOGIA, CAPITAL SOCIAL E MAL-ESTAR NO SÉCULO XXI: PERSPECTIVAS ATUAIS A RESPEITO DA SOLIDÃO

O pesquisador inglês John Cacioppo é um dos expoentes que, ao longo dos últimos 20 anos dedicou-se, a compreender a intensificação da solidão. Seus trabalhos no campo da neurologia debatem a solidão enquanto um caso clínico, isto é, como uma condição patológica. Para Cacioppo a solidão é uma epidemia com propriedades contaminantes, sendo facilmente disseminada, e, portanto, responsável por diversos malefícios no sistema fisiológico humano, como, por exemplo, o aumento do colesterol, a aceleração do sistema cardíaco, a propulsão à diabetes e até mesmo um catalisador da morte. “É uma condição que deixa a pessoa irritada, depressiva,

autocentrada, e está associada a um aumento de 26% do risco de morte prematura” (CACIOPPO, 2018, p.426).

Em pesquisas realizadas na primeira década do século XXI, Cacioppo traçou uma topografia da solidão nas redes de sociabilidade do indivíduo, verificando como ela ocorre em grupos e se espalha como num processo contagioso. Assim, a disseminação da solidão dentro de grupos sociais pode ser atribuída a três processos psíquicos sociais. Primeiro, na *hipótese da indução*, a solidão em uma pessoa contribui para causar a solidão nos outros. “As consequências emocionais, cognitivas e comportamentais podem contribuir para a indução da solidão” (CACIOPPO, 2009, p.03). O contágio emocional aconteceria por meio de expressões, postura, movimento e vocalização. Segundo, a *hipótese homofílica*, em que solitários ou não solitários escolhem um ao outro como amigos e se conectam. Há uma relação direta interpessoal e há similaridades nas atitudes, no aspecto físico e na percepção social. Terceiro, a *hipótese do ambiente compartilhado*, onde indivíduos conjuntamente experimentam os riscos contemporâneos que contribuem para a solidão. Por exemplo, o sentimento de solidão tende a ser mais elevado entre universitários por causa do rompimento com o laço familiar.

As análises de Cacioppo também mostraram que a solidão se dissemina mais entre mulheres do que entre homens e mais entre amigos do que no seio familiar. A solidão não é apenas uma função do indivíduo, mas também uma propriedade de grupos de pessoas. Pessoas que são sozinhas tendem a se relacionar com outras que também são sozinhas.

No entanto, em *Loneliness: human nature and the need for social connection* (2009), o pesquisador resgata a remanescente ideia do sociólogo Émile Durkheim a respeito do suicídio. Isto significa que o fato das pessoas tirarem suas próprias vidas também depende do tipo de sociedade em que elas habitam.

Embora o suicídio, assim como a solidão, seja visto como algo individual, o trabalho de Durkheim aponta que o suicídio é conduzido em parte por amplas forças sociais. Embora a solidão tenha um componente hereditário, o presente estudo mostra que ela é também influenciada por um processo mais amplo de rede de sociabilidade (CACIOPPO, 2009, p.12).

Por isso, na última década, Cacioppo tem apontado para outras possíveis causas do isolamento humano que não apenas o caráter patológico. O cenário sócio-econômico que engendra novas práticas sociais também passa pelas considerações

do pesquisador, a exemplo da ampla ideia de autonomia do indivíduo que permeia políticas desenvolvimentistas, presentes em sistemas como o capitalista.

Na sua visão, a sociedade contemporânea tem perpassado os limites na relevância da independência do sujeito, e essa ênfase tem se tornado o ponto de partida para hábitos como, por exemplo, a constante mobilidade de emprego, de habitação e de cidades. Uma espécie de “cultura do desapego” que não permite a fixação de raízes, o estabelecimento de contatos e de contratos, enfim, da consolidação de experiências reais. A vitalidade das comunidades compactas que permite um maior vínculo social e emocional se perde nessa transição. Delineia-se, então, “uma guerra de laços em escala humana e contínua” (CACIOPPO, 2009, p.250)

Atualmente, a solidão em seu estágio mais crítico foi declarada como a epidemia do século XXI. Um estudo conduzido durante dez anos e divulgado em 2018 pelo cientista inglês mostrou que uma em cada três pessoas sente-se sozinha na era da hiperconexão. No entanto, conexão nem sempre foi sinônimo de sintonia, e essa diferença semântica parece sintomática ao paradoxo da sociedade em rede, como explica Cacioppo: “Quando as pessoas usam as redes para enriquecer as interações pessoais, isso pode ajudar a diminuir a solidão. Mas quando servem de substitutas de uma autêntica relação humana, causam o resultado inverso” (CACIOPPO, 2016).

Na outra ponta, partindo de uma abordagem sociológica, o estudo de Robert Putnam fundamenta-se em dados obtidos entre os anos 1970 e 1990 e visam compreender os motivos que levaram a sociedade norte-americana à atrofia dos laços interpessoais. Putnam (2015) constata que, nos dois primeiros terços do século XX, uma maré de engajamento levou os norte-americanos a construir comunidades fortes como associações de bairros, sindicatos, igrejas, agremiações políticas e esportivas. Contudo, no último terço do século, houve uma corrente de retorno e as pessoas passaram a ficar cada mais separadas uma das outras e das comunidades.

Para entender esse fenômeno, Putnam (2015) parte de uma análise ao modo dos contratualistas ingleses, na medida em que aborda o isolamento a partir do que ele chama de diminuição do “capital social”. Sem este capital, perdem-se as vantagens em se manter os laços pessoais, e desta forma, a sociedade define na falta de segurança, em uma economia deficitária e uma política inócua. O primeiro uso deste conceito ocorreu em 1916, pelo supervisor estadual de escolas rurais de West Virginia, L. J. Hanifan, no intuito de reforçar a importância do capital social na manutenção da ordem e da comunidade social:

O indivíduo é impotente socialmente se entregue a si mesmo (...) Se ele entra em contato com seu próximo, e eles com outros vizinhos, haverá uma acumulação de capital social, o que pode imediatamente satisfazer suas necessidades sociais e oportunizar uma potencialidade social suficiente para uma melhoria substancial das condições de vida em toda a comunidade (HANIFAN apud PUTNAM, 2015, p.15).

O “capital social” refere-se, portanto, às ligações entre indivíduos e às normas de confiança e reciprocidade estabelecidas entre eles. O “capital social” versa sobre as possíveis maneiras de tornar a vida mais produtiva por meio de laços sociais, por isso Putnam avaliza seus estudos sobre a ideia de que as redes sociais têm valor. “Assim como uma chave de fenda (capital físico) ou uma educação universitária (capital humano) podem aumentar a produtividade (tanto individual quanto coletiva), assim também os contatos sociais afetam a produtividade de indivíduos e grupos” (PUTNAM, 2015, p.14). Os laços comunitários são essenciais, portanto, para a manutenção de um estado de direito, mas, para além disso, o pesquisador avalia que eles são importantes até mesmo para saúde e felicidade dos indivíduos.

Mas afinal, o que teria contribuído para diminuir o engajamento cívico e o interesse por experiências pessoais? Para tentar responder esse problema, Putnam (2015) elenca uma série de possíveis influências que teriam contribuído para a destruição do capital social, entre elas: as “pressões de tempo e dinheiro” e as “tecnologias e mídias de massa”. Números apresentados por Putnam mostram, por exemplo, que o “estar muito ocupado” ou “não tenho tempo” parecem ser algumas das explicações para o declínio em engajamento cívico. A proporção daqueles que diz sempre se sentir apressados saltou mais de 50% entre os anos 1960 e 90. “O clima econômico da América a partir de meados dos anos 1970 até meados dos anos 1990 foi de crescente ansiedade. Assim, talvez as pressões combinadas de tempo e dinheiro sejam a explicação para o desengajamento civil” (PUTNAM, 2015, p.217). Somado a isso, a convergência das tecnologias, bem como a fusão das indústrias das telecomunicações com a de entretenimento contribuíram para modificar o cenário socioeconômico norte-americano em fins do século XX. Entre os efeitos dessa transformação, Putnam destaca dois como relevantes: primeiro, notícias e entretenimento tornaram-se cada vez mais individualizados; e segundo, a tecnologia eletrônica permitiu consumir esse entretenimento privativamente, completamente sozinho.

Todavia, como afirma o pesquisador, esses fatores não são de todo decisivos para explicar o declínio da vida em comunidade, considerando a existência de correntes transversais com variáveis que apontam para resultados contraditórios. Apesar da avaliação cautelosa, a pesquisa reúne fatores importantes que atuam como coadjuvantes no processo de desintegração gradual das interações sociais. No último quarto do século XX os indivíduos foram gradativamente isolando-se, revelando sintomas sociais conhecidos como mal-estar do século XXI, tais como depressão, ansiedade, *burnout* e solidão.

Mas afinal, o que é isolamento? De que maneira ele se relaciona com o sentimento de solidão? Existe solidão boa e/ou ruim? Para responder essas questões, tomaremos por base os estudos da psicanálise realizados por Christian Dunker (2017), que, ao longo de mais de duas décadas de atuação na área, extraiu dos casos clínicos as principais definições que serão apresentadas.

Segundo Dunker, o isolamento não é apenas marcado por uma separação física, mas também por uma experiência simbólica. “Alguém que pode estar próximo do outro de forma asfixiante, mas que é incapaz de se colocar em seu lugar, esse alguém pode estar vivendo um isolamento imaginário agudo” (DUNKER, 2017, p.34). Por outro lado, continua o pesquisador, existe o tipo de isolamento que passa por uma interpretação de que se está sendo segregado pelo outro ou por um grupo. Assim, o afastamento do indivíduo segregado se dá enquanto indiferença; ele se apresenta como recusa de reconhecimento do outro. E aqui entra o conceito de solidão patológica dentro da psicanálise desenvolvida por Dunker, mas que se diferencia do conceito atribuído por Cacioppo. O neurocientista atribui a alterações fisiológicas as causas do definhamento da estrutura corpórea humana, adoecendo a sociedade como um todo. Por sua vez, o sentido da solidão patológica dentro da psicanálise relaciona-se a um sentimento deficitário, de fracasso individual e emocional. Por isso mesmo, segundo Dunker, a solidão deficitária (ou patológica) é repudiada pelos indivíduos, porque ela está associada aos estados de desproteção e insegurança. “A solidão patológica é sentida como humilhação social, o que costuma ser resolvido por meio de mais e maiores práticas de isolamento, distância e controle sobre a presença do outro ou por meio de próteses na qual mimetizo estados de compartilhamento com o outro” (DUNKER, 2017, p.31)

A lógica da produção e do consumo torna-se uma prótese espontânea capaz de emular uma falsa presença, um falso estado de ocupação e por isso mesmo uma

pseudoagregação. Neste sentido, as novas tecnologias e as redes sociais contribuem para perpetuar o processo que, em última instância, identifica-se com uma vida desvitalizada, empobrecida e apática. De maneira mais ampla, os aparatos tecnológicos e suas facilidades comunicativas, bem como o entretenimento proporcionado por eles, circunscrevem-se em uma cultura que pode gradativamente aprofundar o isolamento porquanto uma tirania do sucesso se impõe como fenômeno discursivo nessas redes de conexões (DUNKER, 2017, p.28). Assim, pode-se afirmar que o isolamento proporcionado por essas próteses miméticas aumenta na medida em que as inadequações da imagem ficaram mais sensíveis às manifestações discursivas do sucesso.

Por isso mesmo a necessidade de fazer-se existir ou ao menos de fazer-se “sentir” no mundo online. A prótese que cobre o vazio do silêncio dos entretempos muitas vezes revela-se em uma visualização apática sobre a atualização das notificações de mensagens ou sobre o *feed* das redes sociais. Contudo, como afirma Dunker (2017), o hábito de estar fazendo alguma coisa o tempo todo “pode se tornar um antídoto venenoso contra a solidão [verdadeira], isso porque o trabalho da solidão é um trabalho de suspensão de si”. O psicanalista avalia que a solidão benéfica, ou *solitude*, é aquela que é reconhecida e estruturada em torno da afirmação “eu preciso do outro, mas não absolutamente” (DUNKER, 2017, p.31). Desta forma, o cultivo da solidão benéfica sustenta-se também no cultivo do Outro que nos habita. A *solitude* nos convida a uma experiência criativa na medida em que ela potencializa a qualidade perceptiva e imaginativa. Todavia ela não vem sem uma carga de contradição, de confronto, de diferenças reconhecidamente provocadas pelo outro.

Não se trata apenas de quietude, isolamento e esvaziamento, mas de um conjunto de sentimentos altamente necessários para a saúde mental, sumariamente: estranhar a si mesmo, estranhar-se com o mundo, perceber-se contraditório, fragmentado, múltiplo, diferente de si mesmo, frágil, vulnerável, capaz de sobreviver e 'suportar-se'. (DUNKER, 2017, p.24)

Em outras palavras, pode-se dizer que uma vida sem alteridade torna-se insuportável, a vida sem o sofrimento do Eu que se descobre no Outro torna-se inviável. É preciso, portanto, uma carga de paradoxo presente no sofrimento para que a *solitude* se concretize como tal. Todavia, o que ocorre hoje é justamente negação do confronto. Byung-Chul Han (2017) afirma que a negação dessa alteridade atópica, isto é, do diferente, produz cada vez mais uma sociedade da positividade, a qual, de

maneira diametralmente oposta, consegue cada vez menos suportar a si mesmo. Do mesmo modo, Turkle (2011) também entende a alteridade como essencial para a construção da autenticidade, na medida em que o sujeito se descobre nas diferenças do Outro.

No entanto, o que se vivencia em torno da solidão do século XXI é uma experiência identificada por Dunker (2017) como “sofrimento narcísico” e que se caracteriza sobretudo pelo paradoxo entre a impossibilidade de ficar sozinho, entendido como sinônimo de fracasso social, e a impossibilidade de ficar junto, sentindo assim a presença do Outro como intrusão e perda da autonomia. Segundo o psicanalista, o isolamento causado por esse sofrimento manifesta-se de duas formas: de um lado, por um estado dissociativo, isto é, ao forçar os limites para a aceitação social, o sujeito termina oprimido por um sentimento de inautenticidade. O estado dissociativo, portanto, leva o sujeito ao esvaziamento de si e por isso mesmo precisa de outros para se sentir vivo. Na outra margem, o sofrimento narcísico procede de uma experiência de isolamento, conduzindo, por sua vez, o sujeito ao esvaziamento do Outro, aquilo que na literatura de início do século XX se caracterizou como o “sozinho na multidão”. Neste caso, não ocorre um esvaziamento de si, e sim a falta do auto-reconhecimento na medida em que se torna impossível reconhecer o Outro. Por isso, o estar isolado neste sentido recai justamente sobre a alteridade. “O isolamento com relação ao Outro pode levar a uma impressionante capacidade de auto-observação, à apatia, ao desespero e incerteza” (DUNKER, 2017, p.30).

A solidão patológica de nosso tempo, que caracteriza uma condição de sofrimento psíquico, sintetiza, portanto, um sentimento. Segundo Dunker, um sentimento corresponde a “uma categoria essencialmente social, que reúne e resolve contradições inerentes ao mal-estar” (DUNKER, 2017, p.245). Isto significa que as formas de sofrer, de compartilhar e narrar esse sofrimento não são resultantes apenas de um contexto econômico e sociocultural, antes também trata-se de uma forma de resistir a ele. Desta forma, a solidão enquanto fracasso trata de uma política do sofrimento cotidiana na medida em que ela cria um corpo e uma unidade de discurso que define um coletivo unido por um mesmo sentimento.

Por isso a solidão como o mal-estar do século XXI é sintomática dentro de uma transformação sistêmica que se deu na década de 1980 com a ascensão do neoliberalismo. O mundo neste período não é caracterizado apenas por uma abertura econômica, redemocratização política ou desburocratização das práticas

institucionais e flexibilização das leis trabalhistas, mas o próprio indivíduo passa a entender a vida a partir de avaliações de desempenho. “Métricas, orientações para resultados, comparações e cálculos de valor agregado tornam-se parte de nossa forma de vida como nunca antes” (DUNKER, 2017, p.242).

Assim, a solidão patológica de nosso século é fundamentada a partir de um individualismo voltado para o desempenho e sucesso pessoal, o que corrobora, portanto, com a hipótese de que esse sentimento é estruturado a partir de uma construção social. Dunker (2017) afirma que o mal-estar é a experiência que se revela justamente nesse espaço de indeterminação causada por grandes mudanças sistêmicas. Uma espécie de anomia acompanha toda a transformação, por isso o sentimento dominante é pensado como sendo a angústia e suas variações mais próximas, tais como o sentimento de culpa, o desamparo e a ansiedade.

Não por acaso sintomas como depressão, síndrome de pânico, *burnout*, distúrbio alimentar associam-se diretamente também ao sentimento de solidão patológica. No mundo do trabalho flexível e tecnológico das décadas de 1980 e 90, um novo sentimento de ascensão social emerge no cenário mundial. Tempo é dinheiro, o ócio é inimigo do progresso, e assim o lazer e as interações sociais passam a ser regradas. Além disso, a lógica da produção fez com o que o indivíduo se adaptasse à ausência de identidade de classe e de pertencimento que o capitalismo flexível tornou compulsório.

Aceitando a superexploração da jornada de trabalho e estudo, o adiamento do consumo imediato e grande dose de crença em si mesma, essa classe emergente formou um admirável senso de disciplina, autocontrole e pensamento prospectivo [...] Colocando-se em sincronia com a tese globalizada em que todos nós agora somos *empresários e patrões de nós mesmo* [...] Situações como essas são férteis para novos arranjos entre exigências superegoicas e disponibilidade de ideais. Novas formas de viver sempre trazem consigo novas formas de sofrer [...]. (DUNKER, 2019, p.249)

“Novas formas de viver sempre trazem consigo novas formas de sofrer”. Logo, também é possível afirmar que novas formas de manifestar e compartilhar esse sofrimento surgem e são facilitadas pelas novas tecnologias.

5.2 MUDANÇAS DE PONTO DE VISTA: DO ESPELHO BINÁRIO AO SUJEITO SÓCIO-HISTÓRICO

O que torna interessante os estudos de Turkle é sua capacidade de analisar as transformações nas relações entre sujeito-máquina prospectando sempre os limites entre o humano e o não humano. Isso se deve em grande medida a sua formação na área da psicanálise dentro da qual busca alinhar os estudos do *self* em paralelo às inovações tecnológicas vivenciadas por ela dentro dos laboratórios do MIT.

Sob influência dos conceitos pós-estruturalistas de Deleuze, Guattari, Foucault e Lacan, adquiridos durante seus estudos em Paris no final da década de 1970, as duas primeiras obras da trilogia, *The Second Self* e *Life On Screen*, nos permitem traçar uma linha de raciocínio da qual é possível depreender a teoria a partir do objeto em si, abstraindo os aparatos tecnológicos de um processo social mais amplo.

Logo, em seus primeiros estudos, Turkle delega o papel constitutivo e determinante da linguagem do simulacro no comportamento humano. Isto é, a conexão, a interação por meio das máquinas, transforma-se pela forma como construímos e trocamos significados por meio delas. O simulacro citado por Turkle é um conceito oriundo da psicanálise lacaniana, em que o significante produzido em uma sociedade/cultura adquire valor na medida em que este se refere ao trabalho do próprio inconsciente. Para sustentar sua ideia, Lacan faz uma releitura da linguística saussuriana definindo a significação como um processo de entrelaçamento entre significantes. “Na obra de Lacan, a significação não é um vínculo estável entre significante e significado, se não um processo: um processo pelo qual o jogo dos significantes produz a ilusão do significado através da metonímia e da metáfora” (EVANS, 2007, p.176). O processo de significação constitui-se justamente da cadeia de associações (significantes) feitas pelo indivíduo. Neste sentido, as novas tecnologias e suas interfaces tornam-se uma linguagem, um meio emulado de trabalhar com os materiais da própria vida, aquilo que muitas vezes a psicanálise chama de “trabalhar através” (TURKLE, 1995) e que de outra forma apontam ao indivíduo o caminho para novas resoluções emocionais. Ou como afirma Turkle (2011), “as pessoas vão para a internet não para consertar as coisas [conflitos da vida real], mas para se sentirem bem”. Em outras palavras, elas fazem as pazes com elas mesmas ao expressar seus sentimentos na internet, isto porque elas sabem que não estão só, muitas pessoas fazem o mesmo (TURKLE, 2011, p.233).

Segundo Lacan, esses significantes produzidos, materializados em linguagem, carregam consigo não apenas a própria ideia, mas a paixão que elas engendram. Assim, Turkle (1995) conclui que a tecnologia não teria tanta relevância em nossa

sociedade se “as pessoas não se apaixonassem pelas máquinas e pelas ideias que as máquinas carregam” (TURKLE, 1995, p.49). Neste sentido, o termo realidade virtual, ou mundo virtual, se desenvolve como uma metáfora dos espaços que são criados a partir da interação com as máquinas. As conexões em rede resultam, portanto, de uma realidade emulada que se materializa metaforicamente sobre a linguagem e a interface dos aparatos tecnológicos.

Isto, sem dúvida, reforça a tendência de um *self* fragmentado. Não por acaso, a autora também acredita na descentralização do ego, na qual uma cadeia associativa de fatores compõe nossa identidade. Enquanto se navega pelas conexões virtuais, as identidades do sujeito são constantemente reconstruídas, o que caracteriza, segundo Turkle (1995), nosso trabalho cultural em progresso.

Em 1984, quando Turkle escreveu seu primeiro livro sobre as relações humanas com as máquinas, a pesquisadora descrevia um microcosmo restrito de aficionados pelos computadores. Turkle, que iniciou seus trabalhos em 1976 no MIT, estava diretamente envolvida em uma ambiência de especialistas que lidavam com as transformações econômicas, sociais e tecnológicas. Por isso, suas primeiras análises limitam-se aos grupos de técnicos conhecedores que tiveram acesso à primeira geração de computadores.

Em uma escrita que varia o tempo todo entre a efusividade e um otimismo cauteloso, Turkle, desde o início de suas pesquisas, apresenta um realismo tecnológico para quem os estudos dos aparatos em si tem muito a dizer sobre a sociedade que vai sendo estruturada. Assim, em vários momentos, a obra conduz o leitor para as possíveis mudanças comportamentais desencadeadas pelos aparatos tecnológicos, o que deixa evidente, portanto, sua tendência para a causalidade tecnológica. Na primeira conclusão, proposta em *The Second Self*, Turkle afirma que “os computadores modificam a maneira como as pessoas pensam, especialmente sobre si mesmas” (TURKLE, 1984, p.164).

Muito embora não admita uma visão determinista, a pesquisadora centra sua atenção sobretudo no poder da máquina como “uma segunda natureza”, isto é, um objeto evocativo que fascina e provoca reflexão. Os computadores suscitam sentimentos sobre a vida e a morte, ele permanece no limiar entre o físico e o psicológico, o animado e o inanimado. Os computadores são máquinas metafísicas que influenciam a maneira como pensam os homens, e muito embora sejam apenas objetos informáticos, também são manipuladores de símbolos e linguagens, por isso

as pessoas interagem com o computador como se fosse outra mente. “Não apenas pensamos as máquinas em termos humanos, mas também pensamos nas pessoas em termos de máquinas. [...] Tomamos a mente como máquinas e as máquinas dotadas de mente” (TURKLE, 1984. p.25). E em meio a essas reflexões, as emoções são apenas erros que podemos eliminar.

Assim, se na década de 1980, essa relação estava sujeita a um encanto meramente técnico relegando o problema sobre o que as máquinas eram capazes de fazer *por nós*, nos anos 1990 seu questionamento se fundamenta principalmente no que essa interação pode fazer *conosco*.

Em *Life On Screen*, esse caráter determinista torna-se muito mais evidente ao centralizar o computador como protagonista de toda modificação social. O computador, bem como as demais tecnologias que o precederam, como a TV, o rádio, a fotografia, são capazes de moldar a compreensão de mundo do sujeito. Não por acaso, Turkle toma os computadores como atores principais entre as compreensões modernas e pós-modernas.

Se na década de 1970 e 80 os computadores carregavam uma mensagem psicológica e filosófica da cultura do cálculo, da ferramenta e da sedução da programação, na virada dos anos 1980 essa mensagem se materializa na sedução da interface, na busca pela nossa própria mente e consciência, antes mesmo de compreender como funciona a máquina.

Neste sentido, Turkle abre possibilidades para compreender sua posição pós-estruturalista que acompanha toda sua segunda obra, *Life on Screen*. Em 1995, quando o livro foi escrito, Turkle vivenciava as transformações da relação homem-máquina dentro de um processo no qual jogos virtuais, avatares e *softwares* para criação de projetos que envolviam a simulação de imagens, afloravam em meio aos usuários comuns. A tecnologia computacional deixava de ser um produto de um subgrupo de especialistas e programadores e passava a estabelecer um laço de simulacro com os usuários comuns em escritórios e lares. Antes a relação com a máquina era restrita a uma relação particular, de um para um, na década de 1990 essa relação coloca o sujeito no centro das coisas e das pessoas. Turkle acredita que a cultura do simulacro traz uma nova estética do mapa cognitivo, os objetos pós-modernos se materializam na informação e na conexão com a internet, e com os ícones que somos capazes de gerar a partir da interface interativa que nos é oferecida. Desta forma, o uso das tecnologias para trabalhar com a cultura das imagens ajuda-

nos a pensar uma cultura pós-moderna. O computador é a matriz a partir da qual é possível construir coisas de maneira diferente. Trata-se de uma estética relacionada à recombinação de fatores, bem como à manipulação, um mundo onde o que menos importa é sua origem, um referente físico, ou mesmo a forma como é processado internamente.

Em contraste com o mundo analítico, Turkle resgata o método estruturalista da bricolagem, de Lévi-Strauss, segundo o qual é possível construir mundos a partir da associação entre materiais que se tem nas mãos. Não mais as regras analíticas dos programadores dos anos 1970 e 80, mas a possibilidade de intervir e ajustar em micromundos simulados. A era dos *bricoleurs* de Turkle é a era da reconstrução do eu. A possibilidade de manipular os objetos por meio do simulacro, de explorar a web fazendo conexões, selecionando, juntando o improvável, é um processo de experimentação individual único que, segundo a autora, apenas a internet foi capaz de nos oferecer. Na década de 1990, os computadores não funcionam apenas como ferramentas com as quais podemos escrever, calcular, desenhar, jogar, criar sequências de vídeos e efeitos musicais, “eles criam uma nova série de associação intelectual e emocional” (TURKLE, 1995, p.63). A cultura da simulação abre possibilidades para uma era da pluralidade dentro da qual Turkle acredita que a “a simulação torna-se o melhor caminho para aprender sobre o mundo” (TURKLE, 1995, p.63). Trata-se de um mundo com mais imersão e menos regras, mais identificação e menos alienação.

Por isso, trata-se de uma cultura que Turkle denomina *soft*, isto é, uma cultura flexível, menos estratificada e sobretudo transparente na medida em que é possível visualizar uma resposta imediata da máquina. A interação torna-se um processo menos obscuro quando da aplicação de softwares e ícones visualmente sedutores. A cultura do simulacro, na década de 1990, é a cultura dos MUDs (*Multi-Users Domain* ou *Multi-Users Dungeon*), que transformam nossas identidades, abrem possibilidades para novas conexões sociais e nos permitem construir características plurais e flexíveis na medida em que interagimos e criamos redes de sociabilidade.

Em meados da década de 1970, o jogo de RPG *Dungeons & Dragons*, antes praticado face-a-face, ganha a versão virtual de seus personagens e cenários fantasiosos. Nasce então os primeiros *Multi-Users Dungeons* (ou *Domains*), que nas duas décadas seguintes dominarão a cultura computacional, principalmente após a popularização dos computadores pessoais.

Os MUDs são espaços virtuais constituídos por diferentes tipos de *softwares* que colocam o usuário dentro de contextos simulados onde é possível navegar, conversar e construir uma vida que não necessariamente representa a vida real. Pessoas frequentam e vivem em cidades simuladas, construídas por ícones e gráficos, mas sobretudo por um texto base o qual todos podem manipular. Os MUDs aliam aventura e socialização, isto é, a possibilidade de criar um personagem, de vestir uma máscara de ator, ao mesmo tempo em que é possível interagir com os outros anonimamente, sem necessariamente assumir o mesmo papel da vida real.

Em certa medida, os MUDs, bem como o BBS (*Bulletin Board System*)¹², que emergiram na virada da década de 70 e 80 são os ancestrais das redes sociais como conhecemos hoje. Trata-se de uma nova forma de comunidade, virtual, em que os atores constroem e compartilham textos, informações e identidades através da interação social. São lugares onde “você é aquele que você pretende ser” (TURKLE, 1995, p.12).

Turkle acredita que a interatividade alavancada pelos MUDs, sobretudo pelo anonimato, propicia espaços para expressar individualmente partes de nosso *self*. Além disso, o sujeito se torna autor da própria história. Um autor, a princípio solitário, pode se espalhar em várias *personas* e vários lugares. Os MUDs, portanto, tornam-se o contexto ideal para descobrir quem somos e o que gostaríamos de ser.

Todo esse otimismo de Turkle, no entanto, tonar-se cauteloso na medida em que a autora entende o valor da interface não apenas como formador de seres mais adaptáveis socialmente, mas também na medida em que a sedução do simulacro “significa que os programas são tomados como atores sociais com os quais podemos negociar” (TURKLE, 1995, p.102). Isto significa dizer que em certo momento passamos a tratar os computadores dentro de um limite nebuloso onde se torna difícil separá-los das características humanas. Neste sentido, o conceito filosófico sobre aquilo que é vivo e tem emoção escapa à nossa consciência. Na cultura da simulação apenas nos entregamos, nos relacionamos com as máquinas como uma forma de encontrar companhia. Na década de 1990, portanto, a imagem do computador torna-

¹² O *Bulletin Board System* (BBS) foi criado em Chicago, em 1978, por Ward Christensen e Randy Sue. O BBS foi a primeira comunidade virtual de uso civil, já que a Arpanet, criada na década de 1960, ainda era restrita ao uso acadêmico e militar. O BBS foi primordialmente criado para a troca de mensagens e arquivos em ambientes de trabalho e seu funcionamento estava condicionado a um modem interligado à rede telefônica. Os BBSs dominaram o cenário da comunicação digital nos anos 1980, sendo possível mesmo enviar e receber e-mails de várias partes do mundo. Na década de 1990 caem em desuso com a popularização da Internet e da *World Wide Web*.

se mais complexa do que antes, pois evoca ao mesmo tempo um isolamento físico e uma intensa interação com outras pessoas.

Se inicialmente Turkle mostra-se entusiasta, logo se mune de conclusões cautelares quando, nas instalações do MIT, presencia a criação de máquinas e softwares que passam a atuar como terapeutas, como é caso do programa *Eliza*¹³, criação pioneira da Inteligência Artificial, dos anos 1960, bem como do aplicativo *Depression 2.0*¹⁴, já nos anos 1990. Ambos levam a autora ao questionamento sobre o que afinal tornam as máquinas mais especiais que os próprios relacionamentos humanos. Por que recorrer a um aplicativo para desabafar sobre suas ansiedades e angústias? Na pós-modernidade, para utilizar um termo da própria autora, presencia-se o declínio da autenticidade e a falta de afetividade que pouco a pouco vai sendo suprida pelas máquinas. Em suas considerações sobre o trabalho de Turkle, Rüdiger também atenta para a trivialidade da vida humana:

O romance que se estabeleceu entre nós e a mídia digital está fazendo com que evitemos os demais por conterem menos risco e perigo de desapontamento. O futuro sinaliza para um mundo em que a interação via máquina, se não apenas com esta última, se revela mais gratificante em comparação com a que temos em presença como nossos semelhantes (RÜDGER, 2016, p.240).

Assim, Turkle oscila entre o entusiasmo da possibilidade de transformação social por meio das tecnologias e a cautela otimista que tende a se intensificar sobretudo na sua terceira obra, *Alone Together*. A partir daqui, identifica-se o ponto de viragem em que o protagonismo das mídias digitais cede lugar para uma visão mais histórico-cultural e menos pós-estruturalista. Turkle volta-se para a realidade que circunscreve o sujeito como epicentro de todos os questionamentos e atenta-se à importância das experiências para a construção social do indivíduo. Em *Alone Together*, Turkle, que a princípio abstraía o processo tecnológico de uma transformação social geral, agora traz o sujeito e sua formação como resposta para muitos de seus questionamentos anteriores. Desta forma, a autora abre possibilidades

¹³ *Eliza* foi um programa de computador criado em 1966 pelo pesquisador do MIT Joseph Weizenbaum com o objetivo inicial de testar os limites da capacidade de diálogo de um computador. No entanto, o próprio Joseph admite que sua criação ultrapassou todos os limites éticos quando passou a ser tomado por um psicoterapeuta. *Eliza* era capaz de corresponder às ansiedades e angústias dos usuários que, ao lhe fazer perguntas, eram imediatamente correspondidos.

¹⁴ *Depression 2.0*, um software “de terapia” criado em 1992, opera oferecendo uma gama variada de respostas. Trata-se de um programa barato, acessível e que protegia a confidencialidade dos usuários.

para compreender a tecnologia como manifestação de uma cultura mais ampla, interpretação que gradualmente se aproxima dos conceitos de estrutura do sentimento de Williams.

A pesquisadora já ensaiava uma aproximação dessa visão quando, nas décadas de 1970 e 80, começa a aflorar uma cultura da ansiedade que pouco a pouco começa a projetar nas máquinas uma espécie da extensão do *self*. Experiências como o programa *Eliza* ou o aplicativo *Depression 2.0* não fascinam pelo simples fato de tomarmos as máquinas como uma quase vida, mas pela possibilidade das pessoas respirarem vida e se retroalimentarem em uma máquina. Isso se torna mais evidente quando, nos anos 2000, pessoas passam a abdicar dos “aplicativos terapêuticos”, sem necessariamente contar com a mediação de um programa para atender suas ansiedades. As angústias dos anos 2000 são transferidas para a relação entre sujeitos reais, mas que se simulam por de trás de uma tela. Se nos anos 1990 a rotina de jogar e/ou navegar pelos MUDs torna-se parte da rotina real, nos anos 2000 a vida real torna-se parte de um mundo imaginado e projetado no simulacro. Nos MUDs criamos mundos fantasiosos para fugir de nossas ansiedades e angústias e projetar aquilo que gostaríamos de ser na vida real. Nas redes sociais online projetamos nossa vida real de maneira a torná-la fantasiosa para os outros e para nós mesmos. Nos MUDs encontramos uma válvula de escape para as decepções da vida real. Por sua vez, nas mídias sociais dos anos 2000, somatizamos conscientemente as frustrações da vida real e, por isso mesmo, muitas vezes optamos por escapar a essas conexões virtuais, ainda que temporariamente.

Em certa medida os usuários das redes sociais *online* do século XXI mostram o que desejam mostrar, como nos MUDs, mas sem necessariamente construir personagens ou cidades fantasiosas, simulados graficamente, e sim imergindo sobretudo em identidades e cidades imaginárias fechadas dentro de si mesmo, projetadas em uma arquitetura de vidro.

Alone Together é, afinal, a obra de Turkle que reúne resultado dos últimos 15 anos e demonstra com mais preocupação o envolvimento dos sujeitos com o simulacro. A pesquisadora argumenta o quão grave se torna o poder envolvido das máquinas e suas comunidades virtuais a ponto das pessoas preferirem, agora, apenas o mundo das redes ao invés da vivacidade do mundo circundante. Substituem o contato face a face pelos relacionamentos eletrônicos. A última obra da trilogia, e que representa em certa medida a virada conclusiva da pesquisadora, deixa claro que o

envolvimento simbiótico com os aparatos tecnológicos no século XXI diz muito mais sobre a dificuldade de gerenciamento de crises pessoais na vida real do que o determinismo das tecnologias em si. “Nós nos curvamos, rendemos ao inanimado com novas solicitações. Nós tememos os riscos e os desapontamentos dos relacionamentos com nossos colegas humanos. Nós esperamos mais das tecnologias e menos sobre os outros” (TURKLE, 2011). Não é mais sobre a prevalência da tecnologia e seu poder de linguagem, mas sobre os as angústias e as fragilidades humanas.

Neste sentido, Turkle traça uma linha analítica nas três obras, fundamentada sobre o estudo da formação do *self* e de como ele permanece no limiar entre o que de fato somos e o que gostaríamos de ser, entre o “aqui e agora” e as promessas do mundo das redes virtuais.

5.3 ASPECTOS DO *SELF*: ESPELHO, FUGA E O RETORNO A SI

Cabe aqui uma justificativa sobre a exposição psicanalítica de Turkle desenvolvida neste trabalho. Como explicitado no início deste capítulo, essa abordagem se dá na medida em que ela é importante como ponto de partida para entender a formação do sujeito dentro de um processo histórico cultural mais amplo. Por isso, ao traçarmos o entendimento de Turkle a respeito da formação subjetiva do indivíduo, pretendemos demonstrar um sujeito que antes de ser constituído pela linguagem do simulacro, ele é constituído por uma realidade materialmente construída. Neste sentido, a *cibercultura* é entendida como uma manifestação sociocultural que ocorre dentro de um sistema hegemônico, mas que nunca é determinante em si. Isto significa que a relação do sujeito-máquina também passa pela compreensão de como o sujeito enxerga suas próprias demandas dentro do sistema no qual ele se circunscreve. Ao final, esta exposição nos conduzirá de volta às discussões suscitadas pelos depoimentos iniciais. A partir das ideias de Turkle será possível compreender o que une as experiências autênticas dos entrevistados às relações simuladas no mundo online.

Desta forma, um dos aspectos trabalhados por Turkle desde sua primeira obra, em 1984, é a forma como os sujeitos projetam o *self* nos aparatos tecnológicos. A construção do *self* em Lacan ocorre primordialmente por meio de uma identificação imaginária marcada por aquilo que ele chama de “estádio de espelho” e que ocorre

sobretudo nos primeiros anos de vida. “Quando Lacan fala de uma imagem especular ele se refere ao reflexo do próprio corpo no espelho, à imagem do ‘eu mesmo’ que é simultaneamente eu e outro” (EVANS, 2007, 108). Mesmo quando não há um espelho real, a conduta pode ser refletida nos gestos de outra pessoa, fazendo com que esta funcione como uma imagem especular. “O ser humano é totalmente cativado por tal imagem: esta é a razão básica do poder do imaginário no sujeito, e explica porque o homem projeta esta imagem de seu corpo em todos os outros objetos do mundo que o rodeia” (EVANS, 2007, p.108). Desta forma, o *self* se constitui a partir do Outro que se define como significante.

Desde o início de seus estudos, Turkle (1984) alerta para a forma de como a cultura computacional ameaça a noção do “eu” na medida em que o circunscreve na ideia de um “eu” carente. Para a pesquisadora vivemos em uma cultura insegura, e por isso mesmo fazemos das máquinas objetos evocativos, transformando os aparatos em espelho na busca por uma identidade em uma realidade emulada. A simulação, portanto, criaria um *self* que afinal prefere a imersão em mundos virtuais, onde os relacionamentos são reduzidos de maneira superficial. A vida real demanda uma série de iniciativas muitas vezes frustrantes e “este é o ponto ideal da simulação: a satisfação da criação sem a pressão, a excitação da exploração sem seus riscos” (TURKLE, 2011, p.224).

A noção de que na máquina ou no mundo virtual é possível projetar aquilo que se deseja ser cria uma ressonância mítica segundo a qual é possível construir um *self* idealizado. Em sua trilogia, Turkle recorre à psicanálise para entender quão nebuloso se torna o limite entre vida real e simulacro. Por isso, seus estudos constituem uma eterna dança entre aceitação e rejeição da analogia entre seres humanos e máquinas para a construção do *self*.

Em *The Second Self*, a máquina suscita o encanto das primeiras descobertas, a possibilidade de um segundo eu projetada em um objeto programado para atender as necessidades e anseios humanos. O computador é o protagonista, ele significa o poder de reprodução cognitiva infinita, o objeto transformador de crianças em pequenos filósofos, adolescentes em grandes programadores e adultos de vida resolvida. A máquina é uma mente poderosa capaz de competir com o homem, de suscitar crises existenciais humanas e prospectar um futuro envolvente onde homens e máquinas continuarão amando-se intensamente.

A perfectibilidade dos aparatos, bem como suas respostas instantâneas, suscitam no indivíduo uma carga emocional de privilégio, uma espécie de ilusão controladora sobre o tempo e as relações, uma sensação de jamais ser parado ou detido. O computador é o espelho perfeito, uma máquina que supera todos os demais em refletir a capacidade humana. “É difícil afastar-se desse espelho perfeito” (TURKLE, 1984, p.95).

A princípio, Turkle acredita que os computadores nos convidam a uma reflexão filosófica sobre a natureza, eles nos incitam a pensar sobre quem somos. As máquinas nos afrontam porque se colocam diante de nós como espelhos, questionando-nos sobre o que é ser humano, sobre o que é sentir. O computador afinal nos faz lembrar que existe um “eu”, e essa subjetividade evocada numa máquina nos faz lembrar algo pelo qual estamos todos sedentos: companhia.

O terror de nos sentirmos sós, e no entanto tememos a intimidade, experimentamos diversos sentimentos de vazio e desconexão, de irrealidade no eu. E aqui o computador se apresenta como um companheiro que não reclama emoções, que oferece uma solução de compromisso. É possível ser um solitário, mas não estar jamais sozinho. Pode-se interagir, sem contudo sentir-se vulnerável frente a outra pessoa (TURKLE, 1984, p.303).

Neste ponto, Turkle prospecta os primeiros caminhos da solidão digital, daquela que emana das redes sociais. Trata-se de um encontro emblemático entre os aparatos tecnológicos e a nossa vida afetiva.

Segundo a autora, é preciso retomar a ideia de um “eu” que sente, carente de ancoragem, por isso a aproximação entre homem e máquina precisa ser compreendida como parte de um processo em que o sujeito se identifica no objeto porque ambos possuem uma mente multiprocessadora. Tal experiência conduz a uma redescoberta da identidade humana. “Se uma vez fomos animais racionais, agora somos computadores com sentimentos e máquinas emotivas” (TURKLE, 1984, p.309).

Logo, não se trata aqui de uma análise instrumental dos aparatos técnicos, mas de uma análise subjetiva. A máquina é o objeto essencial para soluções pragmáticas da vida e, no entanto, questões emocionais são sempre um entrave para discussões mais profundas. Por um lado, as emoções revelam os instintos irracionais, que devolvem o homem ao seu estado selvagem. Por outro lado, elas podem facilmente ser controladas pela poderosa máquina da mente. O cerne das discussões para

Turkle, no entanto, está na capacidade dos computadores em reparar traumas de infância, *bullyings*, baixa auto-estima e problemas familiares. É assim que Turkle apresenta o poder da projeção do *self* no computador na década de 1980. A máquina não sente, mas traz soluções pragmáticas para nos tirar do estado de emoção profunda na qual mergulhamos. O sentimento nos ludibria; a máquina ludibria nossos sentimentos. Logo a poderosa mente da máquina transforma as emoções da máquina humana.

Existe quase que uma relação simbiótica entre homem e máquina, os primeiros estudos de Turkle nos conduzem a uma atração física pelo objeto, numa espécie de encantamento pela perfectibilidade operacional ilimitada. A projeção do *self* permanece em uma relação unívoca, entre homem e máquina, subjugando a imagem do primeiro ao segundo em uma ação reflexiva.

Em *Life On Screen* (1995), Turkle dá continuidade aos estudos dos efeitos tecnológicos sobre o *self*, no entanto, o computador não é mais entendido como um modelo de mente idealizado onde desejamos espelhar nossa imagem. O *self* desloca-se para a descoberta de mundos fantasiosos por meio da interação com outras pessoas em comunidades virtuais. Com a propagação dos MUDs, sobretudo na década de 1990, a pesquisadora se debruça para entender e caracterizar estas comunidades como experiências “pós-modernas”, tomando-os por objetos evocativos para repensar a identidade humana. Com os MUDs, a linha que separa o humano da máquina torna-se cada vez mais difusa, isto porque as pessoas começam a sentir-se mais à vontade em substituir a realidade por representações do real. Na cultura do simulacro, se as coisas se resolvem para o sujeito, então ela é uma realidade mais do que o suficiente. Isto significa que “podemos até mesmo estar sozinhos navegando por oceanos virtuais, mas outras pessoas certamente também estarão lá” (TURKLE, 1995, p.10).

Se na década de 1980, portanto, a preocupação de seus estudos centrava-se em saber se as máquinas tinham vida ou não (para as crianças) ou se as máquinas eram capazes de superar a mente humana ou mesmo corresponder às nossas emoções (para os adultos), nos anos 1990 suas atenções se voltam para aquilo que Turkle chama de “identidades forjadas” no simulacro e que em certa medida estão englobadas em um movimento utópico que carrega consigo um discurso de descentralização da informação, transitando, portanto, da autocracia para a democracia das conexões.

Politicamente é possível criar a ilusão de participação descentralizada mesmo quando o poder permanece bem fechado. Em termos da nossa visão do *self*, novas imagens de multiplicidade, heterogeneidade, flexibilidade, e fragmentação dominam o pensamento corrente a propósito da identidade humana (TURKLE, 1995, p.178).

Ou seja, os aspectos centrados no *self* passam pela reconstrução da identidade do sujeito. Com os MUDs na década de 1990, bem como os e-mails e os BBSs, Turkle ventila a possibilidade de essas comunidades atuarem, em maior ou menor grau, como um modelo de psicoterapia coletiva para as pessoas que se encontram nesses ambientes. Neste sentido, será que os MUDs realmente funcionariam para propósitos terapêuticos? O caso dos MUDs torna-se especial porque muitas vezes a possibilidade do anonimato é usada para projetar uma ou várias *personas* alternativas. E as pessoas terminam por projetar muitas vezes aspectos não desenvolvidos de si. O mundo do simulacro aflora uma cultura da multiplicidade dos *self*. “Eu não sou uma coisa, eu sou muitas coisas” (TURKLE, 1995, p.185). Portanto, a noção de identidade tradicionalmente aliada à autenticidade é subvertida na experiência das relações virtuais, o que pode tornar os efeitos psicológicos causados por uma tela algo muito complexo. Segundo Turkle, isto ocorre sobretudo porque o sujeito tende a desenvolver uma maneira de pensar a vida como feita de diversas janelas, cabendo à vida real ser apenas parte de uma delas.

Os MUDs em certa medida oferecem a possibilidade de um lugar alternativo (à salvo) para recriar identidades. Sob um aspecto mais otimista, trata-se de ambientes disponíveis para “trabalhar através”, isto é, um meio para retrabalhar e alcançar novas resoluções emocionais a partir de aspectos da própria vida. Por outro lado, lugares à salvo não necessariamente significam o terreno propício para mudanças pessoais, ou seja, os MUDs muitas vezes podem ser ambientes pelo qual é possível “agir por”, reconstituindo e reforçando certas dificuldades que afligem o indivíduo na vida real. Por isso, para Turkle, tomar essas comunidades virtuais por alternativas terapêuticas para trabalhar o *self* torna-se perigoso na medida em que o conflito emocional aumenta quando as pessoas tomam consciência de que as vidas paralelas no mundo virtual não necessariamente representam à vida real.

Consequentemente, existe um colapso emocional que permeia as relações sujeitos-máquinas, pois os indivíduos no mundo virtual ao mesmo tempo em que conclamam proteção, sentem-se vulneráveis de uma outra forma. Os simulacros

tomam o sujeito de tal forma que a possibilidade de estagnar no ponto morto das relações desencadeia uma série de inquietações.

É assim também nas redes sociais, da mesma forma em que nos sentimentos protegidos por de trás das telas, convivemos com o paradoxo de uma vulnerabilidade latente. Tornamo-nos ansiosos na medida em que sempre esperamos algo do outro por de trás das telas, bem como a respeito do que os outros esperam de nós. Isto apenas revela o conflito ininterrupto das pessoas que atestam a própria existência transitando *online*, mas temem descobrir coisas demais bem como serem desnudadas ao extremo.

Esse colapso, que torna mais nebuloso o limite entre mundo real e virtual, é revelador na medida em que a consequência também está atrelada ao que o sujeito é na condição de sujeito sócio-histórico, em outras palavras, ela está atrelada a toda uma carga emocional construída desde as primeiras relações interpessoais do indivíduo. Um cenário que para Turkle começa a se vislumbrar considerável. “Quando as pessoas se tornam frequentemente autocríticas e deprimidas no *ciberespaço*, isso significa que o déficit nos relacionamentos estabelecidos desde cedo tornam para elas mais difíceis as relações virtuais” (TURKLE, 1995, p.205). Para Turkle, portanto, o *self* só pode ser construído a partir de experiências reais que começam desde muito cedo. Esta análise, portanto, já prescreve as primeiras ideias de Turkle que subvertem a noção dos aparatos tecnológicos com principais emuladores de uma sociedade apática. Ou seja, as comunidades virtuais apenas resultarão em boas experiências a partir de um *self* construído saudavelmente pelas experiências interpessoais da vida real. Por isso, não se pode abstrair as experiências virtuais de uma formação que passa pelo contato físico dentro de comunidades reais, onde se desenvolvem o senso de pertencimento e identificação.

Depois da catástrofe das duas grandes guerras, a reconfiguração do espaço urbano materializou o processo de atomização da vida social, sobretudo na sociedade americana. O declínio de restaurantes, cafés e teatros acompanha a ascensão dos *shopping centers*, que para Turkle constituem um estilo de vida que caracteriza a “cultura da simulação”. Podemos passar horas dentro de um local fechado onde o objetivo primordial jamais será a interação face a face, mas a projeção de desejos expostos nas vitrines. Deixamos o real senso de comunidades para ingressar e viajar por esses espaços de entretenimento, e da mesma forma temos transitado pelas comunidades virtuais. Acreditamos na falsa ilusão de comunidades colaborativas,

quando na verdade trata-se apenas de cenários simulados onde é possível atuar de acordo com as circunstâncias.

No início da década de 1990 os indivíduos se sentem cada vez mais atraídos pelas promessas dos MUDs, *chats* e BBSs, dentro dos quais há amigos, relacionamentos amorosos, identidade com pautas políticas e sobretudo segurança dentro de um espaço para ser o que se deseja ser, mostrar o que se deseja mostrar, aparecer e desaparecer, tecer e desfazer laços, responder e ignorar, ser único e vários ao mesmo tempo. Essa cultura se arrastará até os anos 2000 quando da emergência das redes sociais *online*. Continuamos imersos em *shopping centers*, navegando por horas, ignorando o compasso do entorno, projetando desejos e prospectando sobre as múltiplas personalidades que podemos assumir diante de cada vitrine que paramos para observar.

A possibilidade de um *self* saturado pelas constantes imagens e vozes virtuais que colonizam a mente mantém o indivíduo em constante estado de construção e reconstrução. Para Turkle, não há um *self* independente das outras relações. Somos todos múltiplas pessoas que interferem nos *selfs* dos outros também. “As comunidades virtuais representam entre outras coisas a co-saturação de *selfs* que tem vivido toda uma vida saturados em seus isolamentos” (TURKLE, 1995, p.258).

Uma visão sólida do *self*, portanto, corresponderia a culturas estáveis. Segundo Turkle, a possibilidade de um *self* saudável em meio à cultura fluida está estritamente relacionada a como lidamos com a coerência dentro das culturais estáveis. Em tempos em que nada se fixa, tudo se move o tempo todo, a nova metáfora de *self* saudável é a capacidade ininterrupta de mutação. O que permanece para corpo e mente individuais também vale para as grandes instituições e corporações dentro das quais estamos inseridos. A nova habilidade traduz-se em saber jogar com papéis diferentes o tempo todo.

“Este discurso utópico sobre descentralização esteve em voga ao mesmo tempo em que a sociedade tornou-se crescentemente fragmentada” (TURKLE, 1995, p.177). Na visão da pesquisadora, os relacionamentos estão sendo minados pelas tecnologias na medida em que tentamos nos “retribalizar” pelos próprios aparatos de comunicação. Uma crítica, aliás, já apontada por Williams em suas observações sobre as abordagens teóricas que projetam ideologicamente os meios de comunicação como “meio de produção nos quais será produzida a ‘retribalização’, a suposta restauração da ‘aldeia global’, do homem natural ‘não caído’” (WILLIAMS, 2011, p.72).

E neste ponto talvez resida o ponto de viragem da autora que se desenrola em *Alone Together*. Turkle fala de um *self* projetado nas máquinas que se combina muito mais à cultura dentro da qual o sujeito está inserido, do que a influência dos aparatos tecnológicos em si. Ao acompanhar o desenrolar da cultura da flexibilização, Turkle vivencia também o processo de fragmentação do indivíduo dentro de uma rede geral de mudanças que se desencadearam sobretudo na década de 1980 com o neoliberalismo, a mobilidade dos aparatos tecnológicos e sua confluência em ferramentas de trabalho e comunicação.

Assim, quando indivíduos como Tiago, Sandra, Ana, Letícia, Júlia, Eduardo e Luís, tentam expressar suas ansiedades a partir de um relacionamento com as redes sociais online, é natural que contradições se manifestem em seus depoimentos.

Tudo isto aflora em concordância com uma emergente cultura do trabalho *homeoffice*, na qual as habilidades *multitasks* compõem a nova faceta das múltiplas personalidades.

Conectados a uma rede social por meio de nossos aparatos móveis, terminamos por nos aproximar de um novo estado do *self*, aquilo que a autora chama de *itself* (si mesmo), que logo de início pode parecer trazer certos benefícios como “ser capaz de produzir mais tempo, multitarefando nossa alquimia do século XXI” (TURKLE, 2011, p.155). A ilusão do sujeito multitarefa é apenas um dos caminhos apontados por Turkle e que merecem atenção nesse ponto de viragem.

Tiago acredita que as tecnologias acabam acentuando a característica *workalcoholic* da atual sociedade e com a qual ele se identifica:

É meio que padrão sabe, eu acordo já dou uma olhadinha no *Instagram*, vejo alguma outra rede e daí vejo que não tem nada ou tem alguma coisa interessante e daí vou para as atividades normais, mas sempre tô conectado, mesmo trabalhando. Quando eu tô trabalhando normalmente fica tudo logado no computador, é mais quando eu tô na rua ou deitado que eu fico com o celular, mas quando eu tô trabalhando fica geralmente no computador.

Um segundo aspecto, e que sem dúvida está intimamente relacionado à cultura da flexibilização, diz respeito ao estado emocional do sujeito e às frustrações com os relacionamentos interpessoais. Projetar o *self* nas redes sociais diz muito sobre o estado de vulnerabilidade e o conflito vivenciado pelo sujeito do século XXI.

Vivemos o que Turkle chama de *realtechnik*, isto é, uma espécie de cultura do preenchimento, que busca a todo momento completar os vácuos dos entretempos, entre tarefas ou atividades rotineiras. Mas o *realtechnik* também fala sobre os

problemas de um *self* conectado, experimenta-se um sentimento de nunca estar só, há sempre alguém na linha, disposto a lhe aceitar em apenas um clique.

Essas ansiedades revelem-se mesmo nos momentos de descanso ou durante o sono da madrugada, como afirma Ana. Ao mesmo tempo em que dentista confessa seu estado de angústia por estar o tempo todo conectada, ela não consegue explicar a origem dessa necessidade:

Às vezes nem tô conversando com ninguém, mas to lá, roda pra cima, roda pra baixo, vendo as últimas conversas, sei lá... não sei realmente o porquê. Gente não tem um motivo... porque assim eu fico toda hora olhando pra ver se tem alguma coisa, as vezes eu olho nem tenho vontade de puxar conversa com alguém, mas tô lá olhando. Por que? Pra que ??? Não sei...

Para a autora, isto faz parte de um estado dissociativo segundo o qual as pessoas precisam deixar seus corpos online para serem olhados apenas superficialmente. “Deixar o *self* é um jeito de não sentir a intolerância do meio” (TURKLE, 2011, p.235)

Turkle mostra o quanto abstraímos a presença do outro em favor da máquina não tanto pela sedução tecnológica em si, mas porque em alguma medida os seres humanos estão cada vez mais cansados de lidar uns com os outros. As pessoas passam a ser atraídas pelas suas tecnologias de comunicação pela forma como as relações sociais são facilitadas. “É que atrás da tela você tá protegido né?” , conclui Ana.

Você tá protegido de um “não”, porque pessoalmente se você levar um “não” na cara você até murcha, mas atrás das telas ninguém vai ver a sua reação, então nesse sentido você tá protegido de várias situações que podem ser decepcionantes, porque o convívio com as pessoas não é fácil, nunca foi.

No entanto, o que muitas pessoas ainda buscam na conectividade online é menos uma funcionalidade cotidiana e mais uma exploração da identidade. A internet providencia espaços para amar e repudiar pessoas e ideias. Quando parte da vida é vivida em espaços virtuais desenvolve-se uma relação entre o que é verdade “aqui e agora” e aquilo que é apenas uma verdade simulada (TURKLE, 2011, p.153). As emoções, desabafos, tentativas de contato tornam-se apenas mais um simulacro entre os muitos que estão em andamento sobre a tela do aparelho.

Para Sandra, a vida conectada e emulada 24 horas que a sociedade experimenta é um sintoma do quanto as tecnologias podem afetar nossa saúde emocional ao substituir uma relação autêntica com o outro.

Eu acho que a gente está lidando com essas ferramentas de maneira muito errada, era pra ser legal, mas a gente está distorcendo tudo, faz mal pra gente mesma *stalkear* pessoas, para que isso? As pessoas às vezes têm problema com a própria vida porque vêm a vida perfeita das outras pessoas, principalmente quando é postado em imagens, porque cria um espelho de uma realidade que não existe, você fica tentando se comparar o tempo inteiro, quem é que fica imune a essas coisas? Essas coisas mexem com nosso emocional...

Turkle (2011) avalia que ao nos tornamos simulacros é difícil compreender que somos pessoas. A mobilidade e linguagem binária automaticamente excluem o outro justamente por vivenciarmos a era da atenção compartilhada. Mas a ideia de simulacro reside justamente no ponto de que ele causa um estado de euforia. Uma espécie de satisfação da criação, sem a pressão *offline*. A vida real empreende esforços e o resultado pode muitas vezes desapontar. Por isso mesmo o *self* é condicionado a desejar por um simulacro, a simulação reduz os relacionamentos de maneira simplista. Podemos imergir e ter sentimento de interação sem a pressão por demandas reais. Ou para usar as palavras de Júlia, nos relacionamentos online

[...] é tudo muito incerto, você pode fingir muita coisa, você também ignora muita coisa, e quando você tá cara a cara com a pessoa isso não acontece. Se você quiser esconder algo é muito mais fácil, às vezes a pessoa pergunta “você tá bem?”, aí você fala “tô ótima, tudo tranquilo”, no fundo você pode estar chorando, mas você lavou a cara e mandou uma foto tipo sorrindo e tá tudo ok. Parece que tá tudo maravilhoso né? É muito mais fácil, fora que você pode silenciar a pessoa, você bloqueia, acabou o problema ali, tchau, nunca mais.

Os desabafos emocionais em rede reforçam a ideia de que não é preciso buscar contato pessoal. O mundo online não conta com a força modeladora da presença física do outro. “Não podemos culpar a tecnologia por este estado. São as pessoas que estão decepcionadas com as outras. Tecnologias apenas permitem criar um mito no qual isso não importa”. (TURKLE, 2011, p.237)

Os aparatos técnicos, sobretudo o celular, se transformaram em símbolos de segurança física e emocional, com eles as pessoas mais queridas não desaparecem. Além disso, a atualização constante das redes sociais colabora para manutenção da

autoimagem e, assim, não cair no esquecimento. Tornar as postagens constantes e públicas faz parte do jogo da popularidade. “Ter pessoas te olhando te colocam em contato com elas mesmo você se você está sozinho, você sabe que as pessoas estão te bisbilhotando”. (TURKLE, 2011, p.252). Paradoxalmente, o mundo online ajuda a extravasar as ansiedades, provocando ainda mais esse sentimento, isso porque trata-se de “um meio que comunica rapidamente um estado, mas não abre o diálogo para a dimensão e complexidade de um sentimento” (TURKLE, 2011, p.268). A vida digital anula qualquer possibilidade de apreender as expressões e os gestos do outro, ela trai qualquer investida de autenticidade. Ter uma relação genuína pressupõe experienciar e dividir sensações com o olhar, a voz e o toque. Comunicar-se com o corpo é uma das formas primordiais dos seres humanos, afinal, como afirma a própria Turkle (2011) antes de aprender a teclar sobre uma tela aprendemos a vivenciar o mundo com nosso próprio corpo.

Para Sandra, os vínculos online nos oferecem justamente a tentação de pré-conceber ideias a partir de comentários simulados. Para a jornalista, somente nas relações face a face temos a oportunidade de apreender o outro em sua integralidade:

[Nas mídias sociais] todo mundo enxerga o mundo a partir de seus próprios olhos e a gente acha que aquilo é verdade porque é a única fonte de informação naquele momento é aquilo que está entrando unicamente por um dos seus sentidos, por isso eu acho importante interagir pessoalmente porque pega uma outra parte do quebra cabeça, então você constrói um panorama maior... você precisa ouvir, olhar pelos olhos da outra pessoa e tentar entrar na vida dela.

Isto ajuda a compreender como a relação homem-máquina não diz tanto sobre a capacidade dos artefatos influenciarem ou mudarem a forma como nos relacionamos, mas revela sobretudo um estado emocional debilitado. “Os sentimentos que as máquinas provocam refletem as vulnerabilidades humanas, muito mais do que a capacidade dessas máquinas” (TURKLE, 2007, p.510). Quando as pessoas tornam o objeto como se fossem o próprio *self*, elas reforçam seu senso de fragilidade. A máquina, portanto, é experienciada como se fosse uma parte do *self* e sintoniza-se com o já fragilizado estado interior do indivíduo.

Existe, portanto, uma espécie de sofrimento para além do que não é visto e materializado. Ao choque dos relacionamentos, das frustrações interpessoais, o sujeito do século XXI responde ao enclausuramento por de trás das telas. O indivíduo de nosso tempo, portanto, é o sujeito que, decepcionado e cansado, se separa do

mundo e recai na experiência protetiva das relações emuladas pelos aparatos tecnológicos.

Assim, mesmo em suas contradições, quando perguntado sobre a experiência da solidão em sua vida, Luís parece distinguir bem a origem desse sentimento:

Eu acho que solidão vem em detrimento do que você vive no seu dia a dia, e as redes sociais são utilizadas de certa forma pra você aliviar essa solidão, pra você canalizar, porque veja só como é fluxo de publicações de algumas pessoas no *Facebook*, ela coloca aquilo ali porque às vezes ela não tem com quem falar, com quem discursar. Às vezes é a famosa indireta, você não tem coragem de falar certos tipos de coisa e você joga lá. Então eu não acredito que pelo uso da rede social você sinta solidão, eu acho que a solidão hoje tem como recurso a rede social.

O problema afinal não é tentar responder como os aparatos tecnológicos podem interferir nos relacionamentos interpessoais, e sim entender por quê já chegamos emocionalmente e psicologicamente fragmentados quando buscamos estabelecer laços por meio das redes sociais online.

Por isso, *Alone Together* aponta os caminhos para uma análise materialista cultural, dentro da qual os aparatos tecnológicos compreendem apenas uma parte de um longo processo histórico de desenvolvimento das sociedades. Precisamos reconhecer a necessidade de contato e as tecnologias desenvolvidas para tal fim em cada circunstância. Dito de outra forma, o progresso dos meios de comunicação transcorre desde a invenção da escrita, papel, telégrafo, telefone até os *gadgets* e a conexão em rede. Não por acaso, Turkle afirma que “internet é mais do que um velho vinho envasado em garrafa nova” (TURKLE, 2011, p.156). Com a diferença de que agora é possível estar onde se quer, no momento em que se deseja.

Compreender o sujeito do século XXI e suas emoções interligadas ao mundo real e virtual é, portanto, compreendê-lo dentro de um processo cultural mais amplo dentro do qual vários fatores exercem suas influências e pressões. A partir dos estudos norteados por Turkle, é possível, desta forma, compreender a manifestação da solidão entre usuários de redes sociais.

CONCLUSÃO

O mal do século XXI. Essa é por definição a expressão comumente associada ao sentimento de solidão do homem contemporâneo. Uma solidão patológica, como a definida por Dunker (2017), e que, em última instância, está condicionada à prevalência dos aparatos tecnológicos. No entanto, quando partimos do pressuposto de que este estado pós-moderno estaria estritamente relacionado ao processo histórico do sistema capitalista, foi possível constatar, em diversos níveis, que a atrofia das experiências interpessoais diz mais sobre o colapso psicológico e emocional do sujeito do que a influência sedutora e incisiva das novas tecnologias em si.

A partir dos depoimentos, o que se colocou em questão era se de fato o contramundo das relações na realidade virtual seria a causa da apatia ou do estado de ansiedade da sociedade atual. As narrativas dos entrevistados alicerçaram a revisão teórica sobre a qual, então, fundamentaram-se as respostas para nossa hipótese inicial. Primeiro com as discussões sobre estrutura do sentimento de Raymond Williams, compreendendo o estudo da cultura como relações entre elementos que compõem todo um modo de vida. Os suportes teóricos de Williams foram essenciais para entender a configuração da solidão e da cultura digital como processos culturais, os quais se desenrolam dentro de um sistema hegemônico, mas que nunca é determinante. Isto porque as práticas sociais englobadas nesse processo cultural também são imbuídas de intenções e, por isso mesmo, exercem uma contrapressão, preservando a dinâmica do próprio sistema. Em outras palavras, quando falamos em uma cultura da conexão e do sujeito que se isola cada vez mais por de trás das telas, falamos de um sujeito histórico, saturado pelas próprias transformações políticas, econômicas, culturais e tecnológicas.

Isso fica evidente na discussão seguinte, com os aportes historiográficos que nos ajudam a compreender de que forma a solidão, primordialmente tomada por um estado de isolamento físico, tal qual os eremitas da Idade Média, transforma-se gradativamente em um sentimento, interiorizando as angústias do homem moderno. Desta forma, a solidão torna-se uma experiência subjetiva estruturada a partir de uma dinâmica sócio-histórica e que se intensifica enquanto sentimento a partir da modernidade, tendo como marco a Revolução Francesa, os ideais iluministas de progresso técnico, bem como o processo de secularização e urbanização que configuram a cidade como um sistema de aculturação racional fundamentado na

valorização do signo e da mídiatização.

A passagem do Antigo Regime para o Século das Luzes trouxe consigo o preceito de liberdade incondicional como direito natural do homem, firmado já no **Art. 1º da Declaração de Direitos do Homem e Cidadão, de 1789**: “Os homens nascem e são livres e iguais em direitos”. Posteriormente, alimentados por esses ideais, os filósofos contratualistas como John Lock e Diderot aprofundaram os debates sobre a preservação da individualidade moderna mediada pelo Estado a partir de um contrato estabelecido em sociedade. Todavia, essa autonomia veio acompanhada de um paradoxo: a despeito do progresso econômico e sucesso pessoal alavancarem o desejo de controle sobre o próprio destino, o homem moderno permanecia cerceado pelas convenções sociais. O indivíduo passa a projetar uma imagem mental de sucesso, exigindo cada vez mais de si. Por esse período, a ideia de uma solidão funcional revela-se produtiva na medida em que o sujeito guardava-se para investir forças em si mesmo. Em contrapartida, esse mesmo sentimento o fez recair na sensação de humilhação, caso não alcançasse o objetivo de autopromoção. Por isso, já na primeira metade do século XIX, revelam-se os primeiros sintomas de sofrimento pessoal. “Cresce o temor de fracasso, soma-se a nova consciência de um dever de ser feliz que modifica a noção entre desejo e sofrimento” (CORBIN, 1991, p.563).

Esse colapso foi gradativamente associando-se ao aparecimento e difusão de meios técnicos de reprodução da imagem, como foi o caso da fotografia, em 1839. Neste sentido, as cartas de visita são o melhor exemplo de como a imagem do sujeito, impressa em pequenos cartões, adquiriu o valor de moeda social. Posteriormente, com o surgimento do cinema, a exibição da imagem em sequência alterou gradativamente a percepção do indivíduo em relação ao tempo e ao espaço. Em um salto de um século, nas décadas de 1940 e 1950, depois dos traumas de duas grandes guerras, o sujeito teve a vida cada vez mais privatizada pela radiofusão e televisão, ao passo que a espetacularização do espaço público era transmitida por esses aparatos móveis, preservando o indivíduo das reais consequências do mundo exterior.

Assim, chegamos à década 1970, quando uma cultura computacional dava os primeiros indícios de uma sociedade informatizada que faria das máquinas não apenas ferramentas de produção, mas também objetos evocativos de experiências interpessoais. Esse processo intensifica-se a partir dos anos 1980 e 90, quando os computadores chegam aos lares juntamente com a difusão da internet, resultando em um indivíduo que hoje conhecemos por usuário. A possibilidade de cumprir tarefas à

distância, somada ao entretenimento e à interatividade propiciados pelos aparatos, veio consolidar a ideia aventada por Williams na década 1970, sobre a televisão e a privatização móvel.

Além disso, novas formas de produção imaterial, como textos e imagens, passam a circular em maior quantidade e cada vez mais rápido, sobrecarregando o processo cognitivo do indivíduo. Essa mudança decorre entre os anos 1970 e 80, na transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho. O neoliberalismo e sua máxima do homem flexível desregulamentaram as formas de produção, obnubilando os limites entre o tempo livre e o tempo de trabalho. O sujeito da era flexível vê-se condicionado ao trabalho ininterrupto, vivendo na jornada 24/7, como identifica Crary. Para Crary (2017), foi-se o tempo em que a acumulação era, acima de tudo, a acumulação de coisas. Agora nossa subjetividade assimila uma superabundância de serviços, imagens e informações. Isso resulta em parte de um conjunto de forças que valoriza cada vez mais o sujeito que opera, que interage, que comunica, que reage, que responde aos constantes estímulos de um tempo de trabalho que diluiu as fronteiras entre o serviço e o lazer, o público e o privado, as dependências profissionais e os aposentos da casa. “Estar sempre fazendo algo, movimentar e mudar – é isso que confere prestígio, em oposição à estabilidade, que é muitas vezes sinônimo de inação” (CRARY, 2016, p.25).

Somos atropelados pela otimização das tecnologias de informação, hoje contamos mais com as capacidades operacionais do que com o próprio conteúdo em si, por isso as tecnologias acabam se tornando um fim em si mesmo, e em simbiose com o sujeito, proporciona ao usuário um efeito mais eficiente de suas próprias tarefas e ações. Partimos assim para o fluxo ininterrupto de informações, em detrimento da fragmentação das experiências compartilhadas. O tempo fluido das relações de produção é o mesmo tempo pontilhado, pulverizado, das relações sociais. Não por acaso Turkle (2011) afirma que é fácil colocar qualquer pessoa na linha, em espera, enquanto resolvemos pendências paralelas. Colocamos os relacionamentos numa espécie de pausa, enquanto nos voltamos para a esteira de produção. Ao invés de uma consciência macro de mundo, passamos a estabelecer micro mundos.

Os relacionamentos no mundo online são uma espécie de despersonalização por meio da simulação, pois o celular e os demais aparatos móveis nos dão a impressão de nos fornecer uma multiplicidade de engajamentos. Por isso mesmo, Dunker (2017) fala de uma solução paliativa para a solidão do século XXI a partir

dessas novas tecnologias que atuam como próteses miméticas de relacionamento com o outro. Paradoxalmente, os relacionamentos por meio de redes sociais online colocam o sujeito numa espécie de antecâmara, dentro da qual encontra proteção suficiente para a ambivalência do mundo, para a saturação dos relacionamentos no mundo real. No mundo online, o sujeito deseja tornar as coisas mais uniformes, migrando para uma espécie de ponto cego das relações, um lugar onde ele não tenha que prestar contas, onde se sinta ancorado, protegido, resguardado de si mesmo e do seu papel social. Para Le Breton (2018), muitas vezes esse desligamento do mundo real é uma forma de impersonalização deliberada, uma contrarresposta que tem por objetivo inverter o estatuto da participação obrigatória da sociedade. Trata-se de um desejo de despojar-se de qualquer carga de significação do mundo real. A solidão, o isolamento por de trás dos aparatos móveis, muitas vezes também é a linguagem da sociedade flexível que se materializa ou no espírito *blasé* ou na intensificação das ansiedades.

Neste sentido, ao finalizarmos com os estudos de Turkle a respeito do *self*, é possível compreender de que forma o sujeito incorpora uma subjetividade baseada nas circunstâncias e assim projeta-a sobre as conexões online. Em *Alone Together*, Turkle (2011) apresenta a possibilidade de um *self* já colapsado pela história de vida do indivíduo não apresentar-se de maneira saudável nas conexões virtuais. Daí o paradoxo da cultura digital, ao mesmo tempo em que o sujeito transita por essas conexões com objetivo de resguardar-se das marcas de um relacionamento face a face, ele também sente a sobrecarga emocional pelo excesso de informação simulada. “Nestes dias, inseguros de nossos relacionamentos e ansiosos a respeito da intimidade, nós olhamos as tecnologias como meios de estabelecer relacionamentos e proteger-nos deles aos mesmo tempo” (TURKLE, 2011, p.12)

Assim, uma das possíveis respostas para compreender a solidão do homem contemporâneo e de que forma ela se manifesta na cultura digital, é compreendê-la a partir de um sentimento que se estrutura dialeticamente ao passo do desenvolvimento histórico do capitalismo e de toda a cultura ocidental, que também compreende a evolução dos meios técnicos de comunicação. É preciso falar das novas tecnologias, porém sem abstraí-las de um processo sócio-cultural mais amplo.

Em outras palavras, Williams (1979) diria que essa experiência decorre do que é articulado e vivido em sociedade: articulado a partir de sentidos que nos são herdados e vivido a partir de novas experiências conflitantes. Neste sentido, a solidão

enquanto um sentimento deficitário costuma, por vezes, ser resolvida pelo controle do e sobre o outro por meio aparatos tecnológicos que mimetizam a presença.

Em última instância, o mundo on-line torna-se uma prótese espontânea capaz de emular uma falsa relação, um falso estado de ocupação e por isso mesmo uma pseudo agregação. De maneira mais ampla, os aparatos móveis e suas facilidades comunicativas, bem como o entretenimento proporcionado por eles, circunscrevem-se em uma cultura que pode gradativamente aprofundar o isolamento na medida em que as inadequações da imagem ficaram mais sensíveis às manifestações discursivas do sucesso. Por isso mesmo a necessidade de fazer-se existir ou ao menos de fazer-se “sentir” no mundo online.

Tudo isso aponta para uma cultura digital que se configura em práticas sociais que historicamente se desenvolvem em um sistema dominante, mas que nunca é decisivo em si. Por isso, as contribuições do materialismo cultural e da estrutura do sentimento nos ajudam a compreender as manifestações do homem pós-moderno, na medida em que se considera toda essa nova cultura digital como parte de um processo social mais amplo e não apenas um resultado de determinações tecnológicas. Ao partirmos da análise de como as relações entre individual e coletivo se desenvolvem dentro de um sistema hegemônico temos, portanto, “duas formas de um processo, tanto a composição ativa, quanto as condições dessa composição, e ambas as direções essa é uma relação ativa complexa e em transformação” (WILLIAMS, 2011. p.67). Essa é portanto, a descrição mais efetiva do processo dialético e do entendimento de Williams, da existência de um sistema central e intencional, dentro do qual ainda resistem as ideias e manifestações emergentes e residuais.

REFERÊNCIAS

ANA (nome fictício). Entrevista concedida a Gina Viviane Mardones Loncomilla. Londrina, 25 abr. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “C” desta dissertação]

BARBIER, Frédéric. **A Europa de Gutemberg**: o livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII – XVI), São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza**. 1933, disponível em: < <https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/walter-benjamin-experiencia-e-pobreza.pdf> >. Acesso em: 7 mai. 2018

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2013

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutemberg à Internet. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BURKE, Peter. A cidade pré-industrial como centro de informação e comunicação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, nº 16, p.193-203, 1995.

CACCIPOPO, John. Solidão uma nova epidemia. **El Pais Brasil**. [S.I]. 2016. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/06/ciencia/1459949778_182740.html >. Acesso em: jun.2018

CACIOPPO, John, Alone in the Crowd: The Structure and Spread of Loneliness in a Large Social Network in **J Pers Social Psychol**, USA, 2009. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2792572/> >. Acesso em: 31 jul. 2018

CACIOPPO, John. The growing problem of loneliness in **The Lancet**, v.391, p. 426, 2018. Disponível em : < <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2818%2930142-9> >. Acesso em 31 jul.2018

CACIOPPO, John; PATRICK, William. **Loneliness**: human nature and the need for social connection. New York, NY: Norton, 2009.

CARVALHO, Paulo Sérgio de. **Interação entre humanos e computadores**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHARTIER, Roger, Figuras da Modernidade. In: ARIÈS Phillippe & DUBY, Georges (org.). **História da Vida Privada 3**, Da Renascença ao Século das Luzes, São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.21-25.

CORBIN, Alain, O segredo do indivíduo. In: ARIÈS Phillippe & DUBY, Georges (org.). **História da Vida Privada 4**, Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.419-523.

CRAMER, Shirley. **Instagram ranked worst for young people's mental health**, 2017. Disponível em: < <https://www.rsph.org.uk/about-us/news/instagram-ranked-worst-for-young-people-s-mental-health.html>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DUBY, Georges, A Solidão nós séculos XI-XIII. In: ARIÈS Phillippe & DUBY, Georges (org.). **História da Vida Privada 2**, Da Europa Feudal à Renascença, São Paulo: Companhia da Letras, p.503-525.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade**: políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

EDUARDO (nome fictício). Entrevista concedida a Gina Viviane Mardones Loncomilla. Londrina, 27 abr. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "D" desta dissertação]

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

EVANS, Dylan. **Diccionario Introductorio de Psicoanálisis Lacaniano**. 1.ed. Buenos Aires: Paidós, 2007.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRAGOSO, Suely; RECUERO Raquel & AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FURTADO, Claudio S.B. Bruno Taut e as fantásticas torres de vidro. **Revista de arquitetura e urbanismo**, [S.l]. 2012. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/risco/article/download/48928/53005>>. Acesso em: 04 ago. 2018

GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na Comunicação**: Do Sílex ao Silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GOULEMOT, Jean Marie, As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: ARIÈS Phillippe & DUBY, Georges (org.). **História da Vida Privada 3**, Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.371-406.

GRAMSCI, Antonio. **O leitor de Gramsci**. COUTINHO, Carlos Nelson (Org.). Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JÚLIA (nome fictício). Entrevista concedida a Gina Viviane Mardones Loncomilla. Londrina, 29 abr. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “E” desta dissertação]

KING, Marissa; SEPPALA Emma. Burnout at work isn't just about exhaustion. It's also about loneliness. **Harvard Business Review**, [S.l.] 29 jun. 2017, disponível em: <<https://hbr.org/2017/06/burnout-at-work-isnt-just-about-exhaustion-its-also-about-loneliness>>. Acesso em: 29 ago. 2018

KRUFT, Hanno-Walter. **A History of Architectural Theory from Vitruvius to the Present**. New York: Princeton Architectural Press, 1994.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si**: uma tentação contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEMOS, André. Infraestrutura para a cultura digital. In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sérgio. **Cultura Digital.Br**. Rio de Janeiro: Azougue, 2009.p.135-149.

LETÍCIA (nome fictício). Entrevista concedida a Gina Viviane Mardones Loncomilla. Londrina, 10 set. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “G” desta dissertação]

LONDERO, Rodolfo Rorato. **Futuro esquecido**: a recepção da ficção *cyberpunk* na América Latina. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2011.

LUÍS (nome fictício). Entrevista concedida a Gina Viviane Mardones Loncomilla. Londrina, 19 abr. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “B” desta dissertação]

LUKÁCS, George. **História e Consciência de Classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnica de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. v.1.

MILLER, Tyrus. **Paul Scheerbarth and the Utopia of Glass**, [S.l.]. Disponível em: <<http://saj.rs/wp-content/uploads/2017/03/SAJ-2015-01-T-Miller.pdf>>. Acesso em: 8 mai. 2018

MINOIS, George. **Histoire de la solitude et des solitaires**. France: Fayard, 2013.

PERROT, Michelle, A família triunfante. In: ARIÈS Phillippe & DUBY, Georges (org.). **História da Vida Privada 4**, Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 93-104.

PUTNAM, Robert. **Jogando Boliche Sozinho**: colapso e ressurgimento da coletividade Americana. Curitiba: Instituto Atuação, 2015.

RIESMAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo: Editora Perpectiva, 1971.

RODRIGUES, Cláudia. Técnicas de Goebbels expostas às claras. **Observatório da Imprensa**, n^o 307. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/observatorio-da-propaganda/tecnicas-de-goebbels-expostas-as-claras/>>. Acesso em: 05 mai. 2018

ROUCHE, Michel, Alta Idade Média Ocidental. In: ARIÈS Phillippe & DUBY, Georges (org.). **História da Vida Privada 1**, Do Império Romano ao Ano Mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.399-530.

ROUILLÉ, André. **La Photographie**: entre document et art contemporain. Paris: Éditions Gallimard, 2005.

RUDGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016.

SANDRA (nome fictício). Entrevista concedida a Gina Viviane Mardones Loncomilla. Londrina, 15 mai. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “F” desta dissertação]

SENNET, Richard. **Construir e habitar**: ética para uma cidade aberta. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2014.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, out. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 jul. 2019.

SIMMONS, Rachel. Why are young adults the loneliest generation in America. **The Washington Post**, 3 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/parenting/wp/2018/05/03/why-are-young-adults-the-loneliest-generation-in-america/>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

STANDING, Guy. **O Precariado**: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017

TIAGO (nome fictício). Entrevista concedida a Gina Viviane Mardones Loncomilla. Londrina, 21 set. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “H” desta dissertação]

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade Excitada**: filosofia da sensação. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

TURKLE, Sherry. **Alone Together**: why we expect more from technology and less from each other. New York, NY: Basic Books, 2011.

TURKLE, Sherry. Authenticity in the age of digital companions in **Interaction Studies: Social Behaviour and Communication in Biological and Artificial Systems**, vol.08, Amsterda/Philadelphia:John Benajmin Publishing Company, 2007.

TURKLE, Sherry. **El Segundo Yo**: las computadoras y el espíritu humano. Buenos Aires, Argentina, 1984.

TURKLE, Sherry. **Life on the Screen**: identity in the age of internet. New York, NY: Simon & Schuster Paperbacks, 1995.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. São Paulo: Editora 34, 2014.

WATT, Ian. **A ascensão do Romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Unesp, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. Belo Horizonte, MG: PUC Minas, 2016.

WILLIAMS, Ryamond. **A cultura é de todos (1958)**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/198812883/A-Cultura-e-de-todos-Raymond-Williams>>. Acesso em: 19 abr. 2018

WORLD ECONOMIC FORUM. **The Global Risks Report**. 14 edition. Geneva, 2019. Disponível em: <http://www3.weforum.org/docs/WEF_Global_Risks_Report_2019.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019

APÊNDICES

Apêndice A – Pré-Roteiro de questões

O objetivo desta pesquisa é tentar compreender como a experiência da solidão configura-se diariamente a partir de um processo socio-histórico vivenciado pelo indivíduo. Por isso, a ferramenta metodológica baseia-se em um pré-roteiro de perguntas que partem desde uma abordagem geral até questões pontuais, direcionadas ao tema solidão. A entrevista não deverá necessariamente seguir todos os pontos do pré-roteiro, pois a mesma será conduzida de acordo com as respostas fornecidas pelo entrevistado, bem como a necessidade do entrevistador de formular novos questionamentos, preservando, desta forma, a característica metodológica da entrevista aprofundada. As perguntas norteadoras deste projeto seguem o seguinte padrão:

- 1- Conte-me um pouco sobre você: sua formação, sua origem, sua família, suas crenças, seus valores.
- 2- Fale-me um pouco de sua rotina diária durante a semana. O que faz desde que acorda até o final do dia?
- 3- Como são seus finais de semana?
- 4- Qual a sua relação com seu atual emprego/trabalho?
- 5- Quantas horas em média dedica ao trabalho? Leva serviço para casa?
- 6- Costuma frequentar outros grupos de vivência além do seu emprego? Igrejas, projetos sociais, sindicatos... Por quê?
- 7- Qual a sua relação com as novas tecnologias? Consegue ficar sem celular, tablets, notebook, internet?
- 8- Quais redes sociais de sua preferência e com que frequência se conecta a elas? Por quê?
- 9- Você acha difícil lidar com pessoas de um modo geral? Por quê?
- 10- Sua comunicação diária com amigos e familiares se dá por qual via?
- 11- Consegue ficar em silêncio, sem a presença dos aparatos tecnológicos? Por quê?
- 12- Com que frequência e em quais momentos se sente só? O que faz nesses momentos?
- 13- Defina-me a sua solidão.
- 14- Qual seu maior medo?

APÊNDICE B – LUIS

Luís, 26 anos, bancário e estudante de administração de empresas. Natural de Itaboraí, RJ.

Conte-me um pouco sobre você: sua formação, criação, crenças, religião.

Eu cresci na igreja. Fui de uma determinada igreja mais ou menos 24 anos, nunca sai. Meus pais são evangélicos também, então eu nasci como dizem aí em um berço evangélico. Em relação a isso eu também fui incluído em várias situações que a igreja traz, como música, hoje sou músico, canto na igreja, tenho atividades. Minha criação na infância foi um pouco mais complicada porque meu pai era bem rígido né, então, sempre estudei em escola pública, a maior parte do tempo em escola pública. Então também tive muitos problemas sociais, sofria muito *bullying* por ser o mais nerdinho da turma, até o ponto que eu saí da escola, tive problemas na escola, passei um ano fingindo que ia pra escola e não ia, isso pouquíssimas pessoas sabem. Depois eu tive que me recuperar disso tudo, sofri um trauma, tive que ir para psicólogos, nessa época eu tinha uns 15 ou 16 anos, era último ano do ensino fundamental, era oitava série. Enfim, tive que depois agilizar o processo, um supletivo para terminar o fundamental, depois fui para o ensino médio regular.

Então nesse período foi o primeiro período em que eu tive um choque com minha criação porque meus pais sempre orientavam a enfrentar o problema, mas eles nunca conseguiam sentar e tentar me ajudar de uma certa forma. Então a partir desse momento eu comecei a ser muito independente para resolver meus problemas, então sempre fui muito independente, e até hoje eu sou muito reservado no que diz respeito às minhas coisas, nunca deixei que eles interferissem em algo. Com 17 anos eu comecei a trabalhar em uma loja informalmente, essa loja eu também sofri bastante coisa. Eu trabalhava informal mesmo, eu não recebia o valor real do salário mínimo da época, ela descontava um monte de roupa que ela fazia a gente levar pra casa, enfim. Aí eu saí de lá, depois de 2 a 3 anos, isso tudo independente... após isso surgiu uma outra oportunidade na igreja. Eu fui chamado para trabalhar lá como funcionário, então esse eu considero meu primeiro trabalho, porque foi formal né, só que ele por muito acreditar em mim ele me colocou justamente em um cargo muito importante

que é a parte administrativa, que onde desencadeou outros problemas... que foi quando eu comecei a ver corrupção dentro do ambiente religioso, comecei a ver incompatibilidade de informações, contas que não faziam parte das despesas de uma igreja, que não existiam, então aquilo ali foi uma tarefa muito difícil para mim, descobrir certos tipos de coisas e ainda sofrer uma impotência, porque a instituição não fazia nada em relação a isso, justamente pelo escândalo. Eu fui me envolvendo naquilo e ia sofrendo, até que, em 2016 eu tive uma crise. Eu tive um surto, eu fui até uma psicóloga, ela diagnosticou que era uma ansiedade generalizada, mas em casa eu sofria alguns surtos de repente achando que ia morrer, que alguma coisa ia acontecer. Eu tive crises do tipo, parece meio louco, mas achando que a casa ia cair... era de fato um terrorismo que na minha mente era geral e aquilo foi por muito tempo, esses surtos foram por 8 meses mais ou menos e eu trabalhando lá, fazendo as coisas, porém eu tive esse surto muito forte, tive que procurar psiquiatra, tomar remédios, enfim... tive que desmamar essas medicações aos poucos porque me afetava também, porque paralelamente eu estudava, simultaneamente a isso eu fazia pré-vestibular pra medicina, nessa época foi em 2016, eu tinha uns 22 anos mais ou menos. Eu queria fazer medicina, então, além disso eu tinha o outro lado ainda, do sobrepeso do estudo, porque quem é pré-vestibulando em medicina estuda demais. Então depois que saí da instituição eu continuei fazendo o pré, eu estudava num cursinho que era das 8 da manhã até às 9 da noite e de segunda a segunda, então era muita coisa para estudar, muita coisa pra fazer. Estudava 13 horas por dia, era muita pressão por lado do professor, família, amigos... porque quando você chega mais ou menos nessa idade as pessoas começam a te pressionar o por que você não fez nada ainda, entendeu? Então vivia muito sobrecarregado, eu não tinha tempo pra ficar acessando rede social, eu não tinha tempo pra ficar indo em festa de aniversário, na realidade eu não gostava mesmo, justamente pela pressão que faziam “e aí já conseguiu? ”. Você fazia prova de vestibular ou o Enem e as pessoas já vinham te pressionando, “e aí passou, não passou? ”, então isso tudo gerava um peso sobre mim, até que foi acelerando esse processo de ansiedade, acelerando, acelerando... que aí nesse ano de 2016, 2017 eu já estava tomando esses remédios, eu tive que desmamar porque já estava afetando meus estudos, eu não consegui mais assimilar as informações, foi um tempo muito difícil, muito difícil...

Quem estuda pra medicina, você fica tão doido com esse negócio de estudo que você já acorda ligado no livro e vai dormir ligado no livro, eu virava a madrugada estudando porque era automático, a tua vontade de acabar com aquele sofrimento de pré-vestibular é tão grande que você se dedica mesmo, eu tinha amigos que aconteciam a mesma coisa. Você não tem vida, os professores falavam que você não pode sair, eles te ameaçam, até porque em pré-vestibular como é que eles comercializam o pré-vestibular? Com sua aprovação, então se você passar é o marketing deles, então eles vão lá e pegam pesado com os alunos, pegam muito pesado... tem pré-vestibular aí que é bem militarista que o cara se tiver que brigar feio, te humilhar na frente outros alunos ele vai te humilhar por conta dessa questão e eu não sei como ainda ninguém embargou isso porque eu acho a coisa mais absurda do mundo.

Depois que saí desse período de pré-vestibular eu comecei a desanimar muito... e eu já estava saindo dessa crise porque no último ano e não fiquei tão focado como eu era do tipo estudar 13 horas, 14 horas por dia, porque seu corpo na realidade vai começando a rejeitar isso tudo, vai começando a não querer mais, vai desandando, aí eu comecei a pensar em uma alternativa, em um plano B que foi onde eu peguei minha nota e falei eu vou cursar alguma coisa para eu ter o que falar para alguém, estou cursando agora ADM, administração. E isso também veio de necessidade de você voltar a ter suas coisas, dinheiro que eu tinha juntado já estava acabando de tanto pagar cursinho, aí que eu comecei a focar para trabalhar em banco porque eu sempre tive muita vontade, eu via e achava legal. Na realidade eu queria trabalhar em mercado financeiro, fiz entrevistas em corretoras também, de investimentos. Mas aí eu fiz várias entrevistas e passei para um grupo de um banco.

Como é que você encara essa mudança de profissão?

Olha eu sou muito tranquilo em relação a isso, até porque eu penso hoje que eu ainda posso dar continuidade a isso, mas o ponto de partida da troca foi a pressão da sociedade de você ter que fazer alguma coisa, não só da sociedade como da sua casa também, meus pais falavam “poxa você tem não sei quantos anos e você não tem nada ainda tangível”. Era uma preocupação, porque meu pais por exemplo eles não tem ensino superior, eu vejo neles uma preocupação de eu repetir o mesmo histórico que eles, apesar deles saberem que de fato eu sempre corri muito atrás das minhas

coisas... Agora me sentir inferior por ter trocado medicina por administração, eu nunca me senti não...pra ser muito franco com você, até porque eu nunca levei medicina como status e sim como algo que eu gostaria muito de fazer porque eu até era meio psicopata, ficava assistindo vídeo de cirurgia porque eu gostava mesmo, porque achava que eu tinha... ainda acho... talento pra isso. Mas justamente essa pressão de ter que ter alguma coisa, de ter que sustentar e tal me levou a isso.

Como é sua rotina de trabalho?

Eu trabalho 6 horas por dia, tem o horário comercial do banco, geralmente quem trabalha 8 são gerentes empresariais. Agora sou estagiário, porque quando fazem o processo você não entra como bancário de imediato, ou você entra como estagiário, ou *trainee*. Mas quando eu entrei já existia uma.... Porque banco você sabe trabalha muito com meta, então eu entrei ciente de que é um lugar que existe muita pressão. Quando eu entrei, logo no meu primeiro dia de trabalho, parece que eu atraio (risos), mas existia um gerente geral lá, esse gerente geral, no dia que eu fui abrir minha conta de funcionário lá, ele chegou pra mim e fez uma pergunta informal e eu achei que era brincadeira. Meu primeiro dia trabalho que eu botei o pé na agência, o cara me humilhou tipo sabe quando a pessoa te humilha de um jeito, te coloca lá embaixo, você fica indefeso e você sente que não tem como se defender? Eu entrei na porta do trabalho e começou a falar um monte de coisas, porque eu não tinha levado as contas universitárias que eu achei que era uma brincadeira. Eu pensei comigo: mas não tem logica você chegar no primeiro dia de trabalho e o cara te cobrar a meta do mês, aí eu fui saber que ele faz isso com outros funcionários, com outros estagiários, aí eu tive o primeiro contato do que é realmente um banco, querendo ou não um banco ele é assim. As pessoas naquele ambiente só não vivem oprimidas porque a nossa relação pessoal ela é muito boa. A gente leva esses desafios, as vezes leva na brincadeira, a gente ri da situação porque a gente vai fazer o que?

Essas relações interpessoais, elas acabam aliviando um pouco esse estresse?

É justamente isso, nós somos eu e mais 11 colegas, são agentes comerciais, caixas, gerentes... e eu como estagiário.... e tem mais isso também, eu saindo do estágio pode ser que eu continue lá ou vá para outra agência. Tem muita rotatividade, porque

por exemplo, semana passada saiu meu gerente de pessoa jurídica, esse meu gerente também foi uma vítima muito forte do banco, porque ele ali atende todos os seguimentos...o que aconteceu com esse cara, ele não tava conseguindo dar conta das vendas dele... a pressão era tanto, chegaram a falar pra ele uma vez que o estagiário tava dando mais conta e era melhor que ele, e ele vivia chorando dentro da agencia por conta dessas situações e os gerentes que ele teve humilhavam muito ele.... aí ele conseguiu sair da empresa, achei que ele fosse pra uma empresa totalmente diferente da dele, mas foi para uma seguradora, trocou seis por meia dúzia (risos).

De certa forma você acha que essa rotatividade atrapalha de você fixar esses laços?

Claro, porque você imagina, quando você olha pela visão de um gerente geral que é o chefe da agência ele pensa assim: “eu não preciso ter amizade com esse cara, então eu vou acabar com ele, vou forçar ele”, porque eu acho que essa cultura que tem dentro dos bancos, elas são muito erradas, de eles acharem que na pressão a gente trabalha melhor, eu já acho errado.

Esse relacionamento que você tem com os colegas é só dentro do trabalho ou acaba também indo além, saindo do ambiente?

Sai um pouco, apesar de que meu relacionamento é muito limitado porque eles lá...é assim, eu sou cristão, então tipo eu não vou pra barzinho essas coisas, então eles sabem tudo isso e me respeitam demais, mas assim, vai além... se tem um churrasco pra ir na casa de alguém eu vou, se tem um café pra gente tomar eu vou. Acabou que essa boa imagem que eles tiveram de mim foi muito positiva, e eu acho que já existia essa cultura antes da minha chegada, de um ser amigo do outro, mas isso é um caso muito específico... eu tenho uma amiga que trabalha numa agência que ela sofre demais, ela bate a meta dela do mês e o cara continua pressionando ele, porque ele quer mais, é pressão o tempo todo pra ela e ela não tem esse convívio de amizade lá...

Leva serviço pra casa ou não?

Não, o banco é muito correto em relação a isso. Ele proíbe, o próprio sistema, eles fizeram um sistema quando você bate o cartão ele trava na hora, você não consegue fazer mais nada. Ninguém leva serviço pra casa, o que você pode levar são estudos que o banco te dá, mas que assim você também pode fazer dentro do banco ou então gerentes administrativos levam treinamento, mas é muito raro isso... o que eu levo pra fora do trabalho as vezes são ações universitárias que onde eu consigo contas, mas eu também faço dentro do meu horário, mas levar conteúdo, coisas, isso não ... até meu celular, eu tenho um celular exclusivo do banco, quando eu saio do banco eu já desligo, eu não atendo mais ligações, os clientes já sabem disso... o banco tem uma política muito legal em relação a isso.

Mas e no *whats*?

Lá todo momento tem informação, é uma coisa dos grupos do *Whatsapp* que não são poucos, são muitos... mas trabalho em si não, até porque ele é todo sistêmico e não tem como você fazer em casa, não tem como levar trabalho pra casa, o que você pode levar é preocupação, você sai extremamente preocupado, pressionado porque no dia seguinte tem que se virar. Quando você sai do trabalho ainda demora pra desligar... eu até que nem sou tanto, porque não tenho tantas preocupações quanto um gerente tem, a minha preocupação maior é quando eu chegar na gerencia, porque é muito difícil, não é um trabalho fácil.

Quais são seus grupos de convivência hoje?

Bastante com o pessoal do trabalho, eu saio.... assim de amizade mesmo do trabalho, de sair pra conversar, desabafar, vamos dizer aí umas três pessoas. Tenho a igreja, eu troquei igreja vai fazer aí dois anos, então lá eu tô começando as minhas relações ainda porque lá é muito grande a igreja, ela tem um porte pra 2400 pessoas. Atualmente essas questões de me relacionar com as pessoas eu me sinto muito.... engraçado as pessoas falam “ah, mas você não é tímido”, na verdade eu sou mega tímido, pra me relacionar de primeiro contato assim, pra mim é muito difícil... então lá eu to tendo que recomeçar minhas relações de novo. Minha família eu tenho um contato com eles também muito bom, meus amigos da outra igreja muito pouco agora, e eu sou muito antissocial em relação a sair, sempre fui muito antissocial.

Você acha difícil lidar com pessoas de um modo geral?

Acho difícil, porém eu me vejo com capacidade pra administrar, porque eu também sou muito de relevar, sempre relevei, eu sempre evitei fazer problemas porque eu tenho dificuldade de pedir perdão, a realidade é essa...então eu sempre tive dificuldade de arranjar problemas com alguém porque eu tenho dificuldade de pedir perdão... não porque eu seja... sei lá orgulhoso... não, porque eu acho... não faz parte de mim ... eu acho bobeira, desde pequeno eu sempre acho.... isso é um defeito, isso que estou te falando é um defeito, eu sempre acho que o problema é muito pequeno, é muito insignificante, então tipo, eu sempre evito.

Em relação às novas amizades você tem dificuldade pra isso?

Então, depende muito se for amizades dentro desse ambiente religioso, tipo igreja, eu tenho facilidade demais, quero dizer mais facilidades do que pessoas de fora. Devido a todo esse processo que eu vivi eu fiquei muito assustado com pessoas, então se eu não conhecer a pessoa muito bem, eu não consigo me aproximar muito bem, eu tenho muito medo das minhas reações porque não condiz com o que as pessoas falam.

Como é hoje a sua relação com as tecnologias e o relacionamento dentro dessas redes online?

Eu sempre fui ligado na tecnologia, eu estudei tecnologia, eu gosto, porém as redes sociais hoje eu sou um pouco mais apegado, mas se você entrar nas minhas redes você vai ver que não tenho quase publicação nenhuma, porque eu não gosto... no início de tudo eu ficava pensando o que é que as pessoas iam pensar se eu postasse determinado tipo de coisa, e coisa boba as vezes, então eu sempre tive muito essa preocupação, isso devido a essas questão de eu ser muito reservado em relação ao que eu penso. Então assim, eu sempre fui muito apegado à tecnologia, eu sempre estudei tecnologia, porem até chegar em redes sociais eu sempre fui muito limitado. Hoje eu uso um pouquinho mais, mais pra ver a vida dos outros mesmo.

Você costuma acessar todo dia?

Acesso todo dia, mas não toda hora, até porque meu telefone pessoal eu não levo para o trabalho.

No trabalho você não pode acessar, ou você acessa de vez em quando?

No meu trabalho eu não tenho tempo de ver também, porque é super corrido, lá é cheio de câmera também e tal, mas não é uma coisa que eu sofro, tem gente que sofre porque não aguenta ficar em rede social, chega na hora do almoço mexe no telefone, eu não sou assim.

Quais redes sociais você frequenta hoje?

Eu tenho *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Whatsapp*. E *Linkedin* que é profissional e eu entro duas vezes no mês.

Qual deles você usa com mais frequência?

Instagram. *Facebook* eu entro uma ou duas vezes no dia se eu entro, mas o *Instagram* é direto. *Twitter* só quando eu quero falar alguma besteira, ah tem isso também, porque *Twitter* é tipo terra de ninguém, então eu posto lá e ninguém, vai ver mesmo, então eu fico mais tranquilo (risos)... é engraçado, mas não é só eu, todo mundo fala isso, *Twitter* é uma rede social que você pode falar o que você quiser que ninguém vai te julgar, pelo menos as pessoas que eu conheço... eu sinto essa diferença, ao contrário de *Facebook*, *Facebook* virou quase um tribunal, você bota uma coisa ali e logo vem alguém dizer, “ah porque não é assim... ah porque eu concordo, discordo...” então eu não consigo conviver com isso, entendeu...

Por qual motivo você usa mais o Instagram?

Instagram porque é muito visual né... então é vídeo, é instantâneo, é... eu também tenho mais pessoas que eu não conheço, do que as que eu conheço, é... eu não sei explicar direito a minha afinidade com o *Instagram* e não o *Facebook*, eu sinto mais empatia, me sinto mais seguro ali também do que no *Facebook*, não sei porquê, eu acho que por conta de ser mais visual, uma rede mais organizada, eu vejo muita coisa

de pessoas que eu não conheço, de famosos, pouquíssimas pessoas que eu conheço. Acho que também no *Facebook* tem muita tragédia, muita baboseira, eu lia muito esse negócio de notícia, parei que esse negócio de jornalismo, muita violência.

Em quais momentos você acessa mais as redes sociais?

Então, à noite que é quando eu tô em casa mais tranquilo, e também de manhã quando eu acordo, tô tomando café aí eu olho bem rápido, mesmo se eu levasse meu telefone para o trabalho, eu não conseguiria... acho que também não tenho essa habilidade pra ficar respondendo toda hora as pessoas, até mesmo no *Whatsapp*.

Insta você costuma fazer postagens também?

Costumo, mas muito raro, três fotos no ano é o máximo que eu consigo, é porque é raríssimo uma foto boa e também porque eu tenho esses complexos de foto, então eu não coloco... tenho um pouco de preguiça de publicação... eu mais acompanho o que as outras pessoas colocam. Facebook eu posto menos ainda, eu posto se eu postar no Instagram aí automaticamente vai para lá...

Por que você acha que gosta de ficar navegando pelo perfil das pessoas?

Interatividade, eu gosto muito de saber das pessoas, eu digo quando sou antissocial, eu digo porque eu saio super pouco, eu tenho preguiça de sair de casa, até para me relacionar com alguém, eu tenho muita preguiça de namorar porque ficar levando em casa essas coisas, eu não tenho paciência. Aí meus pais até brincam muito com isso. Agora eu gosto muito de ter contato com as pessoas, porque eu gosto de conversar, de saber da vida das pessoas, eu gosto de ouvir apesar de falar muito, então acredito que seja um pouco isso também, eu gosto muito de saber, conhecer coisas novas, gosto de estar por dentro de tudo.

Você interage bastante pelas redes?

Dar *like* sim, visualizar *stories*, comentar bem pouco, mas de visualizar e dar *like*. Mensagens *inbox* bem raro, só para pessoas conhecidas, pessoas desconhecidas eu não mando.

Que tipos de momentos você costuma compartilhar?

Justamente o raro.... poxa, vim para Londrina, postei, porque é algo que não é comum, porque assim querendo ou não, é a forma que eu tenho de interagir para uma coisa que eu acho que alguém vai gostar de ver, porque eu acho que minha vida mesmo ninguém gostaria de ver, então tipo uma viagem, uma observação relacionada ao que tá acontecendo, eu não posto o que eu penso, eu tenho muita dificuldade de expor isso em rede social, mas são coisas bem paralelas, muito distantes do que eu vivo diariamente...

Você acha que está muito relacionado ao que você está sentindo no momento também?

Então eu já me questionei sobre isso uma vez, tem coisas que não, tem coisas que mais um marketing mesmo, tem coisas que você acordou num dia e fala “vou postar isso aqui pra ver se... pra interagir um pouco...”, mas não é o que eu tô sentindo, assim como tem alguns momentos que é o que eu tô sentindo mesmo.... é muito no *Twitter* o que eu to sentindo, jogo mais no *Twitter*, engraçado isso, né? Tem redes sociais que são determinadas mais para certos tipos de coisas... justamente pelo *Twitter* não ser tão reativo, dizem que é até um lugar para você desabafar, hoje eu escutei, é um lugar que você pode botar aquilo ali, ninguém vai saber que você tem *Twitter*, você joga o que você pensa, você consegue filtrar as pessoas. Facebook já é mais sua grade de amigos, então você aceita todo mundo ali, até quem você não conhece. Mas está todo mundo de fato, sua mãe, sua vó, mais não sei quem... então certos tipos de coisa você fica limitado de postar ali e *Instagram* você posta ali as suas alegrias, aquilo que te falei parece um pouco lúdico, e *Twitter* é um lugar que você pode desabafar, falar a realidade ali.

Você acha que o sentimento de solidão também se relaciona a isso?

Não, não acho, eu acho que solidão vem em detrimento do que você vive no seu dia a dia, e as redes sociais são utilizadas de certa forma pra você aliviar essa solidão, pra você canalizar, porque veja só como é fluxo de publicações de algumas pessoas no *Facebook*, aquilo ali ela coloca aquilo ali porque às vezes ela não tem com quem falar, com quem discursar, e ela coloca aquilo para um público “olha eu sinto isso daqui”, as vezes é a famosa indireta, tem vezes que você não tem coragem de falar certos tipos de coisa e você joga lá. Então eu não acredito que pelo uso da rede social você venha viver na solidão, que seja algo relacionado com uso, eu acho que a solidão hoje tem como recurso a rede social.

E você em certa medida já se pegou tentando canalizar isso também?

Já me peguei, mas não fiz, a não ser no *Twitter*, que é uma rede social que eu confio, que é um campo seguro pra eu falar certas coisas, já o *Facebook* não, eu acho que fica muito exposto, mas eu acredito que muitas pessoas fazem isso, eu vejo muitas pessoas fazendo isso. Eu já diversas vezes, quando me sentia mega solitário e querendo desabafar com alguém e não tinha e achei que rede social era uma forma de ser visto por alguém e alguém interagir comigo.

E essa sua interação você também não acha que seja um momento que você precisa se sentir conectado para não estar só?

Então...eu não vejo isso não... eu vejo o *Instagram* muito lúdico, sinceramente eu não consigo enxergar assim, eu vejo como uma forma de interação, às vezes eu quero eu tô num final de dia, daí eu quero rir enfim... não sei se isso está diretamente ligada à solidão em si, mas eu acho que é mais um hábito, não sei... mas não que eu dependa de alguém, até porque quando eu me pego em momentos assim é quando eu não consigo muito socializar, eu não consigo muito fazer muitas coisas, então acredito que nem nesses momentos assim eu consiga utilizar 100% das redes, eu fico muito quieto, eu fico muito sozinho, não tenho muita paciência para as redes sociais, mas pode ser que haja uma conexão, de certa forma para mim não.

Como você definiria a sua solidão hoje?

A minha solidão eu definiria como algo que eu consigo administrar hoje porque todos os problemas que eu enfrentei, na realidade isso foi um exercício que eu fiz, depois de muito tempo fazendo terapia também... tem algumas horas que eu vivo aquilo porque eu tenho que viver, porém não chega a ser a longo prazo, porque eu não consigo viver assim por muito tempo, ainda mais porque sou muito elétrico, agitado, então eu tento procurar mecanismos para tentar solucionar essa solidão, então seja sair com alguém pra falar outra coisa, seja tentar adiar esse sofrimento, eu consigo resolver muita coisa adiando o sofrimento, eu tento negociar digamos assim... até porque eu vivi muito tempo na solidão, eu não tinha com quem brincar, os amigos dos meus irmãos me rejeitavam na hora da brincadeira, nunca gostei de jogar os mesmo esportes que meu irmão, então sempre foi algo muito adaptável para mim.

Hoje você consegue ficar em silêncio?

Consigo, na realidade quando eu chego em casa é o que eu faço, eu não consigo falar, não sei se é porque eu falo o dia inteiro também, mas eu consigo conviver com o silêncio... eu gosto de ter minha companhia, porque eu sempre vivi assim, então pode ser que a rede social também ajude, o tempo que estou sozinho e tal, pode ser que ela venha me ajudar, mas não em relação à interação que eu tenho com a pessoas, mais na interação de ver outras pessoas, mas raramente eu vou entrar em contato com alguém para poder suprir essa solidão, mas enfim, não tenho nenhum tipo de problema em relação a isso...

Quando você fala desse silêncio no caso o que você faz?

Geralmente quando eu chego em casa eu fico vendo, procurando muitas notícias e informações e tal... tanto é que quando eu chego minha mãe quer conversar sobre alguma coisa e eu não consigo responder, porque naquele momento eu só quero ficar quieto, porque eu falo o dia inteiro, e mesmo quando eu não falo tem dias que eu não tô afim de falar... e eu falo muito, mas geralmente as pessoas que falam muito, elas também gostam de ter um tempo sozinho e de qualidade, eu gosto de ter esse tempo meu, sozinho, com qualidade, eu vivo muito tempo até sozinho, sem falar com ninguém, eu exerci muito isso, estudando na minha infância, sempre fui uma boa companhia para mim mesmo.

Então você chega em casa, você procura notícias, e o quê mais?

Procuro notícias, estudo, acesso muito *Youtube* também. Passo muito tempo no *Youtube*, vendo vídeos engraçados, comédia...então tipo assim, quando eu chego em casa para aliviar tudo o que eu vivi naquele dia, eu vou lá no *Youtube* e procuro um programa de humor, isso é regra, é sempre... é uma válvula de escape.... e as redes que eu entro à noite, pra dar aquela passada, *stalkeada*, é mais ou menos isso que acontece, é rotina, todo dia faço isso... Final de semana então, é quase que o final de semana inteiro... eu fico só comigo fazendo isso.... Lá na minha casa eu fico o dia inteiro no meu quarto, raríssimo quando eu saio, quando eu saio é uma hora ou duas e no início da noite eu corro pelo condomínio também sozinho, boto fone no ouvido e vou correndo. Justamente porque o dia inteiro eu lido demais com pessoas e quando chega a noite eu quero isso aí, até mesmo quando eu não trabalhava eu passava muitos dias assim...

Qual é o seu maior medo hoje?

Medo... meu maior medo... é bem ridículo, mas meu maior medo hoje é de fato morrer, minha tensão é totalmente voltada a isso, é.... são várias coisas diariamente que eu lido que me trazem esse medo, tanto é que quando eu tive a crise era a principal coisa que me despertava na hora que era um problema, que sentia a sensação de morte, isso decorrente à situações de desastre, ou doença grave, ou bala perdida, assalto, porque eu sempre achava que ia acontecer algum desastre, e hoje ainda, tem menos, mas hoje ainda eu sinto esses sintomas. Diz a psicóloga que foi justamente por essa ansiedade generalizada, foi justamente por conviver muito tempo sozinho, estudando, sem falar com ninguém... você imagina, você passar dois anos direto sem você ir numa festa de aniversário, sem você sair na rua à toa, eu não sabia o que era ficar à toa... eu não sabia o que era pegar um celular e ficar o dia inteiro à toa assistindo *Netflix*, eu sabia, então tudo isso desencadeou esse problema que eu vivi. Então isso tudo gerou esse medo muito forte em mim, muito forte ... o medo seria de tragédia, todos os tipos de tragédia, eu tenho muito medo, relacionados a mim e a minha família, então eu tenho medo dessas coisas sim, acidente, doenças graves, isso tudo me traz um pânico muito grande, muito, muito grande, e olha que eu não tinha esse pânico todo, foi depois da crise que desencadeou.

APÊNDICE C – ANA

Ana, 29 anos. Dentista de Londrina.

Conte-me um pouco sobre você, sua história, sua formação, você é de Londrina?

Eu sou de Londrina, estudei a vida inteira no Mae de Deus, aí eu fiz um ano de cursinho, tentei fazer um ano de direito (risos), aí desisti do direito e fui pra odonto. Aí me formei em odonto em 2013 e depois fiz residência em saúde da família, depois especialização em endodontia, depois o mestrado em dentística e agora tô aí na luta, clinicando (risos). Sou filha única, aí meu pai ele tem uma marcenaria, minha mãe é do lar, meu pai está com 59 anos, minha mãe está com 57. Saí de casa quando eu casei com 23 anos, aí fiquei casada 5 anos e separei, faz dois anos que eu separei porque meu ex foi transferido pela empresa para Curitiba, aí eu até tentei ir pra lá depois que terminei a residência, mas financeiramente não estava bom lá para mim, então resolvi voltar, porque aqui estava tendo mais oportunidade de empregos. Daí acabei voltando, a gente tentou um tempo ficar a distância, mas daí acabamos separando, porque à distância é complicado, porque a gente quase não se via, então acabamos nos separando.

Você fez um ano de direito, quantos anos você tinha?

Eu tinha 18. Fiz um ano de direito, trabalhei no banco vendendo crédito consignado, doidera! Meta de 300 mil por mês (risos), de empréstimo, era doidera. Daí eu fazia direito à noite e trabalhava no banco de dia. Fiquei sete ou oito meses no banco, e na época com 18 anos eu também comecei a trabalhar em buffet de festa infantil, aí no buffet eu fiquei sete anos. Trabalhava à noite, de final de semana, e depois no quarto ano de odonto eu trabalhei de call center à noite, das 17h40 à meia noite. Daí fiquei 9 meses.

Por que tudo isso?

Ah, eu sempre fui meio doida (risos). Eu sempre quis trabalhar, desde os 15, 16 anos eu sempre quis trabalhar para ter meu dinheiro, porque uma coisa que me agonia muito é ter que pedir alguma coisa para os outros. Aí, antes meu pai não deixava eu trabalhar porque eu tinha que estudar. Aí eu fiquei 7 anos no buffet até terminar a faculdade de odonto. Os trabalhos eram a noite no meio da semana e final de semana às vezes eu entrava as 7 da manhã e saía as 2 da manhã do outro dia, era diretão às vezes. Eu fazia as vezes duas festas, fazia a festa do meio dia e das 6 da tarde, aí só saía no outro dia de madrugada.

Por que você desistiu do direito?

Não era pra mim. Eu gosto de coisas práticas, esse negócio de ter que levar trabalho pra casa, eu gosto muito de ler, só que chega na aula eu me perguntava “o que estou fazendo neste lugar?”... Aqueles estudos de sociologia, filosofia não eram pra mim não. Direito fiz um ano. Aí quando fiz um ano, cheguei a começar o segundo ano, aí passei na universidade pública aqui em Londrina, em odonto. Aí eu comecei e foi paixão.

Como foram os 5 anos de odonto?

Foi tranquilo, menos no segundo ano. Segundo foi tenso, porque é o ano que mais reprova, principalmente no módulo de radiologia e aí a aula de radiologia para ajudar era segunda de manhã e a professora queria que gente estudasse antes da aula, aí chegava na aula ela fazia uma prova no começo e aplicava a mesma prova no final para ver o quanto tinha aprendido, sem contar as perguntas diretas, e eu nunca estudava porque eu tava trabalhando no buffet, só que ninguém sabia, nem os professores sabiam que eu trabalhava. Eu trabalhava mais de final de semana, mas as vezes tinha que entrar muito cedo, de meio de semana era mais complicado, mas tinha mês que tinha que fazer quase todas as festas, mas daí eu intercalava porque tinha bastante gente trabalhando na época.

Conte-me um pouco de sua carreira profissional. Quando você começou efetivamente a trabalhar de dentista?

Na residência, porque aí você sai da faculdade onde você atendia dois pacientes por dia, quatro no máximo, comecei a atender 14, 18 por dia na residência. Porque daí a gente assume a demanda da unidade de saúde, então a gente fazia o psf, então eu atendia adulto e a gente pra ajudar a unidade acabava atendendo infante também, porque às vezes a dentista saía de atestado e tal, tanto que no segundo ano da residência eu assumi a demanda da infante, porque uma dentista saiu da unidade, a outra aposentou e a que ficou era de outra faculdade e ela só atendia 4 pacientes por período e aí acabei assumindo pra ajudar. Trabalhei na unidade ouro branco.

E depois da residência?

Aí eu fui pra Curitiba, fiquei seis meses lá, mas aí eu ficava indo e vindo porque daí eu comecei a arrumar mais emprego aqui do que lá. E aqui na verdade eu tava atendendo em Arapongas, em Cambé e em Rolândia, ficava só fora. Aí depois de um tempo eu comecei a atender em Florestópolis, aí depois quando eu consegui entrar em uma rede de clínicas aqui em Londrina, daí eu saí de Curitiba e voltei pra cá.

Faz quanto tempo você resolveu ficar só em Londrina?

Ano passado (2018), que daí eu entrei no Sesc, peguei um contrato provisório lá para cobrir uma amiga minha que estava de atestado médico, que era um contrato de seis meses. Daí eu remanejava na agenda, daí eu ficava no consultório ou de manhã e a tarde, na clínica, intercalado e a noite eu ia para o Sesc, aí foi um período enlouquecedor, porque eu trabalhava das 8 da manhã as 9h30 da noite. Aí junto com esses três na época, porque eu tinha a clínica, Sesc, meu consultório, aí eu ainda tava indo para Florestópolis no começo e ia em um outro consultório de um amigo meu aqui que aparecia de vez em quando. Então era das 08 da manhã as 09h30 da noite, de segunda a sexta e sábado também. Mais de 12 horas por dia, tinha dia que eu tinha meia hora para comer e olhe lá.

E por que tudo isso?

Para pagar as contas. Porque daí eu abri o consultório ano passado (2018), vai fazer um ano que eu abri, que a gente abriu a clínica, aí tinha que pagar montagem tudo e

daí no começo até conseguir atender, conseguir o alvará da vigilância vai um tempo, então até o consultório começar a rodar ia demorar, e eu precisava pagar as contas e aí foi essa doidera que eu consegui pagar pra dar conta.

E aí este ano (2019) você disse que resolveu colocar o pé no freio.

Botei. Em dezembro, porque daí ano passado (2018) eu entrei em depressão por causa da... na verdade eu já estava com sinais, com sintomas, porque eu sempre sofri de ansiedade, mas eu nunca procurei ajuda, tratamento nem nada. Aí com o mestrado começou a desencadear, e junto a tudo isso ainda eu fazia mestrado. Aí com o mestrado eu comecei a ter crise de não querer sair de casa, chegava semana do mestrado eu surtava, não conseguia nem sair da porta daqui de casa, eu ia, me arrumava, chegava ali na porta me dava crise, começava a chorar, não queria sair. Aí eu comecei a ir numa psicóloga porque eu não aceitava tomar remédio, comecei a ir na psicóloga, daí depois de um tempo não dava mais para ir na psicóloga, então eu parei e aí piorou. Aí teve uma vez que surtei bonito aqui em casa, estava com pensamento suicida, tudo, falei “mãe, me leva no psiquiatra que eu tô ruim”. Aí ela me levou, aí ele me passou, eu estava com quatro medicações para tomar, aí que eu falei “vou ter que pôr o pé no freio”, porque daí eu não tinha mais tempo pra fazer exercício físico que ajuda, eu não tava mais saindo, eu não tava fazendo mais nada, era só trabalho e casa, trabalho e casa, pensando em conta, conta, conta, aí uma hora a panela de pressão explodiu, aí foi onde eu falei que eu tinha que parar. Aí eu programei para no final do ano, perto do Natal fechar minha agenda e tirar umas férias (entre aspas). Porque se eu não trabalho eu não ganho, então porque fazia mais de um ano e meio seguido que eu não tirava um dia para nada, a não ser os dias do mestrado, aí eu falei “vou parar”.

Como foi isso de procurar ajuda?

Antes até eu já tinha tentado ir numa psicóloga, mas eu fui meio obrigada, mas depois eu falei “não, agora eu tenho que procurar ajuda”, aí eu comecei a procurar por vontade própria. Aí eu comecei a fazer e tal, até que foi piorando, piorando, até que eu surtei mesmo e fui para o psiquiatra. Aí a medicação ajudou no começo porque eu tava tendo insônia, eu não dormia, tipo trabalhava naquele ritmo louco, chegava a

noite eu não dormia, não desligava. Aí eu tinha que acordar cedo e ir de novo, as vezes quando eu pegava no sono já era hora de levantar e daí tinha que fazer as coisas do mestrado, projeto, só de pensar em abrir o computador já desesperava, começava a chorar, não queria fazer, aí foi onde que eu pensei que algo tava errado. Aí este ano foi breque total.

E como é essa sensação de você parar de fazer um monte coisas....

Por um lado é alívio de não estar tanto na correria, de ter um tempo de fazer uma caminhada que dá tempo, eu não tenho mais a desculpa de não ter tempo, só que ao mesmo tempo como eu diminuí muito o tempo de trabalho em si, bate um desespero porque os boletos chegam (risos), e daí meu salário no mesmo ritmo que diminuí de trabalhar, meu salário diminuiu na mesma proporção, então bate um desespero a hora que chega os boletos porque eu falo “como eu vou fazer pra pagar isso daqui?”, mas a gente vai se ajeitado, daí só tem que diminuir os gastos também porque você tá acostumada a gastar naquele ritmo, daí tem que diminuir também a gastação.

Você mora sozinha? Como tem sido essa experiência de morar sozinha?

Desde que o meu ex foi transferido para Curitiba, eu comecei já a morar sozinha, porque ele vinha para cá uma vez no mês ou dois dias no mês, então eu morava sozinha, é muito bom. Porque assim, tem dia que não é tão bom, mas aí você sai, encontra as pessoas depois você volta, porque o meu trabalho já é muito solitário em si, você ficar o dia inteiro trancada dentro de um consultório, numa sala 2 x 2, você e o paciente porque eu não tenho auxiliar, você não tem tempo de conversar, você só fica atendendo. Então, aí as vezes você sai, mas chegar em casa e você está tranquila, toma um banho, tem hora que você precisa de paz mesmo, e aí acostuma ficar sozinha. Não sei se isso também é um pouco da depressão, de querer ficar sozinha, de não querer ficar muito na muvuca, porque eu sempre fui baladeira, eu sempre gostei de ficar no meio do povo, sempre, desde a adolescência.

Como são seus relacionamentos? Você sempre teve bastante amigos?

Então, é uma visão que a gente vai mudando com o tempo né, essa questão de amizade, porque tem os amigos de balada e tem os amigos. Então assim, quando você tá bem, que você tá saindo, você tem um monte de amigos, tanto que é que tipo assim, há uns três anos atrás se eu fosse fazer uma festa de aniversário e fosse chamar todo mundo que eu considerasse amigo dava umas 70, 80 pessoas, era muita gente. Mas depois que você passa por um perrengue que você realmente vê quem você pode considerar amigo. Então assim, bastante amizade eu tenho, conheço bastante gente, mas amigo mesmo dá pra contar na mão, né?

E hoje como está esse relacionamento com as pessoas?

Olha, complicado... porque quando você tá bem... tipo logo que eu separei, nossa eu tinha convite pra sair, chamava todo mundo pra sair. E aí a partir do momento que a pessoa te chama para sair e você fala "Hoje eu não tô legal, eu não vou", parece que nunca mais chama, você acabou com a pessoa, então pra mim hoje eu fico mais em casa de boa, é um ou outro que eu mantenho mais amizade, que já era amigo de mais tempo, que daí as vezes sai, faz alguma coisa mais de boa, agora balada mesmo eu parei, muito difícil de eu ir.

Você tem algum grupo de convivência que você costuma frequenta? Igreja, voluntariado...

Então, eu me afastei muito da igreja desde que eu me separei, por uma questão, porque assim, quando a gente casa é para ser pra sempre, então como não foi, então tipo eu já não posso comungar, daí eu vou na missa não posso comungar daí já não é a mesma coisa, aí por todos os problemas eu me afastei muito. Aí eu, ano passado quando eu desacelerei eu senti que eu precisava voltar mais, aí eu comecei a ir num grupo lá na Madre Leônia. Aí vou lá na segunda, não conseguir voltar ainda de ir na missa, de vez em quando eu vou ali na catedral que é uma missa mais rápida que é de meio de semana, e as vezes no grupo é 8 e tem a missa as 7. Mas ainda não voltei totalmente, é que era diferente, ainda não sinto... eu tenho fé, acredito, sinto a presença de Deus ainda, mas ainda não é aquela é... não sei explicar, não é aquela coisa... não sei explicar, mas ainda não tem aquele sentimento... é que antes eu ia na missa, entrava na missa de um jeito e saia tipo na paz, conseguia me concentrar. Hoje

eu vou é como se estivesse assistindo uma televisão, é uma comparação chula, mas é algo do tipo, sentei, assisti tv, pronto acabou, troquei de canal, não tem aquela conexão.

Como foi seu relacionamento com seus pais?

Eu e meu pai a gente é muito parecido... assim, eu meu pai e minha mãe, a gente sempre se deu bem, mas eu e meu pai tem o gênio muito parecido, então a gente sempre briga por pouca coisa, ou diverge um pouco a ideia ele acha que tá certo “não discute comigo que eu sou teu pai”, e fica nisso, tipo “fica quieta”. A minha mãe já é uma coisa mais de amizade, eu contava tudo pra ela ... aí eu e minha mãe começamos a ter problemas depois que eu separei, que daí ela não aceitava também eu separar, eu sair com outras pessoas, eu sair na balada que nem eu tava saindo, ela já não concordava e aí já rolava briga.

Depois que você separou, você chegou a se relacionar com outras pessoas?

Sim , com uma pessoa. Aí também já a minha mãe não aceita, aí é complicado... tipo assim tem que ser sério, tem que assumir, levar lá, apresentar para os pais bonitinho, e esse negócio de vida moderna ela não aceita, não aceita nunca, aí tipo é complicado...

Como é sua interação online? Você frequenta redes sociais, usa bastante?

Já usei mais, diminui. Antes eu acho que eu me expunha muito, qualquer coisa eu postava, ia viajar e postava, ia fazer uma comida e postava, tudo eu postava no Facebook. Eu tenho Instagram, mas não sei mexer, não sei mexer no Instagram, eu uso mais o *Whatsapp*, também por causa do profissional e o *Facebook*. Na época tinha o Orkut, usava também, *MSN*... mas eu dei uma diminuída ... eu fico bastante tempo rodando o feed, vendo o que o povo postou, vejo uns vídeos, dou risada, às vezes curto, comentar bem raramente, mas eu postar mesmo, tô me controlando bem, quase não tô postando mais nada e se eu posto é coisas aleatórias ou profissionais, coisas da minha vida pessoal é bem raro eu estar postando alguma coisa.

Faz quanto tempo que você deu uma diminuída das redes?

Desde que eu separei (risos), foi o marco da minha vida, a separação. Desde que eu separei eu dei uma diminuída. Nossa, postava quase tudo, aí expõe demais, as vezes coisas desnecessárias, a pessoa fica sabendo da sua vida e pra quê isso? Ficar se mostrando, se expondo. Aí tipo assim eu separei, aí vem as cobranças do tipo “ué, cadê? Você não posta mais fotos?”. Aí já começam os julgamentos. Aí eu comecei a parar de postar para não ter tanto assim munição, que a gente descobre as coisas se for investigar.... por exemplo, eu descobri traição do meu ex por rede social, por Orkut, então dá para descobrir as coisas se você ficar se expondo tudo, aí tipo, eu separei. Então eu já cortei por ali, já não posto mais nada, ninguém mais sabe da minha vida pelas redes sociais, uma coisinha ou outra só...

A traição foi no Orkut?

Eu tinha a senha, a pessoa não lembrava que tinha me dado a senha, nunca tinha mudado a senha, aí a gente tem o sexto sentido...o homem não sabe fazer direito, sempre deixa o rastro (risos). Então foi pelas redes sociais, *MSN* e *Orkut* que eu descobri

E mesmo assim vocês continuaram?

Depois que eu descobri a gente ficou uns 3 meses juntos ainda, aí bateu um pouquinho do amor próprio, aí eu terminei tudo.

Aí então você parou um pouco com as redes sociais, depois que você separou?

É, de postar, mas todo dia eu tô lá.

Qual rede você mais usa?

O *Face* mesmo.

Hoje você tem mais o quê, além do *Face*?

Tenho o Insta, mas não uso direito, tenho uma ou outra publicação, mas sempre peço ajuda para alguém (risos). O insta eu quase nem uso...

E o *WhatsApp*?

O *Whats* eu uso todo dia, direto. Fico quase 24 horas, até tomando banho eu fico lá com o *WhatsApp* (risos). Eu levo para o banheiro, coloco no *Netflix*, apoio na janela, vou lavando cabelo e assistindo. Não embaça (risos). Eu levo esse celular porque ele é resistente à água né... e aí eu apoio ele assim na janela, vou tomar um banho lavar o cabelo, eu demoro pra lavar o cabelo. Um banho que eu tomaria em meia hora, com o *Netflix* vai pra uma hora fácil. Aí eu fico lá, tomando banho e vendo filme.

E durante o banho você recebe as notificações do *Whats* também?

É... aí as vezes eu respondo, tomando banho e respondendo (risos). É bem aquelas charges que o pessoal coloca um furo no box, o meu não precisa nem de furo eu coloco direto ali mesmo. Até no banho eu levo o celular.

Então o *WhatsApp* é o tempo todo?

É o tempo todo. As vezes eu to atendendo e deixo o celular no bolso, daí eu sinto vibrar, porque eu deixo no vibra daí. Aí eu termino de atender, a primeira coisa que faço é ir no *Whatsapp*. Bate aquela ansiedade a hora que vibra pra ver o que é, quem é, se é alguma coisa importante, se não é, se é paciente ou não... os grupos são todos silenciados, mas senão tá toda hora lá.

Você costuma interagir assim também nas outras redes?

Bem raro... a não ser quando eu falo nossa esse negócio é muito interessante ou é muito engraçado eu preciso... mas se não, aí bate preguiça, não vou perder meu tempo... Já o *Whats* eu tô toda hora (risos). Às vezes nem tô conversando com ninguém, mas to lá, roda pra cima, roda pra baixo, vendo as últimas conversas, sei lá... não sei realmente o porquê.

Você desconecta da internet quando vai dormir?

Não, deixo 24 horas conectado. Já rolou briga por causa disso. Porque as vezes tem alguns amigos sem noção que manda mensagem duas horas da manhã (risos), aí “ah, desliga esse *wifi*, pra que ficar conectada de madrugada???”. Ah, sei lá... eu deixo, não tem motivo...

Você chega a acordar de madrugada com as notificações?

Dependendo se eu tô com o sono meio leve, se ainda não peguei no sono direito, eu acordo sim. Dá uma vibradinha eu acordo. As vezes eu olho e dependendo de quem for... eu até respondo (risos). Dependendo de quem for eu “opa, vamos conversar aqui, eu tô acordada!” (risos). Ai gente, é desnecessário né? Para quê responder a pessoa, só responder no outro dia, mas não, eu acordo de madrugada pra responder. Gente não tem um motivo... porque assim eu fico toda hora olhando pra ver se tem alguma coisa, as vezes eu olho nem tenho vontade de puxar conversa com alguém, mas tô lá olhando. Por que? Não sei... Só fico rodando pra cima pra baixo, pra ver as ultimas conversas, ou só pra ver o último horário que pessoa entrou... pra que ??? Não sei...

E quando uma pessoa demora pra responder?

Quando demora pra responder eu já entro pra ver qual foi a última vez que a pessoa ficou online, isso quando a pessoa coloca essa opção, quando não tem bate um desespero tipo “entra logo, fica online, me responde logo caramba” ... ah não sei... não sei se isso é com todo mundo, mas eu sempre fui muito imediatista, pra tudo, sempre quis as coisas pra na hora, e sempre fui ansiosa, então qualquer coisinha eu já... mas de um tempo pra cá piorou... ainda mais com esse negócio do *Whatsapp*.

Você acha que as relações pelas redes se tornam mais fáceis?

Sim e não. Porque assim, facilita o contato por exemplo de uma pessoa que você não tem o convívio físico muito perto, por exemplo minha melhor amiga é advogada, então são ramos de trabalho totalmente diferentes, então um dos jeitos de se comunicar

porque a gente não se encontra direito, ela tem a vida dela eu tenho minha vida, é aquela correria, é o *Whatsapp*. Agora facilitou também de você falar também algumas coisas, assim tipo, quando você está escondida atrás e uma câmera, de uma lente do celular, você não tem vergonha, então fica mais fácil de você falar algumas coisas, de conversar com algumas pessoas, de dar uma patada por exemplo, (risos), então nesse sentido facilitou. Agora por outro lado, você perde muito o convívio direto com a pessoa, então assim, você está convivendo com a pessoa, mas não está. Você está conversando, mas tem uma conversa muito superficial, porque você pergunta “Tá tudo bem?” e a pessoa responde “Tá sim”, mas assim você não tá vendo a pessoa. Porque assim, se eu pergunto pessoalmente “Tá tudo bem”, você pode até responder “Tá, tudo bem”, mas eu vou estar vendo sua expressão corporal, sua fisionomia, eu vou saber se realmente se está tudo bem ou não está com você, então... tudo tem seu lado bom e seu lado ruim... Para questão, por exemplo de trabalho, é uma ferramenta e tanto, porque hoje telefone quase ninguém usa mais, então pra você ter um contato, agendar tudo, o *Whatsapp* é maravilhoso, que daí você manda mensagem e as vezes a pessoa pode não ver na hora, mas assim que ela ver, ela vai responder, então pra isso é ótimo... Mas para as relações não é bem assim, sei lá, do mesmo jeito que te aproxima das pessoas, não te aproxima realmente... sei lá, você tá conversando ali, mas a pessoa realmente não tá muito afim, as vezes ela responde só porque tem que responder...

Pra você é mais fácil lidar atrás das telas?

É que atrás da tela você tá protegido né... você tá protegido de um “não”, porque assim as vezes você não tá esperando um “não”, porque pessoalmente se você levar um “não” na cara você até murcha, mas pelo *Whats*, atrás das telas a pessoa não vai ver a sua reação, então você tá protegido, tá dentro de um bolha, então nesse sentido ele te protege de várias situações que podem ser decepcionantes, porque o convívio com as pessoas não é fácil, nunca foi. Porque ali [pela internet] você bloqueia, exclui, ignora, não responde mais e tá tudo certo, e aí como você vai fazer isso pessoalmente? Virar as costas e sair andando e ser extremamente mal educado? Não que não seja mal educado fazer isso online, mas pessoalmente não dá né... dependendo da situação não dá. Então, nas redes sociais você bloqueia, daí se a pessoa perguntar dá pra você inventar uma desculpa, tipo “não vi, nossa, sua

mensagem não chegou”. Nas redes você pode pensar no que vai responder, você tem um tempo de resposta, pessoalmente não, se você perdeu aquela janela de oportunidade de dar aquela resposta, não dá.

Esse excesso de informação, de imagem, de texto, de vídeo vindo de todos os lados, como lidar?

Aumenta o estresse né. Porque por exemplo, pesquisa de mestrado... aí você vai lá digita a palavra chave... antes você tinha que ir na biblioteca procurar, você achava uma coisa ou outra e aquilo ali já era o suficiente. Aí você vai Internet e digita e aparece 1000 artigos, aí você pensa “Meu Deus!” Pra que tudo isso? Aí você não sabe pra onde vai, é muita informação, como é que filtra esse tanto de informação? O que é verdade e o que não é? O que dá pra eu absorver, o que é lixo? É muita coisa... e outra se você for tentar ler tudo, aí você não consegue ler e dá aquele negócio... você mal lê os resumos ... aí bate aquela ansiedade... é muita informação! E tipo assim quem gosta de ter um conhecimento de leitura, aí você olha pra você e bata aquela coisa, e você pensa “meu, eu não sei nada, tem tanta coisa e eu não sei nada”, aí bate aquela bad, tipo “sou burra pra caralho!” (risos). Tem tanta coisa e parece que você não sabe de nada, sei lá.

Você consegue focar exatamente naquilo que você está fazendo no computador quando está estudando ou trabalhando? Ou desvia a atenção com outras coisas navegando pela Internet?

Quando eu pego pra fazer, eu consigo focar. Só que meu focar é engraçado porque eu não consigo focar no silêncio. Eu sempre coloco uma música um filme... porque se passar uma moto na rua já me distrai, aí eu tenho que ter algum estímulo, seja tv ligada, algum barulho ... pra estudar eu não consigo ficar em silêncio, nunca.

E em silencio sem fazer nada? Sem o celular?

Jogo o celular no chão, deito aqui no sofá e fico. Aí depois de um tempo eu pego o celular pra ver quanto tempo eu passei assim...

E quanto tempo você fica normalmente?

Depende do dia, se é um dia que eu tô muito acelerada, nem cinco minutos (risos), mas se é um dia que to tranquila, eu deito ali, fico olhando pro teto, pensando na morte da bezerra...de vez em quando é bom fazer isso ... ou no máximo assim eu pego um livro, eu gosto muito de ler, aí eu deito começo a ler, e esqueço de celular, esqueço de tudo...

Como é sua sensação de solidão? Em quais momentos você já sentiu? Você sente isso direto?

Hoje menos... hoje bem menos... agora ano passado eu sentia mais, a hora que eu chegava em casa depois do serviço, tipo não tinha ninguém pra conversar, pra desabafar, pra contar do dia, nem que seja para dar um berros...aí não tinha ninguém, aí tinha hora que batia a solidão. Daí eu começava a chorar... mas não por morar sozinha, era um sentimento de vazio...ainda mais quando eu começava apensar, o que eu estou fazendo da minha vida só trabalhando... é aquela velha pergunta né? Você está vivendo ou só pagando boletos? Eu estou male e male pagando boletos...aí batia a *bad*, de estar sozinha, e aí quando você começa a se relacionar emocionalmente com um pessoa aí já bate aquela coisa tipo, não deu certo... “vou morrer sozinha, ninguém me quer, ninguém me ama”, aí vai batendo essas inseguranças da vida... porque assim, ficar sozinha é diferente de se sentir solitária, porque muitas vezes batia esse sentimento de solidão e eu tava no ambiente de trabalho, tava lá trabalhando, as vezes tava li em um grupinho de 4 ou 5 dentistas ali conversando, e eu me senti sozinha mesmo lá rodeada de pessoas... a sensação que eu tinha era aquele, sabe quando tem num filme aquela sensação de que a pessoa tá caindo num buraco negro, era essa a sensação que tinha... às vezes eu tava lá rodeada de pessoas e parece que só eu, só eu, tava caindo num buraco negro, tipo... acho que eu é o jeito mais fácil de explicar a sensação que dava... tipo por mais que tivesse gente parecia que ali ninguém entendia, ninguém se solidarizava, ninguém perguntava se tava tudo bem querendo saber se realmente tava tudo bem, não apenas por perguntar, aí esses pra mim eram os piores momentos de se sentir sozinha, quando eu tava com pessoas ao meu redor... Isso foi ano passado, às vezes eu tava na casa dos meus pais e me sentia sozinha , aí tipo assim... tá, eu tenho meus pais

aqui, mas não tenho ninguém, eram os piores sentimentos, e aí eram sentimentos que me levavam a pensar no suicídio, quando eu me via rodeada de pessoas e ainda assim era como se não tivesse ninguém... que daí você começa a pensar o que você tá fazendo da vida, que você não é importante, que ... pra quê trabalhar? Para quê ter as coisas? Aí você começa a fazer umas reflexões muito doidas e aí você começa a pensar besteira, literalmente, besteira, de querer sumir... aí começa a destrambelhar os pensamentos. Esse pra mim é o pior sentimento de solidão.

Você começou a ter pânico de pessoas?

Sim, eu podia sair... que nem, eu sempre gostei muito de dançar, então eu me apeguei um tempo em sair e dançar, mas daí depois de um tempo isso não me satisfazia mais, porque aí eu ia na dança, chegava lá, tinha bastante amizade, a gente tava num grupo de 20 pessoas, e eu estava lá, mas era como se não estivesse, mesmo se eu dançasse, eu tava sorrindo, mas por dentro eu tava um caco, era como se tivesse uma máscara, e tipo assim aquelas conversas superficiais de perguntar se tá tudo bem, só por perguntar. Aí a hora que eu chegava em casa, eu continuava com aquele vazio, aí a hora que eu chegava aqui [em casa], aqui realmente sozinha, aí o negócio ia pro brejo, aí começava querer subir no prédio, se jogar, entrar num carro e se jogar em um poste. Daí começava isso, daí era foda... aí eu parei de sair, daí eu me afastei totalmente de tudo, de pessoas, eu não saía mais para dançar, eu só ia trabalhar porque realmente tinha que pagar as contas, e era o que ainda tava me mantendo ali em pé, e nem isso às vezes.... às vezes eu mandava desmarcar todo mundo e não ia, quando a crise tava braba.

E hoje como você definiria a sua solidão?

Ah, hoje eu to mais... (silêncio) como explicar? Não me sinto tão mais assim solitária, querendo ou não eu ter voltado no grupo [da igreja] tem me curado assim, tem ajudado bastante, de saber que querendo ou não eu tenho Deus, por mais que eu não me sinta ainda conectada, Ele tá ali, e foi realmente o motivo de eu não ter levado à cabo o pensamento de me matar... já teve vez de eu montar bisturi aqui em casa e tá quase... aí você pega e pensa “não, eu vou pro inferno, não...” (risos) Aí começa a pensar no pai, na mãe, aí desiste, mas hoje em dia ter me aproximado um pouquinho [de Deus]

já ajudou, que daí eu não me sinto mais tão sozinha. Mas daí procurar alguém para conversar nesses momentos, parece que é pior, porque você não quer conversar com ninguém, você quer se isolar, só piora... ainda mais porque dependendo você pra pessoa “olha, não tô bem”, aí a pessoa já começa “mas pra que isso, você é porreta”, meu, não me interessa se eu tenho 50 mil diplomas, eu não tô bem por causa disso... aí a pessoa quer focar nas coisas boas, mas isso não é o suficiente.

Nesses momentos de crise você se isola?

É... você quer se isolar, e cada vez você se isola mais e quanto mais você se isola, mais difícil você sair depois, porque aí parece que quando você força um pouquinho pra sair, você chega, aí você não tá sendo uma companhia agradável, aí começa a vir os outros sentimentos... aí você fala “pra quê eu tô aqui? Para atrapalhar a vida dos outros? ”, aí acaba voltando... aí é realmente uma luta, você tem que se apegar aos que realmente são amigos, não nos colegas, que daí chama faz uma coisinha, já sabe seu limite, te conhece, não força a barra...

E nesse meio tempo como você lidou com as redes?

Olha eu usava tipo, nunca parei de olhar o que pessoal publicava... mas nos momentos de crise tinha vez que eu nem pegava no celular, quando eu tava na crise mesmo o vibrar do celular me stressava, eu queria tacar fogo no celular, eu silencieei absolutamente todo mundo do *WhatsApp* porque se o celular vibrasse eu já stressava, pensando quem tava me enchendo o saco, queria tacar o celular fora... tipo tem alguém aqui me importunando, me cutucando quando celular vibrava... aí eu silencieei todo mundo, silencieei até o celular porque só de ele tocar já me stressava muito , porque eu queria desaparecer.... porque tipo o celular vibrar é “tem alguém aqui, tem alguém lembrando que eu existo. Não quero que alguém lembre eu tô aqui! Me deixa quita no meu canto!”

Qual o seu maior medo?

Meu maior medo é me perder, salve o gps! (Risos). Medo besta. É, de ir pra algum lugar desconhecido e não conseguir chegar, perder e não achar o caminho de volta. É meio bizarro (Risos). Mas é o medo mais paralisante que me dá.

APÊNDICE D – EDUARDO

Eduardo, 22 anos. Estudante de História, de Londrina.

Conte-me um pouco de você, sua criação familiar, sua formação...

Em relação à educação eu estudei até a oitava série em colégio particular, era um colégio particular pequeno, não era um colégio de centro...eu não acredito que minha educação no ensino fundamental não tenha sido tão boa, depois no ensino médio eu fui para um colégio público e eu não senti diferença, tanto em relação a ser rigoroso quanto à qualidade de conteúdo eu não vi diferença, para mim era a mesma coisa. A formação familiar, eu com 5 anos meu pai e minha mãe se separaram e meu pai foi morar em Curitiba e depois foi morar em outras cidades e eu fui criado então... eu considero que eu fui criado só pela minha mãe, eu me irmão que é 4 anos mais novo que eu.

E vocês três moram junto?

Sim, a gente mora juntos até hoje.

E seu pai, você costuma vê-lo com frequência?

É, eu antigamente eu via um pouco mais, a gente via todo mês, mas agora é a cada dois meses, três meses, mas a gente tem um relacionamento bom. Todo dia praticamente a gente conversa por *Whatsapp* ou então ele liga, ah eu considero um relacionamento bom com ele.

Quando você terminou o ensino médio e foi para a universidade, como foi esse processo pra você?

Quando eu terminei o ensino médio foi no ano de 2014, então foi a época que eu mais amadureci e tive certezas na minha vida. E quando eu entrei, antes de fazer história eu fazia economia, eu terminei o terceiro ano e entrei em economia em 2015 na universidade pública, e quando eu entrei em economia eu tinha uma visão muito

diferente de mundo porque eu achava que ia mudar o mundo, aí eu fiz um ano de economia, fiz dois anos de economia e eu já percebi que não era bem assim. Desde lá eu já queria ser professor e eu queria seguir a carreira acadêmica em economia mesmo, mas daí no terceiro ano eu tive que começar a fazer estágio e eu tive que trabalhar numa empresa privada e eu percebi que eu pra ser professor de economia eu teria que trabalhar pelo menos 10 anos em uma empresa privada para daí eu conseguir dar aula que era o que eu queria, então eu decidi largar esse curso de economia para mudar para História. Aí em 2018 comecei a cursar história, ano passado mesmo (2018) eu comecei a fazer estágio no museu Histórico de Londrina, foi um período de muito aprendizado também, foi onde eu me encontrei com a história e esse ano eu tô fazendo estágio no curso preparatório pré vestibular da universidade e quando eu dei a primeira aula eu tive certeza de que era isso que eu queria para minha vida, sabe? Mesmo o curso de história eu já gostei mais que o curso de economia, mas a prática foi quando eu realmente me encontrei... porque quando eu fui fazer economia eu já tinha esse desejo de ser professor, mas eu não tinha conhecimento sobre o curso, não tinha conhecimento sobre a profissão também, então eu imaginava uma coisa da profissão que não era o que ela realmente é, então quando eu optei por história eu tive esse contato com a docência então eu tive certeza que era isso que eu queria.

O que te fez desistir do curso de economia?

Um dos motivos foi por causa da profissão mesmo, porque eu ia me formar um economista e até eu me tornar um professor em economia, iria levar muito tempo e querendo ou não teriam que ser 10 anos mais ou menos trabalhando pra alguém, numa empresa privada, e não era isso que eu queria, como eu tenho 20 anos, mais 10 anos é relativamente ainda muito tempo, então eu acredito que não era o que eu queria pra minha vida. Mas uma coisa que me decepcionou muito e difere muito do departamento de economia para o departamento de história é em relação aos professores, os professores de história são muito mais humanos. Eu tive um problema com uma professora de economia porque eu fiquei retido em uma matéria e essa matéria, eu peguei DP nessa matéria, e essa matéria ela retia o ano todo, então eu tive que fazer durante o ano inteiro só uma matéria, e a minha matrícula era no período matutino. E quando eu fiquei retido nessa matéria eu fui procurar um emprego. E aí

eu arranjei um estágio, trabalhei numa loja que vendia instrumentos musicais, na parte administrativa, só que esse emprego era o dia todo, então eu tive mudar para o período noturno, então eu fui conversar com a professora, eu expliquei que eu precisava trabalhar, que eu só tava fazendo uma matéria e se não tinha como eu pedir a transferência, ela falou que não tinha como pedir a transferência porque já tinha passado a data de transferência e que eu tinha que tentar permuta, e então eu conversei com ela se por enquanto que eu não conseguisse essa permuta, eu frequentar as aulas no período noturno, e a princípio ela falou que tudo bem. Aí após mais ou menos umas duas semanas de aula, ela no meio da aula, ela parou a aula e perguntou pra mim “Eduardo, a sua matrícula é no período matutino, né?”. Respondi que sim. Ela perguntou “Você já conseguiu a permuta?”. Eu respondi “Ainda não, mas estou tentando contato com os alunos para ver se consigo alguma permuta”. Então ela disse “Mas você sendo do período matutino, você não pode frequentar as aulas à noite, você pode se retirar, por favor”. No meio de todo mundo, ela paralisou a aula e aí foi quando eu tive, tipo foi uma frustração que eu falei “nunca mais quero voltar para economia”. Isso teve bastante a ver com a desistência, mas eu já não tava muito feliz com o curso, sabe... já nesse um ano de trabalho eu percebi que não era o que queria... Uma coisa curiosa até que quando eu passei no vestibular [de história], no mesmo mês eu tava pra completar um ano na empresa, e quando você completa um ano e eles demitem você depois desse um ano eles têm que pagar um série de direitos nossos... e 15 dias antes de completar um ano, quando eu passei no vestibular, como eu passei em história e saí da economia, eles me demitiram dessa empresa. Quando eu troquei o curso eles me demitiram, mas aí eu não queria trabalhar na empresa pra sempre também né, aí eu percebi que esse não era o meio que eu queria pra mim.

Você trabalhava todo dia?

Todo dia, de segunda à sábado, eram 8 horas por dia, de sábado trabalhava 4 horas.

E como foi essa experiência? Você resolveu trabalhar porque tinha que cumprir estágio do curso?

Na realidade o estágio eu cumpri as horas no primeiro ano já porque eu participei na empresa júnior de economia e no segundo ano eu optei por sair da empresa júnior e

então foi puramente por dinheiro mesmo porque como eu tava fazendo só uma matéria mesmo. Nem digo que foi por necessidade porque minha mãe sempre me ajudou muito, mas eu ia ter muito tempo vago e o melhor seria ocupar a cabeça com alguma outra coisa mesmo e eu já tinha dois anos de economia, então eu consegui esse emprego lá na área administrativa.

E como era o relacionamento lá com o pessoal do serviço?

O relacionamento era bom, porque o setor onde eu ficava, o chefe, isso era até injusto, mas nesse sistema capitalista sempre vai ser injusto o salário né, mas eu como mexia com o financeiro a gente tinha acesso aos valores, então tinha meu chefe direto que tinha duas pós e ele era responsável tanto pela loja física quanto pela distribuidora, como pela fábrica também e ele ganhava cerca de 2.800, e tinha muitos funcionários e o tanto de trabalho que ele fazia, merecia ganhar muito mais, ele gerava muito mais riqueza para empresa do que ele recebia... tanto é que esses chefes costumam ficar em média 6 meses e logo saem, porque é muito estressante, é muito trabalho para um salário baixo. E as pessoas, a gente faz uma análise, porque eu frequento um grupo de estudos na sobre Marx e Marxismo, eu sempre converso com uns amigos meus que trabalham ou trabalharam e a gente conversa sempre que, a classe que recebe um salário mínimo, essas pessoas o contato com elas era muito bom, elas eram tipo muito educadas, e eu nunca tive nenhum problema em relação a ninguém, tanto em relação a chefes quanto a eles, mas o contato com eles era muito melhor. É que eu também ganhava menos, então esse era o meu meio

E na faculdade como se dá esse relacionamento com os colegas?

Economia era um curso que tinha muito homem, e a maioria desses homens eram bem mais preconceituosos do que história, mas eu tinha contato bom com a maioria, nunca tive problema com ninguém, mas era... o contraste é muito grande em relação ao povo de história, já em história é muito mais aberto, muito mais receptivo, vamos dizer que a pluralidade é muito maior em história, e isso nos professores a gente vê também, mas os alunos o contato é muito melhor... em história eu me identifico mais, então eu me sinto mais à vontade. Uma coisa que eu senti um pouco foi a diferença de idade em História, porque como eu entrei com 21... quando entrei em economia

com 17, a maioria das pessoas também tinha 17, 18, e em história já não.... eu entrei com 21 e a maioria tinha 17, 18, então essa diferença de uns 4 anos de idade já dá um contraste, mas mesmo assim eu tenho um relacionamento bom com eles.

Como foi todo o processo dessa troca de curso?

Em relação à minha mãe, que era o que eu me importava de verdade, eu sempre recebi o total apoio, até porque antes do que aconteceu com a professora ela dizia: “ah não, vamos terminar, é um curso que você gosta, você tá gostando do que você tá estudando”. Aí depois do que aconteceu com a professora ela meio que ... “ah, realmente, talvez seja melhor...”. E quando eu optei por fazer história, a minha mãe é formada em serviço social, então ela sabe a diferença dos professores do departamento de economia ou de serviço social, vamos dizer assim professores que pensem mais no aluno, que sejam mais humanos, e o apoio dela eu tive, e acho que era de quem importava. Algumas pessoas eu falava “troquei economia, por história”, daí elas falavam “ah... legal...”, mas no fundo as vezes era irônico, as vezes era meio que com desprezo, mas eu nunca liguei muito pra isso ... A minha namorada faz ciências sociais também, foi um dos motivos por eu ter optado também por um curso mais das humanas também, porque eu já tinha um contato com alguns professores das ciências sociais, então foi um dos motivos de eu ter essa certeza por história...

Que outros tipos de grupos de convivência você participar além dos da sua universidade?

Eu tenho meu grupo da sala que eu tenho um contato muito bom, tanto do período noturno quanto do período matutino, na igreja também eu frequento de sábado às vezes, eu tenho contato com algumas pessoas, mas esse contato já foi muito maior, hoje em dia tá um pouco... não digo desgastado, mas hoje eu tô um pouco distante das pessoas, é... eu participo também do centro acadêmico de história então eu tenho contato também com as pessoas que formam a chapa lá e que formam o centro acadêmico, eu participo do grupo de estudo sobre Marx e Marxismo também, eu participo do movimento Universidade Popular, a gente tá iniciando ainda, mas é uma ... mas que tá propondo é a União da juventude comunista que é o coletivo PCB, e o centros acadêmicos, eu tenho contato no cursinho, apesar de ter entrado este ano,

eles me acolheram muito bem e já fiz alguns amigos lá, a gente já saiu junto, e ano passado como eu fiz estágio no museu, eu tenho contato com algumas pessoas do museu também.

Você está rodeado de gente então?

É mais ou menos, né... risos... na verdade quando a gente tá rodeado de muita gente, aí é que na realidade, não tá... (risos) ... tá rodeado por quase ninguém... sei lá... sabe.... porque as pessoas realmente próximas, dá para contar nos dedos, mas em relação à contato, acho que eu tenho contato com bastante gente, mas eu não sei se eu conseguiria me abrir com essas pessoas sabe...

Por que você tem esse sentimento?

É que acho que a gente pode separar por colegas, que são pessoas que vão passar pela sua vida, mas que depois você até esquece, mas que naquele momento eles são importantes, você tem uma convivência muito legal, você gosta dela, mas é tipo, períodos. No colégio por exemplo, eu tinha pessoas assim que eu tinha um carinho muito grande, mas hoje já não tenho contato nenhum, e essas pessoas vão ser sempre meramente conversa, ah tipo “como você tá, como você não tá, você viu tal filme...” Mas não uma coisa de você ah.. “você tá bem???”. “Não eu não tô”. Aí a gente vai ter os amigos também, que são mais próximos, que a gente sempre vai sair junto, mas mesmo assim você não consegue confiar 100% sabe, eu tenho... eu não sei se seria uma dificuldade... mas eu não consigo me abrir totalmente para uma certa pessoa que não tenho confiança, aí vão ter essas pessoas que eu acredito que posso falar, que daí acho dá pra contar em uma mão, essas pessoas quem são...

Por que essa dificuldade em confiar nas pessoas?

Ah, não sei... (risos) ... (silencio)... ah, eu não sei dizer porque essa dificuldade... eu não sei dizer se é uma questão afetiva, de quem eu tenho mais carinho... não acho que não... não sei se é isso, ou ...algumas situações depois que você passa por essas situações você vai gerando uma certa confiança, não sei se é uma questão de

proximidade, mas eu não sei dizer com uma certeza porque essa dificuldade de confiar nas pessoas...

Você acha que se cria muita expectativa em relação às pessoas?

Eu acho que sim... eu acho que muitas vezes a gente faz uma leitura errada da pessoa e as vezes nem é culpa da pessoa, é culpa da gente mesmo que enxergou de uma maneira que a pessoa não era, nunca foi e... talvez se iluda um pouco... não sei se é essa palavra, se iludir ...

Como você lida com essas diferenças entre os movimentos da universidade e da igreja? Como você lida com esses relacionamentos?

Na universidade eu tive duas experiências né... dois anos fazendo o curso de economia e dois anos fazendo o curso de história e... muitas vezes consideram [pessoal da igreja] os cursos de humanas como preconceituosos e intolerantes, mas eu posso te dizer que o curso de economia era muito mais intolerante do que o curso de história. Minha mãe sempre me trouxe pra igreja, e desde que eu me entendo eu sempre fui cristão e eu tenho uma visão de cristianismo, talvez seja uma visão um pouco diferente de algumas pessoas daqui da igreja e essa visão é muito por causa da minha mãe, eu me espelho muito nela e quando eu entrei pra economia, a maioria das pessoas também eram cristãs, mas elas eram muito mais intolerantes em relação a, tipo “ vamos fazer alguma coisa...”, eles julgavam muito mais, do tipo... “ah, mas você é cristão e tá contra o impeachment da Dilma”, eles não tentavam espelhar em nada a Cristo. Em história não, eles já são muito mais abertos a conversa, o meu melhor amigo na universidade é ateu e isso não muda nada sabe... eles são muito mais tolerantes, muito mais... ah em economia eu nunca tive problema em relação a eu ser cristão, mas em história eu me sinto muito mais à vontade, minha sala tem muito cristão também e outras religiões também, tem pessoas com religião de matriz africana, pessoas espíritas também, e a convivência é muito boa, a gente nunca teve problema nenhum relacionado à religião pelo menos na minha sala então... apesar dizerem que não, eu entendo, e entendo por causa da minha experiência pessoal que o curso de história é muito mais receptivo que o curso de economia no caso.

E como tem sido o teu relacionamento com as pessoas dentro da igreja?

Eu tenho uma... eu não sei... porque eu nunca criei uma esperança nessas pessoas, sabe... tipo em 2014 foi quando meio que criei uma consciência política maior, então já foram 5 anos... então em 2014 eu comecei a enxergar algumas coisas que eu ficava indignado então, em 2018 apesar de ter sido pior eu não esperava esse apoio tão grande a esse cara lá [Bolsonaro], só que eu já esperava que a maioria ia apoiar. Talvez eu não esperava também, tipo, eu tenho um menino que é um dos meus melhores amigos, e a gente vivia um na casa do outro, e a mãe dele mandou minha namorada ir pra Venezuela, e tipo assim: “ah, vai pra Venezuela. Não a acredito que a Venezuela é aqui dentro da igreja”, por coincidência são as pessoas que vão para Miami, sabe essas pessoas que ligam bastante para os outros [ironia], então tipo... eu não me assustei, não digo que foi uma decepção porque eu já esperava isso na verdade, só que agora não sinto vontade nenhuma de ir na casa dele, sabe eu não sinto vontade nenhuma de ficar cumprimentando, eu prefiro fingir que não existe.... Eu sinto às vezes uns olhares assim sabe, meio diferente... de gente que me cumprimentava de um jeito, depois me passou a cumprimentara de outro jeito, e nos jovens mesmo eu sinto uma... tipo, não que eu tenha alguma coisa com o grupo de jovens, mas eu sinto um certo distanciamento...

Você frequenta redes sociais? Quais redes?

Eu frequento. Eu tenho o *Instagram*, o *Facebook*, o *Twitter*, o *Whatsapp*, são esses quatro... o *Facebook* é o que menos entro, acho que do ano passado pra cá diminui mais ainda. O *Instagram* também nem tanto, eu acho que o que mais mexo mesmo é o *Twitter*, apesar de não postar muita coisa sabe, mas eu mais acompanho o *Twitter* e *Whatsapp* geralmente também fico conversando, com algum amigo.

Porque você prefere usar mais esses dois?

Ah, o *WhatsApp* eu converso só por *Whatsapp* eu não uso outra ferramenta de conversa, tipo *Messenger* eu não uso, por *Instagram* também dá mas eu não uso, eu uso só o *Whatsapp*, daí tem grupo também que você faz parte, que você precisa para interagir, os de centro acadêmico de história também é tudo por *Whatsapp* então você

tem que estar sempre meio esperto. Eu converso também com minha namorada por *Whatsapp*, e grupos com amigo sabe, grupo da sala, toda hora alguém manda alguma coisa, então sempre você tá participando. Já o *Twitter* acho que é uma coisa mais prática sabe, como são poucos caracteres ali, você vê tudo de forma mais rápida, *Facebook* às vezes você tem muita coisa que você não quer ver a acaba vendo, e o *Twitter* acho que consigo filtrar mais sabe, você segue só o que você quer e você não tem a sua tia por parte de pai sabe (risos), um monte de gente que posta um monte de coisa desnecessária, então eu não sei, eu acho que o *Twitter* é mais prático.

Costuma interagir no *Twitter* também, faz postagens, comenta?

Muito pouco... eu mais *retwitto* do que escrevo alguma coisa e em média acho que quatro vezes por semana, então é bem pouco mesmo... mas acompanhar eu acompanho todo dia, isso todo dia.

Insta?

É bem menos, eu até entro, mas tipo às vezes to sem sono aí dou uma olhada no *Instagram*, mas é menos do que o *Twitter*.

E o *Face*?

O *Face* é bem menos, só quando aparece alguma notificação aí eu abro pra ver o que é, caso alguém tenha interagido comigo alguma coisa... uma coisa que eu acho muito legal e que eu vejo todo dia no *Face* é aquela "o que você fez nesse dia, tantos anos atrás", sabe... isso eu vejo todo dia, mas ficar rolando o *feed* do *face* eu não.

Você se considera uma pessoa que usa muito as redes?

Ah, eu acho que sim... rede social só no celular, eu acho que tem gente que ainda usa muito mais do que, comparado a outras pessoas e acho que ainda não uso tanto, mas eu acho que uso muito mais do que o necessário sabe, poderia usar muito menos, acho que eu perco muito tempo com isso sabe.

Você costuma ficar o tempo todo com o celular?

Quando eu tô com a mochila eu deixo ele na mochila, mas ele tá comigo

Notificação: chegou, você olha?

Não necessariamente, às vezes eu esqueço, tipo quando eu tô na aula eu não mexo no celular, por exemplo, e quando eu tô no estágio também, agora dando aula não tem como, quando eu tava no museu também não ficava no celular, mas em ônibus, aí eu fico no celular, às vezes em casa, tipo eu tô almoçando sozinho aí as vezes eu ponho um vídeo no *Youtube*, aí eu fico mexendo no celular mesmo...

Em quais momento você percebe que usa mais o celular?

Eu acho que é no período um pouquinho antes do almoço e até umas duas horas da tarde eu fico mexendo o tempo todo. Eu tô em casa sozinho, então eu fico mexendo o tempo todo, aí das duas até umas cinco horas eu fico estudando então daí eu deixo o celular de lado, mas aí tipo ele fica perto sabe, mas eu aí eu não tenho que ficar pegando pra responder, só as vezes, por exemplo, eu estudo um tempo aí levando para beber uma água, aí eu pego o celular, vejo o *Whatsapp*, vejo se tem alguma coisa, caso tenha eu respondo, aí eu ponho ele de novo, e aí consigo voltar a estudar de boa. Eu estudo normalmente nesse período da tarde e aí eu vou pra universidade, e quando volto costumo também estudar depois da aula... é que eu estou com um problema que eu não estou conseguindo dormir cedo, então eu vou dormir muito tarde.

Como é sua rotina diária? Conte-me um pouco, como começa seu dia?

Geralmente eu acordo umas 11h, e aí eu olho o celular, aí eu vou esquentar comida, aí eu geralmente tomo banho e aí espero meu irmão chegar da aula, quando ele vem pra almoçar em casa, mas aí eu fico o tempo todo mexendo no celular. Aí ele chega da aula, as vezes ele põe ou eu ponho um vídeo no *Youtube* enquanto a gente almoça e aí a gente fica vendo vídeos juntos e depois do almoço eu fico até umas duas horas sem fazer nada, aí eu vou estudar, aí nesse período eu fico mexendo muito pouco no celular, aí depois eu vou pra universidade, no ônibus eu fico mexendo no celular o

tempo todo, ouvindo música, ouvindo *podcast* também e aí na universidade, durante a aula eu consigo não mexer no celular, aí depois eu volto com meu amigo de carona, então a gente volta conversando e eu também não mexo. Aí em casa geralmente eu chego umas 23h, aí eu vou comer alguma coisa, às vezes minha mãe tá dormindo, às vezes não tá, aí nesse período eu fico mexendo no celular até uma meia noite, quando dá uma meia noite e eu não consigo dormir, aí eu estudo mais uma hora ou duas horas. Aí eu vou deitar umas duas horas da manhã, aí eu tô com esse problema... e aí eu fico mexendo no celular, deitado na cama, fico sem fazer nada, às vezes eu vejo algumas séries na *Netflix* ou filme, às vezes eu fico lá no feed, às vezes eu também ouço um *podcast* antes de dormir, ouço música, mas eu acho no final acho que mexo bastante no celular durante o dia, nos intervalos sabe.

Hoje você conseguiria ficar sem celular?

Ah não... não sei eim... [risos], porque eu falando parece que eu não sinto uma dependência, mas no fundo acho que eu ia sentir muito se eu deixasse de usar... como eu não uso pra trabalho.... ah, mas daí tem a questão de grupos da sala, eu não sei se eu conseguiria conversar só por email, e só computador.

Na sua família, sua mãe e seu irmão usam bastante também?

Sim. A minha mãe ainda acho que ela usa menos porque como ela trabalha o dia todo, ela não fica no celular durante o trabalho, mas as vezes ela tem postar uma coisa ou outra, mas é bem menos, por exemplo se eu mando uma mensagem durante o trabalho dela, ela vai demorar pra me responder, mas aí durante a noite ela mexe bastante, ela fica bastante no celular, e meu irmão também, é igual eu, só que ele não é assim tão regradinho nos estudos, então muitas vezes nesse período em que eu estou estudando, ele está no celular.

Como é o relacionamento com seu irmão e sua mãe?

Eu considero muito bom, é que eu sinto tipo assim, o que eles dão pra mim eu acho muito bom, eu não sei se o que eu dou para eles é também sabe... não sei.

Finais de semana você costuma fazer o quê?

Geralmente eu vou acordar tarde, porque fui dormir tarde [risos], e de sábado à tarde a gente fica junto, e sábado à noite às vezes eu saio com meus amigos, mas o meu irmão ele faz parte do mesmo círculo de amigos que eu, então geralmente ele sai junto com esses amigos, e de domingo de vez em quando eu vou para a igreja com minha mãe e domingo eu fico em casa, quase sempre. E domingo a gente fica o dia todo junto em casa.

Quando estão os três juntos, você mantém o celular por perto?

Sim, sim. Mesmo conversando, geralmente... mesmo em conversa do dia a dia quando a gente se encontra, a gente tá conversando e com o celular na mão, e já vai mexendo junto.

Agora mais especificamente sobre a solidão, você já sentiu ou sente momentos de solidão?

Muitas vezes eu sinto na hora de dormir, porque chega onze horas, às vezes meu irmão e minha mãe já estão dormindo, ou se preparando pra dormir, e eu vou dormir muito tarde, e às vezes bate um peso na consciência do tipo, “nossa, hoje eu não fiquei em nenhum momento com eles”. E às vezes na universidade eu acho... porque assim, a gente acaba conhecendo muita gente, mas não é uma coisa sólida sabe, é uma coisa muito frágil, é uma coisa muito superficial, então você conhece as pessoas, mas você tipo... não tá junto mesmo, porque tipo lá na universidade você tá junto, rodeado de gente, mas lá no fundo você tá sozinho, apesar de você conhecer bastante gente, de você ter amigos e tudo mais, no fundo você tem que fazer o seu por você e mesmo você ajudando os outros ninguém vai te ajudar, então você tem que correr atrás de suas coisas e... mas eu acho que é uma coisa que vai ser na vida, sabe? E... às vezes eu acho que em relação a... por exemplo eu tenho um relacionamento muito bom com minha namorada, mas ela está no quarto ano de ciências sociais agora, então ela tá fazendo TCC, ela dá aula no cursinho comunitário também, então ela tem muita coisa, e eu também tô com bastante atividade, então muitas vezes a gente se vê muito pouco, sabe... e isso às vezes bate uma certa solidão, como a gente namora

há muito tempo, quando a gente era mais novo a gente se via sempre e aí a gente vai crescendo e o contato muda, parece né? Assim, são fases que a gente entende muito bem, mas que dá um certo sentimento de solidão...

Você acha que lidar com pessoas por meio das redes é mais fácil do que na vida real?

Eu acho que não, é que acho que não é uma coisa que é de verdade, eu sempre tive dificuldade de conversar com alguém que eu não conheço por celular, eu acho até que é mais fácil conversar cara a cara do que por celular, porque por celular uma coisa é falar com um amigo meu, outra coisa é eu falar com alguém com quem não conheço, ele pode entender de um jeito errado ou eu posso entender de um jeito errado. Apesar de ser bem tímido e ter dificuldade de conversar com pessoas novas, mas nessa dificuldade eu tenho mais dificuldade de conversar com pessoas novas pelo celular do que no cara a cara, não sei... não sei se por celular eu acho que eu vou incomodar, mas eu acho que no cara a cara é mais fácil de você se explicar.

Você disse que quando vai dormir tem dificuldade para pegar no sono, você consegue nesse momento ficar sem o celular?

Não. Nesse último ano, eu tô com muita dificuldade de ficar sem celular, não sei eu acho que é um costume que a gente vai criando de “tenho que ver tudo”, mas... eu tentei... sei lá.... três horas da manhã eu vou dormir aí eu deixo o celular ali, aí passa tipo 20 minutos, aí eu não dormi ainda, aí pego o celular de novo, como se fosse tipo “Ah, eu vou perder esse tempo”, sabe? Quando na verdade a gente sabe que não é um tempo perdido, mas no fundo eu to tipo “ah, posso estar vendo algo desnecessário” [risos]

Vamos falar de seu futuro, você disse que quer ser professor, qual sua perspectiva em relação a isso?

Eu quero ser professor universitário, eu tenho vontade de seguir a carreira acadêmica, então eu queria fazer um mestrado, um doutorado, um pós doutorado. Eu não sei

como vai ser daqui pra frente no Brasil né... relacionado à pesquisa, mas... eu não sei se vai ser possível né...

O que você mais gosta no cursinho?

Ah o contato com os alunos é muito legal né... eu dou 5 aulas de quinta-feira, então as duas primeiras turmas do período da tarde, eles são mais novos, então mesmo assim é um contato muito bom, aí no noturno já são mais velhos, então aí já tem que falar de um jeito diferente, tento adaptar, acredito que vai ser um desafio para o resto da vida.

Qual é o seu maior medo?

Medo? Ah, não sei.... acho que ... acho que hoje é de acontecer alguma coisa com minha mãe e com meu irmão que é uma coisa mais ... porque daí não sei o que aconteceria.... sei lá, perde-los para sempre.

Em algum momento da vida você já fez terapia?

Eu já pensei sim em ter um acompanhamento com psicólogo, eu penso ainda, eu tenho vontade.

Por que sente essa necessidade?

Não sei exatamente o porquê, acho que todo mundo deveria fazer. São alguns momentos, em que eu sinto essa necessidade, eu me sinto extremamente perdido na minha vida, que não tenho controle nenhum sobre nada.

Consegue explicar esse sentimento de estar perdido na vida? Em quais áreas da sua vida você sente isso?

Ah, não sei... talvez não sei em que sentido, mas esse negócio de não ter controle mesmo sabe... de tanta coisa pra fazer em pouco tempo e as coisas parece que eu vou levando um dia após o outro sem uma certa organização, em que tá tudo

encaixado certinho e... não sei, acho que tá mais relacionado a não ter controle porque em relação aos meus relacionamentos eu tô bem feliz, na faculdade eu tô feliz. Na verdade eu não sei mesmo, eu acho que é mais relacionado a isso, parece que é tanta coisa em tão pouco tempo sabe e aí acaba não dando tempo de fazer tudo, é mais relacionado a não ter controle do que estar perdido na vida na verdade. Eu tenho uma dificuldade em relação a isso sabe... e essa falta de controle te faz ficar perdido, mas não perdido em relação a mim mesmo sabe... eu não sei explicar direito.

APÊNDICE E – JÚLIA

Júlia, 21 anos, natural de Bauru. Estudante de Pedagogia.

Conte-me um pouco sobre você. Fale-me um pouco da sua criação, suas crenças, valores...

Bom eu sou uma pessoa muito comunicativa, eu sou agitada, então eu estou sempre em movimento, eu tô sempre fazendo alguma coisa, eu tenho muita atividade extra-curricular, acho que desde sempre. Então no ensino médio eu tinha a escola em tempo integral e ainda fazia balé, fazia tecido, fazia inglês, faço parte dos escoteiros desde os 14 anos, fiz parte do Rotary juvenil. Eu sempre tive muita coisa e tudo ao mesmo tempo, eu já fiz natação. Eu tenho uma família bem grande, eu tenho quatro irmãos, dois mais velhos e dois mais novos, um é só por parte de pai, mas também sempre convivi muito, e aí tipo eu tenho muitos tios, vários primos e sempre tive muita gente ao meu redor sabe, tipo, nunca ficava assim só eu em casa, todos os lugares onde frequentava sempre tinha muita gente, eu sempre fui muito conhecida, sempre conversava muito com as pessoas. Eu não tenho tipo, religião, sabe, eu fui batizada, fiz catequese, fiz crisma, tudo na igreja católica, mas eu nunca segui, meus pais também não eram praticantes, eu não ia com meus pais na igreja, acho que eu tudo o que seguia era meio que por conta própria, às vezes de ter amigos que iam, e aí acaba se envolvendo e vai com eles, mas já fui em centro espírita, já fui em igreja evangélica, já até em terreiro eu fui conhecer com um amigo, do tipo “Ah, to indo lá no centro, você quer ir junto? ”. Eu falo assim “bora! ”, eu sou muito de “vamos? ”, “vamos”, e... meu pais sempre foram muito rígidos na questão de educação, de comprometimento, de assim, ser verdadeiro e ser tipo, solícito, ajudar as pessoas. Então minha mãe sempre falava assim, se chegar alguém na escola, alguém novo, então você tem ir lá, fazer ele integrar e por conta escotismo também sabe, sempre dizer a verdade, estar atento às pessoas, então eu acho que a minha criação sempre foi, ah... eu sempre tive muito a atenção e a preocupação das pessoas e me ensinaram a me preocupar com os outros.

Esse monte atividade que você tem desde a adolescência é só você que sempre teve ou seus irmãos também tiveram?

Todos nós sempre tivemos alguma coisa, mas eu acho que eu sempre carreguei uma carga maior.

Por que?

Não sei, eu acho que eu gostava mais, eu fazia principalmente muita atividade física né, e muita coisa assim coletiva, então o circo era coletivo, o escoteiro, os meus irmãos era assim, fazia línguas, um fazia alemão, aí o outro fez piano, outro fez guitarra, aí mudou pro violão, aí fez natação, fez basquete.

Como foi essa transição de se sair da casa dos seus pais, conhecendo um monte de gente que você conhecia e ir para a universidade em uma cidade que você nem conhecia?

Nossa foi assim uma aventura, porque eu sempre dependi muito dos meus pais pra tudo né e tinha inúmeras facilidades como ter carro, comida, roupa lavada e, tenho celular desde os meus 13 anos, e aí mudar, morar sozinha, ter que ir atrás de tudo por conta própria, ter que começar a pagar as contas, pra eu me locomover era ônibus ou a pé, não conhecia ninguém, mas sempre foi assim uma coisa muito divertida sabe, eram experiências novas, mas eu não tinha medo. Mas eu acho que desde a minha adolescência eu buscava, mesmo com toda dependência dos meus pais, fazer o que eu podia por conta, então eu voltava da escola, eu ia de carro dormindo, na mordomia, com ar e tudo, mas na volta eu voltava de ônibus, então isso pra mim já era um avanço de autonomia! E chegando aqui foi muito fácil de adaptar, passei uns perrengues, fui atrás de um monte de coisa, quebrei muito a cara, me endividei com o banco. Assim eu me acostumei muito fácil, teve meu irmão mais velho quando ele saiu de casa ele falava que ele chorava muito de saudade, que ele queria muito voltar e eu nunca tive esse sentimento, eu tenho saudade da minha família, eu tenho saudade dos meus irmãos, eu viajo pra lá nas férias. Agora eu tenho uma vida aqui, então eu tenho um milhão de atividades e a rotina que eu tinha lá eu tenho aqui do meu jeito agora.

Você faz pedagogia, como se deu esse processo de escolha do curso?

Acho que foi aos 45 do segundo tempo que eu decidi que eu queria pedagogia, porque eu falava assim desde muito nova, “nossa a última coisa que vou ser é professora, nunca que eu vou ser professora. Aí chegou acho que foi no nono ano e eu falei assim, “gente, acho que eu tenho muito jeito pra ser professora”, e assim eu percebia o quanto eu ajudava os meus colegas na escola, assim de todo mundo vir pedir ajuda pra mim porque eu tinha facilidade com praticamente todas as matérias, sabe eu ia muito bem. Porque as vezes o professor falava uma coisa, e eu explicava de um jeito que as pessoas conseguiam entender, e aí eu comecei a perceber que eu tinha um pouco de afinidade com essa área do ensino, da educação. No terceiro colegial, na escola a gente tinha um estágio, que era um estágio profissional, que era um encaminhamento assim que a escola proporcionava pra gente experimentar um pouco das áreas onde a gente imaginava ter interesse em trabalhar, as áreas que eu escolhi foram: psicologia, publicidade e propaganda e como professora, aí eu simplesmente detestei o meu estágio em publicidade e propaganda sabe... eu fiz numa agência e era assim o pessoa na frente do computador porque era muito design, o pessoal fazendo arte, e aí falava “nossa, que legal”. Mas eu nunca que ia conseguir ficar o dia inteiro sentada mexendo no computador, porque eu sou muito ativa, ligada no 220 e quando criança eu fiz tratamento de hiperatividade... cheguei a fazer tratamento, eu era bem nova, eu devia estar no quarto, quinto, até meu sexto ano, aí eu fui em algum neuro pra saber se tinha alguma coisa.

Chegou a diagnosticar?

Então o meu era TDAH, aí foi diagnosticado, só que diferente do que muitas pessoas usam hoje em dia que é a tal da ritalina, a gente fez um tratamento na alimentação, então foi cortado cafeína, massa de cacau, então a gente não podia o chocolate, só o branco e corante amarelo e vermelho. Aí meu irmão teve que cortar uva e tomate, então ele tinha essa restrição a mais. Mas assim foram três anos de mudança de hábito alimentar, então assim não podia nada com corante amarelo e vermelho e isso tirou muita coisa da nossa alimentação e a gente tomava um remédio também que era um comprimido por dia, mas não foi durante todo o tratamento, foi durante um período só também, aí depois que passou, nunca mais.

Quantos anos você tinha?

Acho que era 10, 11 e 12 anos.

Qual sua perspectiva em relação ao futuro na sua área?

Eu tenho muita vontade de atuar em todos os níveis da educação formal que seria na escola mesmo. Então assim começar com educação infantil, começar com os pequenos, ter essa vivência, essa experiência de professora da primeira infância, gostaria também de passar pelo fundamental I, de tipo alfabetizar, de ter turmas dos 6 aos 10 anos e de ter experiência depois e tipo ser um pouco gradativo, de começar com os pequenos e ir crescendo, de ter experiência como coordenadora no colegial, e aí quando o pedagogo atua no colegial ou fundamental II, ele já não atua com os alunos, ele vai trabalhar com o pedagógico da escola, então é direção, é o acompanhamento dos professores, aí já não é mais diretamente com o aluno em sala de aula, é a educação em um contexto mais geral, e quem sabe, acompanhado de tudo isso conseguir estar na pesquisa, então assim, conforme vai eu conseguir engatar um mestrado, conseguir ir pro doutorado, porque no final eu me imagino lá na vida acadêmica, sendo professora da universidade e já tendo experiência na educação básica, e eu acho que é necessário passar pelo mercado.

Você parece uma pessoa bem hiperativa, como é sua vida hoje? Faz um monte de coisas ao mesmo tempo? Como são esses grupos de convivência, o que você faz além da faculdade?

Também, faço um monte de coisas ao mesmo tempo. Hoje eu tenho o meu projeto de iniciação científica, então tem a parte extra, mas acadêmica que está ligada ao meu curso, à minha formação. Aí depois eu tenho meu envolvimento com a Atlética, então eu estou na diretoria da atlética, faço todos os corres de jogos, de festas, ah enfim.... aí dentro da diretoria eu tomo conta, então eu sou diretora das líderes de torcida, aí então eu tenho o treino com elas, todo domingo e ainda jogo handball. Ano passado eu ainda fazia parte dos escoteiros, então tinha reunião todo sábado também, atividade e acampamento, eu tava no coral da universidade e entrei pro time de futsal. Mas aí este ano eu falei, “futsal não dá, coral também não dá mais”, e como eu ia passar no ramo da chefia no escoteiro, porque você faz 21, você não é mais membro

juvenil, você passa a ser chefe, aí eu pensei que pra ser chefe precisa de um tempo maior, uma dedicação maior, e por eu estar na diretoria da atlética, muitos eventos batiam, então eu sou uma pessoa só e eu tive que escolher.

E por que tão hiperativa assim? Por que você se agarra em tantas atividades?

Olha, eu já parei pra pensar nisso e... podem ter várias explicações... eu gosto muito de conhecer gente, então... quando ... parte triste da minha vida, é... na escola eu nunca tive muito amigo, sabe... eu era uma criança extremamente agressiva e... eu pareço muito calma, muito de boa, eu relevo demais, mas isso sou eu hoje, mas quando eu era criança eu era muito, muito, muito agressiva sabe... qualquer coisa que discordasse de mim eu já brigava, eu já batia, eu chorava por tudo, então as pessoas assim tipo... não gostavam de mim na escola.

Quantos anos você tinha?

Ah, eu consigo identificar isso dos meus 5 para os 6 anos de idade, que eu estudava em uma escola, que era uma escola tradicional, normal, e eu estudava numa sala que só tinham 6 pessoas, 3 meninos e 3 meninas e eu comecei a ter um pouco de noção que as outras crianças não gostavam de mim porque a sala era dividida em dois grupos: os meninos e outra menina, e eu e a minha amiga. Então assim, por que em uma sala tão pequena eu tenho só uma amiga? Aí eu mudei de escola, aí nessa nova escola tinha bem mais gente, uma escola nova, eu não conversava com as pessoas, aí uma menina veio conversar comigo, aí eu tinha uma amiga, passava os anos, tinha duas amigas, três e assim, sempre um grupo muito fechado. Foi aí que eu comecei a procurar atividades extras pra conhecer novas pessoas, alguns grupo que eu criei mais afinidade como o escoteiro foram lugares onde eu entrei e logo de cara as pessoas gostaram mais do meu jeito, lógico que o meu comportamento foi mudando também porque eu comecei a perceber as coisas que afastavam as pessoas de mim e as que traziam elas pra perto e eu percebia que meu comportamento um pouco agressivo não agradava as pessoas, eu lembro de episódios de brigas na escola, tipo, brigas mesmo, sabe de sair no soco, de morder, de arranhar, eu partia pra agressão física com menino, com menina, qualquer coisa que me tirasse do sério eu já rebatia. E aí eu fui mudando, fui ficando uma pessoa mais calma.

Até que idade mais ou menos você apresentou esse comportamento?

Acho que minha mudança principal foi dos 13 para os 14 anos, quando eu tava no oitavo. Foi o ano que entrei nos escoteiros. Porque...[voz embargada] o sétimo ano foi tipo, o ano mais foda pra mim, de tipo, de questão amizade mesmo [voz embargada e choro]....[silêncio], acho que é a coisa mais difícil de falar pra alguém [choro], e aí foi um baque sabe de ...[choro], da minha questão social, que eu tinha uma única amiga, que era minha melhor amiga há tempos já e continuou sendo e ela é até hoje, apesar de nossa distância sabe, uma ajudou muito a outra nessa fase e aí foi muito nítido que no sétimo ano todo mundo me excluía e acabou excluindo ela, assim principalmente na escola porque ela andava comigo, e aí no oitavo foi diferente porque as pessoas me aceitaram, mas excluíram ela, foi uma época muito difícil com muita intriga, muita briga, só que tudo muito velado sabe... então eram atitudes que um fazia com o outro e que machucavam principalmente de forma interna e pessoal, tudo velado... aquele negócio de *bullying* sabe, de sofrer, e aquele negócio das meninas de “ah, será que eu sou bonita?”. Começa a gostar do menino e aí tem aquela rejeição e começavam a rolar coisinhas como lista de quem é a mais bonita da sala e os meninos lá te comparando, então vários momentos senti rejeição...

Hoje você consegue ficar só consigo mesma, sozinha?

Uhum...[silêncio]...consigo...mas são... pouquíssimos momentos onde eu me sinto bem estando sozinha ...

Me explica um pouco isso...

Tipo... tem momentos em que eu tô cansada, mas tipo cansada assim de físico, sei lá, eu tive um treino no sábado e aí chegou no domingo e eu falo assim “ah, como eu queria ficar na minha cama com uma coberta, assistindo série”, e aí eu passo um dia assim... isso acontece o que? Uma vez por mês [risos]. Mas aí acontece, sei lá, é uma sexta-feira à noite, ninguém me chamou pra fazer nada, aí eu tô em casa sozinha e eu não tenho que fazer, aí fico assim... “que bosta! ”. Eu queria fazer algo, mas eu não tenho ninguém, mas aí vezes eu perguntava pro pessoal o que ia fazer, é... vai cada um pra um canto, minha amiga vai sair com o namorado, a outra foi na casa da irmã,

não sei o quê... e aí eu fico tipo... “queria estar fazendo alguma coisa, não estou fazendo nada, que droga!”. Aí eu vou mexer no celular né? Aí eu começo a ver as pessoas, tipo no bar, vários grupinhos, gente que eu conheço e fico pensando, “por que é que eu não fui chamada? Mas tudo bem...”. Mas eu odeio me sentir sozinha, e tipo rejeitada.... então assim se é aquele momento em que eu tô afim de ficar sozinha, e de ficar de boa, eu fico ok. Sabe tem momentos assim que tô assim fazendo nada olhando pro teto, falo assim “o ócio é bom, não vou fazer nada”, e mas tem momentos que eu gosto de estar com as pessoas mesmo não fazendo nada ou fazendo alguma coisa.

Então você sempre preza por estar com alguém?

Uhum, em contato com alguém. Tipo, tem épocas também, que eu fico conversando muito com alguém pelo *Whatsapp*.

Então você está sempre rodeada mesmo pelo celular?

Uhum, sim. E aí quando eu vejo que meu celular ficou muito parado, eu fico assim “O que tá acontecendo? ”, porque às vezes eu quero mexer, eu quero ficar lá e conversar, aí quando eu vejo eu já mandei mensagem pra um monte de gente que tô acostumada a conversar e eu esperando alguém responder, e às vezes eu deixo a pessoa no vácuo, porque “ah, cansei”.

Qual a primeira coisa que você faz quando acorda...

É mexer no celular. Porque às vezes tem mensagem... não é nem pra olhar a hora, e assim se eu sei que eu preciso acordar, mas eu acordo com muita preguiça e vontade de continuar na cama, eu falo “não, eu preciso acordar!”, eu olho a hora e falo assim “tem tempo”, mas eu sei que se eu deixar o celular de lado eu vou voltar a dormir, eu vou acordar atrasada e várias coisas, então eu pego o celular e começo a mexer... mexer no *Facebook*, ficar rolando o *feed* no *Instagram*, no *Twitter*, às vezes pego algum joguinho que tem, pra eu acordar, porque eu sei que mexer no celular eu desperto, não adianta eu levantar, ir no banheiro e lavar o rosto, é a primeira coisa é

mexer no celular pra eu acordar e já respondo mensagem também, que aí eu já faço tudo de uma vez.

Qual seu horário de estudo na faculdade?

Das 8h20 às 11h30

E aí nesse período você mexe no celular ainda

Também... eu só não mexo no celular em sala de aula no caso da professora não deixar encostar no celular, do tipo se ela vê que você está com o celular em cima da mesa ela já pede pra guardar. E quando a aula é tipo, muito boa, de tipo, meu, nada é mais importante, não tem nada importante no celular que vale a pena perder tipo um segundo da aula, mas tem aulas que são extremamente insuportáveis de chata que por mais que eu tente eu não consigo prestar atenção, e aí eu acabo mexendo no celular, tipo “alguém conversa comigo? ”, “tem alguma coisa interessante acontecendo? Porque aqui não tem nada...”.

Quando você vai pra universidade, no ônibus você vai também mexendo no celular?

Eu vou escutando música, vou com o fone, eu vou com música...

Aí o que você faz depois?

Ah, depende do dia, mas normalmente eu chego em casa, almoço, aí eu fico um tempo sem fazer absolutamente nada, deito no sofá e fico um tempo mexendo no celular, aí depois eu vou fazer o que eu tenho que fazer, se eu tiver que sair eu vou sair, se eu tiver que ler algum texto eu vou ler, se eu tiver que fazer algum resumo, aí pego e tipo vou fazer as coisas da faculdade, às vezes eu vou limpar a casa, vou lavar a roupa... e aí quando acaba isso ou quando me dá preguiça de fazer outra coisa eu vou mexer no celular.

Quais são as redes sociais que você usa hoje?

Instagram, Facebook, Whatsapp e Twitter.

Desses quatro, quais você prefere por ordem?

Instagram, Whats, o Face e o Twitter.

Me explica por que essa ordem de preferência.

Ah, o *Instagram* ele é imagem né? Então assim, ele é muito mais divertido. Eu fico vendo muita comida no *Instagram* [risos]. Aí, eu gosto muito de ver meus amigos, a rotina dos meus amigos, tipo eu tenho amigos que são muito engraçados.

E além de você interagir e ver as postagens dos outros você também costuma fazer postagens?

Posto bastante, mais no *stories*.

E por que essa preferência pelos *stories*?

Ah, eu acho que é porque tipo você olha no *feed* da pessoa e tá bonitinho, organizadinho, uma coisa muito comercial. Mas é uma coisa muito estática, é aquela coisa você posta, aí as pessoas vão ver um ou dois dias depois que você postou.

Que tipo de fotos você gosta de postar?

É...às vezes quando eu tô sem nada pra fazer eu posto uma coisa do tipo “entediada”, que aí as pessoas vêm e respondem o *storie* pra falar comigo, é... festa, quando você tá em festa, quando alguma situação muito diferente acontece, tipo sei lá uma coisa muito chata, tipo você posta “to puta, porque tal coisa aconteceu”, uma coisa muito engraçada, é... pra divulgar evento né.. então eu posto muita coisa pra divulgar no *storie* também... coisas fofinhas, entendeu, coisas que eu quero mostrar para meus.

Com quem frequência você posta no *Insta*?

Ah, quase todo dia eu posto, um dia ou outro que às vezes eu acabo não postando nada, tipo hoje de manhã. Eu acordei, não tinha aula, fui tomar café, e com a páscoa tô cheia de chocolate, aí eu abri a caixa de bombom e postei a foto tipo o meu café, fiz uma xícara de café e o bombomzinho do lado porque eu falei assim “se tem uma coisa que eu amo é café sem açúcar com chocolate”, é muito bom isso! E aí tipo, foi isso que eu postei.

Você posta coisas do seu dia a dia?

Uhum, sim. Aí as vezes quando eu tô de madrugada escrevendo, fazendo trabalho, eu falo assim “ah, lá vai o universitário procrastinador fazendo as coisas de madrugada”, “e dá-lhe Redbull”, aí marca o Redbull, “Redbull, me patrocina!”, assim sempre, e tipo eu gosto muito de satirizar com esse negócio de propaganda de blogueirinha.

E em segundo lugar fica o *Whats*, e por que você gosta?

Ah, porque ele é uma conversa mesmo, então assim eu tô no whats e tenho os grupos, aí eu tenho que ficar conversando no grupo, então pessoal fica mandando meme, manda áudio de zueira, aí tem os da diretoria que são coisa séria e a gente tem que resolver né. Aí tem o grupo do *hand*: ah, vai ter treino. Grupo da sala: ah, tal professor mandou isso, olha no e-mail. Eu e minhas amigas tipo conversando assim de tudo, sabe, ele é bem mais diversificado e tem várias utilidades, desde só conversar com alguém até algo que realmente seja importante, resolver coisas.

Aí em terceiro e quarto vem o *Face* e o *Twitter*, por que isso vai ficando mais pra trás?

O *Face* perdeu muito a graça pro *Instagram* porque a questão tipo o que tem no Face tem no Instagram só que de uma forma diferente e eu acho que a forma do Instagram é mais legal. Aí eu vejo o *Face* pra ver festa, basicamente o *Facebook* é meu calendário de festa e de compromisso, então às vezes tem uma palestra ou alguma coisa, o que eu tô vendo lá, eu tô vendo os eventos.

E você costuma postar no *Face*?

Raramente. Às vezes eu compartilho meme, é... fotos de festa, então assim teve a festa do Facebook, eu fui pra festa, mas tirou foto, aí eu fico esperando sair a foto da festa, às vezes eu compartilho, às vezes não, às vezes eu só salvo.

E aí mesmo assim você acessa todo dia?

Sim, pra ver o feed, às vezes nem interajo tanto, mas vejo, fico rodando o *feed*.

Agora me explica a sua relação com o *Twitter*.

O *Twitter* pra mim, tipo eu não sigo muito as pessoas e também o tanto de pessoa que me segue é quem eu sigo, e assim, é bem assim as pessoas do meu cotidiano, do meu dia-a-dia, então recentemente as pessoas do meu convívio social elas usam o *Twitter*. Mas principalmente porque o nosso tal presidente ele governa pelo *Twitter*, então eu falei assim “vou voltar para o *Twitter*, pra eu saber das notícias políticas principalmente”, então eu não posto muito no *Twitter* e também não fico olhando muito as coisas das pessoas no *Twitter*. Eu tenho lá as notificações principais que é do presidente, de política, é de alguns jornais.

Então não é sua rede preferida?

Não, de vez em quando eu posto no *Twitter* coisas assim que eu quero compartilhar, mas eu tipo... eu falo que o *Twitter* é o lugar onde eu converso sozinha porque as pessoas não interagem comigo no *Twitter*, eu posto umas coisas muito nada a ver, tipo eu postei lá só porque deu vontade sabe... eu só queria jogar na rede, desabafar.

E isso que você coloca no *Twitter*, não coloca em outras redes?

Não só coloco no *Twitter*... porque se eu coloco algum incômodo ou algum problema no *Instagram* é para meus amigos verem, é para tipo rolar uma conversa, ter alguma continuidade sabe, tipo sei lá... ah, acabei de perder o ônibus pra Bauru, nossa postei no *Instagram*! Porque tipo é uma coisa assim que gera uma interação com meus

amigos, agora se é uma coisa mais pessoal do tipo, sei lá... briguei muito com minha mãe e é um negócio que eu tô mal e tipo que eu quero colocar pra fora, mas que não quero necessariamente dar ibope pra aquilo, eu posto no *Twitter*, porque é uma coisa que vai morrer ali.

Como você vê a relação entre as pessoas? Acha mais fácil lidar com os relacionamentos nas redes do que face a face?

Sim, porque é tudo muito seco né? Você não tem assim sentimento, você não tá lidando ... quando você vê a pessoa, ou quando você ouve a voz dela tipo assim sabe, tipo é... muito diferente porque você tá ali comentando no *Facebook*, tipo brigando com alguém, você tá escrevendo de um jeito com uma entonação e aí a pessoa tá lendo de outro, é... nada é certo, aí se você não sabe escrever né tipo, deixa de usar a vírgula, fica usando gíria e tipo ... é tudo muito incerto, você pode fingir muita coisa, você ignora muita coisa, você deixa passar e quando você tá cara a cara com a pessoa isso não acontece, e assim, se você quiser esconder é muito mais fácil, às vezes a pessoa fala assim “ah, você tá bem?”, aí você fala “não, tô ótima, tranquilo”, sabe assim, você pode estar chorando, mas você manda uma foto um pouquinho mais antiga assim, de cinco anos atrás quando você tava bem, você lavou a cara e mandou tipo sorrindo e tá ok, parece que tá tudo maravilhoso né... é muito mais fácil, fora que você pode ignorar, você silencia a pessoa, você bloqueia, acabou o problema ali, tchau, nunca mais.

Hoje você consegue ficar em silêncio, sem fazer nada, sem o celular?

[Silêncio]... Se for muito necessário sim, mas só se for muito necessário porque eu não vou ficar assim à toa... o que é muito necessário? É... fazer algum trabalho, é ter que ficar em silêncio porque ...

Quando você deita no sofá e fica olhando para o teto consegue ficar sem o celular?

Não, porque assim não tem motivo pra eu não mexer, então eu vou mexer. Sabe, se não tem algo assim que me impeça diretamente, que eu falo assim, “não, melhor não”, então eu vou mexer.

De madrugada você deixa ele conectado enquanto você dorme?

Sim, fica.

E você recebe mensagem de madrugada também?

Recebo, mas eu não acordo. Eu às vezes não acordo mesmo com gente me ligando, e tipo eu deixo ele no alto mesmo, eu não deixo ele carregando de noite, eu só deixo ele no meu quarto, deixo ele ali do lado, mas eu não acordo de madrugada por causa de mensagem, pra mexer no celular essas coisas. Assim, meu sono é sagrado e nem a casa pegando fogo me acorda.

Hoje como você definiria a sua solidão?

Ah, eu acho que é um medo que eu tenho, sabe eu nunca gostei de me sentir sozinha, sabe de às vezes eu estar em festa, em multidões e estar sozinha, e se sentir sozinha mesmo cercada de pessoas...

Isso acontece com frequência?

Antigamente sim, aquela época em que eu falei da adolescência, dos 13 para os 14 anos, era uma época em que eu estava muito sozinha e... mas hoje em dia é, até acontece nesses momentos mais eventuais... mas eu acho que é uma coisa mais tranquila de lidar, eu falo assim “ah, eu me sinto sozinha” e me machuca um pouco porque eu fico pensando porque eu tô me sentindo sozinha, onde estão as pessoas com as quais eu posso contar, quem são realmente aquelas pessoas que estão do meu lado, quem são meus amigos de verdade e se essas pessoas que são minhas amigas de verdade, porque elas não estão comigo e eu começo a refletir um pouco sobre isso sabe... eu acho que quando esse sentimento vem pra me assombrar de alguma forma, eu consigo superar ele rápido diferente da minha adolescência, no

começo tipo que era uma coisa que acontecia muito mais frequentemente e que eu ficava tipo dias e horas e era uma coisa assim muito mais preocupante né...tipo de pensar assim “ah, tô entrando em depressão” ou algo do tipo. Acho que eu nunca cheguei num estado tão ruim, tão profundo, tão longo, são coisas bem rápidas.

Qual é o seu maior medo?

[Silencio]... É... ficar sozinha, não encontrar... assim, não ter a companhia verdadeira, tipo de pessoas que se importam, de que tem essa conexão porque eu sei muito bem diferenciar nesse meu círculo social quem é colega, quem tá comigo por agora, quem eu vou carregar por um tempo e quem eu vou carregar pela vida toda sabe.

APÊNDICE F – SANDRA

Sandra, 37 anos, jornalista. Natural de Votorantim, SP.

Fale-me um pouco sobre você: de onde é, qual sua formação, o que faz?

Sou de Votorantim, SP e vim para Londrina em maio de 2003 para fazer a faculdade e fiquei. Fiz faculdade de jornalismo aqui, aí eu fiz mais do que 4 anos porque eu parei a faculdade por um tempo, tranquei um ano, no terceiro ano, eu já ia reprovar por falta aí eu resolvi trancar. Eu me formei em 2009, aí logo que me formei eu tava trabalhando como professora de design gráfico ali numa escola de informática, eu dava aula de Adobe, Corel, essas coisas assim, porque eu tenho formação em técnico de TI. Eu não tinha conseguido emprego na área ainda, eu tava fazendo TCC. Aí em 2010 eu tive um episódio errado lá na escola e resolvi que eu tinha que sair, quando eu passei um mês inteiro mandando currículo pra uma empresa de comunicação conhecida aqui na cidade. Eu entregava pra secretária, ela mal subia as escadas e já via ela jogando meu currículo na lata do lixo, fiquei um mês assim, insistindo. Até que um dia eu consegui falar diretamente com o editor chefe por telefone, e foi bem na época que a empresa estava precisando de gente para fazer o site novo. Aí depois de uma entrevista eu finalmente consegui ser contratada. Eu tive que me vender, enviar e-mails originais e “divertidos” para chamar atenção, foi assim que em 2010, eu consegui o emprego para gerenciar o site da empresa.

Eu entrei para fazer o projeto do site, nós éramos em 6 até que começaram os cortes e remanejamentos dentro da empresa e acabei ficando sozinha para tocar o site da empresa. Há 3 anos o site virou portal, cresceu, vieram as redes sociais, *Instagram* e *Facebook*, até então eu cuidava de tudo até que a empresa resolveu contratar mais um para ajudar. Sinto-me mais aliviada, daí eu pensei que poderia partir para novos projetos, foi quando surgiu a ideia de fazer um projeto multimídia. Hoje estou com o site e o projeto que na verdade é para fazer narrativas multimídias, você cria histórias para fazer uma costura entre o audiovisual e o texto, é o que eles chamam de *Transmidia History Telling*. Eu acompanho a tendência de outros jornais pelo mundo e como percebi que a empresa ia demorar para fazer resolvi por conta própria propor e produzir o projeto. A ideia é que o material seja produzido por uma equipe, que

mescle narrativa textual e imagética. Mas eu também faço, escrevo, filmo, edito vídeos, fotografo, faço gráficos e *gifs*.

Você trabalha quantas horas por dia?

Em média 8 horas por dia, mas quando precisa chego a bater 10 ou 12 horas por dia. Daí tem banco de horas e horas pagas, sempre no esquema meio a meio. O que ajuda bastante é o fato de ser registrada, porque se fosse *freela*, o material ia ficar mais caro e com certeza a empresa não ia topar.

Leva trabalho para casa?

Eu já trouxe muito, já cheguei a trazer bastante trabalho, mas daí meu computador quebrou fazendo o o projeto multimídia e até agora não consegui juntar dinheiro pra compra outro (risos).

Você se cobra muito pelo que faz?

Ah, é um produto que eu tenho uma responsabilidade pessoal, eu quero que todos eles fiquem bons, fiquem bonitos, apresentem algo novo então sim eu me sinto responsável, eu me cobro. Eu fico meio chateada as vezes quando não tem um material bacana pra fazer porque parece que tá tudo remendado, sabe...

Como você enxerga o futuro da sua profissão? Por exemplo, logo que você entrou você viu vários colegas sendo demitidos...

A sensação não é muito boa quando vejo colegas sendo demitidos, porque no final não tem reposição e quando tem não é o suficiente, por exemplo saem 10 e repõem 3, e a gente vai ficando cada vez em menos pessoas e cada vez com mais trabalho. Tem também as mudanças decorrentes da convergência digital, eu vejo que muitos colegas, principalmente os mais antigos estão penando um pouco para se adaptar porque se antes o profissional fazia uma coisa só, o texto, por exemplo, agora também tem cuidar das mídias digitais.

Nas redes sociais as pessoas se sentem donas da informação e de certa forma não tá errado, porque elas são detentoras da informação, elas são criadoras de conteúdos, porque as redes sociais exigem que você crie conteúdo o tempo inteiro para manter essa estrutura, porque se todo mundo parar a rede social não vai sobreviver sem pessoas alimentando isso, no jornalismo é a mesma coisa, ele não vai sobreviver sem a inclusão das pessoas, a gente precisa enxergar essa necessidade de participação.

Falando em redes, quais redes sociais você mais utiliza e por quê?

Ultimamente por causa dessa polarização política eu já pensei em sair do *Facebook*, eu fico mais pelas postagens da empresa. Achei que é legal por causa dessa bolha de influência porque de certa forma eu posso ajudar para que as informações cheguem até as pessoas. Ao mesmo tempo que eu tive vontade de sair eu achei importante ficar para fazer a disseminação desse material também. Eu tenho o *Facebook*, já tentei usar o *Twitter*, no começo tentei usar durante um mês, publicando besteira, não falando nada e daí eu vi que não era muita minha praia. É que o *Twitter* é uma expressão de ideias em 140 caracteres e no começo não tinha como compartilhar mídias, então as pessoas tinham menos apelo por ele, agora que pode publicar mídia o *Twitter* tem uma sobrevida, senão acho que teria acabado. No *Twitter* pra você divulgar algo você precisa ser uma pessoa de influência para poder usar essa ferramenta e atingir muita gente, mas se você é uma pessoa física, normal, e se você quer interagir com uma pessoa ou outra daí acho que o *Instagram* é o ideal porque você publica uma foto e monta uma legenda, você publica um *storie* curto, você se expressa visualmente, porque nós estamos na era da imagem então você consegue falar mais com a imagem do que com o texto, então eu gosto mais do *Instagram*. O *Insta* eu acho mais inerte. Você chega lá, se você quiser interagir você interage, se não quiser não interage, eu vejo como entretenimento, você vê como as pessoas estão, vê as fotos que elas publicam, daí você sabe que tá todo mundo bem, porque as pessoas só publicam falando que estão bem e agora tem também mensagem, então dá pra bater um papo com uma pessoa ou outra, mandar só um “oi”, ou um comentário numa foto ou outra que você sabe que a interação fica ok. Acho mais interessante a interação via rede social, porque é quase como fazer natação, porque é um esporte social e individual ao mesmo tempo, que você entra na piscina com mais uns 20, mas se quiser mergulhar na água e não falar com ninguém, você

continua fazendo esporte coletivo, mas individualmente. Você tem essa interação, mas você não depende de outra pessoa para estar ali, você pode manter a sua individualidade, os seus interesses específicos, mas ao mesmo tempo você está ali num mar de gente onde você vê as publicações delas. No *Instagram* as pessoas se expressam mais, porque elas colocam o rosto delas lá, muito mais do que nas outras mídias. *Facebook* agora virou um mar de compartilhamentos, de memes e notícias e outras coisas. É difícil ver as pessoas compartilhando fotos suas ou coisas que falam mais sobre si mesmo. O *Face* virou mais um *feed* de compartilhamentos de informações e muitas informações erradas. O *Instagram* é um pouco mais fechado, você sabe o que está acontecendo no mundo, mas você não precisa interagir com aquilo e não compartilha aquilo. O *Facebook* se tornou uma terra de ninguém, cada hora alguém publica qualquer coisa, você não sabe o que vai ver na postagem seguinte.

Acho que as pessoas têm migrado para o *Instagram*, justamente por isso, é você nadar individualmente no coletivo, porque você tá protegido de ataques, porque ninguém vai ficar atacando as suas fotos a troco de nada, no *Face* eles podem atacar a sua postagem o tempo inteiro. No *Insta* você tem o controle das pessoas que vêm o seu conteúdo, porque você pode fechar seu *Instagram* para amigos. Você segue as páginas que você quer, e elas dão as notícias nos *stories* ou no *feed* de maneira enxuta, e é tudo muito visual que é como a gente tá se edificando hoje em dia né? É só uma foto legenda que é um tipo de informação rápida que as redes sociais trazem. Não é tanta informação, acho que a gente tá começando a ficar saturado desse excesso de informação que o *Facebook* dá, é muita coisa ao mesmo tempo e a gente não consegue processar todas elas e a velocidade de assunto é muito grande.

Mas eu acho que agora o que é tendência mesmo, é o *Snapchat* que te protege mais ainda do que as postagens do *Instagram*, porque você faz as postagens e você não se responsabiliza pelo fato delas serem perenes, então você posta e sabe que daqui a pouco sumiu e você não precisa se preocupar, porque sabe que daqui 24 horas sumiu e não vai ter gente pra vir ali encher o saco e falar um monte de coisa, você evita de ter essa interação negativa. Eu acho que as pessoas têm a necessidade de falar delas, é um canal para se expor no mundo, você se mostra pro mundo, mas se protegendo do mundo ao mesmo tempo.

Como você lida com a interação face a face?

Eu tenho tentado manter a ideia de que todo mundo que eu sigo eu mantenho algum contato pessoal, mandar mensagem, tentar encontrar vez por outra, a não ser as pessoas distantes fisicamente que você mantém contato por mensagem, mas sempre tento manter vivo o motivo de vocês se terem na vida.... sei lá, para não chegar a um momento igual a esse onde você parou de conhecer a pessoa e daí ela posta alguma coisa que você não gosta e você para de seguir, desfaz amizade virtualmente porque acha que não conhece mais a pessoa, que as vezes são mensagens muito voláteis, são mensagens de muita emoção, e você sabe como a pessoa é, e às vezes ela posta algo na emoção que não condiz com ela, mas não é motivo pra você tirar essa pessoa da sua vida. É motivo para você olhar a pessoa, e entender o lado dela, o ponto de vista dela e tentar fazer um trabalho de empatia, se colocar no lugar do outro. Só que quanto mais as pessoas se fecham, parece que elas só vêm o próprio lado da situação.

Pessoalmente isso se dá de forma diferente?

Sim, as pessoas não se expressam da mesma forma, e isso dá margem pra entender mais ainda a pessoa, porque você está ali, e olho no olho você lembra que gosta daquela pessoa e simplesmente você não vai criar um mecanismo de bloqueio como no Black Mirror (risos), não dá para você bloquear a pessoa como você bloqueia ou exclui nas redes sociais, te bloqueio e você simplesmente desaparece da minha vida, não tem isso na vida real, então no relacionamento social você precisa ser mais flexível, mais empático, pra viver socialmente você precisa ser um ser social e eu acho que a gente tá sofrendo uma crise disso.

Por que você acha que é tão difícil o contato face a face?

Por que as pessoas não querem ser criticadas, não querem ser contrariadas e elas estão mais fechadas e ensimesmadas, e estão só procurando aquilo que se adequa as coisas que elas pensam, o que é uma grande perda porque eu acho que a gente para de crescer quando a gente para de interagir com outras ideias. O que faz a gente ser melhor é saber o que outro pensa, e ver que talvez aquilo que você tenha pensado

até aquele momento talvez não seja exatamente certo porque existem outras informações que você não tinha até aquele momento e que sob a luz de novas ideias você pode ser outra pessoa, e melhorar e desenvolver e aí a gente tem ficado muito mais agressivo por conta disso porque o outro agora é só mais um obstáculo em relação aos próprios objetivos e não alguém com quem você tem que interagir para um objetivo comum.

Em quais momentos você mais usa as redes sociais na internet?

Publicação, conteúdo próprio eu tenho feito muito pouco, mas eu tenho me esforçado pra fazer mais ultimamente porque quando você para de fazer produção de conteúdo você para de ser visto e aí as pessoas não recebem aquilo que você faz, então comecei a interagir mais nas redes sociais para que meu conteúdo seja entregue para um maior número de pessoas, tanto *Insta* quanto *Face*. Eu costumo dar uma checada pela manhã, eu olho para ver como estão as coisas, pra ver se tá tudo bem e me desanima (por conta do período eleitoral), no *Facebook* pra ver qual o nível de fervor dos debates pra saber como eu vou enfrentar o dia, porque eu chego na empresa já tá todo mundo sabendo o que está acontecendo porque está todo mundo logado o tempo inteiro. Eu gosto mais de ver notícias no *Facebook*, então eu vejo menos as postagens pessoais e mais as notícias. Eu vejo que no *Face* as pessoas criam e dizem que vão participar muito menos pelo evento em si, mas para mostrar ideias, uma posição ideológica, um tipo de mostrar opinião sem se comprometer com ela. Depois de curtir algumas postagens fazer algumas interações eu vou para o *Instagram*, também pela manhã e daí dou uma olhada em algumas fotos, memes, vejo como as pessoas estão interagindo e daí parto para outra coisa, eu jogo muito no celular (risos). Eu adoro jogos de desenvolvimento cerebral porque você tem uma tarefa para cumprir todos os dias que é exercitar o foco, a memória... também alguns jogos de matemática. No *Insta* eu entro umas duas vezes por dia, de manhã e antes de dormir eu dou uma zapeada nas fotos das pessoas também pra ver o que rolou e curtir umas outras fotos.

E durante o horário de trabalho?

Eu trabalho das 17h às 22h. Durante o serviço não consigo escapar para as redes, não dá tempo (risos), o celular fica lá caso eu precise entrar no *Facebook* da empresa para fazer uma postagem aí eu entro e faço a postagem e se tiver alguma notificação eu já confiro.

Você mora sozinha, o que você faz até as 17H?

Acordo leio, dou comida para a Charlie (a cachorra de estimação), brigo com ela porque as vezes faz arte, faço essa manutenção da vida que a gente precisa fazer logo pela manhã, pago umas duas academias que eu nunca vou, mas todo dia eu acordo e penso: “hoje eu vou!”. E não vou. (risos). Às vezes eu assisto uma serie, leio um livro, mas o tempo passa muito rápido até ir trabalhar, eu acabo que chego um pouco mais cedo no serviço, porque sempre tem um trabalho e outro. Fico o dia inteiro em casa, de final de semana eu trabalho aos domingos. Aos finais de semana eu passeio com a Charlie, porque durante a semana eu sempre prometo e não consigo por falta de tempo (risos). Não dá tempo porque eu sempre tenho uma outra coisa ou outra pra resolver e daí quando vejo já deu a hora de ir para o trabalho e daí eu sempre abandono por dia seguinte. Aos finais de semana além disso sempre tem um amigo ou outro pra visitar. Esse final de semana foi bom, porque eu estava fazendo umas imagens para meu trabalho e eu consegui usar essa desculpa para participar de um festival de dança que tava tendo na cidade, porque é difícil pra mim porque como é tudo é a noite e eu tô trabalhando eu não consigo ir, aí este ano que eu vou conseguir fazer a cobertura dos festivais eu vou aproveitar mais, porque eu gosto bastante de participar de eventos culturais. Eu costumo ir sozinha, porque as vezes eu chamo as pessoas mas elas não se interessam, ou não podem ir. Se tiver alguém pra ir tudo bem, mas se não tiver, também pra mim não é problema.

Aos finais de semana costuma chamar alguém pra sair?

Sou chamada sempre, aos finais de semana sempre tem alguém que me chama para beber. Mas daí eu prefiro por exemplo na parte da tarde, porque daí a noite você chega cedo em casa, toma um banho e consegue acordar mais inteira para trabalhar no domingo (risos). Mas todo sábado eu procuro alguns amigos pra fazer alguma coisa. Eu gosto de ir no cinema, mas vou muito pouco, é muito caro então o filme tem

que valer muito a pena. Eu gosto de fazer nada, fazer nada, nossa como eu gosto de fazer nada, sabe? Em qualquer lugar! (risos). Tipo chamar um monte de amigos e ficar do lado deles sem falar nada. Eu acho que a gente faz muito pouco nada, a gente sempre acha que precisa estar fazendo alguma coisa e esse tempo em branco em que você passa tranquilo fazendo nada parece que é algo, como uma coisa que se você tivesse perdendo tempo, que é algo muito da nossa cultura sabe... que faz nada é vagabundo, você tá sem fazer nada você tá à toa e na verdade não é, e na verdade é um período que você precisa ter para dar um *reset* no cérebro porque a gente faz muita coisa o tempo inteiro e então minha diversão ultimamente tem sido não fazer nada.

Como você vê a cobrança nesse sentido, de estar produzindo o tempo todo?

O tempo inteiro tem cobrança, e isso pra mim é um desgaste. Pra mim as vezes é necessário esse momento em que o cérebro flui, numa fluência de inércia que é onde você começa a criar, porque se você está o tempo todo pensando e o tempo inteiro se movimentando, o tempo inteiro com a cabeça cheia de coisa, cadê o espaço da criação? E é esse espaço em branco que você para pra pensar. Eu acho que é uma culpa católica, eles ligaram a sociedade inteira no 220, eu tenho uma amiga que usa bem esse espaço de não fazer nada, eu ainda me sinto culpada as vezes quando eu consigo sentar na rede, ler um livro tranquilamente, sem pensar em nenhum momento em trabalho, em mídia, em isso e naquilo ou em qualquer outra coisa é um momento muito de paz sabe. Sabe a constituição da sociedade nesse ciclo infinito foi levando a gente pra esse estresse e aí a gente só foi piorando isso, a gente está num sistema fordista de produção de vida que a gente não tá dando conta mais, acho que a gente precisa retornar um pouco as origens pra gente voltar a ser saudáveis mentalmente porque a quantidade de doenças mentais que a gente tem hoje em dia eu acho que é derivado do ritmo que a gente lava da vida.

Você enxerga muito disso ao seu redor?

Sim, muito. Pessoas que não sabem aproveitar o momento porque acham que está perdendo tempo e na verdade não está perdendo tempo, você está tendo um tempo de qualidade consigo mesmo, mas que fica com essa culpa de não fazer nada, tem

muito....tem muita gente que usa essa culpa como desculpa inclusive para não se relacionarem com outras pessoas, você se põe ocupado o tempo inteiro e que daí tem um momento em que você não tem tempo mais pra ninguém e ai você se desobriga a ter esse envolvimento social porque você tá ocupado, virou uma muleta social, mais ou menos... As pessoas se isolaram nessa busca por essa coisa que nem todo mundo sabe bem o que quer...nem todo mundo sabe o que ta buscando, pra onde tá indo.

Como você enxerga a questão da solidão hoje?

Acho que a maior parte das pessoas se sente sozinha mesmo estando com outras e isso pra mim se reflete em como elas se mostram nas redes sociais. A maior parte das pessoas procura buscar o que lhe falta numa ocupação, numa pessoa, num relacionamento e nunca param para entender esse nada como buscar interiormente aquilo que tava lhe faltando, que as pessoas estão se perdendo, e é isso que está deixando elas sozinhas, quando você está sozinha se sentindo só é porque você depende ou de uma atividade ou de uma pessoa pra te completar, pra fazer se sentir plena, são pessoas que nunca conseguem ficar em silêncio por muito tempo, sempre tem que estar falando, conversando e qualquer atividade sozinha é muito penosa, porque dá uma sensação de perda de tempo consigo mesmo, que elas poderiam estar fazendo outra coisa.

Você se sente ou já se sentiu sozinha?

Já. Eu nasci numa família muito grande, eu tenho 8 irmãos, então quando eu vim para Londrina eu tava precisando muito de tempo comigo mesmo, porque eu não tinha tempo pra me conhecer porque eu sempre estava rodeada de muita gente e só que aí passado um período onde isso foi uma experiência legal, a ausência da família por perto começou a pesar porque você sente saudades, você vê seus amigos que moram com a família junto, então de domingo por exemplo, se eu estou de folga do serviço e eu não tenho nada para fazer, eu sei que todos os amigos estão na casa das famílias, então não tem uma pessoa para você procurar, estar com e conversar e isso pode pesar às vezes, mas eu aproveito bastante o tempo que eu tenho comigo mesma, eu me acho uma boa companhia. Aconteceu de um período na vida eu ficar só, mas era porque eu tinha muitas pessoas ao meu redor e não eram pessoas que eu gostava,

era uma época em que eu dividia casa numa república. Às vezes eu tinha que passar tanto tempo com pessoas que eu não gostava que eu não sei explicar exatamente qual foi o efeito rebote que isso teve, porque eu passei a não gostar da minha própria companhia porque eu tinha que ficar dividindo ela com pessoas que eu não gostava, então eu tinha necessidade de sempre ter alguém por perto, que era o que eu gostava, então eu ficava procurando fora de casa atividades, mais atividades, pessoas, procurando relacionamentos pra poder estar sempre envolvida com alguém, que é aquele negócio, você quer encontrar algo maior pra ocupar sua cabeça que é pra você não ficar pensando nos próprios problemas, isso acontece principalmente em relacionamento amoroso, você se envolve com alguém, arruma uma encrenca que é pra você não pensar nas coisas que tem que resolver de fato. Você buscar por essas encrencas, essas movimentações emocionais que te impedem de fazer essa autorreflexão, esse autoconhecimento. Então eu mesma já me envolvi em um monte de enrascada por aí e daí dei um tempo (risos)... Daí quando atingi os 30 anos eu falei comigo mesma, não espera, não é por aí...eu tive um grande amor na minha vida que tinha ido embora e tinha deixado um grande vazio, e essa época foi muito difícil de superar a dor, de perder uma pessoa que você gosta e daí nesse período eu ficava tentando não resolver essa ferida, fazendo isso procurando insistentemente relacionamentos e ocupações e eu acho que peguei um pouco dessa etapa da minha vida para o que eu vivo agora, porque eu vivo muito ocupada, não sei se isso é reflexo pelo fato de eu ter buscado tanta ocupação que agora eu realmente estou muito ocupada, então as vezes falta tempo de ter um relacionamento amoroso com outras pessoas e aí eu sinto falta... Ah... precisava realmente ter esse tipo de experiência, tô deixando muito de lado, mas não é de fato algo me faça sentir em solidão hoje em dia, algumas vezes já aconteceu, mas tem sido bem raro, porque eu tenho pensado muito nisso.

Há ainda muita ferida emocional para você?

Ah eu acho, as pessoas não curam e acabam buscando paliativos emocionais. As pessoas todas e eu me incluo também, a gente se fere aqui, a gente passa por cima, segue a vida e a gente não vê a importância que tem de dar esse tempo para si mesmo, de sofrer o luto, de passar pelas fases do desapego, de sarar, se você se machuca fisicamente você tem que passar pelo processo de parar, cuidar, limpar o

machucado, colocar um curativo, fica lá vários dias sangrando enquanto cuida até que cria uma casca e sai naturalmente. Mas o que a gente simplesmente faz é colocar o *bandaid* na ferida profunda e daí o machucado fica muito pior. A gente faz isso na vida, a gente só tapa o buraco, passa por cima e vida que segue, a hora que vai ver já gangrenou tudo.

Há muita expressão do estado emocional nas redes sociais? Você faz isso?

Estados e desejos, né? Eu acho que tem muita gente sozinha nas redes sociais... eu já me peguei fazendo isso, mas eu tento me policiar.... tipo é quando você está querendo chamar a atenção, sabe? Porque você posta uma coisa, que na verdade você está querendo chamar a atenção pra si, você quer chamar pessoas, você posta uma foto e fica esperando curtidas, ou você quer chamar a atenção de alguém em específico, e aí você fica ali fazendo um monte de postagens pra ver se aquela pessoa te nota e ela não te nota e aí você fica em crise... eu acho que piora (risos), eu acho que a gente está lidando com essas ferramentas de maneira muito errada, era pra ser legal, mas a gente está distorcendo tudo, a gente está usando para fins maléficos, faz mal pra gente mesma *stalkear* pessoas, para que isso? As pessoas às vezes têm problema com a própria vida porque vêem a vida perfeita das outras pessoas, principalmente quando é postado em imagens, porque cria um espelho de uma realidade que não existe, você fica tentando se comparar o tempo inteiro, quem é que fica imune a essas coisas? Essas coisas mexem com nosso emocional...

Como expressar o estado de solidão nas redes sociais?

Selfie. É a maior expressão de solidão em redes sociais, porque quando você posta uma *selfie* sua, é você se mostrando pra um monte de amigos virtuais porque você não está se mostrando para os amigos reais, é quando você sai dessa proteção que a rede social te dá de individualidade, de você olhar as coisas das outras pessoas pra você se expor para outras pessoas te olharem, então você naquele momento você está buscando alguma coisa com aquela mensagem, mas eu a credito que a *selfie* foi inventada pra isso, nós inventamos a *selfie* para isso, para atingirmos as pessoas com nossa imagem. Se você está satisfeito com a sua vida, se você está satisfeito com as pessoas que estão ao seu redor, se você está tranquilo em relação ao ambiente, você

posta menos *selfie*, você troca menos a sua foto de perfil, você não tem essa necessidade de se autoafirmar na curtida dos outros com a sua imagem. Como a gente não enxerga nossa face o tempo inteiro, então a gente tem essa necessidade de autover, por isso a gente tira foto da gente mesmo tempo inteiro, porque a gente nunca se conhece né, outra pessoa que vê a nossa cara. Nas redes sociais é muito difícil você enxergar o mundo através dos olhos das pessoas se elas só querem enxergar a si mesmas, e elas só mostram a si mesma.

Por que é difícil admitir a solidão?

Acho que falta ainda muito autoconhecimento. As pessoas não vem isso como algo positivo e aí com essa ideia de que você tem sempre mostrar só o lado positivo e viver como se fosse uma pessoa perfeita, você mostrar uma fraqueza, mostrar um momento em que você não está bem consigo mesmo, não é socialmente aceitável, então você admitir essa estado de solidão pra si mesmo é uma evolução, conseguir enxergar que é humano você se sentir assim, que você não precisa estar feliz o tempo inteiro, que felicidade não é um lugar onde você chega e monta acampamento, é um estado de espírito. Esse nosso estado atual de que você tem estar feliz o tempo todo, e não permite você sentir outros sentimentos, te coloca culpa, daí você se sente um pouco mais triste e você acha que já está em depressão, e aí você já se medica pra ficar o tempo inteiro feliz, e você para aceitar que essas oscilações de humor, é simplesmente o fato de você ser humano, então você está se robotizando para estar sempre feliz, sempre bonito, pra sair sempre bem na foto e na verdade não... na verdade você precisa de todas as emoções para crescer como ser humano. Se a outra pessoa te causa um sentimento diferente daquilo que você está acostumado, você tem que enxergar isso como um crescimento, como aprendizado, você não tem que enxergar isso como uma ameaça, e hoje a gente está nisso: tudo o que atrapalha minha felicidade é uma ameaça para minha vida e se é uma ameaça pra minha vida eu tenho que partir direto para o ataque, tenho que eliminar a ameaça... e não é assim, acho que a gente tem que deixar esse tipo de comportamento para nosso anticorpos, porque eles são inteligentes o suficiente para saber o que é uma ameaça e o que não é... a gente não, a gente carrega muito emocionalmente todas as coisas que acontecem, então qualquer coisa que é positiva pra gente a gente está enxergando

como uma ameaça, só porque ela não era exatamente aquilo que a gente estava esperando.

Estamos cansados um dos outros?

Sim, ninguém gosta mais de pessoas, é difícil você achar alguém que ainda goste do outro...as pessoas estão cansadas de interação e acho que tem a ver com rede social também porque o esquecimento e a ausência é tão bom quanto a presença, pode parecer ruim, mas é necessário, porque é um mecanismo de autocura, e quando você tira isso da pessoa... é igual quando a gente media o tempo pelo sol e lua, tava tudo certo, tudo regulado, daí veio a luz elétrica e fudeu tudo e aí a gente começa com crise de insônia, enxaqueca, as pessoas doentes, é mais ou menos isso ... a gente se sobrecarrega de relacionamentos sociais o tempo inteiro e você tá sozinho na sua casa, tranquilo, mas ao invés de você estar sozinho de fato, você está sonhando na rede social, se estressando, brigando, discutindo, vendo postagens, se sentindo mal, se sentindo bem... então é uma sobrecarga de emoção que no fundo não é real, não está acontecendo ao seu redor fisicamente, está acontecendo só na sua cabeça e é só sua visão sobre aquilo, é um ponto de vista míope, eu sempre enxergo distorcido e eu sempre acabo enxergando isso em todo mundo, todo mundo enxerga o mundo a partir de seus próprios olhos e a gente acha que aquilo é verdade porque é a única fonte de informação naquele momento é aquilo que está entrando unicamente pelos seus sentidos, por isso eu acho importante interagir pessoalmente porque pega uma outra parte do quebra cabeça, então você constroi um panorama maior...você precisa ter uma contrapartida, você precisa ouvir, olhar pelos olhos de outra pessoa e tentar entrar na vida dela, história, contexto, pra entender o que elas estão enxergando.

Qual seu maior medo?

Eu tenho muito medo da morte. Estou trabalhando esse sentimento. Mas eu tenho muito medo da morte e não é da minha é das pessoas que eu amo é a possibilidade de viver em um mundo onde eles não existam mais porque eu não passo tanto tempo com essas pessoas e gostaria de aproveitar mais a vida com elas mas as minhas escolhas me levam para longe e pensar e no nunca mais me faz chorar. Nunca me ensinaram que a morte é algo natural. E estou tentando aprender isso. Mas está difícil

Consegue explicar, desenvolver mais isso?

Eu acho que não é natural pra muita gente. Mas eu não me sinto muito confortável em falar sobre esse tema com profundidade, que eu ainda estou descobrindo, se eu puder passar essa pergunta...

APÊNDICE G – LETÍCIA

Letícia, 18 anos, estudante de Economia. Natural de Toledo.

Você é de Londrina?

Eu nasci em Toledo, aí eu morei em Curitiba até uns dois anos, vim pra Londrina, morei até os seis anos aqui, fui pra Bahia, morei lá até meus 17 e voltei ano passado [2018].

Tem parentes na Bahia?

É na verdade meus pais foram né, eles foram pra trabalhar, mas minha família é toda daqui.

Você tem irmão?

Tenho, tenho uma irmã.

Mais nova ou mais velha?

Mais nova.

Conte-me um pouco sobre você, como foi sua criação familiar, sua educação...

Então, meus pais são muito pé no chão, são pessoas assim que me deram uma educação muito boa, eu cresci em uma cidade que era meio fora do comum, meio fora do padrão. Lá em Luiz Eduardo, é uma cidade que tem um dos maiores Pibs do Brasil, então tipo o pessoal é muito rico, tem muito dinheiro, eu falo que eu cresci numa espécie de Gossip Girl, tipo é um mundinho à parte, tanto tudo que eu aprendi de diferentes pessoas, diferentes criações, eu aprendi mais aqui do que lá, porque lá realmente é uma coisa surreal. Aí estudei em escola particular a vida inteira e acho que é isso...

Seus pais fazem o quê? Os dois trabalham?

Meu pai é médico, e minha mãe é formada em fisioterapia, mas não exerce.

É a primeira vez que você sai de casa?

Primeira vez...

E como tem sido essa experiência de sair de casa?

Olha eu... assim por ter morado tanto tempo com meus pais e tal, eu me dou bem morando sozinha, eu gosto de morar sozinha, prefiro, então eu lido bem com a situação, eu tenho família aqui, eu tenho bastante amigo, aí isso ajuda.

Você veio para estudar?

Para estudar.

E você já prestou para economia?

Não, eu tinha prestado para Medicina, aí depois do Enem que eu mudei pra Economia.

Por que você mudou?

Então, foi meio que tipo assim, último plano, porque a prioridade era medicina, aí direito, aí economia. E eu não tinha certeza se eu ia gostar do curso, porque eu achei que minha ideia de mercado de trabalho era bem limitada, tipo eu não sabia muito bem com o que trabalhar na área de economia. Aí, eu acabei passando pelo Enem, foi meio que acidente e tipo me apaixonei pelo curso, me apaixonei totalmente, aí descobri mais lugares diferentes pra trabalhar, áreas diferentes, aí foi indo...

O que você está achando dessa vida universitária?

Cara, por ser uma universidade pública assim... eu to tendo contato com muitas pessoas diferentes, de classes sociais diferentes, tipo a universidade abriu um mundo assim pra mim que eu não esperava, eu juro pra você que não esperava, tipo conviver com pessoas diferentes, entender outras realidades, sabe, você vê uma realidade totalmente diferente do que vivi, do que eu cresci, então eu acho que pra mim o que mais acrescentou na universidade foi essa convivência, sabe de diferentes pessoas, de ver gente que tem que trabalhar o dia inteiro e ir pra faculdade à noite, é um curso pesado, então ver tudo isso é enriquecedor na faculdade.

Na sua decisão, em algum momento você chegou a sentar pra conversar com seus pais sobre seu futuro. Como foi essa decisão?

Eu sempre conversei muito com meus pais em relação ao curso, bastante, tanto que meu pai queria que eu fizesse mais economia do que medicina, minha mãe também, queria que eu fizesse qualquer coisa menos medicina, porque meu pai é médico, então tipo eles me apoiaram muito vir pra economia, então meu pai fala até hoje que foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida. Então sempre conversei com eles quando eu quis mudar de curso, sempre conversei.

Por que seus pais falavam pra não fazer medicina?

Então, porque meu pai como ele tá na área, ele viu que abriu muita faculdade que assim o mercado tá saturando aos poucos, aí ele falou “filha, você vai estudar durante 10 anos da sua vida, no mínimo, você vai ter que trabalhar igual uma condenada, você tem outras opções que podem ser até mais saudáveis ou melhores dependendo do ponto de vista”. Então tipo, ele sempre me influenciou a pesquisar outros campos, porque como eu morava em uma cidade pequena, era medicina ou direito, no máximo engenharia, então toda vez que eu pensava em fazer alguma coisa diferente ele apoiava, porque ele sabe como é ser médico, ele sabe como é a rotina, então ele sempre preferiu que eu optasse por outro curso.

Você mencionou a rotina do seu pai, como ela era? Como era o trabalho dele?

Ah, por muito tempo eu tinha ódio de medicina... eu mudei assim quase no último ano do ensino médio, mas eu tinha um trauma, tipo era a última profissão que eu queria ver na vida, eu sempre tive tipo... meu pai nunca foi uma pessoa que tava lá o tempo todo, eu sempre via ele trabalhando a semana inteira, tinha vezes eu via ele uma ou duas vezes por semana, então assim sempre foi uma pessoa meio ausente... não ausente do tipo... assim se eu precisasse dele, ele ia estar lá, mas ele nunca foi uma pessoa que esteve sempre lá comigo e...em relação à tudo... Meu pai ele sente bastante tipo, de não conseguir sair, de não conseguir viajar, tipo quando a gente ia viajar, era sempre uma coisa totalmente programada, tinha que ser em tal dia porque aí meu pai ia sair do plantão, então é pesada a rotina dele, é bem pesada.

O que prospecta em relação ao seu futuro?

Tipo professores meus falam, que como eu tô num curso bem fácil de passar, é difícil achar um economista bom, que tenha conhecimento de matemática, que tenha um bom conhecimento na área teórica, e eu tô tentando me aprofundar mais nisso, tipo de ler livros diferentes, de pesquisar várias coisas na área mesmo, pra eu conseguir me aprimorar como um profissional melhor, tanto que eu tô pensando em fazer direito junto ano que vem pra acrescentar ainda mais no currículo, que vai ser importante, tipo no mercado tudo.

E aí direito você está pensando em fazer ano que vem?

Sim, aí eu ficaria em economia e em direito.

Você faz algumas outras coisas também para aprimorar currículo?

Ah, eu terminei o inglês esse ano e tô vendo cursos de mais línguas ainda, então várias coisas, quanto mais eu conseguir fazer pra acrescentar no meu currículo, melhor.

Quais outras línguas?

Espanhol eu tava afim de fazer, alemão, meu pai tava conversando comigo de fazer mandarim, porque dizem que é muito bom pra relação comercial com a China, que é um mercado que tá aumentando, então eu queria pegar mais essas línguas diferenciais assim que eu consiga uma comunicação ampla.

Tem cursos extras na universidade?

Tem, eu tô fazendo um de educação financeira agora, toda quinta, aí tem a Ecopar, que é um encontro internacional de economia, a semana de economia vai ter também, eles oferecem várias coisas na área de economia.

Fora isso tem alguma outra atividade que você faz?

Ah, eu jogo vôlei, futsal, tento ir fazendo essas coisas da atlética que eles oferecem, aí vou fazendo mesmo...

Quando você para Londrina, você chegou a dividir casa com alguém?

Não, eu vim direto morar sozinha.

Por que essa decisão?

Eu sempre fui muito de querer ter meu espaço e aí meus pais falaram, como eu tinha que estudar pra cursinho, aí eles falaram "Oh, se você ficar na casa de alguém, vai incomodar...", aí minha família gosta de conversar, e aí atrapalha no estudo, aí então me deixaram morando sozinha mesmo, o cursinho era integral, então eu ficava praticamente o dia inteiro no cursinho, esse ano que eu tô ficando mais em casa. Mas ano passado mesmo era paulera no cursinho...

E finais de semana o que você costuma fazer?

Encontrar com meus amigos, sempre ... um dia num barzinho, um dia na casa de alguém, aí dependendo se tiver uma festa, eu numa festa, mais nisso aí...

E durante a semana, nesse tempo que você tem livre e que você não vai na faculdade, nem no vôlei, etc... o que você faz também?

Olha, ou eu tô estudando, gosto de ler, ou então eu fico em casa assistindo série essas coisas, mais nesse estilo...

Que horas começa seu dia? O que você costuma fazer?

Olha, dependendo do horário que eu chego, igual hoje eu chego meia noite e meia, aí se eu chegar muito tarde eu costumo acordar umas 8 ou 9 horas. Eu acordo, tomo um café, fumo um cigarro, vou tomar meu remédio, porque eu tenho que tomar remédio, aí eu tomo banho, aí eu alongo, faço uma série de alongamento, aí eu tomo banho e vou estudar...

Você estuda até que horas?

Depende o quanto eu tenho que estudar, até umas 3 horas da tarde, eu gosto de deixar um tempo livre pra arrumar antes da faculdade, aí eu tenho que ir a pé até o ponto, aí umas 3 ou 4 horas eu termino de estudar dependendo do dia.

A sua família ou você seguem alguma religião?

Olha, eu fui batizada, fiz crisma na igreja católica, mas no momento não acompanho nenhuma, tô meio só pela fé mesmo...

Mas você tem alguma crença?

Tenho, tipo eu sempre rezo à noite, tenho contato assim... mas não sigo nenhuma celebração religiosa assim...

Como é seu contato com os amigos?

Meu, eu sou meio... não independente...Eu tenho uma relação bem forte com meus amigos, tipo... eu tenho um melhor amigo que nossa, assim tudo o que eu precisar eu

faço por ele, e o mesmo ele briga por mim, é... eu tava tendo umas crises de ansiedade agora, então ele vem sempre dormir aqui em casa, me ajuda pra caramba, e assim a maioria dos meus amigos é nesse nível, se eu precisar, se eu precisar conversar, ou ir numa festa, qualquer coisa eu sei que eu vou ter esse apoio deles...

Você tem os amigos da universidade ou outros também?

Ah, não a maioria é de fora ...esse meu amigo mesmo de fora, eu conheci ele no cursinho, aí ele tá fazendo, psicologia, e eu fui pra economia.

E seu relacionamento com o pessoal da Economia é bom?

É. Assim, é que sou uma pessoa que eu gosto de conversar, eu chego fazendo piada com todo mundo, chego conversando com todo mundo, então eu fiz amizade com praticamente todo mundo da sala, então eu sou uma pessoa fácil de conversar.

Você parece uma pessoa bem extrovertida, espontânea, você acha que isso te ajuda ou às vezes atrapalha?

Meu, eu acho que ajuda bastante, eu tipo... consigo sempre manter um contato bom com as pessoas, então assim, não sei se tem alguém que se incomoda com meu jeito, só lamento também, não posso fazer nada, é meu jeito, mas acho que ajuda, na maioria das vezes eu acho que ajuda.

Em algum momento você pensou talvez que poderia ser um pouco menos extrovertida?

Ah, já, já... às vezes dava isso... geralmente era quando dava uma baixa de auto-estima que eu ficava um pouco chateada, ou então tipo, principalmente em questão de relacionamento, muitos homens têm medo de meninas que são assim, por ser mais independente, então quando eu tinha uma decepção eu falava “putz, será eu eu tô... será que é por causa do meu jeito... ou coisa do tipo...”, era mais nesses momentos.

Essa sua baixa auto-estima te acompanha já faz bastante tempo ou só de uns tempos para cá você começou a perceber isso?

Ah não, eu ... ano passado mesmo eu tive bastante problema de aparência de auto-estima, tudo, esse ano que eu comecei a fazer terapia e coisas afins, aí eu melhorei, foi algo que me ajudou, melhorou bastante, eu consegui ter uma aceitação bem melhor assim que comparado com antes...

Qual foi esse gatilho?

Olha teve... muito a ver com o fato de eu ter tido uma decepção amorosa bem pesada, deixa pensar.... ah cursinho também né, tipo que era... ah, eu ficava esgotada, então acho que o cansaço e tudo ajudou bastante pra eu ter tido uma auto-estima bem baixa ano passado, bem baixa mesmo...

Você chegou a ter algum tipo de crise?

Ano passado eu tive muita crise de pânico, só que isso aí tem muito a ver com coisa genética, coisa de ansiedade, até tô tomando remédio agora que eu precisei, então acho que foi mais a ver com isso, só que assim, a minha auto-estima baixa eu descontava em muita festa, de ficar com muita gente, até em relacionamento mesmo, nenhum cara que eu ficava ano passado eu conversei, tipo eu descontava mais nisso.

Você falou em crise de ansiedade, também tem?

Ah, tive bastante, é.... por vários problemas assim, é uma condição até genética, aí tive que começar a tomar remédio, esse ano eu fui parar no hospital por causa de uma crise.

Faz quando tempo que você toma remédio?

Faz um ou dois meses, é recente.

A terapia faz também?

Faço, eu comecei esse ano também, faz um mês mais ou menos, faz pouco tempo.

Por que a terapia?

Cara, era pra eu ter procurado terapia desde o ano passado, só que aí eu fui adiando, adiando, adiando, e aí esse ano agora eu tive aquela crise que eu fui parar no hospital, falei “meu, ou eu procuro ajuda, ou eu vou continuar tendo crise de pânico”, tipo foi uma crise de pânico pesada, tipo eu jurava que ia morrer.

Quais os sintomas que você sentiu?

Meu coração começou a acelerar, começou a tremer, aí tive tontura, enjoo, aí eu pensava que eu ia morrer, tipo eu tinha certeza, só que igual esse ano eu não tava conseguindo dormir, fiquei quase o ano inteiro sem dormir, primeira noite que eu consegui dormir foi na noite da minha crise, porque eu tomei remédio, mas eu não conseguia, eu fui pro álcool, tava bebendo quase todo dia, então foi uma série de coisas que levaram eu a ter essa crise mais pesada e aí que eu procurei ajuda.

Você tinha insônia?

É, eu tava bebendo quase todo dia, literalmente quase todo dia ... eu só conseguia dormir com álcool...

Você consegue pensar um pouco a que se deve esse processo todo?

Não sei exatamente o que foi, acho que ter entrado na universidade, ter ficado mais tempo sozinha em casa que ano passado mesmo eu chegava em casa 5 horas da tarde, ficava pouco tempo aqui, acho que assim... por ter que ficar mais tempo sozinha, ter que lidar mais com esse negócio de auto-estima, de problema, um atrás do outro, aí acho que foi acumulando.

O que você tem achado desse processo de sair de casa, morar sozinha e ter que lidar com pessoas por conta própria?

Eu não acho que seja tão difícil assim, eu criei uma independência bem boa por ir morar sozinha, então acho que isso até me ajudou de certa forma, eu tive que começar a ir atrás das coisas que eu queria, tive que começar a me mexer mais, porque é fácil você estar com os pais lá, ter tudo na mão é mais fácil de conseguir lidar com tudo e eu ter que ir atrás do que eu preciso, de ter que ir atrás de tudo, acho que ajudou bastante assim...

Como você costuma lidar com decepções?

Eu paro de comer, eu acho alguma coisa pra dedicar 100% da minha atenção, tipo distrações mesmo, agora com a terapia eu to aprendendo a lida um pouco melhor com isso, mas até ano passado eu sempre fui mais desse jeito, é parar de comer, ir pra mais festa, geralmente faço isso, fumo mais também.

Você usa bastante as redes sociais?

Já usei mais, é que eu tentei de um tempo pra cá diminuir, eu tentei porque assim chegou um ponto que percebei, falei “meu, eu to usando muito isso, eu to me focando muito em gente que vive esse mundo falso, sabe...”, tanto que eu passei uma ou duas semanas sem rede social nenhuma, eu apaguei tudo no meu celular, e falei “a hora que tiver bem eu volto”, que foi a época da minha crise mesmo. Aí eu dei um tempo de rede social, aí tipo eu nem assinei notificação, nem esquento assim, tipo... a hora que eu tiver vontade eu vejo lá e tem uma mensagenzinha, mas fora isso eu tento mais viver a minha vida do que viver na rede social.

Quais redes sociais você usa hoje?

Instagram, Twitter, facebook, Youtube ...

WhatsApp?

Sim, também acabo usando, mais para coisa da faculdade, mas também não fico conversando muito não, eu tenho um pouco de preguiça. Acho que prefiro conversar com as pessoas pessoalmente, eu tenho um pouco de preguiça de usar rede social.

Dessas redes que você mencionou, qual delas você usa mais?

Acho que o *Instagram*.

Por que?

Eu acho que é o que o gosto mais assim, de ver fotos, aí depois que eu canalizei mais só para meus amigos, aí tipo mantenho um contato maior, é mais pessoa que tá na Bahia, aí eu consigo ter um contato maior com essas pessoas...

Você costuma interagir, curtir, comentar, postar?

Ah sim.... mas assim já postei mais, já fiz mais questão, hoje se eu falo “ah, achei massa”, aí eu vou postar, é que assim eu não gosto muito de expor minha vida, tanto que quando eu parei de usar era porque eu tava postando demais, tava postando muito *stories* e isso chegou a um ponto de me incomodar, aí eu falei “meu, vou dar um tempo, porque não gosto de expor minha vida”, para as pessoas saberem o que eu to ou não to fazendo.

Essa sua decisão de você colocar o pé no freio foi depois da crise e depois da terapia?

Na verdade foi um pouco antes de eu ter minha crise, que eu percebi que tava ficando bastante ansiosa por causa da rede social, tava bem ansiosa mesmo, eu falei “cara, vou dar uma pausa nisso aqui que não tá me fazendo bem...”, aí foi isso.

Você falou que estava te deixando ansiosa, por que?

Porque eu comecei a ter necessidade das pessoas verem o que eu to fazendo, é... de ver o que as outras pessoas estavam fazendo, e isso é realmente uma coisa que não me interessa muito, tipo tanto que a Pugliesi, essas celebridades, eu queria ver o tempo todo o que eles tavam fazendo e não é uma coisa saudável, sabe...porque a maioria dessas pessoas vive num mundinho artificial, sabe... rede social é uma coisa artificial pelo menos do meu ponto de vista.

Você se importava com o número de pessoas que visualizavam ou curtiam suas postagens?

Nossa demais, eu tava assim vivendo mais pelo o que os outros iam pensar, pelo o que os outros iam ver, pelo que por mim, tanto que hoje depois que eu dei aquela pausa em rede social e tudo, é ... eu parei de ver quem via meus stories, eu parei de me importar.

Você não só postava como também tinha necessidade de ficar rolando o feed pra ver as outras pessoas?

Sim, nossa eu tinha necessidade imensa de ficar vendo o que outros estavam fazendo, onde que a pessoa tava, sabe... uma coisa que, hoje eu olho e falo “puts, porque que eu tava fazendo isso?”, sabe...

Hoje você acha que ainda é difícil se controlar?

Meu, é um pouco difícil porque é meio que um escape né... você tá triste, você vai lá se distrair um pouco, mas o que eu percebi assim é que, igual na faculdade eu olho pro lado e tem alguém mexendo no celular e é o tempo todo, tipo ninguém tem vontade de prestar atenção numa aula que às vezes até é mais interessante do que internet, isso foram coisinhas que eu fui me incomodando mesmo, sabe.

Hoje em quais momentos você percebe que cai para redes?

Quando eu acordo, geralmente quando eu vou fumar um cigarro eu pego o celular pra dar uma olhada, só que acabo nem olhando muito, tipo eu pego, fumo o cigarro por uns 5 minutos, aí eu viro e vou fazer outra coisa, vou estudar, vou ler um livro.

Esse pensamento de você colocar o pé no freio nas redes, a terapia de certa forma ajudou?

Cara, me ajudou a controlar mais a ansiedade, porque como eu sou muito ansiosa, eu ficava meio que pra distrair mesmo, pro tempo passar mais rápido, e aí com a

terapia eu to conseguindo tipo ter paciência pra sentar, ler um livro, tomar um café, ficar de boa, me distrair de maneira saudável.

Quando você tá estudando você procura deixar o celular longe de você?

Deixo dentro da bolsa, deixo longe, tipo evito ao máximo ficar por perto...

Mas fica desligado?

Não deixo normal, deixo ligado porque se alguém precisar mandar mensagem aí eu to com ele, mas se tipo não for uma coisa urgente, eu não respondo não. É que chega no relógio né que eu tenho o Apple Watch então se chega algo importante eu vejo por aqui ...

Hoje qual é a função do Apple Watch pra você?

Ele controla bastante atividade física, frequência... aí até esse negócio de ver a mensagem, é qualquer emergência como meus pais estão longe, minha irmã também, é mais pra tipo ter noção do que acontecendo, porque se eu não tiver esse Apple Watch, eu vou olhar meu celular a cada 5 horas, então se alguém tiver que falar comigo urgentemente eu provavelmente não vou responder, tá mais pra essas situações assim que eu preciso mesmo olhar mensagem tudo.

E durante a noite como você faz?

Ultimamente tô tendo que tomar remédio pra dormir, por conta da terapia e tudo, to tendo uma coias meio pesada, aí eu to tomando remédio, aí eu evito mexer no celular à noite porque o remédio me deixa meio retardada.

Em quais momentos da sua vida você sentiu solidão?

Na minha crise de ansiedade que eu tava sem meus pais, isso aí pra mim foi bem pesado, é... quando eu passava por algum problema no cursinho que eu tive meio que professor que assediou, então nesse momentos foi o que pesou mais, foi que eu tive

problemas mais sérios porque aí eu simplesmente pensava “mano, eu to sem meus pais, meus pais não estão aqui pra me acolher, me dar um colo”.

Você já sentiu solidão entre amigos?

Na minha cidade eu senti bastante porque era meio que ninho de cobra assim, ninguém queria muito seu bem, era um querendo pisar no calo do outro. Aqui eu criei meio que uma segunda família, então aqui em Londrina eu não tive esse problema, na minha cidade eu tive, bastante. Passei onze anos da minha vida assim. É como se eu não tivesse ninguém, eu tinha minha mãe, minha mãe sempre foi minha melhor amiga, então isso ajudava, só que amigas, amigas, mesmo, eu não tinha.

Você sente que é mais fácil desabafar ou lidar com pessoas por meio das redes e do celular?

Eu prefiro conversar pessoalmente, eu não consigo falar de coisas muito profundas assim com muita gente, eu seleciono certinho as pessoas que eu quero conversar... eu chamo pra vir aqui em casa ou chamo pra ir em algum lugar, geralmente é isso.

Hoje o que as redes sociais representam pra você?

Uma distração, mais uma distração

Uma distração em quais momentos?

Ah sei lá, tipo quando você tá chateado, ou não quer lidar com algum problema naquele momento aí a rede social é perfeita pra você, tipo só olhar o que tá todo mundo fazendo e esquecer um pouco os problemas, eu acho que seria nesse sentido de distração.

Você costuma olhar apenas o *feed* ou sempre tem uma interação?

Só pra dar uma olhada mesmo, é antes eu curtia mais publicações coisa e tal, e hoje as vezes duas ou três fotos aí eu enjojo, saio...

Como está seu sentimento em relação à interação de outras pessoas com você pelas redes?

Ah, tá assim ... normalmente eu não me importo se não interagir, não faz muita diferença não. Hoje eu sei que eu tenho amigos tipo que realmente se preocupam comigo, que eu tenho contatos mais profundos, então quem comentar na minha foto ou quem curtir a minha foto não faz muita diferença, é tipo só uma foto, uma rede social, sabe não... não tem tanta relevância assim, não é isso que vai dizer quem é que tá ali pra mim quando eu precisar ou não.

Mas você já se preocupou mais com isso?

Ah já! Eu postava foto de biquíni pra ganhar curtidas e tudo... hoje não faço muita questão não... eu aprendi a relevar.

Hoje o que é a solidão para você?

Solidão... [silêncio], putz... é uma boa pergunta... eu acho que eu sinto mais de domingo que é... sabe aquele sentimento de final de domingo que você tá em casa assistindo uma série, acho que é mais nesse momento que eu sinto uma solidão grande mesmo, que eu falo "aí, cara, queria ter alguém aqui pra conversar comigo", mas geralmente domingo eu tô saindo, então são pouco domingos que eu sinto essa solidão, mas eu acho que é mais isso.

O que você sente quando vem esse sentimento?

Aprendi a lidar um pouco com isso, aprendi a gostar mais da minha própria companhia, antes eu tinha meio que pânico de ficar sozinha num domingo, não gostava, depois com terapia com tudo, eu acostumei, tipo, a ter esse momento sozinha, é bom, tipo eu percebo que eu começo a gostar mais da minha própria companhia, eu não preciso de alguém do meu lado o tempo inteiro pra estar bem, então não vejo como sentimento ruim, eu vejo como algo que é necessário.

Hoje você consegue ficar algum momento do seu dia em silêncio, sem nada, sem celular, sem o IWatch, já parou pra pensar nisso?

Hum... não... não sei... é que assim, eu gosto sempre de ter barulho, então assim silêncio, silêncio, não sei se que conseguiria... É não sei, acho que não conseguiria não, tipo eu tenho que estar com alguma série ou alguma coisa assim, estar fazendo alguma coisa, eu acho assim eu preciso estar fazendo algo, então é meio complicado ficar tipo parada, sem fazer nada, eu tenho um problema. É porque eu não gosto mesmo de ficar em silêncio, de não fazer nada, eu sempre tenho que estar vendo alguma coisa, eu limpo a casa, lavo a louça, ou eu limpo meu quarto... gosto de estar fazendo alguma coisa em todo o momento, eu sempre tenho que estar fazendo algo... mas assim ficar em silêncio total, não é algo que me agrade muito não.

Antes de tomar os remédios para dormir, você costumava desligar o celular antes de ir pra cama?

Não, eu ia dormir ouvindo série, até minha crise eu só dormia assistindo série...

O Iwatch você tira para dormir?

Depende, é que normalmente eu carrego ele à noite, aí se ele não tiver carregando e eu tiver alarme no celular, aí eu deixo por causa do alarme.

Só para entender, você disse que suas crises de ansiedade são um fator genético, mas que a partir do ano passado elas pioraram nessa sua transição de sair de casa...

Ficaram mais fortes... é porque assim ano passado eu não tomei remédio para dormir e eu tinha parado de tomar remédio pra enxaqueca, eu tive isso com 16 anos, então... 2017 que foi meu terceirão eu dormia com remédio mesmo, porque pra dormir e por causa da dor de cabeça, aí como ano passado como eu cortei o remédio para enxaqueca, aí eu acho que de algum jeito resultou em mais crise... o remédio pra enxaqueca ajudava, ele me deixava bem calma assim... tanto é que ano passado, final

do ano perto do vestibular eu voltei a tomar, é... e aí diminuiu essas crises de pânico, essas crises mais pesadas.

Na época do vestibular aumentaram as crises?

Como eu tava sob efeito do remédio pra enxaqueca eu não tinha como saber se tinha aumentado, só que também eu comecei a beber mais, acho que eu compensei com bebida...

Você mencionou que teve problemas com professores que te assediaram durante o cursinho pré-vestibular, fale-me um pouco sobre isso.

Ele falou algumas coisas tipo... ele não chegou a me tocar e não fazer nada, só que ele chegou na sala dos professores e falou que ia me comer, então eu era menor, eu tinha 17 anos, tipo... ele tava com 30 poucos anos, família, então assim foi meio pesado. [silêncio]... Assim, eu sempre fui de manter muita amizade com professor, eu gostava de chegar e conversar e eu sou comunicativa, eu gosto, então assim eu conversava com esse professor não numa intenção de ter nada, eu conversava com ele como qualquer outro professor, e assim, foi meio que um choque sabe, ele chegar e falar uma coisa desse nível porque eu não dei intimidade pra ele, ele pegou me adicionou no *Snapchat*, começou a me mandar mensagens pelo Snap, então... e ele fez isso com uma amiga minha também, então ele era bem mau caráter assim. Nossa, o tanto de professor que deu em cima de mim nesse cursinho vish...

Você tem dificuldade em expressar sentimentos?

Ah, bastante... assim, óbvio que a terapia tá me ajudando até nisso, de sentir mais, de aprender a lidar com meus sentimentos, mas até um tempo atrás eu me recusava a sentir, a ter sentimento por qualquer pessoa, eu me recusava. Eu acho, eu acho que também por essa necessidade de todo mundo querer ser frio, de não querer demonstrar sentimento, meu Deus... nossa eu sinto isso pra caramba. Tipo, muita gente não quer demonstrar que tem sentimentos, que tá gostando de alguém, eu penso "pra quê, isso?" Leve a sério esse sentimento, eu perdi muita gente, muita oportunidade porque eu tinha isso. Eu achava que se eu namorasse alguém eu ia ser

fraca, se eu me relacionasse com alguém eu ia ser fraca, eu construí muito isso até pela minha criação e aí eu tô descobrindo que não é assim, que eu não preciso ser tão forte, que eu não preciso bloquear tanto.

Qual é seu maior medo hoje?

Cara, meu maior medo é perder as pessoas que eu gosto, e meus amigos mais próximos que me importam ou da família assim...

APÊNDICE H – TIAGO

Tiago, 36 anos, publicitário. Natural de Campo Mourão, PR. (entrevista feita por Skype)

Fale-me um pouco sobre você, da sua formação, da sua criação. Quem é o Tiago?

Vixe, eu tô fazendo terapia para descobrir quem eu sou [risos], eu não sei se eu vou conseguir te responder. Eu sou publicitário, eu tinha uma agência de publicidade aqui em Campo Mourão e eu tive que fechar este ano, tenho 36 anos, e... basicamente minha vida sempre baseada em artes, eu gosto de desenho, de cinema, publicidade em si, então minha vida sempre foi meio que nessa tentativa de buscar um pouco da arte, embora eu tenha que usar bem a publicidade para poder me aproximar mais um pouco desse conceito de arte. Eu sou formado em letras, em marketing, e tenho uma especialização em cinema e uma especialização em estudos literários, e aí eu fiz um mestrado em comunicação em Londrina e um mestrado interdisciplinar aqui em campo Mourão também focado nos quadrinhos, é...nesse que eu fiz interdisciplinar foi um mestrado convencional, sobre cinema, e no mestrado em Londrina eu fiz toda a dissertação em quadrinhos, daí eu desenhei ela, eu demorei pra terminar [risos]. Daí meu motivo pra ter demorado pra terminar foi porque eu entrei em depressão esses últimos tempos, então... é... a minha relação familiar é um pouco distante, sabe... eu acho que eu fui de uma época que a relação pais e filhos não era aquela coisa tão amável, meus pais são mais simples, então não tinha assim uma relação assim muito de abraços e beijos e coisas do gênero que hoje acabam sendo mais normal, e foi diferente do meu irmão, meu irmão já teve mais esse tipo de relação, isso também é um dos pontos que também me deixa um pouco sozinho...

Você hoje está fazendo o quê exatamente? Você disse que tinha uma agência de publicidade que teve que fechar, quando foi isso?

Foi no começo do ano, eu tive que fechar ela... Bom, minha depressão já vinha de um bom tempo, até por causa mesmo dessa relação de ser um pouco sozinho, por ter agência de publicidade eu acabava me focando muito no trabalho e eu não tinha

nenhuma relação verdadeira, eu acredito hoje, era assim, as pessoas que eu convivia eram as pessoas que estavam na agência, e essas pessoas que estavam na agência me consideravam como um patrão, então, é... mesmo que eu fosse o mais liberal possível né nas relações, não tinha isso... então eu acabava....me sentia realmente sozinho nesse ponto, porque eu percebi que as ações eram falsas, não falsas de eles serem falsos, mas por causa da situação em si acabava tendo aquela... eles não podiam me falar tudo o que eles queriam, o que eles pensavam né dessa relação, mesmo que eu não fosse ligar para o que eles falassem, mas daí eu não tinha essa relação com as pessoas é... relação de proximidade com as pessoas que estavam junto comigo, é ... isso foi meio que se acumulando, e eu já sou meio *workaholic*, então... Daí eu tinha uma esposa, eu casei e... daí por estar fazendo o mestrado e um monte de coisa acabou que relação ficou um pouco ruim, então assim eu já fui me afastando da pessoa que talvez preenchia um pouco talvez desse aspecto solitário... daí eu comecei a namorar depois uma outra pessoa, daí ela me traiu com meu sócio e daí eu descobri que a minha sócia tava trabalhando a parte em outros projetos... e daí as coisas começaram a desandar, daí em determinado momento eu não aguentei mais e acabei me enterrando dentro da minha casa.

Então hoje você está em casa?

Hoje, eu montei um escritório pra mim aqui dentro de casa, daí eu não tenho mais esse aspecto empresarial digamos assim.

Escritório de quê?

Ainda estou fornecendo serviço de publicidade e propaganda, com algumas assessorias para algumas empresas.

Mas você trabalha sozinho hoje?

Eu tenho uma pessoa que tá trabalhando comigo.

A agência durou quantos anos?

Sete anos

E enquanto você estava fazendo o mestrado, você estava com a agência?

Sim...

E foi durante o mestrado que você teve esse problema de depressão?

Ele começou nesse período, acho que foi *start* mesmo, é porque eu fazia, eu tava no mestrado aqui, tinha passado também no mestrado em Londrina, e tava fazendo uma especialização, e ainda tinha que cuidar da agência... e começado um casamento.

Conte-me um pouco desse período, e como foi essa “explosão” digamos assim, como você começou a sentir com tanta coisa e quando é que você começou a perceber que isso estava desembocando pra uma depressão?

É... deixa falar, é que aconteceram algumas coisas do mestrado daqui onde eu moro, é... um professor lá começou a me perseguir, dentro da disciplina, porque ele tentou me humilhar em uma apresentação e daí eu não deixei, daí a partir daquilo minha vida começou a virar um inferno no mestrado, então coisa do tipo, eu chorei em corredor, coisa que é... da minha criação que homem não chora, então...fiz coisas que normalmente eu não consideraria é digno de fazer, porque eu deveria ser forte e não tava sendo... Daí no meio disso, por causa desse monte de atividades eu comecei a ter problemas no relacionamento que eu tava tendo né, daí a gente começou a brigar e daí nisso só agravou a situação, daí a gente passou um tempo separado e daí foi quando eu comecei a perceber que eu sentia a falta dela, daí quando eu tentei conversar com ela, ela já tava com outra pessoa, então as coisas foram só piorando, acho que foi basicamente nesse período assim, daí a gota d'água mesmo foi quando a minha segunda namorada é... a última namorada, ela me traiu com meu sócio. Foi a gota d'água assim. Daí eu não consegui mais me manter na realidade...

E aí o que você começou a sentir nesse período em que você percebeu que estava entrando em depressão?

Em 2017, quando eu tava no mestrado aqui na minha cidade, e esse professor tava me perseguindo, eu já tinha começado a fazer tratamento psicológico e depois eu fui encaminhado para o psiquiatra, daí eu comecei a tomar remédios, só que daí eu achei que não tava fazendo efeito, na verdade até agora eu acho que não fez nenhum tipo de efeito, é... eu procurei ajuda só por causa dessas situações, eu me sentia mal, mas não era é... era algo que eu ainda aguentava, na realidade quando eu realmente eu precisei de ajuda, daí que eu me senti mais sozinho, que foi quando minha última namorada me traiu, daí neste ponto eu perdi todo meu alicerce, daí a minha ideia passou assim de querer me matar, não que eu cheguei a tentar cometer alguma coisa, mas eu acho que se eu não tivesse um pouco mais de estrutura eu teria me matado nessa época, eu tava bem abalado mesmo, era como tivesse duas pessoas na mesma cabeça, eu tinha um momento que assim “ah, vai acontecer alguma coisa, faz alguma coisa, procura alguém”, eu tinha esse lado da minha cabeça que “vai acontecer alguma coisa, toma cuidado”, então daí chegou nesse momento eu já não tinha nem mais reação, eu simplesmente eu tinha uns remédio para dormir, eu tomava esses remédios, eu ficava dormindo, basicamente eu me perdi por umas duas semanas aí, até que eu vi que o pessoal tava vendendo minhas coisas na internet da empresa, daí meio que a raiva me tirou um pouco da depressão, que aí eu fui tentar descobrir o que tava acontecendo, mas nesse período eu fiquei, um período aí de fevereiro até maio basicamente, eu basicamente não me reconheci, não que eu me não reconhecesse, é parecia que tinha um peso, parecia que eu tava encharcado de água, não conseguia me mover direito, um pouco também é por causa dos remédios que eu tomava, que daí eu parei e comecei a fazer exercício, como o pessoal da agência me passou a perna daí eu acabei ficando sem recurso nenhum, eu não tinha dinheiro pra nada, daí eu tive que necessariamente parar de tomar meus remédios, então tive que ir nas alternativas e a única coisa que conseguia fazer era andar, que daí que basicamente me tirou um pouquinho da depressão, mas foi nesse período que eu também percebi que eu era sozinho mesmo, que eu não tinha amigos, que eu não tinha ninguém, é... aquele monte de pessoas que curtiam ali minhas fotos, que pedia favores na internet, é... quando aconteceu isso comigo, não apareceu ninguém, então basicamente eu sai sozinho do ponto onde eu tava, depois eu comecei a ter ajuda, mas da situação que tava, que poderia ter ocasionado uma coisa pior, eu basicamente saí sozinho [silêncio]... não saí tão sozinho por causa dos meus cachorros e dos meus gatos...

E por que essa necessidade de fazer tanta coisa ao mesmo tempo?

Eu acho que um pouco foi coincidência sabe, de ter tudo se aglomerado na mesma época, mas esse mestrado que eu fiz aqui, é que eu tentei várias vezes em comunicação aí em Londrina, mas eu não passava, então eu comecei a me considerar que eu era burro demais pra poder entrar no mestrado, que eu não tinha capacidade pra entrar no mestrado, daí eu tentei o mestrado, que era um mestrado que tava começando, só que eu tentei só por fazer, pra ver se eu não tinha algum problema, daí eu passei. Daí eu comecei, comecei sempre tentando mais um até porque ele não era muito focado na minha área, mas era o que eu tinha na época, saí só que eu continuei tentando, daí no mesmo ano eu passei na em Londrina. Aí como meu objetivo era Londrina, aí eu não quis desistir e eu também como eu conheço os professores daqui da universidade eu não queria sacanear eles e sair do mestrado, então eu mantive os dois. E a especialização era de um amigo que ele é o professor do departamento de letras que começou a especialização e não tinha tantos alunos, e aí ele precisava de mais pra poder manter a especialização, daí eu resolvi também fazer pra ajudar, e era num sábado então eu achei que eu daria conta de fazer tudo, e as três atividades eu tentei focar no mesmo segmento que eram os quadrinhos, então assim o que estudava pra um servia pra outro, eu tentei meio que otimizar meu tempo, embora eu não ache que seja, eu não acho que tenha sido o problema em si, acho que eu faria mais dois mestrados juntos [risos].

Quando você tinha a agência, você costumava levar trabalho pra casa também?

Eu... sim. Porque.... como eu falei, eu tinha um problema com a liderança, com o mandar nas pessoas que estavam ali, e daí por não ter essa postura eles acabavam meio que deixando as coisas por fazer, então quando prometia alguma coisa pro cliente num dia eles não faziam por N motivos, daí eu tinha que contornar as situações, isso daí me prejudicou bastante, eu tinha que honrar o que eu prometi, então eu fazia em casa, ou na agência. Eu basicamente trabalhava quase que 24 horas ...

Você é *workaholic*?

Sou. Tô tentando não ser, mas sou por enquanto.

Você disse que agora está trabalhando em casa, você costuma estabelecer algum horário para isso ou trabalha o tempo todo?

Agora nessa nova fase da minha vida eu tô meio que tentando... tentando ter alguns limites né, é... só que isso é... ainda me machuca um pouco, por exemplo, um pouco antes agora eu estava realmente trabalhando [sábado], eu deixei de fazer um negócio ontem, então eu tive que fazer e nisso um cliente veio me falar que queria uma reunião amanhã, de domingo. Daí eu respondi “não, não vou fazer amanhã, se você quiser de segunda-feira eu estou disponível a qualquer horário”, mas mesmo isso me machuca, entende? Falar pra ele que eu não vou poder atender ele... é... eu estou trabalhando o falar “não’.

Em outros tempos você iria no domingo então..

Eu iria, eu iria... na verdade acho que até agora, eu iria... [risos], por dentro eu fico “te atendo, atendo sim”.

Me fala um pouco do seu trabalho *homeoffice*, seu *Whatsapp* dispara o tempo todo?

Basicamente os contatos que eu tenho no *Whatsapp* são de clientes, até isso foi um das reflexões que fiz, que normalmente rola de vez em quando semana sim, semana não, que rola aqueles pensamento depressivos, eu numa dessas vezes eu fui olhar, “ah, vou ver quem é meu amigo, pra eu conversar nesse momento”, e aí eu não tinha ninguém. Daí eu não tinha ninguém pra conversar porque eram todos, todas as conversas que eu tinha eram conversas com clientes, então daí esse é um dos núcleos que eu vejo, dessa parte da minha solidão. Mas agora como eu tô trabalhando quase sozinho, então eu tento não ter tantos clientes, então eu acabo minimizando as coisas, mas acontecem essas situações de cliente vir pedir coisas sábado à noite, segunda à noite, às vezes eu olho, às vezes eu não olho, mas mesmo quando eu não olho eu sinto uma angústia que eu sei que é trabalho, então até tô pensando em ligar o celular no final de semana, mas eu não sei até que ponto isso é bom ou ruim no profissional.

Você costuma trabalhar de final de semana?

Eu reduzo a minha quantidade de trabalho no final de semana, mas eu trabalho também. Durante a semana eu acordo 6h30, tomo café, ligo o computador e daí eu vou trabalhando até quando der, até umas seis, seis e pouco eu ainda tô trabalhando. Daí só que no final de semana eu faço mais o que eu gosto, faço algum projeto pra adiantar, mas nada que eu tenha obrigação de fazer, eu paro, vou assistir um filme, então não tenho nada, eu não tenho a obrigação de estar trabalhando, mas para algumas coisas eu acabo trabalhando.

Há quanto tempo tomou essa decisão de regular o trabalho aos finais de semana? Por quê?

Faz pouco tempo. É mais cansaço do corpo mesmo, parece que chega o final de semana e já dá aquele baque, eu falo “Para, eu tenho que descansar”, daí aquelas chamadas no *Whatsapp* eu acabo dando aquela diminuída, mas é algo que tem me preocupado bastante... se eu volto a trabalhar que nem eu trabalhava antes, mas até agora eu tô trabalhando menos do que eu trabalhava na agência.

Sozinho você acha que está conseguindo lidar melhor...

Sim... É... antes eu basicamente trabalhava pra pagar o salário dos outros, daí agora eu trabalho menos e ganho mais, digamos assim...

Como é quando você não atende um cliente que te manda uma mensagem de final de semana ou fora do horário comercial?

É um sentimento de culpa, é uma angústia não poder resolver o problema dele, de não poder atendê-lo. Ainda mais porque eu sei o que é, né... então quando eu sei que é uma determinada pessoa que tá mandando mensagem... não é uma mensagem do tipo, “ah, vamos tomar um café!”, geralmente é uma mensagem do tipo “olha, tem esse trabalho pra você fazer” e que de certa forma tem que agradecer por ter esses

trabalhos pra eu fazer [risos], mas me incomoda um pouco de ainda trabalhar mais do que me divertir, do que fazer uma coisa legal.

Você fala bastante de seu sentimento de solidão na fase adulta, você consegue explicar como foi na infância e na adolescência?

Era uma outra época, até eu tava refletindo sobre essa questão do porquê a sociedade ficar desse jeito, os casos de suicídio, depressão aumentaram bastante, é... daí o que eu cheguei à conclusão é realmente essa questão da tecnologia, que nem antes eu tinha esse grupo de amigos, esse grupo se reunia, ia no domingo jogar futebol basicamente o dia inteiro, ia para algum sítio, voltava, assistia tv juntos, brincava na rua, então você tinha uma relação mais próxima com as pessoas, foi uma boa época na minha visão nostálgica, talvez. E também assim, você tinha só aquele grupo, então os problemas que você via no mundo e das pessoas, era basicamente [vivenciado] com aquele grupo, então se uma pessoa tava viajando na praia, você não ia saber, você ia ter ou sentir desejo, ou inveja por aquela situação, você não ia se culpar da sua vida ser menos, porque a sua vida era aquilo ali, era o presente que você estava tendo no momento. Agora, você acaba vendo muita coisa né, então você acaba vendo problemas de outras pessoas que você normalmente não veria, coisas que daí vão te machucando e que normalmente não te machucariam, mas naquela época eu acho que eu era... (silêncio)... eu era feliz em si... pelo menos eu acho, às vezes podem ser memórias distorcidas (risos), mas aparentemente eu era feliz, tinha meus amigos, a gente se dava bem, mas depois de uma época isso meio que acabou se dispersando, até pela distância entre amigos, pela inserção no mundo do trabalho e coisas do gênero.

Dessas amizades, você ainda conversa com alguém?

Não... eu fiz um teste uma vez, não foi muito bom (risos)... É... porque eu mudei, eu morava do outro lado da cidade e eu mudei para um outro extremo dela, daí geograficamente já tava um pouco ruim pra manter a amizade, só que eu ia todo final de semana, como eu tinha parente lá, eu ia de bicicleta, atravessava a cidade, ia lá ficar com meus amigos, só que era uma época em que eu frequentava um igreja, daí era um dia, acho que era o Dia do Amigo, ou alguma coisa assim, eles entregaram

uma lembrança pra cada um, só que não entregaram pra mim e disseram que esqueceram de mim, foi aí eu que pensei “como assim, esqueceram de mim né... eu não sou amigo? Eu não estou aqui convivendo com essas pessoas há 12, 13 anos? Como assim esqueceram de mim? ”, Eu peguei e fiz um teste, pensei assim “vou deixar de ir uma semana”, daí ninguém falou nada, “vou deixar de ir duas semanas”, daí ninguém falou nada, “um mês”, daí fui deixando, daí quando eu vi ninguém reparou que eu não tinha ido, que não tava mais presente, daí foi ficando, daí eu perdi o contato de vez. Eu não quis mais ter contato, porque eu percebi que se eu não mantivesse viva a amizade, seu não fosse atrás, ninguém viria atrás de mim, então foi aí que eu percebi que eu não tinha amigos.

Você frequentava ou frequenta outros grupos de convivência?

Então, até essa época aí, eu frequentava a igreja, lá eu fazia parte dos desbravadores, fazia parte de grupos, mas agora eu não tenho nenhum tipo de atividade.

Quanto tempo você frequentou a igreja?

Eu acho que até uns 15 anos por aí... porque minha família toda era da igreja, então desde a infância. De sábado eles iam pra igreja, daí eles pediam pra minha mãe pra me levar, eu ia com eles, mas eu nunca me senti parte da igreja.

Hoje você tem alguma religião, alguma crença?

Não... hoje eu desisti de crenças...eu simplesmente parei de acreditar em Deus. Me considero agnóstico... quem sabe se alguém me provar que Deus existe.... mas não tenho essa pretensão.

Hoje você tem algum grupo de convivência ou você se considera totalmente sozinho?

Totalmente sozinho. Minha única relação nos últimos oito anos era com a agência, que as relações que eu tinha eram de trabalho ou com os funcionários em si... daí depois disso, depois quando deu esse problema com a depressão, daí eu vi que eu

tava sozinho, daí eu não busquei mais ninguém também, mais nenhum tipo de relação.

Você ainda faz terapia?

Sim, só que com a psicóloga... eu tava com um psiquiatra [desde o começo de 2018], daí eu parei porque eu não tinha mais como pagar, eu fui para um atendimento do município, com a psicóloga do CRAS, eu tô com ela até agora.

E os remédios você tomou por quanto tempo?

Tomei um ano e meio ...

Você comentou que chegou a ter pensamentos suicidas, você consegue descrever a sensação ou o que passava pela sua cabeça?

É que não necessariamente eu queria me matar, eu simplesmente não queria estar vivo, meu psicólogo falava que era a pulsão de morte. Eu me foquei bastante no trabalho porque preenchia, só que aí quando eu parava com tudo, aí vinha aqueles pensamentos, “pô eu to vivo ainda hoje, tem aguentar ainda amanhã, mais a manhã inteira de trabalho”, só que aí era até bom porque eu tava conseguindo dormir rápido, então isso aí ficava uns cinco minutos só com esse tipo de pensamento e eu dormia, daí no outro dia eu acordava e aí o meu primeiro pensamento sempre era, “putz, tô vivo ainda”, aí passava mais um tempinho, batia a poeira e falava, “tá, vamos lá, tenho que passar mais um dia, tenho que viver mais este dia”, e...os meu pensamentos eram basicamente nesse formato, não querer estar vivo, se um carro passasse por cima de mim ali na frente, beleza! Por mim estava tranquilo, tava bom.

Você compara a sua experiência ante e depois da depressão?

Não o tempo todo, mas é que... como eu disse, é que eu era uma pessoa tão... que brincava, que não atava preocupado com o dinheiro, coisa do gênero... que em teoria as pessoas gostavam, aí hoje por toda essa situação que eu contei, da minha versão, da minha namorada ter me traído, da minha sócia ter me passado a perna, eu sei que

eles estão tão bravos comigo quanto eu, eu praticamente não consigo entender o motivo, porque eu fiquei depressivo né, mas eles basicamente ficaram bravos por eu ter entrado em depressão. Quando eu tava tentando me recuperar, eles ficavam mandando indiretas, eu acho que eles não entenderam a situação, eu acho que eles acharam que estava fazendo corpo mole ou alguma coisa do gênero, né... porque eu tinha só essa relação de funcionário, talvez eu não tinha uma relação tão próxima para eles perceberem que estava realmente mal.

Como é a sua relação com sua família, seus pais, seu irmão?

Eu não tenho uma relação muito boa com eles, embora eu tenha o apoio deles como família, como apoiaria em qualquer dificuldade, mas eu não tenho aquela relação de proximidade, algo que é legal que é normal entre pais e entre irmãos, e eu não tenho, eu sou bem isolado...

Como é hoje a sua relação com as novas tecnologias, celular, *Whatsapp* e outras redes sociais?

Então, por causa do meu trabalho eu acabo não tendo a opção de ficar fora dessas coisas, mas desde quando eu entrei... no meu *Instagram*, *Facebook*, você vai ver que eu não tenho mais nada, eu não tinha mais nada, eu apaguei, eu tava basicamente desde o começo do ano [2019] sem postar nada, eu tava realmente sem relação e paciência nenhuma com o *Instagram* e outras coisas, mas acabo tendo que estar presente por causa desses auxílios que eu tenho que dar para meus clientes.

Quais redes sociais você frequenta hoje?

Eu só tô usando o *Instagram* e o *Facebook* hoje. E o *Whatsapp* pra comunicação.

Outros como *Twitter*, *Youtube*, você usa?

Ah, *Youtube* para visualização de vídeos ou de música, esse eu ainda utilizo. *Twitter* eu nunca usei, eu nunca senti vontade de usar.

Dos três que você citou: *Instagram*, *Facebook* e *Whatsapp*, você tem alguma preferência?

Hoje eu acho que o *Instagram* tá mais popular digamos assim, mesmo pela facilidade de postar e visualizar. Já o *Facebook* tá meio estranho...

Se for por nível de preferência, então você prefere?

O *Instagram*. Hoje o *Instagram*.

E por que essa preferência?

É... eu acho que é até uma preferência meio comum assim, é que a parte de imagens, você consegue visualizar e descartar o restante, até pelo formato da plataforma, que o *feed* é mais fácil de você se deslocar que o *Facebook*, que tem a inserção de textos, vídeos e imagens e acaba prejudicando um pouco você visualizar.

E você costuma interagir por essas redes também? Curtir, comentar, compartilhar?

Antes eu fazia bastante, daí nesse período que eu fiquei depressivo, de recuperação, daí eu não queria que ninguém soubesse que eu tava *online*.

Me explica essa sua relação com a redes antes e depois da depressão.

Agora eu to voltando talvez ao mesmo nível que eu tava antes, é que na parte de web eu sou mais divertido, eu sei conversar melhor com as pessoas, sei organizar bem o pensamento... então assim quando eu vejo alguma coisa, uma postagem, eu consigo fazer uma piada com ela, e formalmente se fosse alguém explicando aquela situação eu não faria, que é básico da internet que vale pra todo mundo né, de você talvez ser uma outra pessoa.... Então com a parte de *web* eu sempre me dei bem nesse formato, eu sempre talvez consegui expor um pouco mais o que eu sou de verdade...e já talvez, até agora nesse contato com a gente, se eu fosse falar pessoalmente, talvez eu ia

esconder muita coisa, não ia conseguir talvez o que eu sou online, eu prefiro o que eu sou online.

Por que você acha que é mais fácil você se soltar nas redes?

Ah... eu acho que talvez pela opção de você parar e pensar no que você tá fazendo... às vezes na conversa frente à frente, você falou e você falou, você não tem mais como voltar atrás, não tem mais como reorganizar, reescrever, embora em outras situações o contato pessoal é bem melhor pra você falar outras coisas. Mas eu acredito que seja isso, a possibilidade de você falar e talvez apagar se precisar.

Você fica o tempo todo conectado?

Eu sempre fico com o celular, então basicamente eu tô conectado 24 horas.

Você costuma checar com frequência as redes durante o dia?

Sim, é meio que padrão sabe, eu acordo já dou uma olhadinha no *Instagram*, vejo alguma outra rede e daí vejo que não tem nada ou tem alguma coisa interessante e daí vou para as atividades normais, mas sempre tô conectado, mesmo trabalhando. Quando eu tô trabalhando normalmente fica tudo logado no computador, é mais quando eu tô na rua ou deitado que eu fico com o celular, mas quando eu tô trabalhando fica geralmente no computador.

Antes de você dormir ou quando você vai dormir, você também fica no celular?

Fico... fico bastante. É... ultimamente eu tô conseguindo dormir sem colocar um vídeo no *Youtube*, sabe tipo qualquer coisa, geralmente uma coisa bem idiota só pra poder dormir.

Hoje você se considera alguém que posta bastante coisa?

Hum.. não... é que assim, faz quase uma semana que eu estou postando coisas, mas eu já postei mais ...

Me explica essa época que você postava mais coisas, isso foi antes da depressão?

Sim, foi antes.

Como era seu sentimento quando você entrava nas redes sociais antes e depois da depressão?

Então, como eu disse, antigamente você não tinha uma relação com o resto mundo, os problemas que você recebia estavam à sua volta, você se relacionava com as pessoas que estavam perto de vocês, e agora não, agora eu vejo coisas que eu não queria ver, então nessa época que eu tava com depressão, muitas das coisas que me machucaram, eu acordava e acabava vendo o celular, por algum motivo eu via a minha ex fazendo alguma coisa com um cara que ela tava flertando, em outras épocas, eu não perceberia esse tipo de coisa, eu iria saber eventualmente algum dia, eu não iria saber esse tipo de coisa e hoje é muito mais fácil de você saber, mesmo você não querendo, você acaba vendo... vendo situações que te deixam ruim, agora nessa última semana eu tô um pouco melhor, eu percebo as publicações de outra forma, mas as publicações que eu via até o momento só me deixavam ruim.

Que tipo de postagens te deixavam mais para baixo?

No caso era por exemplo quando eu tinha essas relações com minha ex, daí eu via que ela tava postando uma foto feliz tomando um café, daí você via aquele negócio e... “pô, eu to aqui mal, quase me matando e ela tá feliz seguindo a vida normalmente”, mesma coisa de outros casos, de outras pessoas que me machucaram e que aparentemente tem uma vida super feliz e bem sucedida.

Você acha que existe essa necessidade das pessoas estarem *online* o tempo todo?

Não há necessidade, embora as pessoas estejam, mas acho que não tem necessidade, se pudesse evitar... é que nem assim... minha assessoria basicamente é para as redes sociais, então eu não posso falar que eu não quero ir para as redes

sociais, por enquanto eu ainda não consigo outro caminho, então eu tenho que continuar vendo o que tá acontecendo, o que as pessoas estão usando as redes, então eu não consigo fugir muito disso... mas na minha percepção a rede social é pior coisa que a humanidade já fez. Tem o seu lado bom claro, de possibilidades, de pessoas, de ficar em casa, mas em contrapartida tem essa problemática, acho que ela talvez traz mais malefício do que benefício.

O que é o Tiago nas redes sociais?

Eu acho que nas redes sociais ele é mais bonito, mais inteligente, mais engraçado, e já na realidade ele não é bem isso...

O Tiago verdadeiro é o das redes sociais?

Eu acho que é o Tiago que não está sendo visto. Nas redes sociais eu sou um pouquinho mais esse Tiago, mas o Tiago que as pessoas não vêem, é o Tiago que dança com o gato, que dança com o cachorro, que faz vozinha estranha, então esse acho que ninguém vai ver.

E por que você não consegue se soltar pessoalmente?

Ah, eu acho que não sei... eu acho que o medo do ridículo, basicamente o medo do ridículo, de fazer uma coisa que as pessoas não sorriam com você, mas dão risada de você, daí eu acho que isso aí me bloqueia.

Hoje como você definiria a sua solidão?

Olha... eu sou solitário, embora também eu goste de ficar sozinho, eu gosto também de, por exemplo, as vezes eu pego e deixo uma calça em cima de um local que normalmente se você estivesse com uma outra pessoa em convívio, você não ia poder fazer aquilo, mas eu gosto da opção de estar sozinho e poder fazer isso ou não fazer isso, mas é.... porque as vezes isso também é ruim, que nem ontem eu me obriguei a sair, na verdade eu senti vontade de comer batata frita, mas eu tava sozinho, eu tinha medo.... eu não queria falar isso pra mim mesmo, mas eu tinha medo de sair e ir

sozinho naquele local e pedir a batata e comer sozinho, é... eu tentei sabe chamar várias pessoas pra ir comigo só que ninguém foi, umas eu até pensei que não queriam ir comigo e daí aflora mais esse sentimento de solidão assim...só que eu também fico tentando buscar o máximo que eu posso de viver sozinho, de aproveitar coisas sozinho, e eu sempre não consegui, eu sempre na minha vida eu tentava ter alguém junto, nem que for pra errar junto sabe, não errar sozinho, mas ter alguém junto e agora basicamente eu me sinto sozinho nesses momentos, mas em vários momentos eu gosto de ficar sozinho, de ficar em paz.

Você usa bastante as redes quando está trabalhando e quando não está?

É, sim. Basicamente, é que agora que eu to conseguindo me recuperar um pouquinho sabe, eu não tenho nenhum tipo de atividade, é recentemente nem filme eu tava conseguindo assistir mais, então é... onde eu interajo, eu vejo alguma coisa pra talvez não ficar só, seria nas redes sociais, de conversar com alguém, de tentar conversar com alguém, então acabo ficando com o celular na mão. Eu sempre tô *online*. Sempre respondendo alguma coisa, ou é trabalho ou é essa tentativa de criar relações.

Me explica essa tentativa de criar relações nas redes?

Então, é que recentemente eu vi que tinham algumas pessoas preocupadas comigo, então daí essas pessoas eu tenho que dar uma atenção maior, daí eu tento puxar assunto, conversar, falar de outras coisas, pra não ficar preocupado, e daí eu tô tentando conhecer outras pessoas, aí mais no sentido.... tô tentando sair com algumas pessoas, no sentido amoroso.

Você está tentando um relacionamento amoroso por meio das redes?

Isso. É o *Tinder*. Eu instalei, eu tentei mexer um pouco ali, mas eu gosto mais da opção de escolher ou não escolher... tipo, "ah, eu gosto dessa, não gosto dessa, gosto dessa, gosto dessa", é mais pra passar o tempo, acho que que tem aquele negócio de poder de escolha, você não tem realmente o poder de escolha nenhum mas... mas é esse tipo de sensação...

E se der match você vai no encontro?

Não tipo assim, “que legal deu match”, então vamos para a próxima.

Mas você não conversa com a pessoa?

Não. Algumas eu tento falar alguma coisinha, mas assim eu acho que eu não tenho mais prática de conversar com mulheres, eu não consigo mais. Algumas até tento, mas eu acho que é mais a brincadeira de passar as fotos.

Isso tem preenchido sua solidão?

Então é que eu perdi a pratica em fazer esse tipo de conversa sabe, então eu ainda tô reaprendendo a me interessar pelo que a pessoa fala, as vezes não me interessa mesmo.

Esse tempo que você passa nas redes, tentando estabelecer contato, isso ajuda a preencher teu vazio?

É mais um vazio de tempo, não um vazio de relacionamento, da solidão, acaba mais pra passar o tempo.

Você consegue ficar sem fazer nada? Em silêncio?

Acho que sim, ultimamente eu não faço... acho que eu também não fico tanto assim nas redes sociais, mas ultimamente eu estou mais do que o normal. Eu acho que conseguiria ficar de boa, mas assistindo alguma coisa.

E no silencio total?

Eu acho que não. Ou dormindo, dormindo sim (risos).

Por que essa dificuldade com o silêncio?

De certa forma eu acho que talvez conseguiria ficar sem fazer nada, mas ultimamente eu tô mais focado em atender as coisas do *Whatsapp* ou coisas do gênero, é mais para preencher o tempo sabe, que nem eu falei dessa situação que eu tô meio que procurando que fazer. Qualquer coisinha que seja, nem que seja o *Instagram* e passar o *feed* de novo, mas é pra preencher essa lacuna...

Porque essa lacuna incomoda?

Ter coisas para fazer para continuar vivo, eu vejo isso comigo também. Você procura coisas para fazer para ir preenchendo a vida e para não ver ela passando e não perceber que ela não tem muito sentido. Ou você cria esses micros objetivos ou um objetivo maior até você alcançar eles, ou morre. Daí como eu estou um pouco sem objetivo, daí eu tenho esses micros objetivos, de ver o celular, de pagar um boleto no final do mês, então eu vou nesse tipo de coisa pra preencher minha vida.

As pessoas nas redes também parecem mais legais pra você?

Todo mundo parece mais legal do que é... eu entendo isso, mas você acaba se deixando iludir, e as pessoas acabam fazendo um *fake* de si mesmo na rede, fotos com ângulos melhores, sempre sorrindo, então a gente sempre acha que tá tudo bem, que as coisas são sempre legais e aquela pessoa é sensacional e daí você vai ver pessoalmente e não é bem aquilo. É um teatro, todo mundo tentando parecer alguma coisa.

Você também?

Eu também. Eu não tenho como fugir [risos]. Todo mundo.

Hoje qual é seu maior medo?

Meu medo.... é não achar mais objetivo, acho que é não ter mais objetivos pra continuar, de chegar um momento em que sei lá “acabou, não tem mais o que fazer”, vou só aqui deitar e não levanta mais.